

02
volume

Territórios da Pré-História em Portugal
Direção de Luiz Oosterbeek

A Pré-História do Noroeste Português
The Prehistory of North-Western Portugal

Ana M. S. Bettencourt

ARKEOS36

Territórios da Pré-História em Portugal
Dir. Luiz Oosterbeek

Vol. 2

A Pré-História do Noroeste Português

The Prehistory of North-Western Portugal

Ana M. S. Bettencourt

Com a colaboração de:
In collaboration with:

Alda Rodrigues, Ana Santos, António Pereira Dinis,
Armando Coelho Ferreira da Silva, Daniela Cardoso, Domingos J. Cruz,
Gonçalo Cruz, Hugo Aluai Sampaio, Joana Valdez, José Meireles,
Lara Bacelar Alves e Sérgio Monteiro-Rodrigues



Edição apoiada pela
Comissão Europeia



Braga/Tomar
2013

FICHA TÉCNICA

Territórios da Pré-História em Portugal A Pré-história do Noroeste Português The Prehistory of Nord-western Portugal Vol. 2

- Autor:** Ana M. S. Betencourt*
- Revisão da versão inglesa:** Ana C. Santos
Ana Lúcia Andrade (BabeliUM – Centro de Línguas da UMinho)
- Propriedade:** CEIPHAR – Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo
CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar
“Cultura, Espaço e Memória”
- Direção da Coleção:** “Territórios da Pré-História em Portugal”:
Luiz Oosterbeek
ARKEOS – perspectivas em diálogo, nº 36
- Coordenação da série ARKEOS:** Ana Cruz e Luiz Oosterbeek
© 2006, CEIPHAR e autores
- Foto na capa:** Ana M. S. Bettencourt
- Composição, impressão e acabamento:** CANDEIAS ARTES GRÁFICAS
Rua Conselheiro Lobato, 179 · 4705-089 Braga
Tel. 253 272 967 · Fax 253 612 008
geral@candeiasag.com · www.candeiasag.com
- Tiragem:** 500 exemplares
- Depósito legal:** 108 463 / 97
- ISSN:** 0873-593X

Braga/Tomar, Setembro de 2013

ARKEOS é uma série monográfica, com edição de pelo menos um volume por ano, editada pelo Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo, que visa a divulgação de trabalhos de investigação em curso ou finalizados, em Pré-História, Arqueologia e Gestão do Património. A recepção de originais é feita até 31 de Maio ou 30 de Novembro de cada ano, devendo os textos ser enviados em suporte digital, incluindo título, resumo e palavras-chave no idioma do texto do artigo, em inglês e em português. Os trabalhos deverão estar integrados na temática do volume em preparação e serão submetidos ao conselho de leitores. A aprovação ou rejeição de contribuições será comunicada no prazo de 90 dias.

Solicitamos permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht
Sollicitiamo scambio

- Contactar:** CEIPHAR
Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar
Estrada da Serra, 2300 TOMAR, Portugal
CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar
“Cultura, Espaço e Memória”, Instituto de Ciências Sociais,
Campus de Gualtar, 4710-057 Braga, Portugal

O CITCEM é financiado por Fundos Nacionais através da FCT-Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto PEst-OE/HIS/ UI4059/2014

Plano da colecção / Plan of the collection

VOL. 1 | Território, territórios e perspectivas /
/ Territory, territories and perspectives
L. Oosterbeek

VOL. 2 | A Pré-história do Noroeste Português /
/ The Prehistory of North-Western Portugal (ARKEOS 36)
Ana M. S. Bettencourt

VOL. 3 | Do Neolítico Inicial ao Final da Idade do Bronze no Interior Centro de Portugal / From de Early Neolithic to the Late Bronze Age in the inner Central Portugal (ARKEOS 21)
António Carlos Valera

VOL. 4 | Das primeiras ocupações humanas à chegada dos Romanos à Beira litoral / From de earliest human occupations to the Romans arrival to the Beira Litoral (ARKEOS 23)
Raquel Vilaça, João Pedro Cunha-Ribeiro

VOL. 5 | Alto Ribatejo e Vale do Tejo /
/ Northern Ribatejo and Tagus valley
L. Oosterbeek

VOL. 6 | Lisboa e Estremadura / Lisbon and Estremadura (ARKEOS 20)
João Luís Cardoso, Luís Raposo

VOL. 7 | Setúbal e Alentejo litoral / Setúbal and coastal Alentejo (ARKEOS 19)
Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares

VOL. 8 | Alentejo (ARKEOS 18)
Manuel Calado

VOL. 9 | A Pré-história do Algarve / The Prehistory of the Algarve (ARKEOS 17)
Nuno Bicho

Prefácio

Em 2006 foi organizado em Portugal (Lisboa) o XV congresso mundial da União Internacional das Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas. A decisão de realizar em Lisboa o congresso correspondeu por um lado ao reconhecimento dos progressos significativos da investigação em pré-história no território português ao longo das duas décadas anteriores, bem como a uma lógica de renovação da própria união. Com efeito, em 2006 seria iniciada uma profunda alteração da orgânica interna da UISPP, que culminou na aprovação de novos estatutos em 2011 (no XVI congresso mundial, realizado em Florianópolis, no Brasil) e na organização de cerca de três dezenas de comissões científicas permanentes que atualmente articulam grande parte da pesquisa mundial em pré e proto-história.

O congresso de Lisboa foi na verdade o 3º que entre nós se realizou, pois a UISPP é a continuidade do antigo “Congresso Internacional de Arqueologia e Antropologia Pré-Históricas” criado em 1865, cujas sessões de 1880 e de 1930 aqui se realizaram. Vale a pena destacar que foi a sessão do CIAAP que em 1880 reconheceu a natureza antrópica de concheiros do Holocénico, como os de Muge, e que o congresso de 1930, reunido já em condições difíceis, foi assinalado pela fusão com o Instituto Internacional de Antropologia, dando lugar ao “Congresso Internacional das Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas”, cuja designação mudaria para UISPP em 1954 devido à sua filiação no Conselho Internacional de Filosofia e Ciências Humanas (associado da Unesco).

O congresso de 2006 reuniu 2.500 delegados de mais de 50 países, em torno de 40 excursões científicas num raio de 150 Km à volta de Lisboa e de mais de 100 sessões científicas de que se publicaram 48 volumes de atas. Na ocasião, a UISPP assumiu como prioridade o reforço da sua ação noutros continentes, como a América (de que um resultado concreto foi a organização do congresso de 2011 no Brasil) e África (com reforço das relações com o Congresso Panafricano de Arqueologia, que é membro da União). O congresso de Lisboa foi também marcado pela presença de várias centenas de jovens investigadores, muitos dos quais são hoje pesquisadores ativos no plano internacional, e contribuiu de forma decisiva para um maior reconhecimento dos detalhes da investigação em Portugal por parte de numerosos colegas de outros países.

Todos estes resultados foram possíveis porque, num contexto que já era de desinvestimento, para não dizer desinteresse, da tutela da cultura e da ciência, a comunidade arqueológica portuguesa se articulou de forma muito empenhada, com a participação sem exceções de todas as universidades e centros de pesquisa. Esse envolvimento também se traduz por um reforço significativo de pesquisadores portugueses nas comissões científicas internacionais da UISPP (em todos os seus domínios: paleolítico, mesolítico, neolítico, idades do Bronze e do Ferro, metodologia, arte rupestre, historiografia, etc.).

Um dos grandes objetivos da comissão nacional do congresso era o de oferecer um ponto da situação sobre a investigação nas diferentes regiões de Portugal, em vo-

lumes bilingues (português e inglês), fruto da colaboração de um número significativo de pesquisadores, amplamente ilustrados e que contivessem um texto-síntese sobre a Pré-história e a Proto-história dos territórios que hoje se integram em Portugal. Desse esforço nasceu, dentro da série monográfica ARKEOS, a sub-série “Territórios da Pré-História em Portugal”, de que foram publicados cinco volumes: um sobre o Algarve, dois sobre o Alentejo, um sobre a Estremadura e outro referente à Beira litoral.

O volume que agora se apresenta, dedicado ao Norte de Portugal, foi dos primeiros a serem pensados mas que, por vicissitudes várias, não foi possível concretizar. Devo por isso começar por louvar a Prof^a Ana M. S. Bettencourt pela determinação e competência com que assumiu este encargo, coroado de êxito. O volume segue a estrutura dos demais (caracterização da região, seguida de síntese cronologicamente ordenada) e inclui fichas referentes a 23 sítios nucleares para a compreensão da evolução do povoamento a Norte da bacia do rio Douro. Nele colaboram diversos colegas bem conhecidos da literatura arqueológica, mas também jovens pesquisadores, o que nos apraz saudar e é um dos objetivos da UISPP.

Estamos seguros de que o volume, cuja edição é tornada possível graças ao cofinanciamento assegurado pelo projeto Enardas, será um contributo importante para o XVII congresso mundial da UISPP (que se realizará em Burgos, na 1^a semana de setembro de 2014), e um estímulo para que os restantes volumes ainda por editar possam ver a luz, pelo menos antes do XVIII congresso mundial, que terá lugar em Melbourne (Austrália) em 2017.

Luiz Oosterbeek

Foreword

In 2006, the 15th World Congress of the International Union for Prehistoric and Protohistoric Sciences (IUPPS) was organised in Portugal (Lisbon). The decision to hold the congress in Lisbon resulted not only from the significant progresses in research on Prehistory in the Portuguese territory during the previous two decades, but also from a logic of renewal of the Union itself. Indeed, in 2006 a profound change in the internal structure of IUPPS began, culminating in the adoption of new statutes in 2011 (at the 16th World Congress held in Florianopolis, Brazil) and in the organisation of about three dozen permanent scientific committees currently connecting a great share of the global research in Prehistory and Protohistory.

The Congress in Lisbon was actually the 3rd held in Portugal (other sessions were held in 1880 and 1930) as IUPPS is the continuity of the former International Congress of Prehistoric Archaeology and Anthropology (ICPAA) created in 1865. It is worth noting that the 1880 ICPAA session recognised the anthropic nature of Holocene shell mounds, such as the ones in Muge (Salvaterra de Magos, Santarém), and the Congress of 1930 (held already in difficult conditions) was marked by the merger with the International Institute of Anthropology, giving rise to the International Congress of Prehistoric and Protohistoric Sciences, whose name would change to IUPPS in 1954 due to its membership in the International Council of Philosophy and Human Sciences (UNESCO associate).

The 2006 congress brought together 2,500 delegates from more than 50 countries for 40 scientific expeditions in a radius of 150 km around Lisbon, and over 100 scientific sessions resulting in the publication of 48 volumes of proceedings. In that occasion, IUPPS strengthened its action in other continents, such as America (a concrete result was the organisation of the 2011 congress in Brazil) and Africa (strengthening the relations with the Pan-African Archaeological Congress, which is a member of the Union). The Congress in Lisbon was also marked by the presence of several hundreds of young researchers, many of whom are now internationally active researchers, and it decisively contributed to a greater recognition of the particularities of research in Portugal by numerous colleagues from other countries.

Although in a context of disinvestment if not of indifference from the ministry of science and culture, all these results have been possible because the Portuguese archaeological community was determined to connect with all universities and research centres. This involvement is also reflected by a significant strengthening of Portuguese researchers in international scientific committees of IUPPS (in all areas: Palaeolithic, Mesolithic, Neolithic, Bronze and Iron Ages, methodology, rock art, historiography, etc.).

A major objective of the national committee of the congress was to provide a progress report on research in the different regions of Portugal in bilingual volumes (Portu-

guese and English), the result of a collaboration of a significant number of researchers, widely illustrated, and containing a summary text on the Prehistory and Protohistory of the territories that comprise Portugal today. From this effort, the sub-series “Territories from Prehistory - Portugal” was born, within the monographic series ARKEOS, of which five volumes have been published: one on Algarve, two on Alentejo, one on Estremadura and another regarding Beira Litoral.

The volume now presented, dedicated to Northern Portugal, was the first to be designed but which for various vicissitudes was not possible to perform. I therefore begin by praising Professor Ana M. S. Bettencourt for the determination and competence of successfully undertaking this project. The volume follows the structure of the others (characterisation of the region, followed by a chronologically ordered summary) and includes 23 site files so as to understand the evolution of the settlement to the north of the Douro River basin. As one of the objectives of UIPPS, several well-known archaeological colleagues collaborated on this volume as well as young researchers, which we would like to warmly greet.

We are confident that this volume, whose edition is made possible thanks to the co-financing by Enardas project, will be an important contribution to the 17th World Congress of UIPPS (to be held in Burgos, on the 1st week of September 2014), and a stimulus for the remaining future volumes to see the light of day, at least before the 18th World Congress to be held in Melbourne (Australia) in 2017.

Luiz Oosterbeek

ÍNDICE / INDEX

1. O Noroeste. Breve caraterização	11
2. O Paleolítico	11
3. O Epipaleolítico	12
4. O Neolítico	13
5. O Calcolítico	18
6. A Idade do Bronze	22
6.1. O Bronze Inicial	23
6.2. O Bronze Médio	26
6.3. O Bronze Final	31
7. A Idade do Ferro	36
1. The North-West. Brief physical characterisation	55
2. The Palaeolithic	55
3. The Epipalaeolithic	56
4. The Neolithic	57
5. The Chalcolithic	62
6. The Bronze Age	66
6.1. The Early Bronze Age	67
6.2. The Middle Bronze Age	70
6.3. The Late Bronze Age	74
7. The Iron Age	79

Fichas de sítio / Site files

Jazida paleolítica de Marinho, Afife, Viana do Castelo / <i>The Palaeolithic site of Marinho, Afife, Viana do Castelo</i>	97
<i>José Meireles</i>	
Estação paleolítica do Cerro, Madalena, Vila Nova de Gaia / <i>The Palaeolithic site of Cerro, Madalena, Vila Nova de Gaia</i>	103
<i>Sérgio Monteiro-Rodrigues</i>	
Jazida arqueológica de Gelfa (Forte do Cão), Vila Praia de Âncora / <i>Archaeological site of Gelfa (Forte do Cão), Vila Praia de Âncora</i>	109
<i>José Meireles</i>	

Abrigo 1 de Vale de Cerdeira, Vieira do Minho / <i>Rock Shelter 1 of Vale de Cerdeira, Vieira do Minho</i>	116
<i>José Meireles</i>	
Conjunto megalítico do planalto de Castro Laboreiro, Castro Laboreiro, Melgaço / <i>The megalithic complex of Castro Laboreiro plateau,</i> <i>Castro Laboreiro, Melgaço</i>	124
<i>Alda Rodrigues</i>	
Gravuras rupestres do Fieiral, Castro Laboreiro, Melgaço / <i>Rock engravings of Fieiral, Castro Laboreiro, Melgaço</i>	132
<i>Ana M. S. Bettencourt & Alda Rodrigues</i>	
Conjunto megalítico do planalto de Vila Chã, Esposende / <i>The megalithic complex of Vila Chã plateau, Esposende</i>	139
<i>Ana M. S. Bettencourt</i>	
Mamoia de Leira das Mamas, Lamas, Braga / <i>The megalithic tumulus of Leira das Mamas, Lamas, Braga</i>	149
<i>Ana M. S. Bettencourt</i>	
Santuário pré-histórico do Gião, Cabana Maior, Arcos de Valdevez / <i>The Prehistoric rock art sanctuary of Gião, Cabana Maior, Arcos de Valdevez</i> .	155
<i>Lara Bacelar Alves</i>	
Gravuras rupestres da Chã da Rapada, Britelo, Ponte da Barca / <i>Rock engravings of Chã da Rapada, Britelo, Ponte da Barca</i>	162
<i>Ana M. S. Bettencourt</i>	
Monte de Góis, Caminha. Um santuário rupestre nas margens do rio Minho / <i>Monte de Góis, Caminha. A rock art sanctuary on the banks of river Minho</i> . . .	169
<i>Lara Bacelar Alves</i>	
Gravuras rupestres da Senhora da Encarnação, Lovelhe, Vila Nova de Cerveira / <i>Rock engravings of Sr^a da Encarnação, Lovelhe, Vila Nova de Cerveira</i>	184
<i>Ana M. S. Bettencourt</i>	
Gravuras rupestres do Monte da Laje, Gandra, Valença / <i>Rock engravings of Monte da Laje, Gandra, Valença</i>	191
<i>Lara Bacelar Alves</i>	
Gravuras rupestres da Laje da Churra, Carreço, Viana do Castelo / <i>Rock engravings of Laje da Churra, Paçô, Carreço, Viana do Castelo</i>	196
<i>Ana C. Santos</i>	

Gravuras rupestres da Bouça do Colado / Penedo do Encanto, Lindoso, Ponte da Barca / <i>Rock engravings of Bouça do Colado /</i> <i>Penedo do Encanto, Lindoso, Ponte da Barca.</i>	201
<i>Lara Bacelar Alves</i>	
Gravuras rupestres da Breia, Cardielos, Viana do Castelo / <i>Rock engravings of Breia, Cardielos, Viana do Castelo</i>	207
<i>Ana M. S. Bettencourt</i>	
Gravuras rupestres do Penedo dos Sinais, S. Salvador de Briteiros, Guimarães / <i>Rock engravings of Penedo dos Sinais, S. Salvador Briteiros, Guimarães.</i>	216
<i>Joana Valdez</i>	
Gravuras rupestres da Quinta do Paço, S. Salvador de Briteiros, Guimarães / <i>Rock engravings of Quinta do Paço, S. Salvador de Briteiros, Guimarães</i>	222
<i>Daniela Cardoso</i>	
Serra da Aboboreira, Amarante, Baião, Marco de Canaveses / <i>The Mountains of Aboboreira, Amarante, Baião, Marco de Canaveses</i>	229
<i>Domingos J. Cruz</i>	
Monte da Penha, Guimarães. Um lugar estruturante na paisagem pré-histórica / <i>The Penha Mount, Guimarães: a</i> <i>structural place in the prehistoric landscape.</i>	239
<i>Hugo Aluai Sampaio</i>	
Crastoeiro, Mondim de Basto. Um lugar significante desde os finais do IV milénio a.C. ao I milénio d. C. / <i>Crastoeiro, Mondim de Basto. A significant</i> <i>place from the end of 4th millennium BC to the 1st millennium AD</i>	247
<i>António Pereira Dinis</i>	
Citânia de Briteiros, S. Salvador de Briteiros, Guimarães / <i>“Citânia” of Briteiros, S. Salvador de Briteiros, Guimarães</i>	254
<i>Gonçalo Cruz</i>	
Citania de Sanfins, Paços de Ferreira / <i>“Citânia” of Sanfins, Paços de Ferreira</i>	260
<i>Armando Coelho Ferreira da Silva</i>	

1. O NOROESTE. BREVE CARATERIZAÇÃO FÍSICA

O Noroeste português, que inclui as antigas províncias do Minho e do Douro Litoral, insere-se no Maciço Hespérico, onde os relevos principais, em granitos hercínicos, se distribuem em anfiteatro do litoral para o interior. As cotas mais altas encontram-se nos cumes das serras que, da Peneda à Cabreira, se orientam de nor-noroeste para su-sueste, intervaladas por vales fluviais que constituem verdadeiros corredores de penetração, entre o litoral e o interior.

Se a geomorfologia dos principais relevos da região permaneceu estável durante o Quaternário, o mesmo não poderá afirmar-se em relação ao litoral. A linha da costa sofreu alterações significativas, com regressões e transgressões significativas durante o Plistocénico, principalmente durante a última glaciação, momento em que as temperaturas de 2° a 11.3° mais frias do que atualmente, originaram uma recessão da linha da costa de 120 m a 130 m abaixo do existente. Nos inícios do Holocénico, entre 18.000 e 6000 BP, com o aumento rápido da temperatura, dá-se a grande transgressão Flandriana. A partir desse período a subida do nível médio das águas dos mares torna-se mais lenta, embora contínua até à atualidade¹.

Mineralogicamente o NW pertence à província metalogénica ante-hercínica ou hercínica do Maciço Hespérico, rica em minérios de estanho, de ferro, de ouro e de prata. As águas minerais, as argilas e o sal são outros dos recursos mineiros não metálicos abundantes na região.

2. O PALEOLÍTICO

No Noroeste de Portugal as condições paleoclimáticas e paleoambientais que caracterizam o Plistocénico são mal conhecidas apesar de a região ter sofrido os impactos dos inúmeros ciclos de glaciação e de interglaciação que afetaram a Europa.

O Paleolítico Inferior é conhecido no Alto Minho, onde J. Meireles (2009), pelo menos a partir de 250.000 / 200.000 anos, caracteriza o Acheulense por vários macro-utensílios, como os bifaces, os machados de mão, os triedros, os seixos talhados e por utensílios sobre lasca pouco estandardizados, como os raspadores, os denticulados e entalhes, as facas de dorso natural, entre outros. Como exemplo, referimos a jazida de Marinho, Afife, Viana do Castelo (Meireles 1992, 1994). No Douro Litoral relacionam-se com o tecno-complexo Acheulense as estações do Cerro, Madalena, Vila Nova de Gaia, onde ocorre um elevado número de bifaces e de machados de mão (Monteiro-Rodrigues & Cunha Ribeiro 1991; Monteiro Rodrigues & Sanches 2006), assim como as da praia da Aguda, Valadares, Vila Nova de Gaia (Monteiro-Rodrigues & González 2010), da Ribeira da Laje (Modivas de Baixo) e de Berroços (Santa Cristina de Malta), ambas em Vila do Conde. Também no estuário do Leça, em Matosinhos (Doca nº 2 e Depó-

¹ Uma boa síntese sobre este assunto poderá encontrar-se em I. García-Amorena *et al.* 2007.

sito da Alfândega) e na zona costeira de Matosinhos, no Farol da Boa Nova se têm encontrado alguns artefactos avulsos inseríveis neste período (Pina 1962; Zbyszewski 1957; Monteiro-Rodrigues 2000).

O **Paleolítico Médio** conhece-se no Alto Minho, na jazida do Forte do Cão, Gelfa, Vila Praia de Âncora (Meireles 1992, 2009). Neste momento desaparecem quase na totalidade os bifaces, sendo predominante a utensilagem sobre lasca, por vezes demonstrando já uma grande perícia técnica e uma standardização de fabricos, a par de alguns seixos talhados unifacialmente (Meireles 1992, 2009).

Fora deste local é possível que tivesse existido uma jazida do final do Paleolítico Inferior inícios deste período, na atual praia das Angeiras Sul, Matosinhos, onde foi encontrado um núcleo discoide, em quartzito sobre seixo rolado, num terraço classificado como pertencente ao Eemiano (Bettencourt 2010b).

Durante o **Paleolítico Superior** as comunidades herdaram fortes tradições tecnológicas dos períodos anteriores, inserindo-se nos tecno-complexos macrolíticos, vulgarmente designados por Ancorense. Estes definem-se, maioritariamente, por utensílios sobre lascas como os buris, as raspadeiras, os furadores, os denticulados e entalhes e os raspadores, os seixos talhados e os picos *“instrumento de contorno sub-triangular ou sub-retangular, geralmente estabelecido sobre seixo (...) definido por um talhe unifacial, representado por um conjunto de levantamentos bilaterais convergentes e/ou sub-paralelos, que destacam uma área funcional caracterizada por uma extremidade distal robusta, normalmente apontada, de secção sub-triangular, ocasionalmente sub-trapezoidal...”* que apesar de muito conhecidos são apenas mais um dos utensílios deste período (Meireles 2009:44). Como exemplo referimos a Jazida do Forte do Cão, Gelfa, Vila Praia de Âncora (Meireles 1992, 2009).

3. O EPIPALEOLÍTICO

Os inícios do Holocénico caracterizam-se por grandes alterações climáticas e ambientais a saber: um progressivo aquecimento das temperaturas médias, embora com alguns episódios frios, de curta duração; a libertação de inúmeros espaços antes cobertos pelas calotes glaciárias, nas serras da Peneda-Gerês; o aquecimento e a subida do nível das águas do mar; a expansão da vegetação arbustiva e o início do domínio arbóreo de características temperadas, com a presença dominante de pinheiros e de vidoeiros, numa primeira fase, e de aveleiras e de carvalhos, posteriormente (Gomez-Orellana *et al.* 2001). A altitudes superiores a 600-700 m o coberto vegetal seria, ainda, composto por arbustivas e herbáceas (Gomez-Orellana 2002; Ramil Rego *et al.* 2008). Estas alterações levam, também, a mudanças na fauna continental, fluvial e marinha e a uma maior diversidade das espécies.

No Noroeste têm sido atribuídas ao Epipaleolítico jazidas macrolíticas em meios fluviais e marinhos, embora a inexistência de estudos crono-estratigráficos sistemáticos para este período não permite grandes considerações cronológicas. Para o litoral minho-

to admite-se que os artefactos das coluviões Cr3 do Forte do Cão possam pertencer a este período genérico (Meireles 1992, 2009) assim como alguns objetos do estuário do Leça, Matosinhos (Pina 1962). Em todas estas jazidas notam-se tradições tecnológicas dos períodos anteriores, inserindo-se estes utensílios nos tecno-complexos macrolíticos.

Nas regiões interiores os grupos humanos ocuparam abrigos graníticos sobranceiros a pequenos vales propícios à circulação de manadas de animais selvagens, como é o caso do Abrigo 1 de Vale de Cerdeira, em Vieira do Minho, ocupado entre os finais do VI e os inícios V milénios AC. Estes eram portadores de tecnologias microlíticas distintas das conhecidas para as áreas mais litorais e, provavelmente, mais vocacionadas para atividades relacionadas com a caça de animais de pequeno e médio porte (Meireles 2009, 2010).

4. O NEOLÍTICO

O Neolítico corresponde, *grosso modo*, a um período compreendido entre os finais do VI e os finais do IV milénio AC, sendo comumente subdividido em Neolítico Antigo e Neolítico Médio / Final em termos culturais.

Durante estes 2000 anos os dados polínicos para o Noroeste indiciam um ótimo climático, com temperaturas amenas, propícias à expansão do bosque caducifólio, com predomínio de carvalhos, aveleiras e vidoeiros, se bem que pontuado por clareiras com formações arbustivas e de matorral, em áreas de cumeada de maior altitude (Allen *et al.* 1996; Muñoz Sobrino *et al.* 1997; Ramil Rego *et al.* 1998; Gómez-Orellana 2001; Gómez-Orellana *et al.* 2010; Ramil Rego *et al.* 2010; López Sáez *et al.* 2010).

A primeira etapa do Neolítico, ou seja, o Neolítico Antigo é mal conhecido o que se deve à falta de projetos de investigação vocacionados para este período cronológico-cultural específico. Conhecem-se ocupações em abrigos graníticos, sobranceiros a pequenos vales abrigados, assim como ocupações ao ar livre, associadas a zonas húmidas e bem irrigadas. No primeiro caso, destaca-se a ocupação mais recente do abrigo de Vale Cerdeira 1, na serra da Cabreira, Vieira do Minho (Meireles 2009; 2010) e, no segundo, o povoado da Lavra I, Marco de Canaveses, onde diversaslareiras em covacho, cerâmicas e artefactos líticos se distribuem por uma superfície de 400 m². Este, datado de entre os meados do VI e os meados do V milénios AC ou da primeira metade do V milénio AC, localiza-se numa plataforma abrigada a sudoeste da serra da Aboboreira, com bom domínio sobre vales bem irrigados (Sanchez 1995, 1997). Outro exemplo de estação de ar livre é a da Bolada, no planalto da Lameira, Celorico de Basto, onde fossas abertas no saibro associadas a restos de artefactos líticos e de ecofactos, se dataram da segunda metade do V milénio AC (Sampaio & Carvalho 2002). Igualmente de ar livre seria o acampamento existente sob a Mamoa do Leandro 2, Maia, da transição do VI para o V milénios ou da primeira metade do V milénio AC. Aqui, exumaram-se fragmentos cerâmicos, por vezes, com incisões e impressões, e dois moinhos moventes em granito (Valera & Antunes 2008). Em circunstâncias idênticas foram descobertas

as jazidas das Furnas 2, da Mina do Simão, de Chã de Santinhos 1 e 2 e, talvez, da Mamoa da Lavra, todas na serra da Aboboreira e seladas por monumentos megalíticos o que permite considerar que seriam anteriores aos finais do V, inícios do IV milénios AC (V.O. Jorge 1984a, 1985; V.O. Jorge *et al.* 1987, 1988; Sanches 1997, 2000).

Estes lugares, com construções em materiais perecíveis, e onde se evidenciam fossas, lareiras, buracos de poste, recipientes cerâmicos e artefactos líticos (em pedra lascada e polida) deverão interpretar-se como ocupações temporárias de comunidades de fraca expressão demográfica, ainda pautadas por uma grande tendência para a mobilidade que, conhecendo a agricultura e a criação de gado, seriam portadoras de economias de largo espectro, muito dependentes da caça, da pesca e da recolha (V.O. Jorge 1981; Sanches 1997, 2000; S.O. Jorge 1999; Monteiro-Rodrigues 2000).

Para o Neolítico Médio / Final regional, ou seja, entre a segunda metade do V e os finais do IV milénios AC, também são raros os povoados conhecidos, apesar de Jorge (1991) e de Cruz (1992) terem colocado a hipótese da sua existência na serra da Aboboreira. Conhecem-se indícios de estruturas precárias, dos finais do V, inícios do IV milénios AC, sob o solo enterrado da Mamoa das Cabras, Baião (Stockler 1998) e dos inícios do IV milénio AC, sob o *tumulus* de Vale de Chão I, Braga, numa área abrigada e bem irrigada da serra do Carvalho, relativamente perto da necrópole megalítica da Pena Província². Tais características indiciam que as comunidades ainda teriam disposição para a mobilidade apesar de presumirmos que as atividades agropastoris se tivessem intensificado em relação ao período anterior. Contudo, foi neste momento, senão antes, que se construiu a primeira arquitetura monumental, de carácter cerimonial, em pedra. Dito de outro modo, criaram-se os primeiros cenários artificiais duradouros que transformaram e marcaram física e simbolicamente o espaço, na longa duração.

Referimo-nos aos menires, eventualmente originários do Neolítico Antigo, que distinguem, marcam ou comemoram lugares de importância coletiva, frequentemente colocados em sítios liminares, presumivelmente com uma multiplicidade de significações a que não será alheia uma cosmologia relacionada com os ciclos astrais, a fertilidade, os mortos e a marcação de territórios de vivência, tendo presente os seus contextos de achado e morfologias. Como exemplo referimos o menir de S. Paio de Antas, em Esposende (Fig. 1) e o da Aldeia, em Viana do Castelo, ambos localizados em colinas de grande visibilidade para a área envolvente (Bettencourt 2009a). O primeiro parece ter sido rodeado por um fosso, tendo existido atividade nas suas imediações como o comprovam fragmentos cerâmicos e líticos encontrados aquando da construção de uma casa no local. Outros lugares significativos são aqueles onde se ergueram os menires do Marco da Anta, em Ponte da Barca (Silva *et al.* 1989) e o menir de Luzim, em Penafiel (Fig. 2) (Santos Júnior & Aguiar 1940; Lanhas & Brandão 1965), em associação com necrópoles megalíticas e o menir do Marco da Jugada, Cinfães, na serra de Montemuro (Silva 2003).

² L. Vilas Boas, informação pessoal.

Certamente deste período são os monumentos megalíticos funerários providos de mamoas e de câmaras mais ou menos megalíticas de âmbito, simultaneamente, sepulcral e religioso. Pela sua distribuição geográfica as comunidades que os construíram ocuparam quer terras de vale quer de altura, bem como a plataforma litoral, numa grande diversidade de soluções arquitetónicas e, possivelmente, de ritos funerários, infelizmente impossíveis de detetar dadas as violações constantes a que estes monumentos estiveram sujeitos durante séculos e à acidez dos solos da região o que impede a conservação de restos osteológicos.

Os dólmenes ou antas encontram-se frequentemente agrupados em espaços relativamente restritos, formando grandes necrópoles, o que indicia a importância coletiva e simbólica desses lugares partilhados por diversos grupos populacionais, durante mais de mil anos. Estas necrópoles resultam, assim, de processos de adição e vão-se construindo à medida que diversos monumentos se vão edificando, utilizando e encerrando, na longa duração.

Como exemplos de necrópoles relativamente preservadas no Noroeste português, referimos as do planalto de Castro Laboreiro, Melgaço (V.O. Jorge *et al.* 1997); da Chã do Marco da Quebrada, Valença (V.O. Jorge 1982); da Chã do Mezio, Arcos de Valdevez (Fig. 3) (Soares 2000, 2005); de Britelo-Mosteirô, Ponte da Barca (PNPG 2004); do planalto de Vila Chã, Esposende (Silva 1994); do Monte do Borrelho, Vila Verde (Bettencourt 1998); do planalto da Lameira, Fafe e Celorico de Basto (Bettencourt & Fontes 1993-1994); da serra da Aboboreira, Baião / Marco de Canaveses (V.O. Jorge 1982; Cruz 1992) e de Monte Mózinho, Penafiel (Leal 1987-1988).

Apesar do elevado número de monumentos inventariados poucas foram as áreas onde se efetuaram escavações sistemáticas e no âmbito de projetos de investigação que possibilitaram trabalhos monográficos e de síntese. Entre estes, referimo-nos, no interior norte, à serra da Aboboreira e ao planalto de Castro Laboreiro (V.O. Jorge 1982, 1989, 1992; Faro *et al.* 1988; Cruz 1992, 1995, 2000; Cleto 1993; Moreira & Carneiro 1995; Stockler & Varela 1995; Baptista 1997; V.O. Jorge *et al.* 1997; Stockler 2000, entre outros). Na faixa costeira, destacamos os trabalhos realizados entre os rios Minho e Cávado (Silva & Marques 1986; Silva 1988, 1990-1992, 1993, 1994, 1995, 1997, 2003). Esporadicamente, e por motivos diversos, realizaram-se intervenções arqueológicas noutros monumentos megalíticos, como nas Mamoas de Vila Fria, Viana do Castelo (Sousa 1989), do Cerro (inérita) e da Gestosa (V.O. Jorge 1984b), ambas em Vila Nova de Gaia, do Leandro 2 (Fig. 2), 4 e 5, Maia (Valera & Antunes 2008; Ribeiro *et al.* 2009; Ribeiro & Loureiro 2011, 2013) e de Montezelo, Maia (Almeida & Fernandes 2008), no litoral norte. Em áreas medianamente interiores escavaram-se, ainda, as Mamoas de Chão da Cheira 10, Vila Verde (Bettencourt 1991/1992a), de Chã do Mezio 6, Arcos de Valdevez (Soares 2000, 2005) e de Leiras das Mamas, Braga (Bettencourt 2005a).

Tendo em conta a escassez de datas “absolutas” provenientes da maioria destes contextos³, torna-se difícil estabelecer um quadro evolutivo sobre as origens, tempos de

³ Com exceção da necrópole da serra da Aboboreira cujas propostas de periodização se podem consultar em V.O. Jorge (1982), D. J. Cruz (1992) e C. Stockler (2000).

utilização e abandono deste fenómeno, para todo o Noroeste. Apenas é possível reconhecer três grandes fases: uma inicial, nos finais do V milénio AC, onde se construíram pequenos montículos que cobriam câmaras definidas por anéis líticos (Alto da Portela do Pau 3, Castro Laboreiro), dólmenes fechados (Chã de Parada 4, Meninas 2, Furnas 2, Aboboreira) ou dólmenes eventualmente abertos (Outeiro de Ante 3, Aboboreira); uma intermédia, na primeira metade do IV milénio AC, onde se edificaram grandes *tumuli* com câmaras abertas (Alto da Portela do Pau 2), dólmenes de corredor (Chã de Parada 1, Aboboreira) e fossas (Chã de Santinhos 2, Aboboreira) e uma terceira, durante os meados ou a segunda metade do IV milénio AC, onde se ergueram monumentos pouco perceptíveis topograficamente (Chão da Cheira 10, Borrelho), provavelmente em simultâneo com outras tipologias. Tal demonstra uma diversidade de soluções formais, ao longo de mais de mil anos, o que coloca questões de diversidade cultural, cronológica ou mesmo de diferenciação social, durante este período.

Se os túmulos com câmaras simples e fechadas se poderão associar a um tempo curto de utilização, talvez relacionados com enterramentos individuais, os dólmenes abertos, com vestíbulo ou com corredor de acesso ao mundo exterior, não raro providos de átrios em frente à entrada, constituíam verdadeiros monumentos de enterramento coletivo, que ocorreriam de forma sucessiva. É provável que a entrada nestes grandes túmulos, frequentemente gravados e pintados, só fosse acessível a algumas personagens (V.O. Jorge 2002), aquelas a quem a sociedade conferia o poder de manipular os corpos dos antepassados e dos novos inumados, de oficializar os rituais e de decifrar os símbolos ali pintados e ou gravados (Bettencourt 2008b). Provavelmente, só nos átrios, seria possível que grupos populacionais mais abrangentes praticassem ritos aos antepassados ali sepultados ou aos seus espíritos. Assim sendo, estaríamos perante sepulcros – templos cuja “... *fachada exterior funcionava como um palco onde alguns davam a ver aos outros apenas o que pretendiam, reservando para si o que iriam fazer no interior da cripta funerária. Neste sentido, estes monumentos de maior porte podem também ser vistos como dispositivos de legitimação de diferenças sociais...*” (V.O. Jorge 2000: 364). Tal indicia comunidades com desigualdades sociais entre os seus membros, pelo que se torna plausível a hipótese de que grande número de indivíduos teria participado na construção destes monumentos e nos ritos em seu redor embora só alguns tivessem sido aí tumulados.

O culto aos antepassados também se pode inferir pela construção dos grandes dólmenes de corredor na proximidade de túmulos mais remotos e, por vezes, pela inclusão de sepulcros antigos, sob o montículo dos mais recentes, como ocorre na Mamoa da Arribada/Cruzinha, Esposende (Bettencourt 2009a) e, de forma parcial, na Mamoa de Tapada de Sequeiros 5, Penafiel (Leal 1987/1988).

Parece ser maioritariamente no contexto destes monumentos-templos de arquitetura mais elaborada, presumivelmente, em vigência durante grande parte do IV milénio AC, que ocorrem, nos esteios das câmaras e dos corredores, manifestações de pintura (a negro, a vermelho e a branco) e ou de gravura, em composições de grande complexidade, acentuando o carácter cenográfico e esotérico destes espaços cerimoniais associados aos

mortos, aos seus espíritos e a uma cosmologia solar, esta bem patente na orientação dos monumentos e nas várias representações de soliformes.

No noroeste conhecem-se, até à data, mais de uma dezena de túmulos gravados e ou pintados (Sanches 2010). Destacamos, nestas circunstâncias, os dólmenes de corredor de Leira de Mamas, Braga (Bettencourt 2005a, Bettencourt *et al.* 2013), do Rapido 3, da Antela da Portelagem e de Cimo de Vila, todos em Esposende (Silva 1990-1992, 1997). De salientar, ainda, a Mamoa de Ereira/Afife, Viana do Castelo, onde, no interior da câmara e do corredor foram decorados seis esteios com gravuras e pinturas (Fig. 4). Os motivos representados são esquemáticos, um esteliforme e um antropomorfo que domina toda a superfície interna do esteio nº 6, transformando-o numa estela (Silva 1993, 1997, 2003). Outro túmulo com gravuras é o dólmen da Pedreira/S. Romão do Neival, Viana do Castelo com representações de motivos raiados na laje de cabeceira e o que parece um zoomorfo esquemático num esteio do corredor (Silva 1997). Destacamos, ainda, a Mamoa de Lordelo/Chafé, Viana do Castelo, também com gravuras (Silva & Marques 1986) e a Mamoa Leandro 4, Maia, com um soliforme pintado entre outros motivos geométricos (Ribeiro *et al.* 2009; Ribeiro & Loureiro 2010). Para regiões mais interiores salientamos o dólmen aberto, do Alto da Portela do Pau 2, Melgaço, com gravuras e pinturas (V.O. Jorge *et al.* 1997; Baptista 1997) e o dólmen com vestíbulo do Batateiro, Melgaço, com diversas gravuras. Significativo é, também, a câmara funerária aberta da Lapa da Moura/Chão de Cabanos 1, Ponte da Barca onde coexistem motivos gravados e pintados (Baptista 1997). Outros monumentos de grande envergadura onde estas manifestações simbólicas existiram são os dólmenes de Chã de Parada 1 e 3, Baião, na Aboboreira (Thowig 1981b; Sousa 1988), o dólmen do Padrão, Paredes (Cruz & Gonçalves 1994) e o de Chã do Brinco I, em Cinfães, local onde também foi depositada uma estela antropomórfica (Silva 1993b).

Os monumentos megalíticos não foram os únicos contextos funerários deste período o que poderá indiciar que os dólmenes talvez fossem exceções. Cremos que as comunidades Neolíticas usaram para este fim alguns abrigos graníticos. Tal poderá ser o caso do Penedo da Cuba, no lugar da Coriscada, freguesia de Soalhães, Marco de Canaveses, na serra da Aboboreira (Sarmiento 1982), aliás não muito longe do povoado Neolítico da Lavra I. Trata-se de uma cavidade aberta a nascente que foi encerrada com uma estrutura pétrea e que serviu de necrópole. Aí, depositaram-se machados, uma goiva, pontas de seta, lâminas e recipientes cerâmicos em associação com ossadas, nomeadamente “... *mais d’uma dusia de craneos...*” como relatou Sarmiento, em 1988 (Lima 1940:189).

É provável que no âmbito do Neolítico determinados afloramentos ao ar livre, em lugares que cremos de grande importância coletiva e simbólica, na senda de R. Layton (2001), tivessem sido gravados, como mais uma forma de interação e de celebração do espaço vivenciado. Referimo-nos ao que se convencionou designar por “arte esquemática ibérica” que, sendo de difícil inserção cronológico-cultural, têm visto recuar a sua origem ao Neolítico pela similitude entre alguns signos inscritos nos monumentos megalíticos e nas rochas de ar livre (Bueno & Balbín 1992, 2003; Bradley & Fábregas

1999; Sanches 2008/2009) e entre estes e as pinturas dos abrigos do Nordeste (Sanches 1997); embora se admita a persistência e reutilização de alguns destes lugares, em momento posteriores (Sanches 1997; Bradley *et al.* 2005).

Ao contrário do que se pensava no séc. XX (Baptista 1987), a sua distribuição geográfica ocupa, igualmente, uma boa parte do Noroeste português, embora continue a ser pouco expressiva no litoral. Como exemplos deste tipo de lugares, cujos sentidos são potenciados pelo simbolismo dos signos nele inscritos, destacamos o Gião I e II, em Arcos de Valdevez, nas cercanias do núcleo megalítico da Chã do Mezio (Baptista 1981a), a Chã da Rapada, Ponte da Barca (Martins 2006), nas proximidades da necrópole do Britelo (Bettencourt neste vol.) e o do Fieiral, Melgaço (Dordio 1995; Bettencourt & Rodrigues, neste vol.), no seio da necrópole megalítica do planalto de Castro Laboreiro. Na fachada litoral destacamos a vertente sul do Monte de Góis, em Caminha, sobranceiro a uma pequena bacia de receção de um ribeiro tributário do rio Coura (Alves 2009; Valdez 2010). Outro lugar paradigmático parece ser a Bouça da Cova da Moura em Ardegães, Maia, onde gravuras esquemáticas em algumas rochas, se acumulam num pequeno outeiro nas proximidades de monumentos megalíticos (Fig. 5) (Bettencourt 2010b; Ribeiro *et al.* 2010; Bettencourt *et al.* 2012).

Também não se exclui a hipótese de que alguns temas da “arte atlântica” possam ter-se iniciado no Neolítico, pela similitude com motivos encontrados no interior de monumentos megalíticos, numa região marcada pelo encontro de várias tradições estilísticas (Alves 2003, 2009). Referimo-nos, por exemplo, a alguns círculos simples e a alguns reticulados ou grelhas.

5. O CALCOLÍTICO

Entre os finais do IV até ao terceiro quartel do III milénios a.C. verificam-se alterações significativas na interação dos grupos humanos com o meio o que justifica uma nova etapa cronológico-cultural que se designa por Calcolítico.

Num meio físico cada vez mais frio e seco do que no Neolítico (Fábregas *et al.* 2003; López Sáez & Cruz 2002/2003; Martínez Cortizas *et al.* 2009) tornam-se frequentes ocupações em áreas menos elevadas. Estas verificam-se agora em planaltos, alvéolos graníticos ou remates de esporões, de média altitude, ou em colinas de vales aluvionares ou da plataforma litoral. Tais estratégias de povoamento, se bem que devam obedecer a fatores de ordem simbólica, estarão, igualmente, em inter-relação com a possibilidade de desenvolvimento de uma grande diversidade de atividades de subsistência. Indiciam, também, uma maior densidade ocupacional, um tempo de ocupação mais prolongado em cada local e o aumento de um modo de vida mais tributário das atividades agropastoris, sem exclusão da recolção e do aproveitamento dos recursos fluviais e costeiros (Bettencourt 2007; 2009a).

Em esporões graníticos associados a abrigos e ou a caos de blocos conhecem-se povoados no Monte da Madalena, Ponte de Lima; em S. Julião, Vila Verde; na Santinha

e na Chã da Joubreia, em Amares; em Santa Marta da Falperra, Braga; no Castelo de Lanhoso, Póvoa de Lanhoso; no Castelo de Faria, Barcelos (Bettencourt 2007, 2009a) e na Cova da Bouça, Esposende (Bettencourt 2005a). Esta modalidade de ocupação do espaço contrasta com a verificada em Bitarados, Esposende, onde se constrói um povoado, num alvéolo granítico do planalto de Vila Chã, sem afloramentos ou abrigos nas imediações, na primeira metade do III milénio AC (Bettencourt *et al.* 2003b; Bettencourt *et al.* 2007). Contrasta, igualmente, com as ocupações em colinas de vale, como as que ocorrem no Monte da Ínsua, Guimarães, nas imediações do rio Ave; na Quinta do Paço, Arcos de Valdevez, sobranceira ao rio Vez (Bettencourt 2007, 2009a) ou na Quinta de S. Martinho/Gandra, Esposende (Sousa 1981/1982), perto do rio Cávado. Ocorrem, ainda, ocupações em plataformas médias e baixas de vertentes, como no caso dos Covelinhos, no sopé do Monte da Franqueira, Braga (Barbosa & Azevedo 2004/2005; Bettencourt *et al.* 2007) e perto da atual linha da costa, como na praia das Angeiras, Matosinhos (Bettencourt 2010b).

Em Bitarados, com vários níveis de ocupação/abandono, encontraram-se pavimentos e buracos de poste, pertencentes a cabanas efetuadas com madeira de carvalho e ramos de arbustos, provavelmente giestas, como nos sugerem os resultados fornecidos pela antracologia (Figueiral & Bettencourt 2007). Detetaram-se, igualmente, lareiras e fossas. A par destas estruturas foram muitos e diversificados os artefactos encontrados. A título de exemplo referimos pontas de seta, em sílex e xisto, lâminas e lascas retocadas em sílex e quartzo, contas de colar em barro e variscite, moinhos manuais e cerâmicas profusamente decoradas de tipo Penha (Bettencourt *et al.* 2003). Registaram-se, também, sementes de cereais, de leguminosas e de frutos e ossadas de animais domésticos que, analisados em associação, autorizam a classificação deste local como um possível povoado, de média/longa duração, ocupado por populações com vocação agrícola e pastoril, embora recorrendo à recolção e à caça. Nas imediações, teriam cultivado o trigo de grão nu, a cevada e a fava. A presença de ervas daninhas associadas às culturas de inverno e de verão, parecem apoiar a hipótese de que as atividades agrícolas se realizariam durante todo o ano. A recolção teria incidido sobre frutos como as bolotas e as amoras, embora a presença da aveleira, do medronheiro e, possivelmente, do castanheiro, nas imediações de Bitarados, demonstre a possibilidade da recolha de uma gama variada de frutos. Legumes, como o saramago/rabanete selvagem, cujas raízes, caules, folhas, flores e sementes são comestíveis, também foram colhidos (Bettencourt *et al.* 2007). Os restos de fauna exumados indiciam a pastorícia de ovicaprinos e, talvez, de bovinos. Nos bosques, em que os carvalhos seriam dominantes, teria vivido o veado, que foi consumido, tal como os ovicaprinos (Cardoso & Bettencourt 2008).

Também nos Covelinhos, a estratigrafia indicia uma ocupação continuada de populações, entre o 2º quartel e meados do III milénio AC, que se teriam dedicado quer à agricultura, tendo presente a localização da jazida e à dimensão dos moinhos dormentes aí encontrados, quer à recolção de frutos como a roseira-brava e as bolotas (Bettencourt *et al.* 2007).

No Noroeste aparecem, ainda, lugares providos de estruturas monumentais, similares às de outras regiões peninsulares. É o caso da Sola/Bouça do Ouro, em Braga onde as populações calcolíticas ocuparam uma colina relacionada com o vale do Cávado, entre 2885-2305 AC, tendo aí construído estruturas de base pétrea e de grande envergadura (muros?), de mais de 2,5 m de largura, e eventuais “bastiões”. A má conservação das estruturas pétreas e a sua reutilização durante o Bronze Médio levantam mais questões do que respostas (Bettencourt 2000b). No entanto, e à luz dos achados do Crasto de Palheiros, de Castelo Velho de Freixo de Numão e de Castanheiro de Vento, no NE português e no Alto Douro, talvez possamos interpretar este lugar como um recinto monumentalizado, funcionando como um pólo identitário e organizador de novas paisagens, no quadro do povoamento Calcolítico do curso médio do vale do Cávado (Bettencourt 2007, 2009a). Papel similar poderá ter tido o recinto da Forca, Maia, no seio de um planalto do curso médio do Leça, já frequentado desde o Neolítico, como atestam alguns monumentos megalíticos aí existentes (Bettencourt 2010b). Na Forca, com vários hectares de extensão, construíram-se fossos e paliçadas, contento internamente estruturas em fossa, lareiras, etc. (Fig. 6) , em uso, pelo menos, entre 2610-2340 AC e 2414-2228 AC (Valera & Rebugue 2008; Bettencourt 2007, 2010b).

Papel coletivo de grande importância na estruturação do mundo das comunidades do III milénio AC parece ter tido o Monte da Penha, Guimarães, lugar de deposição de recipientes cerâmicos (alguns deles de exceção), de artefactos líticos e metálicos, em fendas e abrigos graníticos (Sampaio *et al.* 2009).

Novas concepções ideológicas poderão interpretar-se, igualmente, através da circulação e uso de diversos artefactos e de novos tipos de tumulação. No primeiro caso, destacamos os objetos metálicos em cobre e os fragmentos de cerâmica com decoração oculada, estes últimos, encontrados no Monte da Penha, Guimarães e na Chã do Castro/Joubreia, Amares. Os vasos com este tema decorativo são raros em termos peninsulares mas o motivo ocorre, também, nos ídolos de pedra, nas placas de xisto, nas placas de barro, nas falanges de cervídeos e nas pinturas de abrigos, o que acentua o seu carácter de exceção e de alto valor simbólico. Em relação ao mundo sepulcral, parecem ter cessado as grandes construções megalíticas. Tem-se colocado a possibilidade da construção de pequenos túmulos de tradição neolítica, com câmaras funerárias pequenas e baixas, pouco visíveis, como a cista megalítica de Chã do Carvalhal 1, Baião (Cruz 1992), a par da reutilização de monumentos megalítico materializados pelo depósito de cerâmicas de tipo Penha, de artefactos líticos e de vasos campaniformes, ações que talvez se possam interpretar como formas de apropriação e integração do passado ou dos ancestrais por parte das comunidades calcolíticas (Bettencourt 2007, 2009a). No entanto, a quantidade de deposições calcolíticas em cada um destes túmulo é sempre escassa o que nos permite colocar a hipótese de que os personagens aí enterrados não seriam pessoas comuns mas sim aqueles a quem a comunidade confere importância e prestígio social, mesmo após a morte. No dólmen 1 da Pedreira de S. Romão do Neiva, Viana do Castelo, foi depositado um vaso de tipo Penha (Silva 2003). No planalto de Vila Chã, Esposende,

nas imediações do povoado de Bitarados, ocorrem diversos túmulos megalíticos que foram integrados no universo cosmológicos das populações calcolíticas (Bettencourt *et al.* 2003b). Referimo-nos aos dólmenes da Antela da Portelagem onde se depositou cerâmica campaniforme e ao da Bouça do Rapido 3, onde foi encontrada uma alabarda em sílex e cerâmica campaniforme. Outros túmulos neolíticos onde ocorreu este tipo de recipientes foram o do Alto da Portela do Pau 2, Castro Laboreiro (V.O. Jorge *et al.* 1997), os da Ereira/Afife, da Pedreira de S. Romão do Neiva 1 e de Lordelo/Chafé, todos em Viana do Castelo (Silva 2003) e os de Outeiro de Ante e de Chã de Parada 1, Aboboreira (V. O. Jorge 2000). De salientar que o fenómeno campaniforme é conhecido, no Norte de Portugal, desde a 1ª metade do III milénio AC, abarcando, portanto, grande parte do Calcolítico e não apenas o seu momento final (Bettencourt 2011).

Contextos funerários em fossa parecem ter existido neste período, como se depreende pelo achado de um vaso campaniforme no lugar do Vargo, Fafe (Bettencourt 1991/1992b, 2009a; 2011) ou pela fossa a que se associa cerâmica de tipo Penha, existente nas imediações da Mamoa 5 do Leandro, Maia (Bettencourt 2010b).

É possível que também se tivessem verificado enterramentos em fendas ou abrigos graníticos, como no Monte da Penha (Cardoso 1960; Sampaio *et al.* 2009) ou no Monte Córdova, Santo Tirso onde, sob um penedo, se depositaram machados de pedra de diferentes dimensões e morfologias. Segundo o Abade Pedrosa, um deles tinha “*d’um lado corte e do outro furador ou ponta aguda*” (Lima 1940:201-202), descrição que nos faz lembrar os machados do Norte da Galiza encontrados em cistas megalíticas conectadas com o Neolítico Final e o Calcolítico (Caamaño Gesto 2007).

É possível que durante o Calcolítico se tivessem mantido em uso lugares de “arte atlântica” e se materializassem outros através do aumento do repertório de motivos. Estes foram gravados em diversos tipos de afloramentos, por vezes aplanados e pouco visíveis na paisagem, por vezes bem destacados e impressionantes no seio de outros caos de blocos. Estes lugares concentram-se na faixa costeira e têm maior representatividade no Alto Minho, não ultrapassando, para este, a província de Trás-os-Montes ocidental e, para sul, a bacia do Vouga, fronteira similar à que encontramos para os recipientes cerâmicos de tipo Penha.

Na bacia do Minho, da foz para o interior, destacamos a importância de determinados montes de grande impressividade visual na estruturação da paisagem física e mental das populações. Referimo-nos, do lado de Espanha, ao Monte de Santa Tegra, em A Guardia, à foz do Minho; ao Monte de Santo Antão, em Caminha, também à foz deste rio; ao Monte de Góis, também em Caminha, onde se estudaram importantes *loci* gravados (Viana 1929, 1960; Novoa & Costas Goberna 2004; Valdez 2010; Alves, neste vol.); à serra da Gávea, em Vila Nova de Cerveira, onde destacamos as gravuras da Senhora da Encarnação (Correia & Recarey 1988), entre muitas outras inéditas; às dos Montes Faro e dos Fortes, em Valença, com destaque para as gravuras designadas por Monte da Laje (Cunha & Silva 1980; Silva & Cunha 1986), Tapada do Ozão e Monte dos Fortes (Cunha & Silva 1980; Silva & Cunha 1986; Alves 2009). Nesta bacia há

ainda a referir o Monte de Nossa Senhora da Assunção, em Monção, com cerca de duas dezenas de afloramentos gravados.

Na bacia do Âncora é de salientar as gravuras da extremidade sul do Monte de Santo Antão, como as de Bulhente e as do Cais, Freixieiro de Soutelo, Viana do Castelo⁴; as da extremidade Norte da serra de Santa Luzia, onde incluímos as da Chão do Cano⁵ e as de Santo Adrião, Âncora, Caminha e, mais para o interior, as da serra de Amonde, como as de Lajedo 1 e 2.

Na fachada litoral, entre o Âncora e o Lima, especificam-se os lugares da Matança/Cividade, Sinadora, Calvo⁶ (Fig. 7) (Bettencourt 2009b), Laje da Churra (Alves 1980, 1981; Bettencourt 2009b, Santos 2013), Escampadinhos, todos em Afife, Carreço ou Areosa, Viana do Castelo, a diferentes patamares da serra de Santa Luzia, como celebrando os lugares liminares.

Na bacia do Lima distinguem-se as gravuras da Breia/Cardielos, Viana do Castelo (Bettencourt 2005d; Almeida 2008; Bettencourt neste vol.), do Penedo da Moura, Nogueira, Viana do Castelo (Loureiro 2006), dos Pratinhos de Nossa Senhora, Ponte de Lima (Neves 1981) e da Bouça do Colado, Ponte da Barca, onde se insere o Penedo do Encanto (Baptista 1981b, 1995). Na bacia do Cávado é de referir o complexo de gravuras de Obsedo, Terras do Bouro (Redentor *et al.* 2013), e no Ave, as da Lage dos Sinais/Monte do Olheiro, Barcelos (Cardoso 1951; Bettencourt 1999; Coimbra 2001, 2004) e as do Monte de S. Romão, em Guimarães de que são exemplo o Penedo dos Sinais (Valdez & Oliveira 2005/2006) e Quinta do Paço (Cardoso neste vol.).

Em síntese, o que se parece configurar-se no Calcolítico do Noroeste é uma percepção do “mundo” distinta da do período anterior, em que a “arquitetura dos mortos” vai perdendo importância como elemento referenciador e identitário das populações no espaço para ser substituída por outros cenários, certamente mais adequados aos novos processos de interação homem-meio. Referimo-nos aos lugares monumentais e de grande investimento coletivo, como os recintos da Sola e da Forca; a lugares de enorme dramatismo geomorfológico, como o Monte da Penha, ou a inúmeros montes e cursos de água materializados por gravuras rupestres de gramática estilística essencialmente circular.

6. A IDADE DO BRONZE

A Idade do Bronze do Noroeste português subdivide-se, tradicionalmente, em Bronze Inicial, Médio e Final. Atendendo às características culturais que definimos para cada um destes períodos, consideramos que o Bronze Inicial se desenvolve entre 2300/2200

⁴ Referidas sumariamente por Rego 2003.

⁵ Referidas sumariamente por Rego 2003 e por Bettencourt 2009b com as designações de Bouça e Bouça da Trindade.

⁶ Publicado em Bettencourt 2009b como Lajão.

e 1700/1600 AC, o Bronze Médio entre 1700/1600 e 1100/1000 AC e o Bronze Final entre estas balizas e os séculos VII/VI AC (Bettencourt 2005f, 2007, 2009a).

Em termos paleoclimáticos, as duas primeiras etapas ocorrem durante a fase fria e seca que se inicia no Calcolítico (Fábregas *et al.* 2003; Martínez Cortizas *et al.* 2009) enquanto o Bronze Final coincide com o início de uma fase mais quente (Ramil Rego *et al.* 2010), com temperaturas superficiais das águas do mar superiores às atuais e ventos do setor Norte e Noroeste fracos e pouco constantes (Soares 2010), o que teria facilitado a navegação de cabotagem.

A Idade do Bronze corresponde, também, a um momento em que se verificam alterações significativas em termos do coberto vegetal, com uma diminuição do índice arbóreo e o aumento das plantas arbustivas e herbáceas, a partir 3.500 BP, salvo em áreas montanhosas, devido ao incremento progressivo da ação humana sobre o meio, como desflorestações, incêndios, atividades agrários, etc. (Ramil Rego 1993; Ramil Rego *et al.* 1998, 2010). De uma forma geral, este período caracteriza-se, igualmente, por alterações significativas em todas as esferas da vida.

6.1. O Bronze Inicial

Apesar dos sítios residenciais serem mal conhecidos nesta etapa, nota-se uma tendência para a sua diversidade de implantação. Existem povoados em colinas de vale, com boas potencialidades agrícolas, como o das Boucinhas/Regueira, Ponte de Lima (Fig. 8), balizado entre 2294-1980 AC (Bettencourt *et al.* 2004; Bettencourt 2010a) e o da Sola Ila, Braga, entre 1885-1682 AC, onde se detetaram indicadores polínicos e antracológicos de práticas agropastoris (Bettencourt 1999, 2000; Figueiral 2000). Ocorrem outros sobre antigos terraços marinhos, como o das Areias Altas, Porto, entre 1895/1888-1616/1605 AC (Luz 2010: 143), aparentemente de grandes dimensões, e onde, a par de diversas atividades possíveis, as populações exerceram a recolção de moluscos (Cabral 2010). Na mesma situação cabe destacar Carreço/Praia, Viana do Castelo, entre finais do III e inícios do II milénios AC (Meireles 1992) interpretado como um acampamento relacionado com a extração de sal, tendo em conta a descoberta de uma plaqueta em xisto, similar às usadas para esse fim, em épocas posteriores (Bettencourt 1999, 2009a). Em altitude destacamos o grande povoado de Monte Calvo, Baião, ocupado entre 1882-1666 AC, numa colina da vertente sudeste da serra da Aboboreira (Fig. 9). A sua localização teria possibilitado a pastorícia nas terras altas e a agricultura nas pequenas plataformas serranas e nas margens dos pequenos vales imediatos, tendo presente a degradação do meio detetada nas análises de antracologia. Estas revelaram, também, uma gestão cuidadosa do bosque através da poda de carvalhos, ou seja, práticas de silvicultura o que subentende a sedentarização (Gonçalves & Bettencourt 2010; Martín Seijo 2010).

As estruturas detetadas nestes lugares foram construídas com materiais perecíveis, utilizando muitas vezes a terra, a argila e alguns blocos líticos. Um bom exemplo é o de

Monte Calvo onde, um núcleo de oito fossas integradas numa estrutura provavelmente circular e delimitada por buracos de poste, terá sido erguida com troncos e ramos de carvalho e de arbustivas (Gonçalves & Bettencourt 2010).

O Bronze Inicial é, também, um período de grande desenvolvimento da metalurgia do cobre, da ourivesaria e de manipulação de artefactos nestas matérias de conotação mágico-religiosa, segundo Bradley (1990). A circulação dos minérios de cobre ou de objetos acabados em cobre e prata, terá inscrito estas populações numa rede de intercâmbios suprarregionais e subsequente circulação de pessoas, ideias, costumes e técnicas que poderão ter constituído um dos muitos fatores de mudança.

Se bem que existissem minas de cobre nas Astúrias durante este período (Blas Cortina 2005) a influência meridional está bem patente em algumas formas metálicas (como por exemplo nas alabardas depositadas ou gravadas nos diferentes contextos), na importação de espirais de prata (como é o caso das de Antas de Ulla (Lugo) recentemente sujeitas a análises de isótopos de chumbo (Pb) (Comendador *et al.* 2009), em formas cerâmicas, como o vaso bicónico do túmulo 2 de Vale Ferreiro, em Fafe. Estas influências tanto poderão ter chegado por via interna, através da bacia do Douro, como indiciam o maior número de depósitos de alabardas em Trás-os-Montes, como por via litoral, tendo presente o barquiforme que transporta uma alabarda existente na Laje da Churra, Viana do Castelo, um afloramento a poucas centenas da linha da costa.

À diversidade de influências e de formas de assimilação das novidades num meio cultural heterogêneo, corresponde uma variedade de estratégias de ocupação do espaço e de contextos e práticas funerárias, materializando diferentes formas de experienciar e de conceber o mundo.

Se a morte é, por vezes, pautada por um sentido de invisibilidade, independentemente do investimento construtivo do túmulo, ainda é comum a manutenção de uma morte visível e da importância de perpetuar a memória de alguns cadáveres no quadro das atividades quotidianas. É o caso das áreas de altitude onde se registam sepulturas sob *tumuli*, pequenas e pouco expressivas em altura, com câmaras cistoides ou sem câmaras aparentes, mas mesmo assim perceptíveis pela sua volumetria ou matéria construtiva, nomeadamente o quartzo que as torna brilhantes. É o caso de Outeiro de Gregos 1 (Fig. 10) e de Meninas do Crasto 4, em Baião, na serra da Aboboreira, datáveis dos finais do III aos inícios do II milénios AC (V.O. Jorge 1980; 1983; V.O. Jorge *et al.* 1988), de Vale de Chão 1, Braga, na serra do Carvalho (Fig. 11) (Vilas Boas no prelo), do *tumulus* do Senhor dos Aflitos, Arouca (Pereira no prelo). Ainda em contexto de altitude regista-se a necrópole atípica de Chã de Arefe, Barcelos (Silva *et al.* 1981). Os dois túmulos escavados revelaram o aproveitamento de penedos graníticos na delimitação de recintos, em redor das cistas funerárias a indiciar o simbolismo de determinados afloramentos. Talvez a este período se possa inserir um dos *tumuli* do Alto das Casinhas, Fafe, igualmente delimitado por grandes blocos graníticos (Bettencourt 1991/1992b) ou o de Monte Calvo 2, em Arouca, cuja câmara, em fossa, foi tapada com um esteio megalítico (Pereira da Silva 1997, Sá, no prelo).

Em contexto de vale destacamos arquiteturas menos visíveis, como a sepultura, em cista, da Quinta de Água Branca, Vila Nova de Cerveira (Fig. 12) (Fortes 1906), nas imediações de uma linha de água que desagua diretamente no rio Minho, datada de 2109-1755 AC (Bettencourt 2010a) e as eventuais fossas sepulcrais das Boucinhas/Regueira, Ponte de Lima (Bettencourt 2010a, 2010b).

Em ambos os contextos topográficos há a referir a reutilização de monumentos megalíticos, como é o caso dos dólmenes do Monte da Cerca, Esposende (V.O. Jorge 1982; Almeida 1986), de Lordelo de Cima/Chafé, Viana do Castelo (Silva & Marques 1986) e de Carvalho Mau 1, Castelo de Paiva (Silva 1990, 1995) denunciando que o passado continua atuante no mundo cognitivo destas populações, assim como a necessidade da sua incorporação. Tal como no período anterior estas reutilizações são sempre pontuais, pelo que o investimento de abrir e alterar estes monumentos de grande envergadura, se destinaria, certamente à deposição de personagens de grande prestígio social.

A registar, também, a “construção”, no Bronze Inicial, de lugares ligados à deposição de mortos, mas dificilmente interpretáveis como necrópoles, pelas suas características particulares. Referimo-nos a Vale Ferreiro, Fafe, nas proximidades do rio Ave, associado a águas termais subterrâneas e a filões de quartzo, onde duas estruturas arquitetónicas originais e de algum investimento social (estrutura cistoide rodeada por um cairn de quartzo e túmulo retangular de alvenaria subterrâneos), além de oferendas de exceção (Fig. 13a, 13b e 13c), marcam, pela primeira vez, um lugar que se manterá simbolicamente ativo até ao Bronze Final (Bettencourt *et al.* 2002a, 2003a, 2005, Bettencourt 2008, 2009a, 2009c, 2010a, 2010c).

De notar, neste período, o enterramento de alguns cadáveres com oferendas e adornos de exceção e de grande valor simbólico e social, em túmulos que implicaram algum esforço construtivo na Idade do Bronze ou em épocas anteriores. Tal é o caso da cista da Quinta de Água Branca, onde se depositou um punhal de cobre, um diadema, duas espirais e dois aros de ouro (Fig. 14) (Fortes 1906); do túmulo 1 de Chão de Arefe, com uma ponta de tipo Palmela, um braçal de arqueiro e um vaso tendencialmente troncocónico; do túmulo 2 de Chão de Arefe com um braçal de arqueiro (Fig. 15), do túmulo fundacional de Vale Ferreiro, o nº 2, com duas espirais de ouro, e dos *tumuli* de Outeiro de Gregos 1 e de Meninas do Crasto 4, assim como das Mamoas do Monte da Cerca e de Carvalho Mau 1, onde foram depositadas espirais de prata.

Durante o Bronze Inicial ter-se-ão mantido simbolicamente ativos alguns lugares gravados com composições circulares e esquemáticas. É o que se depreende daqueles onde se inscreveram armas similares às encontradas noutros contextos do NW e NE de Portugal. Tal é o caso da alabarda de Monte Faro, em Sanfins, Valença (inédita); da Laje da Churra, em Viana do Castelo, com duas alabardas (Santos, neste vol.); da Bouça da Cova da Moura, Maia, onde se terá gravado uma alabarda a partir de reticulados anteriores (Bettencourt 2010b; Bettencourt *et al.* 2012) e do Fieiral, Melgaço, onde se gravou um machado plano de contorno trapezoidal, encabado (Bettencourt & Rodrigues, neste vol.).

É provável que tivessem surgido nesta altura os primeiros lugares com estelas-menires, à semelhança do que ocorre no Nordeste. Tal poderá ser o caso da Boulhosa, Paredes de Coura, onde recentemente foi descoberto um punhal gravado (Fig. 16) (Bueno *et al.* 2005), localizada perto de uma necrópole megalítica.

Outro lugar incorporado no mapa cognitivo do Bronze Inicial foi o “velho” recinto da Forca/Barca, Maia, cujo término de ocupação se parece ter verificado nos inícios deste período (Bettencourt 2010b).

Se partirmos da premissa de que a forma como as comunidades experienciam o espaço onde estão imersas, está intrinsecamente relacionado com o seu universo ideológico, é de pressupor que as sociedades do Bronze Inicial parecem dispensar a monumentalidade das estruturas excecionais, como forma simbólica de marcação e celebração do espaço. Os cenários de referência e de ação coletiva seriam mais “discretos” do que no Calcolítico e, frequentemente, associadas às práticas funerárias e metalúrgicas. De notar o papel social e legitimador que parecem ter alguns cadáveres, a quem os vivos associam artefactos de cobre, de prata e de ouro, na ocupação de novos e “velhos” lugares, neste caso, integrando-os nas novas cosmogonias (Bettencourt 2010a, 2010c, 2010d).

O facto do lugar de Vale Ferreiro permanecer ativo na longa duração, também indicia que os primeiros cadáveres aí depositados no Bronze Inicial, eram portadores de grande simbolismo, tendo, provavelmente, adquirido o estatuto de ancestrais míticos através de narrativas, mitos e lendas manipuladas pelos vivos, como forma de coesão social mas também de controlo e de poder, por parte de quem detêm essas prerrogativas.

A gravação de armas em alguns locais previamente insculpidos parece ter, igualmente, essa função integradora e de incorporação do passado (Bettencourt 2009a, 2010a) ou de perpetuação das imagens do passado e dos ancestrais por parte dos novos atores do poder (Bueno *et al.* 2005; Bueno & Balbín 2006). Talvez se possa admitir o mesmo em relação à estela-menir da Boulhosa, erguida numa paisagem funerária ancestral.

Em suma, durante o Bronze Inicial, alguns cadáveres parecem ter um papel ativo na construção da identidade grupal e na legitimação da ocupação e da incorporação do território, a par da metalurgia e da ourivesaria (Bettencourt 2010a).

6.2. O Bronze Médio

Neste período aumentam o número de sítios residenciais conhecidos. A par dos povoados em colinas de vales como o da Quinta do Rapido, Barcelos, entre 1740-1526 AC (inédito), o da Sola IIB, Braga, entre 1690-1500 AC (Bettencourt 1999, 2000b) e o da Cimalha, Felgueiras (P. Almeida & Fernandes 2008; Almeida *et al.* 2008; Bettencourt 2009a, 2010a), ocorrem outros em colinas residuais da plataforma litoral. Referimo-nos ao de Lavra, Matosinhos, entre 1600-1420 AC (Bettencourt & Fonseca 2010) e, possivelmente, a uma das ocupações do Corgo/Azurara, Vila do Conde. Em contexto de planaltos de média altitude localizam-se os povoados da Tapada da Venda/Pedroso, com uma primeira ocupação entre 1411-1260 AC (Bettencourt *et al.* 2002c)

e, provavelmente, o do Areeiro, ambos em Celorico de Basto (Bettencourt & Fontes 1993/1994). Em vertentes abrigadas de áreas serranas, nas imediações de lameiros ou de pequenos vales irrigados, temos os exemplos da Bouça do Frade, Baião (1ª ocupação) (S.O. Jorge 1995, 1996) e de Fontela de Figueiredo, Castelo de Paiva (Cunha 1991) ambos com datas de C14, inéditas, mas deste período genérico. Em áreas com profusão de afloramentos e de abrigos graníticos de altitude, há a registar os povoados da Bouça do Carriço/Mocegueira, entre 1749-1599 AC e o dos Penedos Grandes (1ª ocupação), entre 1414-1288 AC, ambos nos Arcos de Valdevez (Bettencourt *et al.* 2002b), provavelmente relacionados com a pastorícia. Na 2ª metade do II milénio AC emergem povoados em esporões de altitude, sobranceiros a grandes vales agrícolas, como é o caso do Monte de Faria, Barcelos (Bettencourt 1999, 2000d) ou do Monte Padrão, Santo Tirso (Bettencourt 1999; 2010b).

É, durante este período, que se verifica o aparecimento ou intensificação de povoados de grandes dimensões, a par de outros mais pequenos, o que acusa uma tendência crescente para a sedentarização e uma forte interligação à terra, dinâmicas que terão potenciado fenómenos de territorialização.

Nestes locais, as construções subterrâneas ou realizadas em terra, argila, saibro, madeira, arbustos, pequenas pedras, cortiça, etc., deixaram, atualmente, vestígios pouco monumentais, embora o seu impacto na paisagem pudesse ter sido considerável, nomeadamente, em termos da desflorestação que impunham para a sua construção e manutenção. As estruturas encontradas pautam-se por valados, fossas abertas no solo e no saibro, frequentemente agrupadas, buracos de poste, por vezes configurando o que se tem interpretado como cabanas, lareiras, pavimentos argilosos e empedrados. Apesar de construídos em materiais perecíveis, os povoados tornam-se mais visíveis num espaço pautado pela diminuição do índice arbóreo, tornando-se, provavelmente, importantes pontos de referência e de ordenação física e simbólica do território (Bettencourt 2007, 2009).

O contexto de muitos destes povoados, as suas características internas, os seus artefactos e as diversas análises arqueobotânicas permitiram colocar a hipótese de uma sistematização progressiva das atividades agrossilvo-pastoris, o que teria proporcionado uma melhoria da dieta e, por consequência, um aumento demográfico ao longo do Bronze Médio (Bettencourt 1999, 2000a, 2003, 2009a; Bettencourt *et al.* 2007, Bettencourt & Fonseca 2010; Figueiral 2000, Figueiral & Bettencourt 2007; Tereso 2012). Os resultados de análises polínicas de vários contextos do NW peninsular têm indiciando, a par de uma grande antropização do território, a presença de curvas contínuas de cereais (Ramil Rego 1993; Aira & Ramil 1995)⁷, estando em concordância com os dados arqueológicos. A introdução do milho miúdo (*Panicum miliaceum*) terá

⁷ Estes autores publicam sementes e colunas polínicas do que designam, erradamente, como Castro da Sola, que assumem ser do Bronze Final, quando, na verdade, as diversas datas de radiocarbono colocam esta estação nos finais do Bronze Inicial e no Bronze Médio.

contribuído para incrementar a agricultura e a sedentarização pois, sendo um cereal de primavera, permitiria duas colheitas anuais, além de poder colmatar eventuais danos nas colheitas de outros cereais (Bettencourt 1999, Bettencourt 2003; Bettencourt *et al.* 2007; Tereso 2012).

É também no Bronze Médio, na primeira metade do II milénio AC, que se dá a adoção da metalurgia do bronze. As evidências mais antigas correspondem a um pingo de refundição e a uma vareta encontrados no povoado da Sola IIb (Bettencourt 1999; Bettencourt & Comendador 2003; Comendador & Bettencourt 2007, 2011), a um molde duplo de machado de tipo Bujões/Barcelos no povoado da Cimalha (Comendador & Bettencourt 2007, 2011) e a um pingo de fundição da Bouça da Cova da Moura, Maia (Comendador & Bettencourt 2007, 2011; Bettencourt *et al.* 2012). Também a presença de um machado de tipo Bujões/Barcelos na exploração mineira de estanho da Foulgadoura, Viana do Castelo (Zbyszewski & Ferreira 1955), indicia o conhecimento de áreas ricas em cassiterite e ouro, a partir dessa altura, e a importância simbólica da mineração nos vales da ribeira de Amonde e do rio do Seixo, com areias ricas em estanho de aluvião (Fernandes *et al.* 2011).

Tal como os seus congéneres em cobre, é de presumir que os primeiros objetos em bronze continuem a ser símbolos de prestígio e de poder, mas também objetos mágicos eivados de poderes especiais, na perspetiva de que a matéria não seria inerte mas cheia de propriedades, tal como tem defendido Ingold (2000). Num momento em que as sociedades não distinguiam sagrado e profano, sendo a vida diária altamente ritualizada, transformar a pedra em metal, efetuar ligas com sucesso, terá conferido aos protagonistas da atividade metalúrgica, ao próprio objeto e aos lugares de extração mineira, um carácter profundamente mágico (Bradley 1990, 2000). Talvez por esse motivo a maioria dos artefactos fabricados em bronze sejam machados, de grande simbolismo desde o Neolítico, onde eram fabricados em rochas exóticas. O carácter especial dos artefactos em bronze poderá justificar o facto de serem, usualmente, enterrados no subsolo ou depositados em associação com afloramentos graníticos, em termos micro-contextuais (Bettencourt 1999, 2000a), ou associados a meios aquáticos, a montes, a lugares liminares ou a recursos mineiros, em termos mais abrangentes (Bettencourt 2009a, 2009b, Fernandes *et al.* 2011). cremos que, a tal situação, não será alheia a importância destes artefactos na celebração de ritos ligados quer com a proteção das atividades agrossilvo-pastoris (como nos indiciam os machados) quer com a proteção dos mais diversos espíritos existentes em diferentes lugares “físicos”. Como exemplos desses lugares referimos o Monte da Penha, simbolicamente ativo desde o Calcolítico (Sampaio *et al.* 2009) ou o Monte Crasto/Couva da Bouça, em S. Bartolomeu do Mar, Esposende, um monte impressionante que se destaca na plataforma litoral entre-os-rios Neiva e Cávado, visível desde muito longe e, certamente ponto de referência para a navegação de cabotagem (Fig. 17a). Aqui foi amortizado um depósito composto por uma espada de tipo argárico, por um machado de tipo Bujões/Barcelos e por um machado plano (Fig. 17b) a evidenciar uma mensagem complexa, além de hibridismo de tradições resultantes dos contactos litorais entre o Noroeste e o Sul peninsular.

Em vinculação com zonas húmidas ou de margem regista-se o depósito de um machado de tipo Bujões/Barcelos, na Bandeira, em Viana do Castelo, perto da confluência da ribeira de Fornelos - São Vicente com o rio Lima, no estuário deste rio (Bettencourt 2009b, Fernandes *et al.* 2011) e o machado de talão sem anéis de Retortas, Vila Verde, encontrado nas aluviões do rio Cávado (Bettencourt 1988), possível zona de mineração de estanho e de ouro de aluvião dada a existência de jazidas primárias desses minérios, nas proximidades.

No subsolo e em áreas sem afloramentos, foi exumado o depósito do Lugar da Mata (Póvoa de Lanhoso), com diversos machados planos associados a “pedras cavadas” (Cardoso 1936; Celestino 1994:15; Bettencourt 1999).

O mesmo fenómeno poderá inferir-se para peças áureas. Em associação com afloramentos e com o Monte de Airó, destacamos o depósito do Lugar da Mata/Sequeade, Barcelos, onde se recolheu um vaso subcilíndrico, com tampa, contendo uma meada de ouro (Fig. 18) (Soeiro 1982; Bettencourt 1999); o depósito de braceletes de Passagens, Penouta/Arnozela, Fafe (Armbruster & Parreira 1993) associado a afloramentos de zona ribeirinha e de passagem (Bettencourt 2005e) (Fig. 19) e o da Bouça da Tomadia da Mata, Barcelos, encontrado numa diáclase de um afloramento da vertente sul do Monte da Saia, contendo uma espiral (?), um resto de um tubo maciço e um bracelete (Bettencourt 1999; 2009a). De salientar que este acidente geomorfológico, com abundância de afloramentos graníticos, bem visível entre a plataforma litoral e as terras interiores do vale do Ave, em zona de possível acumulação de estanho de aluvião, foi escolhido, para no seu “interior”, se depositaram artefactos metálicos desde o Bronze Médio ao Bronze Final, a evidenciar a sua importância coletiva e o seu simbolismo na rede de lugares da Idade do Bronze do vale do Ave (Sampaio 2011).

Sendo a metalurgia do bronze extremamente significativa, cremos, na senda de vários autores, que terá sido durante o Bronze Médio que se terão erguido as primeiras estátuas-menires, que consideramos vinculadas à metalurgia e à mineração, quer pela sua localização, normalmente em áreas de passagem, ricas em minérios de estanho (Bettencourt 2005c), quer pelas histórias que contam as armas que aí se gravaram, normalmente punhais embainhados, o que remete para lugares pacificados, passíveis de circulação e onde o metal se “deixa” extrair.

Em relação ao mundo sepulcral são várias as evidências para esta fase cronológico-cultural que, tal como no período anterior, se caracterizam por uma grande variedade. Nas zonas litorais, nas terras baixas e nalgumas áreas planálticas ou de vertentes, as necrópoles, por vezes, nas proximidades dos sítios residenciais, são maioritariamente constituídas por sepulturas planas abertas no substrato rochoso. Tal é o caso de pelo menos, parte das sepulturas do Pego, Braga (Fig. 20) (Sampaio & Bettencourt no prelo); da Quinta do Amorim (Sampaio *et al.* no prelo); da Cimalha, Felgueiras (Almeida & Fernandes 2008; Almeida *et al.* 2008; Bettencourt 2010a), do Tapado da Caldeira, Baião (S.O. Jorge 1980; 1983). Ainda na fachada mais ocidental, destacam-se as estruturas cistoides da Sola I Ib, Braga (Bettencourt 1997, 1999, 2000b, 2010a, 2010d) e as

necrópoles de cistas do lugar de Belinho (Soeiro 1988; Bettencourt 1999; Bettencourt 2010a; 2010d) e de Agra de Antas (Fig. 21) (Ataíde & Teixeira 1940; Almeida 1990; Soeiro 1988; Cruz & Gonçalves 1998/1999; Bettencourt 1999). Cremos, também, que a fossa 1 de Fontela de Figueiredo, Castelo de Paiva (Cunha 1991), em contexto de vertente, assim como as de Campo de Postigo/Beiriz, na plataforma litoral (Silva 1985), serão resultantes de práticas tumulares atribuíveis ao Bronze Médio (Bettencourt 2010a; 2010d). Dão-se, igualmente, novas reutilizações de monumentos megalíticos quer em zonas litorais quer serranas, como na Antela da Portalegem, Esposende (Sarmiento 1933; Leisner 1958; Bettencourt 1999), num dos dólmenes dos Prados, Arcos de Valdevez, entre 1736-1501 AC (Bettencourt 2009; 2010a) e, presumivelmente, no dólmen do Carreiro da Quinta, Vila Verde (Bettencourt 2009a)⁸.

Nas áreas mais elevadas persistem os monumentos sob *tumuli*, por vezes anexados a outros mais antigos, como a estrutura periférica de Outeiro de Gregos 1, Baião (cf. fig. 10), datada de 1768-1517 AC (V.O. Jorge 1980). Curiosa é a reutilizações de um *tumuli* do Bronze Inicial, neste período, como se verificou em Vale de Chão 1, Braga, na serra do Carvalho, onde uma sepultura plana foi aberta na estrutura monticular (Vilas Boas no prelo).

As oferendas nos diversos tipos de sepulturas são escassas e constituídas, essencialmente, por diferentes formas de recipientes cerâmicos, tendo desaparecido os objetos metálicos.

De uma forma geral os contextos e práticas funerárias do Bronze Médio, nas áreas mais vinculadas com a agricultura, indiciam, pelo menos no plano simbólico, pouca distinção social entre os mortos, assim como uma forma de estar no mundo em que o cadáver perderia a sua importância como referente da memória social e como legitimador do território.

Nas áreas mais elevadas e vinculadas com a pastorícia, os mortos continuam a ser lembrados e as suas arquiteturas visíveis, apesar de cada vez mais pequenas, o que certamente será significativo para comunidades com maior grau de mobilidade e com fronteiras mais fluídas, como acontece com todos os grupos de pastores.

Alguns lugares com gravuras de estilo atlântico e “esquemático” ter-se-ão mantido atuantes ou poderão mesmo ter sido regravados durante este período. Tal parece ser o caso da Bouça da Cova da Moura, na Maia, onde ocorrem materialidades cerâmicas e metálicas do Bronze Médio nas imediações das gravuras (Bettencourt 2010b; Ribeiro *et al.* 2010; Bettencourt *et al.* 2012).

Em síntese, admitimos que os cenários de referência e de ordenação do mundo, durante o Bronze Médio, seriam agora, a par dos próprios povoado de maior dimensão, determinados “espaços”, frequentemente relacionados com montes, águas ou com recursos de cassiterite e de ouro, onde se teriam depositado artefactos de bronze e de ouro ou se teriam erguido determinadas estátuas-menires.

⁸ Sobre este assunto consultar A.M.S. Bettencourt (2010a, 2010c e 2010d).

Importante continua a ser a reinterpretação ou apropriação simbólica de *loci* do passado materializada nas deposições realizadas no interior ou nas imediações dos monumentos megalíticos e nas adições ou sobreposições realizadas em antigos lugares com gravuras rupestres. Tal é compreensível numa sociedade cada vez mais sedentária, tributária da terra e dependente das atividades agrossilvo-pastoris (Bettencourt 1999, 2000a, 2003) e portadora de um universo cosmológico onde as propriedades ou espíritos dos ancestrais, dos afloramentos, das águas e dos minérios seriam significantes.

6.3. O Bronze Final

No Bronze Final desenvolvem-se algumas características do Bronze Médio a par da emergência de novas dinâmicas decorrentes da evolução interna, da maior inserção destas comunidades a nível suprarregional e das suas capacidades para assimilarem e transformarem as novidades.

Em termos das estratégias do povoamento, aumentam o número de sítios residenciais e dão-se algumas alterações que indiciam novas formas de interação e de estruturação das populações no espaço. Se, por um lado, se mantém as características anteriores, por outro, consolida-se a tendência, emergente nos finais do Bronze Médio, que é a do desenvolvimento de povoados em esporões de altitude, na bordadura de vales agrícolas ou da plataforma litoral, com excelentes condições de visibilidade sobre o território. Tal denota-se no Castro do Peso, Viana do Castelo (C.A.B. Almeida 1990), no Barbudo I, Vila Verde (Martins 1989), no Lugar da Costa, Vila Verde (Amorim 2007), em Cabanas I, Braga (Bettencourt 1999, 2000d), em Santa Marta da Falperra, Braga (Bettencourt 1999, 2000d), no Castelo de Faria, Barcelos (Bettencourt 1999, 2000d), em Roriz, Barcelos (Bettencourt 1999, 2000d), em S. Lourenço, Esposende (Bettencourt 1999), em Alvarelhos, Trofa (Moreira 1992, 2007), no Monte Padrão, Santo Tirso (Martins 1985; Bettencourt 2010b), no Alto da Caldeira, Baião (S.O. Jorge 1981) no Alto de Santa Ana, Chaves (Santos 1995), entre outros.

Povoados em colinas ou esporões de baixa altitude são conhecidos no Coto da Pena I, Caminha⁹ (Fig. 22) (Silva 1986), em Santo António, Viana do Castelo (Fig. 23) (inédito), em Santo Estêvão da Facha, Ponte de Lima (Almeida *et al.* 1981), no Alto da Cividade, Braga (Martins 1990; Bettencourt 1999, 2000d, 2009a), na Santinha, Amares (Bettencourt 1995, 1999, 2001), no Crasto/Fonte Coberta, Barcelos (Bettencourt 1999), em Penices, Vila Nova de Famalicão (Queiroga 1992), no Corgo, Azurara, Vila do Conde e em Guifões, Matosinhos (Fig. 24). Em zonas montanhosas, bem irrigadas, permanecem os povoados da Bouça do Frade, Baião (S.O. Jorge 1988) e do Tapada da Venda/Pedroso, Celorico de Basto (Bettencourt *et al.* 2002c; Bettencourt 2003) e emergem o da Lavra II, Marco de Canaveses (Sanches 1995) e o da vertente Este do Monte

⁹ Tendemos a incluir este povoado nesta categoria pela sua posição topográfica, embora seja um local com características culturais específicas, como veremos adiante.

do Castelo, Póvoa de Lanhoso (Bettencourt 1993/1994, 1999, 2000d)¹⁰. Os Penedos Grandes, Arcos de Valdevez, em área com profusão de abrigo graníticos e de pequenas plataformas, continua a ser recorrentemente ocupado (Bettencourt *et al.* 2002b).

Independentemente da sua localização geomorfológica e das categorias aqui atribuídas, a dimensão desses sítios pode ser muito diversa. Se, por um lado, há povoados de grande expansão, como o da Costa e, possivelmente, o do Alto da Cidade¹¹, outros há, como os Penedos Grandes, cuja reduzida área passível de ocupação e as sucessivas reocupações, descontínuas no tempo, justificam a sua classificação como acampamento ou local de ocupação estacionária.

A organização interna dos povoados na bordadura de grandes vales ou da plataforma litoral é pouco conhecida devido à inexistência de escavações em área¹². Apenas é possível afirmar que foram construídos, essencialmente, com materiais perecíveis. As estruturas habitacionais teriam pisos de argila compactada ou de terra batida, por vezes delimitados por alinhamentos de pedras, pequenos valados ou buracos de poste. Em S. Lourenço I, há referências a uma construção circular efetuada com pedra miúda ligada com barro, associada à data de 2520±50BP (Bettencourt 1999). As fossas seriam excecionais. Alguns destes sítios foram delimitados por construções em madeira, nomeadamente paliçadas, como parece ter sido o caso do Barbudo I (Martins 1989). Noutros, edificaram-se muros de pedra a seco, como em Santa Ana, Chaves (Santos 1995). Assim sendo, o processo de amuralhamento para povoados deste tipo, durante o Bronze Final do Noroeste, teria sido raro, tal como vem sendo assinalado desde a década de 90 (S.O. Jorge 1997; Bettencourt 1999) ao contrário do que muitos autores têm acentuado, baseados em pressupostos não arqueográficos.

Os povoados que se localizam nas imediações de solos férteis e bem irrigados quer sejam em planaltos, vertentes ou colina em vales, apresentam uma organização interna distinta. Em primeiro lugar, são portadores de inúmeras fossas abertas nos sedimentos e no substrato rochoso, frequentemente agrupadas em núcleos e, por vezes, em associação com buracos de poste. Tal indicia que estariam no interior de estruturas cobertas, tal como se verificou no Bronze Médio. O caso mais significativo é o da Santinha I onde, um murete associado a buracos de poste, delimitava várias fossas (Bettencourt 1999, 2001). Nestes lugares foram igualmente detetados pavimentos, em terra batida ou argila, e buracos de poste de cabanas construídas em materiais perecíveis, provavelmente revestidas com argila seca ao sol, o que permitiria uma forte impermeabilização. Análises

¹⁰ Apesar deste povoado ter sido considerado como da bordadura do vale do Cávado (Bettencourt 1999), uma reavaliação das condições de intervisibilidade, obtidas a partir do local, conecta-o com um pequeno vale irrigado de montanha, tributário da bacia do Ave.

¹¹ Nas escavações arqueológicas realizadas antes da construção do Museu D. Diogo de Sousa, em Braga, na vertente Nordeste do Alto da Colina, encontraram-se cerâmicas da Idade do Bronze, não roladas, que poderão indiciar a expansão deste povoado em direção ao rio Este.

¹² O único sítio de altura, escavado nestas condições, foi o de S. Julião, em Vila Verde, cuja interpretação como povoado tem sido mitigada (Bettencourt 2005b, 2009a, 2010a).

de antracologia indiciam que foram usadas nestas construções troncos de carvalhos e ramos de carvalhos e de giestas ou urzes (Figueiral & Bettencourt 2004, 2007). Alguns povoados continham muros de contenção de terras, nas vertentes, proporcionando terraços artificiais, como na Santinha I (Bettencourt 1999, 2001).

O Coto da Pena I, talvez pela sua posição mais litoral e, por conseguinte, mais sujeito a influências exógenas, apresenta uma petrificação precoce das cabanas (que não sabemos se era total) e uma muralha de pedra (Silva 1986).

Perante esta diversidade de lugares residenciais colocámos a hipótese de que poderia ter existido um povoamento “hierarquizado”, não na lógica processual, mas na perspetiva de que as populações dos diversos tipos de povoados estariam conectadas numa rede de interações complexas. Nesta perspetiva, os povoados de altitude seriam os principais referentes no território (até pela sua localização em zonas de passagem entre o vale e os planaltos, com domínio sobre as grandes vias de circulação) e os restantes corresponderiam a lugares para onde as populações se deslocariam, em determinadas fases do ano, num desdobramento e complementaridade das suas atividades (Bettencourt 1999, 2000a, 2009a). Tal poderia explicar as diversas ocupações que alguns apresentam, como é o caso dos Penedos Grandes II e III e da Santinha I e II (Bettencourt 2009a). Tal modelo de povoamento foi efetuado tendo por base os dados arqueológicos, mas faz lembrar o sistema tradicional de desdobramento entre as brandas e as inverneiras, existente no Alto Minho e em algumas áreas do Baixo Minho, até meados do séc. XX.

As diferentes estratégias de ocupação do território contribuíram para a “exploração” dos diferentes “recursos”, provavelmente não entendidos apenas como tal pelas comunidades que deles usufruíram. Os resultados polínicos, antracológicos e carpológicos de contextos do Bronze Final indiciam um aumento da antropização, com consequente degradação do bosque tradicional, paulatinamente substituído pelo mato e pelas plantas sinantrópicas (ervas daninhas), características que evidenciam uma atividade agropastoril mais sistemática e consolidada do que nos períodos anteriores assente na complementaridade da exploração dos recursos do planalto e do vale. Admite-se que se tenha desenvolvido o cultivo dos cereais de verão e de inverno (trigo, milho miúdo e cevada) e das leguminosas (ervilhas e favas)¹³ assim como a criação de gado caprino, ovino, suíno e bovino. Restos de canídeo também são conhecidos durante este período. Atividades como a recolção e a pesca terão continuado a ter um papel importante em termos da dieta. Colhiam-se bolotas, peras, uvas e, eventualmente, sorva. O mel foi usado pois encontraram-se restos da utilização da cera em atividades metalúrgicas. Nos povoados do litoral, consumiram-se caramujos, lapas, mexilhões e ostras (Bettencourt 1999, 2000a; 2009a; Bettencourt *et al.* 2007; Figueiral & Bettencourt 2007; Tereso 2012).

¹³ A partir de 1999, admitimos o uso de *Brassicas* (couves/mostardas) na alimentação das populações da Idade do Bronze do Noroeste, com base em resultados carpológicos fornecidos. Recentemente, estas sementes foram alvo de revisão, por parte de J. Tereso, que nos informou não serem desta espécie mas de fungos.

Durante o Bronze Final acentua-se a extração de estanho e, provavelmente, de ouro, assim como a produção e circulação de artefactos metálicos de tradição local ou de inspiração forânea o que revela o aumento de “contactos” entre as comunidades do Noroeste, ricas em estanho, com as de regiões ricas em cobre, como as Astúrias e o Sudoeste peninsular. Os contatos com o Sudoeste estão bem patentes, por exemplo, através do achado, cada vez mais recorrente, de estelas ou estátuas-menires com iconografia dessa região, no alto Cávado e no vale do Tâmega, como por exemplo as estelas de Monte de Forninhos, lugar de Castelões, Calvão, Chaves (Fig. 25), sendo a fusão de ideais e de simbologias das duas regiões, bem patente na estátua-menir da Pedra Alta, já na vizinha Galiza (Reboreda Carreira & Nieto Muñiz 2012) de formato tradicional mas de iconografia meridional.

Em bronze manipularam-se e amortizaram-se novos objetos metálicos (espadas, pontas de lança, punhais, machados, foices, caldeiros, fúrculas, braceletes, fíbulas, entre outros), acusando concepções ideológicas, ações, ritos e relações sociais inovadoras em relação ao Bronze Médio. A manipulação de muitas destas peças em novos cenários, como povoados (de vale, de vertente ou de altura) e recintos monumentais indicia, igualmente, uma sociedade em mudança.

Mas o Bronze Final é um período de mudança em continuidade pelo que perduram muitos dos lugares tradicionais de deposição. Referimo-nos aos contextos aquáticos, de margem ou sob penedos, materializando a importância simbólica de alguns *loci* “naturais” ou potenciando a importância de outros de grande simbolismo e importância coletiva, desde o Bronze Médio. A título de exemplo destacamos os machados de alvado encontrados em lugares de travessia dos rios Lima e Cávado que parecem celebrar as águas, as propriedades ou os espíritos desses rios (Fig. 26). Sob penedos salienta-se o depósito da Pedreira da Pena/Quinta do Telhado, Guimarães, que, entre outros, parecem perpetuar o carácter singular do Monte da Penha na paisagem da Idade do Bronze (Sampaio *et al.* 2009; Sampaio 2011).

Em relação às práticas funerárias mantêm-se muitos dos contextos precedentes, como as cistas (Monte da Ola, Viana do Castelo e Curvos, Esposende); as estruturas cistoides (Santinha, Amares); as fossas (Tapado da Caldeira, Baião) e a reutilizações de monumentos megalíticos (Chafé, Viana do Castelo), embora se assista à construção excepcional de grandes arquiteturas monumentais que cobrem intencionalmente abrigos graníticos (ex. Cova da Moura, em Viana do Castelo). Perpetua-se a prática da inumação, pelo menos numa etapa mais antiga¹⁴, provavelmente em coexistência com ritos de incineração. As oferendas são discretas, com persistências de formas tradicionais, embora se note a introdução de formas usadas noutros contextos de ação o que argumenta a favor da hipótese de que os atos relacionados com a morte se inter-relacionam

¹⁴ A necrópole de sepulturas planas do Pego, Braga, atribuível ao Bronze Final (Sampaio *et al.* 2008; Bettencourt 2010a, 2010c) é, de facto, mais antiga, segundo datas de radiocarbono (Sampaio & Bettencourt no prelo).

cada vez mais com outras ações da vida diária e de que os cadáveres e os lugares dos mortos perderam, na maioria dos lugares, o seu papel como agentes de promoção de identidade grupal e como legitimadores da ocupação territorial (Bettencourt 2010a).

Na presunção de que as populações se movem e se inter-relacionam com o espaço nas mais diversas atividades do dia a dia e de que esse espaço é pautado por inúmeros lugares significantes de maior ou menor importância coletiva que ultrapassam, em muito, as divisões tradicionais de povoados, necrópoles e depósitos, há que acrescentar outras categorias de *loci* que existiram no Bronze Final.

Em primeiro lugar, referimo-nos a alguns lugares excepcionais em termos geomorfológicos, situados em locais para “serem vistos”, onde, por vezes, houve investimento em arquiteturas monumentais e onde foram manuseados e/ou depositados diversos *itens* de exceção, em cerâmica, metal, entre outros (Bettencourt 2005b; 2009a; 2010b). Como exemplos destes “recintos monumentalizados” destacamos S. Julião, Vila Verde (Fig. 27) (Bettencourt 2005b, 2009a), o Alto da Pena, Ponte de Lima/Paredes de Coura (Bettencourt 2009a), Castelo de Matos, Baião (Fig. 28) (Queiroga 1984; Figueiral & Queiroga 1988; Queiroga & Figueiral 1992), Moinhos de Gola, Montalegre (Fig. 29) (Fontes & Bettencourt 2013), Cividade, Arouca (Silva & Leite 2010), entre outros. Na sua multiplicidade de facetas¹⁵, seriam lugares comemorativos de grande significação social e ideológica, relacionados com novas cosmovisões, que fomentariam, celebrariam e simbolizariam fenómenos de territorialização, de poder e de identidade que ocorreram em alguns locais do Noroeste nos finais da Idade do Bronze (Bettencourt 2005b, 2009a, 2010a).

Em segundo lugar destacamos os contextos de “deposição” das estátuas-menires que materializam e celebram a importância de determinados lugares de encontro e de passagem (Bettencourt 1995), nas proximidades de “recursos” mineiros (Bettencourt 2005c), mas, também, a importância simbólica do corpo e do espírito de algumas personagens reais ou míticas (Bettencourt 2008, 2009a, 2010a) e que, de algum modo, parecem contar histórias relacionadas com a importância mágico-simbólica da metalurgia e da mineração. Tal como para o Bronze Médio não se exclui a possibilidade destes lugares poderem materializar a “pacificação” real que implicaria a livre circulação e extração do minério e a “pacificação dos espíritos dos lugares” ricos em minérios com propriedades específicas.

Um dos lugares paradigmáticos para o estudo deste fenómeno é a bacia do Tâmega, abundante em cassiterite e ouro de aluvião e onde ocorrem diversas estátuas-menires, marcando e celebrando o “caminho do minério” e das suas propriedades.

Outra categoria de *loci* integrados nas cosmologias do Bronze Final foram os gravados de ar livre, de difícil remoção que, desde tempos imemoriais, marcam e celebram

¹⁵ Não excluimos que possam ter residido pessoas, nalguns desses lugares para onde convergem diferentes atividades e onde os indivíduos partilham experiências comuns que envolvem todo um conjunto de práticas de subsistência, de ritos funerários, de ações e cerimónias de caráter público que implicam o manuseamento de artefactos metálicos, entre outros *itens* de grande simbolismo, afirmando relações de parentesco, processos embrionários de territorialização à escala local e de legitimação de grupos de poder, ainda pouco estáveis.

alguns lugares. É possível que alguns destes sítios onde se gravaram cenas de equitação esquematizadas, em situação periférica às composições circulares, possam ser exemplos dessa reutilização. Mencionamos o da Breia/Cardielos, Viana do Castelo (Bettencourt 2005d, neste vol.) e o da Laje da Churra, Careço, Viana do Castelo. Talvez o mesmo se possa presumir em relação a Fornelos, Carreço, Viana do Castelo, com quadrúpedes esquemáticos montados (Bettencourt 2009b) e à rocha 2 da Quinta/Lugar da Barreira, Monção (Marques 1986) onde se observam gravuras similares. Outra hipótese de trabalho é a de que os círculos segmentados, raros em painéis com gravuras de “tipo atlântico ou esquemático”, possam ter a sua origem no Bronze Final (Bettencourt 2010b), dado a sua similitude com representações de rodas de carros, existentes nas estelas da Estremadura Espanhola e do Alentejo, assim como a sua reprodução em artefactos metálicos, como o pendente encontrado em Santo Estêvão da Facha, Ponte de Lima (C.A.F. Almeida *et al.* 1981). Neste caso, sítios como a Bouça da Cova da Moura, Ardegães, Maia, entre outros, teriam persistido atuantes durante este período (Bettencourt 2010b).

Assim, e na continuidade do Bronze Médio, os cenários e as ações de poder parecem ter-se deslocado para os espaços conetados com o mundo dos vivos, como os recintos, os povoados, os lugares de amortização de artefactos metálicos e os lugares marcados por estátuas-menires a revelar uma maior importância do corpo vivo na estruturação da identidade e do poder (Bettencourt 2008, 2009a, 2010a, 2010b). Os lugares ancestrais, como os monumentos megalíticos e os de arte atlântica e esquemática, se bem que integrados no universo cosmológico das populações deste período, parecem ir perdendo, gradualmente, alguma importância como arenas coletivas de negociação e manutenção da identidade e de legitimação do território.

7. A IDADE DO FERRO

A Idade do Ferro no Noroeste inicia-se com condições climáticas quentes e com temperatura das águas do mar superiores às atuais (Ramil Rego *et al.* 2010; Soares 2010), embora, a partir do séc. V AC, se verifique uma nova fase fria que se manterá até à Alta Idade Média (Ramil Rego *et al.* 2010).

Não sendo este um tema de desenvolvimento prioritário deste livro optámos por enunciar apenas algumas problemáticas que lhe são inerentes.

Em primeiro lugar trata-se de um período vulgarmente conhecido como correspondendo à “Cultura Castreja”, expressão criada no âmbito da historiografia histórico-culturalista e que valorizava apenas alguns elementos arquitetónicos, plásticos e artefactuais, característicos do Ferro Recente ou já de um momento em que estas comunidades viviam sob a administração romana, pelo que tem sido rejeitada por muitos investigadores para caracterizar a totalidade deste período¹⁶.

¹⁶ Sobre este assunto consultar M. Martins (1993/1994).

Nas últimas décadas do séc. XX, diversos trabalhos de investigação têm demonstrado que a Idade do Ferro não corresponde a uma realidade homogênea mas sim a um vasto período cronológico que abarca grande parte do I milénio AC, passível de subdivisões internas. As balizas cronológicas e os critérios subjacentes a estas subdivisões constituem outra das problemáticas deste período, pois são variáveis de investigador para investigador, talvez porque se procurem generalizações para “realidades” que tenham sido assimétricas nas suas dinâmicas evolutivas.

Em terceiro lugar há que enunciar as diferentes perspetivas sobre a origem da Idade do Ferro, que se caracterizam por ser, normalmente, antagónicas: há os defensores de que esta etapa se deve à fusão entre populações indígenas e povos exógenos como, por exemplo, os Celtas ou os Túrdulos que teriam conquistado o Noroeste pela força (Cardoso 1964; Silva 1983/1984; 1986; 1990) e os do endogenismo que privilegiam o papel das comunidades da Idade do Bronze neste processo (Martins 1990; 1993/1994; Bettencourt 1999). Recentemente, defendemos a existência de uma fase de transição protagonizada pelas comunidades do Bronze Final, entre os séculos VII/VI e o IV AC, e um Ferro Inicial com inícios no séc. IV AC, embora admitamos assimetrias entre o interior e o litoral, e que poderá, “... consoante as áreas, resultar de fatores essencialmente endógenos ou de um complexo e, ainda, pouco conhecido processo de miscigenação entre populações indígenas e outras, de origem meridional, talvez apenas existente na faixa mais litoral” (Bettencourt 2005f:31).

No âmbito da arqueologia processual, as grandes linhas de investigação privilegiaram as estratégias de povoamento e as características económicas da Idade do Ferro (Martins 1990). No que à economia do Ferro Inicial diz respeito destacam-se duas posturas: a da recessão da agricultura, da metalurgia do bronze, do intercâmbio suprarregional, do “empobrecimento” do espólio cerâmico e do isolamento e autarcia das populações associadas a uma desintegração política e social face à Idade do Bronze (Martins 1990, 1996; Silva *et al.* 1992; Alarcão 1992, 1996) e a que defende uma intensificação das atividades agrossilvo-pastoris, a continuidade e desenvolvimento da produção metalúrgica, embora em novos moldes, e a continuidade do intercâmbio suprarregional (Bettencourt 1999, 2001).

De uma forma geral todos os autores concordam que, a partir do séc. II AC até à conquista romana (no séc. I d.C.), ou seja, no Ferro Recente, se verifica um grande dinamismo. Este caracterizar-se-ia por um crescimento demográfico, uma maior diversidade de estratégias de povoamento, uma monumentalidade generalizada dos povoados acompanhada da petrificação recorrente das suas estruturas (casas, muralhas, etc.), pela construção de unidades familiares ou bairros, por algum proto-urbanismo, por um desenvolvimento das atividades agropastoris e por um vasto número de alterações tecnológicas e de hábitos que evidenciam uma nova interação das comunidades com o meio. Supõe-se que estivessem organizadas em *populi* (*Turduli Veteres*, entre outros, a sul do Douro e *Leuni*, *Seubi*, *Bracari*, *Equesi*, etc., a norte) resultantes de eventuais alianças indígenas, após ou imediatamente antes, da incursão das tropas romanas ao

Norte, comandadas por Décimo Júnio Bruto (Silva 1986; Martins 1990, 1993/1994, 1996; Queiroga 1992; Alarcão 1996, entre outros).

Apesar dos inúmeros estudos sobre a Idade do Ferro do Noroeste português e dos avanços que estes significam em termos do conhecimento deste período, principalmente no que se relaciona com os últimos séculos do I milénio AC há, ainda, um vasto trabalho a realizar no âmbito do Ferro Inicial. Também faltam estudos que tenham como objetivo a conjugação, em rede, de todas as materialidades de cada um dos períodos da Idade do Ferro, em interação com o espaço que partilham, fulcrais para um conhecimento mais alargado e plural destas comunidades no meio onde se inserem e como qual interagem. Referimo-nos, por exemplo, à articulação dos “castros” com outros sítios de difícil classificação, como o Lago, o Frijão, a Aguda/Granja, Granja, Lanheses/margem do rio Lima, etc.¹⁷ e à articulação de todos estes lugares com gravuras rupestres realizadas ou reinterpretadas na Idade do Ferro ou com lugares onde se tem encontrado artefactos metálicos.

¹⁷ Sobre estes sítios consultar Martins (1988), Barbosa & Azevedo (2004/2005); Silva & Pereira (2010) e Silva (2013).



FIG. 1 – Menir de S. Paio de Antas, Esposende.

FIG. 1 – Menhir of S. Paio de Antas, Esposende.



FIG. 2 – Menir de Luzim, Penafiel.

FIG. 2 – Menhir of Luzim, Penafiel.



FIG. 3 – Dólmen do Mezio, Arcos de Valdevez (fot. de António Manuel Sousa).

FIG. 3 – The dolmen of Mezio, Arcos de Valdevez (photo by António Manuel Sousa).



FIG. 4 – Mamoa da Ereira, Afife, Viana do Castelo: aspecto geral e gravuras dos esteios (fot. de Hugo Lopes/Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Viana do Castelo).

FIG. 4 – The tumulus of Ereira, Afife, Viana do Castelo: overview and the engravings of the orthostats (photo by Hugo Lopes/Archaeology Department of the Viana do Castelo Municipality).



FIG. 5 – Gravuras rupestres da Bouça da Cova da Moura, Ardegães, Maia. 5a – Penedo 1; 5b – Penedo 2; 5c – Gravuras do penedo 2. (Seg. Bettencourt).

FIG. 5 – The rock engravings of Bouça da Cova da Moura, Ardegães, Maia. 5.a - Outcrop 1; 5.b - Outcrop 2; 5.c - Engravings of the outcrop 2 (cf. Bettencourt 2010b).



FIG. 6 – Algumas das estruturas e recipientes cerâmicos encontrados nas diversas escavações da Forca, Maia (fots. Arqueologia e Património e Câmara Municipal da Maia e Bettencourt 2010b).

FIG. 6 – Some of the structures and ceramic vessels found in the several excavations of Forca, Maia (photos by Arqueologia e Património and Maia Municipality and Bettencourt 2010b).



FIG. 7 – Gravuras rupestres do Calvo, Viana do Castelo.

FIG. 7 – Rock engravings of Calvo, Viana do Castelo.



FIG. 8 – Localização das Boucinhas, Regueira, Ponte de Lima.

FIG. 8 – Location of Boucinhas, Regueira, Ponte de Lima.



FIG. 9 – Aspecto geral de Monte Calvo, serra da Aboboreira, Baião.

FIG. 9 – Overview of Monte Calvo, Mountains of Aboboreira, Baião.



FIG. 10 – *Tumulus* de Outeiro de Gregos 1, serra da Aboboreira, Baião (em 2.º plano) e estrutura periférica (1.º plano) (seg. V.O. Jorge 1980).

FIG. 10 – Tumulus of Outeiro de Gregos 1, Mountains of Aboboreira, Baião (in the background) and peripheral structure (in the foreground) (cf. V.O. Jorge 1980).



FIG. 11 – *Tumulus* de Vale de Chão 1, Carvalho mountain, Braga (seg. Luís Loureiro).

FIG. 11 – Tumulus of Vale de Chão 1, Serra do Carvalho, Braga (photo by Luís Loureiro, adapted).

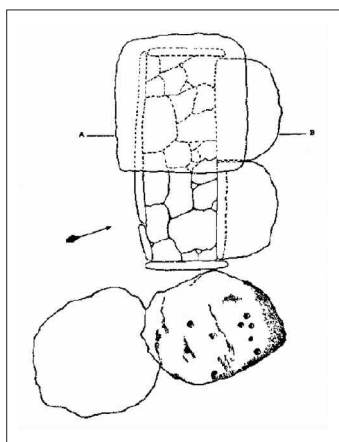


FIG. 12 – Cista da Quinta de Água Branca, Vila Nova de Cerveira (seg. Fortes 1906).

FIG. 12 – Cist of Quinta de Água Branca, Vila Nova de Cerveira (cf. Fortes 1906).



FIG. 13a – Túmulo 1 de Vale Ferreiro, Serafão, Fafe (fot. da Câmara Municipal de Fafe).

FIG. 13a – Tomb 1 of Vale Ferreiro, Serafão, Fafe (photo from Fafe Municipality).



FIG. 13b – Túmulo 2 de Vale Ferreiro, Serafão, Fafe.

FIG. 13b – Tomb 2 of Vale Ferreiro, Serafão, Fafe.



FIG. 13c – Espirais encontradas no túmulo 2 de Vale Ferreiro, Fafe (fot. de Manuel Santos/Museu D. Diogo de Sousa).

FIG. 13c – Spirals found inside tomb 2 of Vale Ferreiro, Serafão, Fafe (photo by Manuel Santos/D. Diogo de Sousa Museum).



FIG. 14 – Oferendas e objetos de adorno do enterramento da cista da Quinta de Água Branca, Vila Nova de Cerveira (seg. I. Silva 1995).

FIG. 14 – Offerings and adornments from the burial of the cist of Quinta de Água Branca, Vila Nova de Cerveira (cf. I. Silva 1995).



FIG. 15 – Oferendas dos enterramentos de Chã de Arefe 1 e 2, Barcelos (seg. Bettencourt 2009a).

FIG. 15 – Offerings from the burials at Chã de Arefe 1 and 2, Barcelos (cf. Bettencourt 2009a).

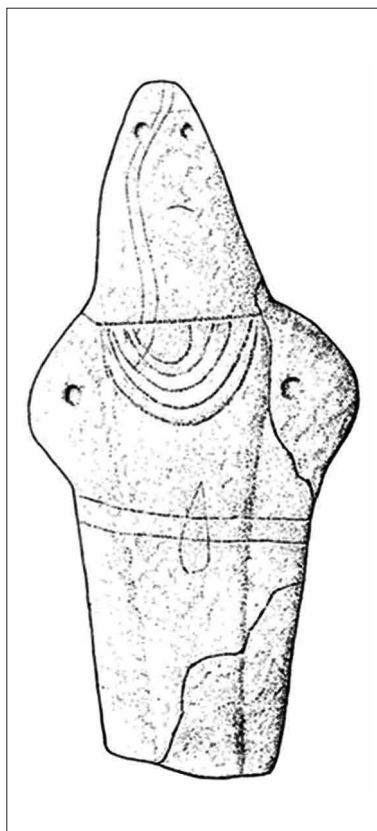


FIG. 16 – Estela-menhir da Boulhosa, Paredes de Coura (seg. Bueno *et al.* 2005).

FIG. 16 – Stela-menhir of Boulhosa, Paredes de Coura (cf. Bueno *et al.* 2005).



FIG. 17a – Monte Castro/Cova da Bouça, Esposende, na plataforma litoral, entre o Neiva e o Cávado.

FIG. 17a – Location of Monte Crasto/Cova da Bouça, Esposende, on the coastal platform, between rivers Neiva and Cávado.



FIG. 17b – Depósito metálico (fot. de Manuel Santos/Museu D. Diogo de Sousa).

FIG. 17b – Metallic deposit (photo by Manuel Santos/ D. Diogo de Sousa Museum).

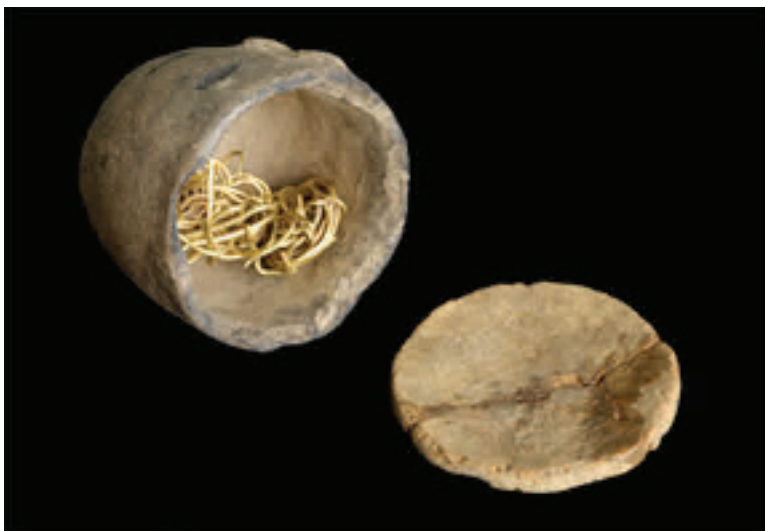


FIG. 18 – Depósito do Lugar da Mata, Sequeade, Barcelos (seg. Bettencourt 2009a).

FIG. 18 – Hoard of Lugar da Mata, Sequeade, Barcelos (cf. Bettencourt 2009a).



FIG. 19 – Braceletes do depósito da Penouta, Arnozela, Fafe (seg. Armbruster & Parreira 1993).

FIG. 19 – Bracelets from the hoard of Penouta, Arnozela, Fafe (cf. Armbruster & Parreira 1993).

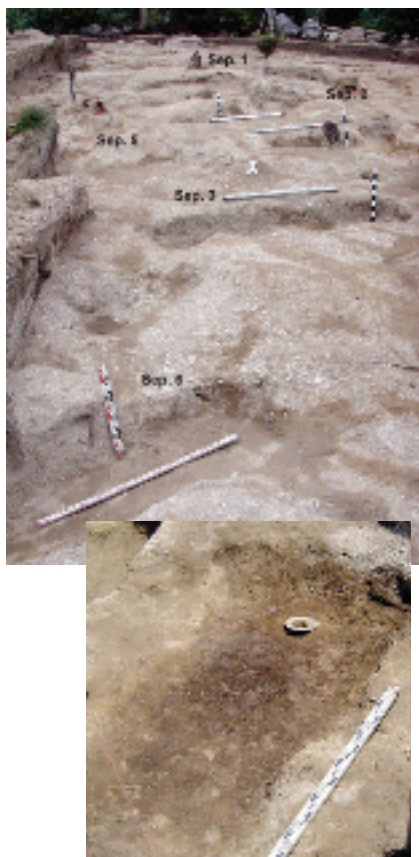


FIG. 20 – Necrópole do Pego, Braga.

FIG. 20 – Necropolis of Pego, Braga.



FIG. 21 – Sepultura da necrópole de Agra de Antas, Esposende (seg. Soeiro 1988).

FIG. 21 – Cist of the necropolis of Agra de Antas, Esposende (cf. Soeiro 1988).



Fig. 22 – Localização do povoado do Coto da Pena, Caminha.

Fig. 22 – Location of the Coto da Pena settlement, Caminha.



FIG. 23 – Localização do povoado de Santo António, Viana do Castelo.

FIG. 23 – Location of the Santo António settlement, Viana do Castelo.



FIG. 24 – Localização do povoado de Guifões, Matosinhos.

FIG. 24 – Location of the Guifões settlement, Matosinhos.



FIG. 25 – Mapa com indicação do lugar de Forninhos, Castelões, Chaves, onde apareceram duas estelas com motivos típicos do sudoeste da Ibéria.

FIG. 25 – Map with the location of Forninhos, Castelões, Chaves, where two stelae with iconography of the South-western Iberia were discovered.

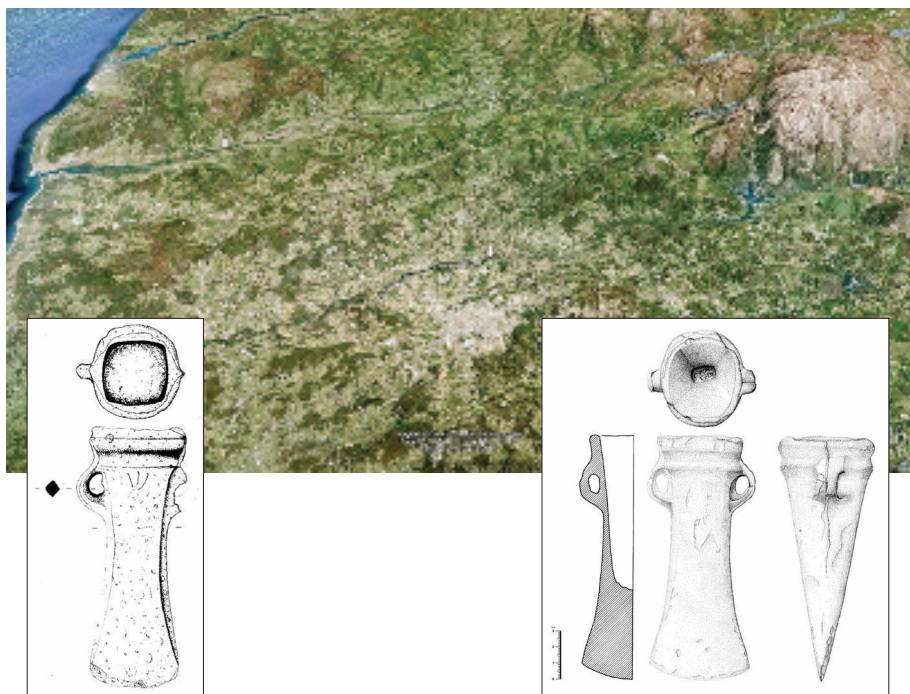


FIG. 26 – Local do achado dos machados de alvado nos rios Cávado e Lima (de sul para norte) e respetivos artefatos (seg. Bettencourt 1988; C.A.B. Almeida 1990).

FIG. 26 – The crossing place of rivers Cávado (south) and Lima (north) where two socketed axes s were found (cf. Bettencourt 1988; C.A.B. Almeida 1990).

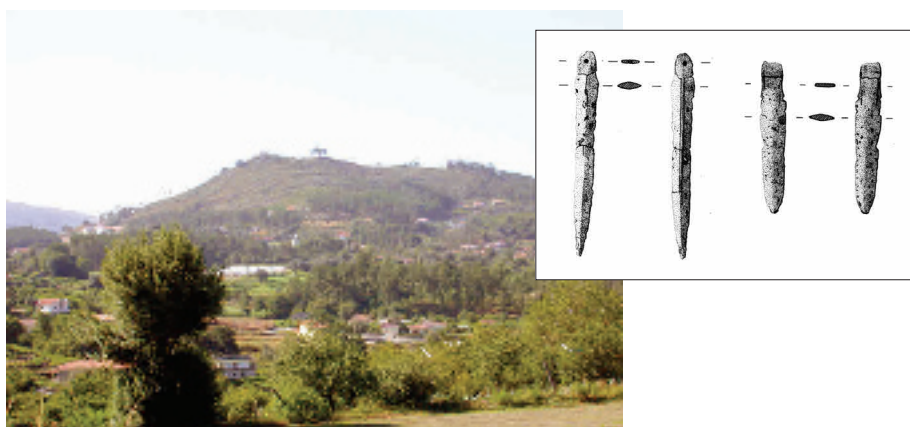


FIG. 27 – Localização de S. Julião, Vila Verde, e punhais depositados no interior do fosso que rodeava a entrada da “muralha” da plataforma superior (fonte dos punhais: Martins 1990).

FIG. 27 – S. Julião, Vila Verde, and the daggers deposited inside the ditch that surrounded the wall entrance (source of the daggers: Martins 1990).



FIG. 28 – Localização de Castelo de Matos, Baião.

FIG. 28 – Location of Castelo de Matos, Baião (photo by <http://joaquimfreixo-mundosparalelos.blogspot.pt/2012/12/castelo-de-matos-baiiao.html>).



FIG. 29 – Localização do recinto do Moinhos de Gola, Montalegre e fotografia de um dos punhais aí encontrado (fot. de João Fontes).

FIG. 29 – Location of the Moinhos de Gola enclosure, Montalegre, and photograph of one of the daggers found (photo by João Fonte).

1. THE NORTH-WEST. BRIEF PHYSICAL CHARACTERISATION

North-Western Portugal (from the old provinces of Minho to the coastal Douro region) is part of the Hesperian Massif, where the hercynian granitoid rocks are predominant and distributed in an amphitheatre from coast to inland. The higher altitudes are the summits of the mountains that, from Peneda to Cabreira, are oriented from north-north-west to south-south-east, interspersed by river valleys that constitute real connection passages between the coast and inland.

If the geomorphology of the main reliefs of the region remained stable during the Quaternary period, the same cannot be stated in relation to the coast. During the Pleistocene the coastal line had significant modifications associated with regressions and transgressions due to glacial and interglacial climate events. The temperature during the last glaciation was from 2 to 11.3 °C, lower than today's global average, resulting in a coastal line regression from 120 m to 130 m below average. In the early Holocene, between 18,000 and 6,000 BP, the rapid warmth inevitably led to the Flandrian transgression, and since then the average sea level began to slowly rise, continuously until today¹.

Mineralogically speaking, the North-West belongs to the metallogenic ante-hercynian or hercynian province of the Hesperian Massif, rich in tin, iron, gold and silver minerals. Mineral waters, clay and salt are other non-metallic mineral resources abundant in the region.

2. THE PALAEOLITHIC

The paleoclimatic and palaeoenvironmental conditions, which characterised the Pleistocene, are not known in detail for the Portuguese North-West, even though this region suffered various glacial–interglacial climate cycles that affected Europe.

The **Lower Palaeolithic** is known in the northern area for at least 250,000/200,000 years. The Acheulean is characterised by various stone tools, such as bifaces, cleavers, trihedrals, knapped pebbles, as well as by non-standardised flake tools, such as scrapers, denticulates and notches, backed knives, amongst others (Meireles 2009). These findings can be seen in the archaeological site of Marinho, Afife, in Viana do Castelo (Meireles 1992, 1994). In the coastal area we can see the Acheulean techno-complex in Cerro, Madalena, in Vila Nova de Gaia, with a high number of bifaces and cleavers (Monteiro-Rodrigues & Cunha Ribeiro 1991; Monteiro Rodrigues & Sanches 2006), as well as in Aguda beach, Valadares, in Vila Nova de Gaia, and in the streams of Laje (Modivas de Baixo) and Berroços (Santa Cristina de Malta), both in Vila do Conde. Also, in Leça estuary (Dock No. 2 and the Bonded Warehouse), and in Farol da Boa Nova, both in Matosinhos, some individual artefacts related to this period have also been found (Pina 1962; Zbyszewski 1957; Monteiro-Rodrigues 2000).

¹ A good summary on this subject can be found in I. García-Amorena *et al.* 2007.

The **Middle Palaeolithic** is not very well known in North-Western Portugal, although we can relate to this period the sites: Forte do Cão, Gelfa, in Vila Praia de Âncora (Meireles 1992, 2009), and possibly the current beach of Angeiras Sul, in Matosinhos, where a quartzite discoid core was found in a terrace classified as belonging to the Eemian period (Bettencourt 2010b).

In this period, most of the bifaces have disappeared, while flake tools become more predominant, sometimes showing great technical expertise and standardised manufacturing, apart from some unifacial knapped pebbles (Meireles 1992, 2009).

During the **Upper Palaeolithic**, communities inherited strong technological traditions from earlier periods, becoming part of the macrolithic techno-complexes commonly known as *Ancorense*. These are defined by a majority as flake tools, such as burins, scrapers, borers, denticulates and notches, endscrapers, knapped pebbles, and “pics”, “*instruments of sub-triangular or sub-rectangular contours, generally made from pebbles (...) defined by a unifacial knapping represented by a set of converging and/or sub-parallel bilateral flaking, which distinguishes a functional area characterised by a robust distal pointed end, making a sub-triangular or sub-trapezoidal section...*” (Meireles 2009:44). The latter can be found, for example, in Forte do Cão, Gelfa, in Vila Praia de Âncora (Meireles 1992, 2009).

3. THE EPIPALAEOLITHIC

The early Holocene period is characterised by great climatic and environmental changes, namely: a gradual warming of the average temperatures, although with some short cold episodes; the thawing of glacial ice caps in the mountains of Peneda-Gerês; warming and rising of the average sea level; the expansion of shrub vegetation and the beginning of the arboreal domain with mild temperature characteristics, with the dominant presence of pine trees and birches at a first stage, and hazels and oaks posteriorly (Gomez-Orellana *et al.* 2001). At elevations above 600 m or 700 m, the vegetation was also composed of shrubs and herbaceous plants (Gomez-Orellana 2002; Ramil Rego *et al.* 2008). The climatic and environmental changes also contributed to modifications on the continental, river and marine fauna, and to a greater diversity of species.

In the North-West, macrolithic sites in river and marine resources have been credited to the Epipalaeolithic, although the lack of systematic chronostratigraphic studies for this period does not allow great chronological considerations. Additionally, it is acknowledged that the artefacts of colluvium Cr3 of Forte do Cão, in Vila Praia de Âncora, may belong to this generic period (Meireles 1992, 2009), as well as some objects of the Leça estuary, in Matosinhos (Pina 1962). In all these sites, it is noticeable the technological traditions of earlier periods, where these tools are part of the macrolithic techno-complexes.

In the inland regions, human groups occupied granite rock shelters overlooking small valleys, which were favourable to the movement of herds of wild animals, such as

the case of Rock Shelter 1 of Vale de Cerdeira, in Vieira do Minho, occupied between the end of the 6th and the beginning of the 5th millennia BC. They were carriers of microlithic technologies different from those known for the coastal areas, and probably more oriented to activities related to hunting of medium- and small-sized animals (Meireles 2009, 2010).

4. THE NEOLITHIC

The Neolithic corresponds roughly to a period between the end of the 6th and 4th millennia BC, being divided into Early Neolithic and Middle/Late Neolithic in cultural terms.

During these 2,000 years, the pollen data indicate that the North-West had a climatic optimum, with mild temperatures favourable to the expansion of deciduous woods, predominantly of oak, hazel and birch, with scattered meadows with bush and thicket formations in high mountain crests (Allen *et al.* 1996; Muñoz Sobrino *et al.* 1997; Ramil Rego *et al.* 1998; Gómez-Orellana 2001; Gómez-Orellana *et al.* 2010; Ramil Rego *et al.* 2010; López Sáez *et al.* 2010).

The Early Neolithic is poorly known due to a lack of research projects aimed at this chronological and cultural period. Occupations in granite rock shelters overlooking small sheltered valleys, as well as open-air occupations associated to humid and well irrigated areas have been discovered. On the first case, we highlight the most recent rock shelter occupation at Vale Cerdeira 1, in Serra da Cabreira, in Vieira do Minho (Meireles 2009; 2010). In the second case, we distinguish the settlement of Lavra I, in Marco de Canaveses, where several hearths built in small pits, ceramics and lithic artefacts are distributed throughout a 400 m² surface, located in a sheltered platform on the south-west slope of Serra da Aboboreira, with a good domain over well irrigated valleys, dating between mid-6th and 5th millennia BC or from the first half of the 5th millennium (Sanches 1995, 1997). Another example of an open-air site is Bolada, in Lameira plateau, in Celorico de Basto, where lithic artefact remains and ecofacts related to open pits that were excavated into bedrock were dated to the second half of the 5th millennium BC (Sampaio & Carvalho 2002). As other examples of open-air occupations, we highlight the one located over the megalithic tumulus of Leandro 2, in Maia, from the transition from the 6th to the 5th millennia, or from the first half of the 5th millennium BC. Here, sherds (some with incisions and impressions) and two granite mullers were uncovered (Valera & Antunes 2008). In identical circumstances, evidence of Early Neolithic occupations was discovered in the archaeological sites of Furnas 2, Mina do Simão, Chã de Santinhos 1 and 2, and possibly over the tumulus of Lavra, all of them in Serra da Aboboreira and surrounded by megalithic monuments, which would suggest that they were prior to the end of the 5th and early 4th millennia BC (V.O. Jorge 1984a, 1985; V.O. Jorge *et al.* 1987, 1988; Sanches 1997, 2000).

These places, with perishable construction materials and where we observe pits,

hearths, postholes, ceramic vessels and lithic artefacts (in polished and flaked stone), should be interpreted as temporary occupations of communities of low demographic density, still guided by a tendency for mobility, and holding economies of broad spectrum, highly dependent on hunting, fishing and gathering (V.O. Jorge 1981; Sanches 1997, 2000; S.O. Jorge 1999; Monteiro-Rodrigues 2000).

In the regional Middle/Late Neolithic, between the second half of the 5th and the end of the 4th millennia BC, it is also rare to discover settlements, even though V.O. Jorge (1991) and D. Cruz (1992) considered the hypothesis of their existence in Serra da Aboboreira. There is known evidences of precarious structures, dating from the 5th to the beginning of the 4th millennia BC, under the buried soil of the tumulus of Cabras, in Baião (Stockler 1998), and dating from the beginning of the 4th millennium BC, under the tumulus of Vale de Chão I, in Braga, in a sheltered and well irrigated area in Serra do Carvalho, relatively near the megalithic necropolis of Pena Província². Such characteristics indicate that communities may have had a great availability for mobility, although we presume that agro-pastoral activities may have intensified in relation to the earlier period. However, it was at this moment, if not earlier, that communities built the first monumental architecture of ceremonial character in stone. In other words, the first artificial scenarios were built, which transformed and marked physically and symbolically the surroundings in the long term.

We refer to the menhirs that, possibly originating from the Early Neolithic, distinguish, mark or commemorate places of collective importance, often placed in liminal areas. They presumably relate to a plurality of meanings probably concerned with astral, fertility and death cults, and the marking of territories of existence, bearing in mind the contexts of their finding and morphologies. As an example, we refer to the S. Paio de Antas menhir, in Esposende (Fig. 1), and the menhir of Aldeia, in Viana do Castelo, both located on hills with great visibility to the surrounding area (Bettencourt 2009a). The former appears to have been enclosed by a ditch, having evidences of activities in the vicinity, proved by sherds and lithic fragments found when building a house in the area. Other significant places are those where the menhirs of Marco da Anta, in Ponte da Barca (Silva *et al.* 1989), and the menhir of Luzim, in Penafiel (Fig. 2) (Santos Júnior & Aguiar 1940; Lanhas & Brandão 1965), in association with megalithic necropolises, and the menhir of Marco da Jugada, Cinfães, in Serra de Montemuro (Silva 2003), were erected.

Certainly from this period are the funerary megalithic monuments provided with tumuli and more or less megalithic chambers. From its geographic distribution, the communities that built them occupied not only the land at the foot of the valley, hillside or top mountain crest, but also the coastal platform, with a great diversity of architectural solutions and possibly of funerary rites. Unfortunately, the latter are impossible to detect given the constant violations that these monuments were subjected for centuries,

² Vilas Boas, personal information.

and the acidity of the soils which prevents the conservation of osteological remains.

These megalithic tombs are frequently gathered in relatively restricted spaces forming large necropolises. Therefore, these are the result of addition processes in a territory shared by communities where the monuments are being built, used and then closed, according to the necessity; a process that lasted for more than a thousand years. This suggests the importance of these collective and symbolic places shared by various population groups in the long term.

As examples of relatively preserved necropolises in the North-West, we refer to the ones existing on: the plateau of Castro Laboreiro, in Melgaço (V.O. Jorge *et al.* 1997); Chã do Marco da Quebrada, in Valença (V.O. Jorge 1982); Chã do Mezio, in Arcos de Valdevez (Fig. 3) (Soares 2000, 2005); Britelo-Mosteirô, in Ponte da Barca; the plateau of Vila Chã, in Esposende (Silva 1994); Monte do Borrelho, in Vila Verde (Bettencourt 1998); the plateau of Lameira, in Fafe/Celorico de Basto (Bettencourt & Fontes 1993/1994); Serra da Aboboreira, in Baião/Marco de Canaveses (V.O. Jorge 1982; Cruz 1992); Monte Mózinho, in Penafiel (Leal 1987/1988).

Despite the great number of monuments registered, only a few areas were subject to systematic excavations integrated in research projects, which led to monographs and synthesis, namely: Serra da Aboboreira and the plateau of Castro Laboreiro (V.O. Jorge 1982, 1989, 1992; Faro *et al.* 1988; Cruz 1992, 1995, 2000; Cleto 1993; Moreira & Carneiro 1995; Stockler & Varela 1995; Baptista 1997; V.O. Jorge *et al.* 1997; Stocler 2000, amongst others), and the coastal area between the rivers Minho and Cávado (Silva & Marques 1986; Silva 1988, 1990-1992, 1993, 1994, 1995, 1997, 2003). Sporadically and by various reasons, other archaeological interventions were held on other megalithic monuments, such as in the tumuli of Vila Fria, in Viana do Castelo (Sousa 1989), of Cerro (unpublished) and of Gestosa (V.O. Jorge 1984b), both in Vila Nova de Gaia. In addition, the tumuli of Leandro 2 (Fig. 2), 4 and 5, in Maia (Almeida & Fernandes 2008) were also excavated, as well as more inland areas, such as the tumuli of Chão da Cheira 10, in Vila Verde (Bettencourt 1991/1992a), of Chã do Mezio 6, in Arcos de Valdevez (Soares 2000, 2005), and of Leiras das Mamas, in Braga (Bettencourt 2005a).

Taking into account the scarcity of “absolute” dates from the majority of these contexts³, it becomes difficult to establish an evolutionary framework on the origins, times of use and abandonment of this phenomenon for the entire North-West. It is only possible to identify three major phases. The first corresponds to the end of the 5th millennium BC, where small mounds, covering chambers defined by lithic rings (Alto da Portela do Pau 3, Castro Laboreiro), closed dolmens (Chã de Parada 4, Meninas 2, Furnas 2, Aboboreira) or dolmens eventually opened (Outeiro de Ante 3, Aboboreira) were built. The mid-phase belongs to the first half of the 4th millennium BC, where great tumuli with open chambers (Alto da Portela do Pau 2), passage graves (Chã de

³ With the exception of the necropolis of Serra da Aboboreira. Its chronological proposals can be seen in V. O. Jorge (1982), D. J. Cruz (1992) e C. Stockler (2000).

Parada 1, Aboboreira) and pits (Chã de Santinhos 2, Aboboreira) were built. Finally, the third phase belongs to the second half or mid-4th millennium BC, where topographically imperceptible monuments were raised (Chão da Cheira 10, Borrelho), probably in simultaneous with other typologies. Thus, it shows a variety of formal solutions throughout more than a thousand years, which raises issues of cultural and chronological diversity, and even of social differentiation during this period.

If simple closed chambered tombs, maybe related to individual burials, open dolmens with a small passage or with an access corridor to the outside world (sometimes provided with an atrium at the entrance) can be associated to a short period of use, they would constitute true monuments of collective burials that would occur successively. It is probable that the entrance in these big tombs, frequently engraved and painted, were only accessible to some individuals (V.O. Jorge 2002) to whom the society conferred the power to manipulate the bodies of the ancestors and of the new interred, to direct rituals and decipher painted or engraved symbols (Bettencourt 2008b). Probably, only in the atriums would more wide-ranging population groups be allowed to practise rites for the ancestors buried there or for their spirits. Therefore, we would stand before tomb-temples whose “... *exterior wall functioned as a stage where some would give others sight of only what they wanted them to see, keeping to themselves what they would do inside the funerary crypt. In this sense, these larger monuments could be seen as devices of legitimation and social differences...*” (V.O. Jorge 2000: 364). This suggests communities with social inequalities between members, making plausible the hypothesis that a great number of individuals could participate in rites and in the construction of these monuments even though only a few would be buried there.

The ancestry cult could also be inferred by the construction of these large passage graves in the vicinity of isolated tombs, and sometimes by the inclusion of older tombs under the mounds of more recent ones, as it happens in the tumulus of Arriba/Cruzinha, in Esposende (Bettencourt 2009a), and in a partial way in the tumulus of Tapada de Sequeiros 5, in Penafiel (Leal 1987/1988).

It seems to be mostly in the context of these tomb-temples of a more elaborate architecture that paintings (in black, red and white) and/or engravings on chamber and corridor orthostats appear, in complex compositions, accentuating the scenic and esoteric character of these ceremonial spaces associated with the dead and their spirits and eventually with a solar cosmology, presumably occurring during a great part of the 4th millennium BC.

Till this date, over a dozen of engraved or painted tombs are known in the North-West (Sanches 2010). In these circumstances we highlight the passage graves of Leira de Mamas, in Braga (Bettencourt 2005a, Bettencourt *et al.* 2013), of Rapido 3, Antela da Portelagem and Cimo de Vila, all in Esposende (Silva 1990/1992, 1997). We also highlight the tumulus of Eireira/Afife, in Viana do Castelo, where in the interior of the chamber and corridor six orthostats were decorated with engravings and paintings (Fig. 4). The motifs represented are schematic, one in a star shape and one anthropomorphic

that dominates the whole internal surface of orthostat No. 6, transforming it in a stela (Silva 1993, 1997, 2003). Another engraved tomb is the dolmen of Pedreira/S. Romão of Neiva 1, in Viana do Castelo, presenting streaked motifs on the head orthostat and what resembles a schematic animal figure on an orthostat of the corridor (Silva 1997). We also emphasise the tumulus of Lordelo/Chafé, in Viana do Castelo, also with engravings (Silva & Marques 1986), and the tumulus of Leandro 4, in Maia, with a painted sun-shaped motif, amongst other geometric motifs (Ribeiro *et al.* 2009; Ribeiro & Loureiro 2010). For more inland regions, we emphasise the open dolmen of Alto da Portela do Pau 2, in Melgaço, with engravings and paintings (V.O. Jorge *et al.* 1997; Baptista 1997), and also the dolmen with a small passage of Batateiro, in Melgaço, with varied engravings. It is also significant the open funerary chamber of Lapa da Moura/Chão de Cabanos 1, in Ponte da Barca, where engraved and painted motifs coexist (Baptista 1997). Other major monuments where these symbolic expressions existed are the dolmens of Chã de Parada 1 and 3, in Baião, in Aboboreira (Thowig 1981b; Sousa 1988), the dolmen of Padrão, in Paredes (Cruz & Gonçalves 1994) and Chã do Brinco 1, in Cinfães, a place where an anthropomorphic stela was deposited (Silva 1993b).

As mentioned earlier, megalithic monuments were not the only funerary contexts of this period. We believe that Neolithic communities used granite rock shelters for this purpose, which can be the case of Penedo da Cuba, in Coriscada, in the parish of Soalhães, Marco de Canaveses, in Serra da Aboboreira (Sarmiento 1982), in fact, not far from the Neolithic settlement of Lavra I. It is an open cavity facing east that was closed by a stone structure and that served as a necropolis. Axes, one stone chisel, arrowheads, blades and ceramic vessels associated with human remains, mainly “...more than a dozen skulls...” were deposited there, as reported by Sarmiento in 1888 (Lima 1940: 189).

It is probable that within the scope of the Neolithic some open-air outcrops, located in places that we believe are of great collective and religious importance, following R. Layton’s (2001) direction, were engraved as a way of interacting and celebrating the experienced space. We refer to what is called “Iberian Schematic Art”, which, by being difficult to insert chronologically and culturally, its origins are being pushed back to the Neolithic due to similarities between some symbols inscribed in megalithic monuments and open-air rock sites (Bueno & Balbín 1992, 2003; Bradley & Fábregas 1999; Sanches 2008/2009), and also to similarities between these places and rock shelter paintings in the North-West (Sanches 1997); even though it is admitted the persistency and reuse of some of these places in posterior moments (Sanches 1997; Bradley *et al.* 2005).

Differently to what was thought in the 20th century (Baptista 1987), its geographic distribution also occupies a great part of the Portuguese North-West, although it remains less significant on the coast. As an example of these types of sites, in which the senses are enhanced by the symbolism of signs, we highlight Gião 1 and 2, in Arcos de Valdevez, in the surroundings of the megalithic nucleus of Chã do Mezio (Baptista 1981a), Chã da Rapada, in Ponte da Barca (Martins 2006), the ones near Britelo necropolis (Bettencourt in this vol.) and the one from Fieiral, in Melgaço (Dordio 1995;

Bettencourt & Rodrigues, in this vol.), in the centre of the megalithic necropolis of the plateau of Castro Laboreiro. On the coastal facade, we highlight the southern slope of Monte de Góis, in Caminha, overlooking a small reception basin of a tributary stream of river Coura (Alves 2009; Valdez 2010). Another paradigmatic place seems to be Bouça da Cova da Moura in Ardegães, Maia, where schematic engravings are on some rocks, which accumulate on a small hill near megalithic monuments (Fig. 5) (Bettencourt *et al.* 2008; Bettencourt 2010b; Ribeiro *et al.* 2010).

Moreover, the hypothesis that some of these themes of Atlantic Rock Art could have initiated in the Neolithic by the similarity of motifs found in the interior of megalithic monuments (for example, some simple circles and some grids), in a region marked by the gathering of various stylistic traditions, is not excluded (Alves 2003, 2009).

5. THE CHALCOLITHIC

Between the end of the 4th and the third quarter of the 3rd millennia BC, significant changes were noticed in the interaction of human groups with the environment, which justifies a new chronological and cultural period called Chalcolithic.

In a physical environment increasingly colder and drier than in the Neolithic (Fábregas *et al.* 2003; López Sáez & Cruz 2002/2003; Martínez-Cortizas *et al.* 2009), the occupation of lower areas becomes more frequent. These are now observed in plateaus, granite cavities or truncated spurs, of medium altitude, or in the hills in alluvial valleys or in the coastal platform. Although they could obey to factors of symbolic order, such settlement strategies will also be interrelated with the possibility of the development of a wide diversity of subsistence activities. They also suggest higher occupational density, longer occupation time in each place and an increase in the way of life of the tributary agro-pastoral activities, without excluding the gathering and use of river and coastal resources (Bettencourt 2007, 2009a).

In granite spurs associated to rock shelters and/or to chaotic masses, settlements were discovered, namely: in Monte da Madalena, in Ponte de Lima; in S. Julião, in Vila Verde; in Santinha and in Chã da Joubreia, in Amares; in Santa Marta da Falperra, in Braga; in Castelo de Lanhoso, in Póvoa de Lanhoso; in Castelo de Faria, in Barcelos (Bettencourt 2007, 2009a); and in Cova da Bouça, in Esposende (Bettencourt 2005a). This type of occupation is in contrast to that of Bitarados, in Esposende, where a settlement was built in a granite cavity of the plateau of Vila Chã, without outcrops or rock shelters nearby, in the first half of the 3rd millennium BC (Bettencourt *et al.* 2003b; Bettencourt *et al.* 2007). It also contrasts with the occupations in the hills of the valley, such as: the one in Monte da Ínsua, in Guimarães, near river Ave; in Quinta do Paço, in Arcos de Valdevez, overlooking river Vez (Bettencourt 2007, 2009a); or in Quinta S. Martinho/Gandra, in Esposende (Sousa 1981/1982), near river Cávado. There were also occupations in platforms of middle and lower slopes, as in the case of Covelinhos at the foot of Monte da Franqueira, in Braga (Barbosa & Azevedo 2004/2005; Bettencourt

et al. 2007), and near the present coastline as, for example, in the beach of Angeiras, in Matosinhos (Bettencourt 2010b).

In Bitarados, in the various levels of occupation/abandonment, pavements and postholes belonging to huts made of oak wood and branches of shrubs, probably broom, could be found, as suggested in the results provided by anthracology (Figueiral & Bettencourt 2007). Pits and hearths were also detected. Along these structures many and various artefacts have been found, for example: arrowheads, in flint and slate, retouched blades and flakes in flint and quartz, beads in clay and variscite, millstones and ceramics of Penha type profusely decorated (Bettencourt *et al.* 2003); seeds of cereals, legumes and fruits, and bones of domestic animals. These findings, analysed together, allow the classification of this place as a possible settlement of medium/long duration, occupied by people with agricultural and pastoral vocation, although turning to gathering and hunting activities as well. In the immediate vicinity they must have grown naked wheat grain, barley and broad beans. The presence of weeds associated with the winter and summer crops seem to support the hypothesis that agricultural activities were held throughout the year.

The gathering may have consisted of fruits, such as acorns and berries, although the presence of the hazelnut tree, arbutus tree and possibly chestnut tree, near Bitarados, witness the possibility of gathering a wide range of fruits. Vegetables as wild radish, whose roots, stems, leaves, flowers and seeds are edible, were also gathered (Bettencourt *et al.* 2007).

The exhumed remains of fauna indicate herding of sheep and goats, and perhaps cattle. In the woods, where the oak dominates, would have lived deer, which were consumed, as well as sheep and goats (Cardoso & Bettencourt 2008).

Also in Covelinhos, the stratigraphy indicates a continued occupation of populations between the second quarter and the mid-3rd millennium BC, which would have been dedicated either to agriculture, bearing in mind the location of the archaeological site and dimensions of millstones found there, or to the gathering of fruits, such as wild roses and acorns (Bettencourt *et al.* 2007).

In the North-West, other type of places provided with monumental structures, similar to other regions of the Peninsula, can be found. This is the case of Sola/Bouça do Ouro, in Braga, where the Chalcolithic populations occupied a hill in the Cávado valley (2885-2305 BC), and built there stony base structures of large-scale (walls?), of more than 2.5 m wide and eventually “strongholds”. The poor conservation of the stone structures and its re-use during the Middle Bronze Age raise more questions than answers (Bettencourt 2000b). However, in light of the findings of Crasto de Palheiros, Castelo Velho de Freixo de Numão and Castanheiro de Vento in the North-East and Alto Douro, maybe we can interpret this place as a great monumentalised enclosure, functioning as an identity cluster and organiser of new landscapes under the Chalcolithic settlement of the middle section of Cávado valley (Bettencourt 2007, 2009a). Similar role may have had the grounds of Forca, in Maia, located in a plateau in the middle section of river Leça already used since the Neolithic, as evidenced by some existing

megalithic monuments (Bettencourt 2010b). In Forca, with several acres of extension, ditches and palisades were built, containing pit-house structures and hearths, amongst others (Fig. 6), in use at least between 2610-2340 BC and 2414-2228 BC (Valera & Rebugue 2008; Bettencourt 2007, 2010b).

A collective role of great importance in structuring the world of the 3rd millennium BC communities seems to have had Monte da Penha, in Guimarães, a place of deposition of ceramic vessels (some of them exceptional) of lithic and metal artefacts in granite rock shelters and joints (Sampaio *et al.* 2009).

New ideological concepts can be interpreted also through the circulation and use of various artefacts and new types of burials. In the first case, we highlight the metal artefacts in copper, and sherds with oculated decoration; the latter found in Monte da Penha, in Guimarães, and in Chã do Castro/Joubreia, in Amares. The vases with this decorative motif are rare in the Iberia. However, the same motif can also be found in stone idols, on slate and clay plates, in the phalanges of deer, and in the paintings of rock shelters, which enhances its exceptional character and high symbolic value. Regarding the sepulchral world, it seems that the great megalithic constructions have ceased. The possibility of the construction of small tombs of Neolithic burial tradition with small and low chambers barely visible, such as the megalithic cist of Chã do Carvalhal 1, in Baião (Cruz 1992), together with the reuse of megalithic monuments materialised by the deposit of ceramics of Penha type, lithic artefacts and bell beaker vessels have been suggested; actions which may be interpreted as a way of appropriation and integration of the past or of the ancestors by the Chalcolithic communities (Bettencourt 2007, 2009a).

Nevertheless, the amount of Chalcolithic deposits in each of these tombs is always scarce, allowing us to hypothesise that the individuals buried there were not common individuals but were indeed who carried importance and social prestige given by the community even after death. We highlight the case of Vila Chã, in the plateau of Esposende, in the vicinity of Bitarados settlement, where megalithic tombs exist and are integrated in cosmologic universes of the Chalcolithic populations (Bettencourt *et al.* 2003b). We refer to the dolmens of Antela da Portelagem, where a bell beaker vessel was deposited, and Bouça do Rapido 3, where a flint halberd and a bell beaker vessel were found. Other Neolithic tombs where this type of vessels arise are the one from Alto da Portela do Pau 2, in Castro Laboreiro (V.O. Jorge *et al.* 1997), the ones from Ereira/Afife, Pedreira de S. Romão do Neiva 1 and Lordelo/Chafé, all in Viana do Castelo (Silva 2003), and the ones from Outeiro de Ante and Chã de Parada 1, in Aboboreira (V.O. Jorge 2000). We emphasise that the bell beaker phenomenon is known in the North of Portugal since the first half of the 3rd millennium BC, therefore embracing great part of Chalcolithic and not only in its final moment (Bettencourt 2011).

Funerary contexts in pits seem to have equally existed in this period, as it seems to be the case of Vargo, in Fafe, where a bell beaker vessel was deposited (Bettencourt 1991/1992b, 2009a; 2011), or in the vicinity of the tumulus 5 of Leandro, in Maia, where a pit was associated to ceramics of Penha type (Bettencourt 2010b).

It is possible that burials in joints and granite rock shelters were also used, as is the case of Monte da Penha (Cardoso 1960; Sampaio *et al.* 2009), or Monte Córdova, in Santo Tirso, where stone axes of different dimensions and morphologies were deposited under an outcrop. According to Abbot Pedrosa, one of them had “*on one side a cut and on the other a borer or sharp point*” (Lima 1940: 201-202), a description that reminds us of North Galician axes found in megalithic cists connected with the Late Neolithic and Chalcolithic (Caamaño Gesto 2007).

It is possible that during the Chalcolithic places with Atlantic Rock Art were still in use and others were materialised through the addition of a repertoire of motifs. These were engraved in different types of outcrops, sometimes flat and not very visible in the landscape, and others well visible and impressive amongst others in chaotic masses. These places are concentrated in coastal areas and more represented between the rivers Minho and Lima, not exceeding to east, through western Trás-os-Montes, and Vouga basin to the south, a similar frontier that we find with ceramic vessels of Penha type.

At Minho basin, from the river mouth to the interior, we highlight the importance of certain hills of great visual impressiveness in structuring the physical and mental landscape of the populations. We refer to: Monte de Santa Tegra in A Guardia, at the mouth of river Minho (Spanish side); Monte de Santo Antão in Caminha, also at the mouth of river Minho (Portuguese side); Monte de Góis, also in Caminha, where significant engraved *loci* were studied (Viana 1929, 1960; Novoa & Costas Goberna 2004; Valdez 2010; Alves, in this vol.); Serra da Gávea in Vila Nova de Cerveira, where we highlight the engravings of Senhora da Encarnação (Correia & Recarey 1988) amongst many other unpublished engravings; Monte Faro and Montes dos Fortes in Valença, where we highlight the engravings designated as Monte da Lage in Valença (Cunha & Silva 1980; Silva & Cunha 1986), Tapada do Ozão and Monte dos Fortes (Cunha & Silva 1980; Silva & Cunha 1986; Alves 2009). In this basin, we also highlight Monte de Nossa Senhora da Assunção, in Monção, with about two dozen engraved outcrops.

At Âncora basin, we emphasise the engravings: from the south end of Monte de Santo Antão, such as the ones from Bulhente and Cais, in Freixieiro de Soutelo, Viana do Castelo⁴; from the north end of Serra de Santa Luzia, the ones from Chão do Cano⁵ and from Santo Adrião, in Âncora, Caminha; and, to the interior, from Serra de Amonde, such as the ones from Lajedo 1 and 2.

On the coastal fringe, between rivers Âncora and Lima, we specify the places of Matança/Cividade, Sinadora, Calvo⁶ (Fig. 7) (Bettencourt 2009b), Laje da Churra (Alves 1980, 1981; Bettencourt 2009b, Santos 2013), and Escampadinhos, all in Afife, Carreço

⁴ Mentioned briefly by Rego 2003.

⁵ Mentioned briefly by Rego 2003 and by Bettencourt 2009b with the designations of Bouça and Bouça da Trindade.

⁶ First published in Bettencourt (2009b) as Lajão.

or Areosa, Viana do Castelo, at different levels on Serra de Santa Luzia as a way of celebrating the different thresholds.

At Lima basin, the engravings of Breia/Cardielos, in Viana do Castelo (Bettencourt 2005d; Almeida 2008; Bettencourt in this vol.), are distinguished, as well as Penedo da Moura, in Nogueira, Viana do Castelo (Loureiro 2006), Pratinhos de Nossa Senhora, in Ponte de Lima (Neves 1981), and Bouça do Colado, in Ponte da Barca, where Penedo do Encanto (Baptista 1981b, 1995) is inserted. At Cávado basin, we refer to the complex of engravings of Obsedo, Terras do Bouro (Redentor *et al.* 2013), and, at Ave basin, of Laje dos Sinais/Monte do Olheiro, in Barcelos (Cardoso 1951; Bettencourt 1999; Coimbra 2001, 2004), and Monte de S. Romão, in Guimarães, where we can find Penedo dos Sinais (Valdez & Oliveira 2005/2006) and Quinta do Paço (Cardoso in this vol.).

To summarise, what seems to be configurative as North-Western Chalcolithic is a posture towards “life and the world” different from the previous period, where the burial architecture starts losing importance as a referential and identifying element of the populations, being substituted by other scenarios; certainly more appropriate to the new processes of interaction between man and its surroundings. We refer to the places which are monumental and of great collective investment, such as the enclosures of Sola and Forca, to the places of great geomorphological drama, such as Monte da Penha, or to numerous hills and streams materialised by petroglyphs of stylistic grammar and predominantly circular.

6. THE BRONZE AGE

The Bronze Age of North-Western Portugal is traditionally sub-divided in Early, Middle and Late Bronze Age. Taking into account the cultural characteristics defined by each of these periods, we consider that the Early Bronze Age develops between 2300/2200 and 1700/1600 BC, the Middle Bronze Age between 1700/1600 and 1100/1000 BC, and the Late Bronze Age between 1100/1000 and the 7th/6th centuries BC (Bettencourt 2005f, 2007, 2009a).

In palaeoclimatic terms, the two first stages were developed during the cold and dry phase that began in the Chalcolithic (Fábregas *et al.* 2003; Martínez Cortizas *et al.* 2009), whilst the Late Bronze Age corresponds to the beginning of a warmer period (Ramil Rego *et al.* 2010), with surface sea water temperature values higher than the current sea temperatures, and with light winds from the north and north-west, not very constant (Soares 2010), facilitating the coastal navigation.

The Bronze Age also corresponds to a moment where significant changes are observed in terms of vegetation, with a drop in tree growth and a rise of shrub and herbaceous plants from 3,500 BP. This is due to the progressive increase of human action on the environment, such as deforestation, fires, and agricultural activities, amongst others (Ramil Rego 1993; Ramil Rego *et al.* 1998, 2010). In general, this period is also characterised by significant changes in all aspects of daily life.

6.1. The Early Bronze Age

Although residential areas are not very well known at this stage, a tendency towards a diversity of establishment is noticeable. There are settlements on hills of valleys with great agricultural potentiality, such as Boucinhas/Regueira, in Ponte de Lima (Fig. 8), dating from 2294-1980 BC (Bettencourt *et al.* 2004; Bettencourt 2010a), and Sola 2a, in Braga, dating from 1885-1682 BC, where pollen and anthracological indicators from agro-pastoral activities were detected (Bettencourt 1999, 2000; Figueiral 2000). Other settlements of apparently larger dimensions take place on old marine terraces, such as Areias Altas, in Oporto, dating from 1895/1888-1616/1605 BC (Luz 2010: 143), and indicating that the population would also gather molluscs together with other possible varied activities (Cabral 2010). In the same situation we highlight Carreço/Beach, in Viana do Castelo, dating from the end of the 3rd to the beginning of the 2nd millennia BC (Meireles 1992), which was interpreted as a camp site related to salt extraction, having in mind the discovery of a slate plate similar to those used for that purpose on later times (Bettencourt 1999, 2009a). In mountainous areas we differentiate the big settlement of Monte Calvo, in Baião (Fig. 9), occupied from 1882-1666 BC, on the south-east slope of Serra da Aboboreira. Its location could have enabled agro-pastoral practices on the margins of the small valleys nearby, having present the degradation of the surroundings detected on anthracological analyses. These also revealed a careful forest management by the pruning of oak trees, implying a sedentary lifestyle (Gonçalves & Bettencourt 2010; Martín Seijo 2010).

The structures found in these places were built with perishable materials, most of the times using soil, clay and some lithic blocks. A good example is the settlement of Monte Calvo, where a nucleus of eight pits was integrated in a probable circular structure defined by postholes, erected with oak tree trunks and branches, and shrubs (Gonçalves & Bettencourt 2010).

The Early Bronze Age is also a period of great metallurgic development of copper and gold, as well as of manipulation of artefacts made from these materials, holding magical and religious connotations according to Bradley (1990). The necessity of copper minerals or finished objects in copper and silver would have inscribed these populations in a network of super-regional exchange and subsequent circulation of people, ideas, techniques and customs that may have been one of many factors of change.

Although there were copper mines in Asturias during this period (Blas Cortina 2005), the southern influence is evident in some metal forms (for example, in the deposited halberds or in the ones engraved in different contexts), in silver spiral imports (as is the case of Antas de Ulla, Lugo), recently subject to lead (Pb) isotope analysis (Comendador *et al.* 2009), as well as in ceramic forms, such as the double trunco-conical vase from tomb 2 of Vale Ferreiro, in Fafe. Such influences may well have arrived by internal means, via the Douro basin, as the great number of halberd deposits in Trás-os-Montes is evident, as well as through the coast, bearing in mind the existence

of a boat-shaped engraving carrying a halberd in Laje da Churra, Viana do Castelo, an outcrop near the coastline.

The diversity of influences and ways of assimilating the new in a heterogeneous cultural environment is associated to a variety of strategies of space occupancy and funerary contexts and practices, materialising different ways of experiencing and conceiving the world.

If death is sometimes marked by a sense of invisibility, regardless of the construction investment of the tomb, it is still common to maintain a visible death and the importance of perpetuating the memory of some corpses in the context of daily activities. It is the case of the mountainous areas, where there are registries of small graves under tumuli, negligible in height, with cystoid chambers or without any apparent chamber, yet perceptible by its volumetric or constructive material, namely the quartz which makes them shinier. This is the case of Outeiro de Gregos 1 (Fig. 10) and Meninas do Crasto 4, in Baião, Serra da Aboboreira, dating from the end of the 3rd to the beginning of the 2nd millennia BC (V.O. Jorge 1980; 1983; V.O. Jorge *et al.* 1988), of Vale de Chão 1, in Braga, Serra do Carvalho (Fig. 11) (Vilas Boas, in press), and also of the tumulus of Senhor dos Aflitos, Arouca (Pereira in press). Still in the mountain context, we register the atypical necropolis of Chã de Arefe, in Barcelos (Silva *et al.* 1981). The two excavated tombs revealed the use of granite outcrops for delimitating enclosures that surrounded the funerary cists, suggesting the symbolism over certain outcrops. One of the tumuli of Alto das Casinhas, in Fafe, which is also defined by great granite blocks (Bettencourt 1991/1992b), or the one from Monte Calvo 2, in Arouca, whose pit chamber was covered by a megalithic orthostat (Pereira da Silva 1997; Sá, in press), may also be included in this period.

In valley areas we distinguish architectures that are less visible, such as the cist grave of Quinta de Água Branca, in Vila Nova de Cerveira (Fig. 12) (Fortes 1906), in the vicinity of a watercourse that flows directly to river Minho, dating from 2109-1755 BC (Bettencourt 2010a), and eventually the grave pits of Boucinhas/Regueira, in Ponte de Lima (Bettencourt 2010a, 2010b).

In both topographic contexts we have to refer to the reuse of megalithic monuments, such as the dolmens of Monte da Cerca, in Esposende (V.O. Jorge 1982; Almeida 1986), Lordelo de Cima/Chafé, in Viana do Castelo (Silva & Marques 1986), and Carvalho Mau 1, in Castelo de Paiva (Silva 1990, 1995), denouncing that the past still acts in the cognitive world of these populations, as well as the need for its embodiment. As in the previous period, these reutilisations are always sporadic as the investment to open and modify these monuments of great scale was certainly aimed at the deposition of individuals of great social prestige.

In the Early Bronze Age there is also the “construction” of places connected to the placement of the dead; however, it is difficult to interpret them as necropolises due to their particular characteristics. This seems to be the case of Vale Ferreiro, in Fafe, close to river Ave, associated to underground thermal water and quartz veins, where

two original architectural structures of some social investment (cystoid structure surrounded by a subterranean quartz cairn and a rectangular masonry tomb), as well as exceptional offerings (Fig. 13a, 13b and 13c), mark for the first time a place that will stay symbolically active till the Late Bronze Age (Bettencourt *et al.* 2002a, 2003a, 2005, Bettencourt 2008, 2009a, 2009c, 2010a, 2010c).

Note that at this time some of the burials had exceptional offerings and adornments of great symbolic and social value, and were buried in tombs that implicated some constructive effort for the Bronze Age or earlier periods. Such is the case of the cist of Quinta da Água Branca, where a copper dagger, a diadem, two spirals and two golden rings were placed (Fig. 14) (Fortes 1906); Chão de Arefe 1 with an arrowhead of Palmela type, an archer's wrist-guard and a trunco-conical vessel; tomb 2 of Chão de Arefe with also an archer's wrist-guard (Fig. 15); the foundational tomb of Vale Ferreiro, number 2, with two golden spirals; and the tumuli of Outeiro de Gregos 1 and Meninas do Crasto 4, as well as the megalithic tumuli of Monte da Cerca and of Carvalho Mau 1, where silver spirals were deposited.

During the Early Bronze Age some rock art sites showing circular and schematic compositions were kept symbolically active. It is what we infer from those where weapons similar to the ones found in other contexts of the NW and NE of Portugal were engraved. It is the case of the halberd from Monte Faro, Sanfins, in Valença (unpublished); Laje da Churra, in Viana do Castelo, with two halberds (Santos, this vol; Bouça da Cova da Moura, in Maia, where a halberd was engraved from earlier grids (Bettencourt 2010b; Bettencourt *et al.* 2012); and of Fieiral, in Melgaço, where a hafted flat axe was engraved (Bettencourt & Rodrigues, in this vol.).

There is a probability that the first stela-menhirs emerged at this time, similar to what occurs in the North-East. This is the case of Boulhosa, in Paredes de Coura (Fig. 16), where recently an engraved dagger was discovered near a megalithic necropolis (Bueno *et al.* 2005).

Another place incorporated in the Early Bronze Age cognitive map is the “old” enclosure of Forca/Barca, in Maia, where the end of the occupation seems to have happened at the beginning of this period (Bettencourt 2010b).

If we set from the premise that the way these communities experience the space where they are immersed is intrinsically related with its ideological universe, it is assumed that the Early Bronze Age societies seem to dispense the monumentality of the exceptional structures as a symbolic way of marking and celebrating the place. The scenarios of reference and collective action would have been more “discrete” than in the Chalcolithic, and frequently associated to funerary and metallurgic practices. We also highlight the social and legitimating role that some of the corpses could have had, to whom the living associated copper, silver and gold artefacts in the occupation of new and “old” places, integrating them in new cosmologies (Bettencourt 2010a, 2010c, 2010d).

The fact that Vale Ferreiro remained an active place in the long term also indicates that the first bodies buried there in Early Bronze Age were carriers of great symbolism,

probably having acquired the status of mythic ancestry through narratives, myths and legends manipulated by the living as a way of social cohesion, as well as a way of control and power by those who hold those prerogatives.

The engraving of weapons in some previously engraved places seem to equally have the function of integrating and incorporating the past (Bettencourt 2009a, 2010a), or perpetuating images from the past and from the ancestors by the new holders of powers (Bueno *et al.* 2005; Bueno & Balbín 2006). Maybe we can admit the same in relation to the stela-menhir of Boulhosa, erected in an ancestral funerary landscape.

In short, during the Early Bronze Age, some corpses seem to have had an active role in the construction of a group identity and legitimising the occupation and incorporation of the territory, along with metallurgy and jewellery (Bettencourt 2010a).

6.2. The Middle Bronze Age

In this period there is a rise of known residential places. Together with settlements on hills of valleys, such as Quinta do Rapido, in Barcelos, dating from 1740-1526 BC (unpublished), Sola 2b, in Braga, dating from 1690-1500 BC (Bettencourt 1999, 2000b), and Cimalha, in Felgueiras (P. Almeida & Fernandes 2008; Almeida *et al.* 2008; Bettencourt 2009a, 2010a), there are others that occur on residual hills on the coastal platform. We refer to Lavra, in Matosinhos, dating from 1600-1420 BC (Bettencourt & Fonseca 2009), and possibly one in the occupations of Corgo/Azurara, in Vila do Conde. In medium altitude plateaus we can find the settlements of Tapada da Venda/Pedroso, with the first occupation dating from 1411-1260 BC (Bettencourt *et al.* 2002c), and most likely the settlement of Areiro, both in Celorico de Basto (Bettencourt & Fontes 1993/1994). On sheltered slopes of mountainous areas, in the vicinity of swamps or small irrigated valleys, we have as examples Bouça do Frade, in Baião (first occupation) (S.O. Jorge 1995, 1996), and Fontela de Figueiredo, in Castelo de Paiva (Cunha 1991), both with unpublished C14 dates from this generic period. In mountainous areas with a profusion of outcrops and granite rock shelters, we register the settlements of Bouça do Carriço/Mocegueira, in Arcos de Valdevez, dating from 1749-1599 BC, and Penedos Grandes (first occupation), dating from 1414-1288 BC, both in Arcos de Valdevez (Bettencourt *et al.* 2002b), probably related with herding. In the second half of the 2nd millennium BC settlements on high altitude spurs emerge, overlooking great agricultural valleys, such as Monte de Faria, in Barcelos (Bettencourt 1999, 2000d), or Monte Padrão, in Santo Tirso (Bettencourt 1999; 2010b).

It is at this time that we observe the appearance and intensification of large-sized settlements, together with smaller ones, which reflects a growing trend towards sedentarism and a strong link to earth; such dynamics that could have potentiated territory claims in some places.

In these places, subterranean buildings or constructions made of soil, clay, bedrock, wood, shrubs, small stones, cork, etc., leave very little monumental vestiges nowadays,

even though its impact on the landscape could have been of a considerable size, particularly through deforestation which they apply in the construction and maintenance of these places. The structures found were lined by ditches, pits dug in the ground and on the bedrock, frequently in groups, postholes sometimes taking shape of what was interpreted as huts, hearths, clay and stone pavements. Despite building with perishable materials, the settlements become more visible on a space characterised by growing deforestation, probably becoming the new point of reference and also of physical and symbolic planning of the territory (Bettencourt 2007, 2009).

The context of many of these settlements, their internal characteristics, their artefacts and their diverse archaeobotanical analyses, allowed us to draw the hypothesis of a progressive systematisation of agro-pastoral activities throughout Middle Bronze Age; this could have allowed an improvement on the diet and consequently on demographic growth (Bettencourt 1999, 2000a, 2003, 2009a; Bettencourt *et al.* 2007, Bettencourt & Fonseca 2009; Figueiral 2000, Figueiral & Bettencourt 2007, Tereso 2012). The results from pollen analyses of various North-Western Iberian contexts have indicated, along with a large territorial anthropisation, the presence of continuous curves of grains (Ramil Rego 1993; Aira & Ramil 1995)⁷, being in agreement with the archaeological data.

The introduction of millet in this period has contributed to increase agriculture and sedentarism because it allows two annual harvests (spring cereal), besides being able to fulfil the needs of the population in case of possible damages to other cereal crops (Bettencourt 1999, Bettencourt 2003; Bettencourt *et al.* 2007; Tereso 2012).

It is also in the Middle Bronze Age (first half of the 2nd millennium BC) that bronze metallurgy is adopted. The most ancient evidences come from a bronze drop (from recasting) and a rod found in Sola 2b (Bettencourt 1999; Bettencourt & Comendador 2003; Comendador & Bettencourt 2007, 2011), a double mould of an axe of Bujões/Barcelos type found on the settlement of Cimalha (Comendador & Bettencourt 2007, 2011), and a bronze drop from Bouça da Cova da Moura, in Maia (Comendador & Bettencourt 2007, 2011; Bettencourt *et al.* 2012). There is also the presence of an axe of Bujões/Barcelos type in the tin mining exploitation of Foulgadoura, in Viana do Castelo (Zbyszewski & Ferreira 1955), which indicates, since then, the knowledge of areas rich in cassiterite and gold, and the symbolic importance of mining in the valleys of the streams Amonde and Seixo with sands rich in alluvial tin (Fernandes *et al.* 2011).

Such as its copper counterparts, it is being assumed that the first bronze objects not only continue to be symbols of prestige and power, but also magical objects infected with special powers, within the perspective that matter would not be inert but full of properties, as Ingold (2000) has defended. At a moment where societies did not distinguish sacred from profane and had a highly ritualising daily life, by transforming stone

⁷ These authors publish seeds and pollen columns that wrongfully designate as Castro da Sola, and assume to date from Late Bronze Age, when, in fact, several radiocarbon dates place this site at the end of Early Bronze Age and Middle Bronze Age.

into metal and carrying out successful alloys would have bestowed on the leading figures of the metallurgic activity, on the object itself and on the places of mineral extraction a deeply magical character (Bradley 1990, 2000).

Perhaps that is the reason why a great part of bronze artefacts were axes, an object of great symbolism since the Neolithic, and manufactured from exotic stones. The special character of bronze objects could justify the fact that they are usually buried underground or deposited in association with granite outcrops (Bettencourt 1999, 2000a), or associated with water environments, hills, liminal places or mining resources (Bettencourt 2009a, 2009b, Fernandes *et al.* 2011). We believe that the importance of these artefacts in the celebration of rites connected with the protection of either agro-forestry-pastoral activities (as the axes indicate) or various spirits present in different “physical” places is not indifferent to that situation. For example, we refer to Monte Crasto/Cova da Bouça, in S. Bartolomeu do Mar, Esposende; an impressive mound which stands out from the coastal platform, between the rivers Neiva and Cávado, visible from very far and certainly a point of reference for coastal navigation (Fig. 17a). A deposit was recovered here and composed by: a sword of argaric type; an axe of Bujões/Barcelos type and a flat axe (Fig. 17b), showing a complex message, as well as a hybridity of traditions resulting from the coastal contacts between the North-West and South of the Iberia. In connection with humid or shore areas we register the deposit of an axe of Bujões/Barcelos type in Bandeira, Viana do Castelo, near the confluence of the stream Fornelos – São Vicente with river Lima, on the estuary of the latter (Bettencourt 2009b; Fernandes *et al.* 2011), and a palstave axe with no rings, from Retortas, in Vila Verde, found on the alluvia of river Cávado (Bettencourt 1988); possibly an area of alluvial tin and gold mining, given the existence of primary deposits of these minerals close by. Underground and in areas with no outcrops, the deposit of Lugar da Mata (Póvoa de Lanhoso) was exhumed, where diverse flat axes associated with “carved rocks” were found (Cardoso 1936; Celestino 1994:15; Bettencourt 1999). The same phenomenon can be inferred to golden objects. In association with outcrops and with Monte de Airó we differentiate: the deposit of Lugar da Mata/Sequeade, in Barcelos, where a sub-cylinder vessel with a lid, containing a skein of gold was discovered (Fig. 18) (Soeiro 1982; Bettencourt 1999); a deposit of 20 bracelets from Passagens, Penouta/Arnozela, in Fafe (Armbruster & Parreira 1993), associated with outcrops from river side and passage places (Fig. 19) (Bettencourt 2005e); and Bouça da Tomadia da Mata, in Barcelos, in a joint of an outcrop on the southern slope of Monte da Saia, where a spiral (?), the remains of a solid tube and a bracelet were found (Bettencourt 1999; 2009a). Note that this geomorphologic accident with an abundance of granite outcrops, clearly visible from the coastal platform and interior lands from Ave valley, in an area of possible alluvial tin concentration, was chosen to deposit metallic artefacts since Middle Bronze Age to Late Bronze Age, which emphasise its collective importance and symbolism in the network of places of Ave valley in this period (Sampaio 2011).

Being the bronze metallurgy extremely significant, we believe, by following the path of several authors, that it must have been in the Middle Bronze Age that the first statue-menhirs were erected, which we consider to be linked to metallurgy and mining either by their location, usually in areas of passage and rich in tin ores (Bettencourt 2005c), or by the stories that are told by the weapons engraved there, usually sheathed daggers, referring to pacified places, suitable for circulation and where the metal is easily extracted.

In relation to the sepulchral world, there are various evidences for this chronological and cultural phase. In coastal areas, in lower lands and in some plateau or slope areas, the necropolises (sometimes in proximity with residential areas) are predominantly built by flat and open graves on the rocky substratum, such is the example of some flat graves of Pego, in Braga (Fig. 20) (Sampaio & Bettencourt, in press), Quinta do Amorim (Sampaio *et al.* in press), Cimalha, in Felgueiras (Fig. 20) (Almeida & Fernandes 2008; Almeida *et al.* 2008; Bettencourt 2010a), and Tapado da Caldeira, in Baião (S.O. Jorge 1980; 1983). Still on the western facade, we distinguish the cist structures of Sola 2b, in Braga (Bettencourt 1997, 1999, 2000b, 2010a, 2010d), the cist necropolises of Belinho (Soeiro 1988; Bettencourt 1999; Bettencourt 2010a; 2010d), and Agra de Antas (Fig. 21) (Ataíde & Teixeira 1940; Almeida 1990; Soeiro 1988; Cruz & Gonçalves 1998/1999; Bettencourt 1999). We also believe that pit 1 of Fontela de Figueiredo, in Castelo de Paiva (Cunha 1991), in a slope context, as well as Campo de Postigo/Beiriz, on the coastal platform (Silva 1985), are the results of burial practices credited to the Middle Bronze Age (Bettencourt 2010a; 2010d). New reuses of megalithic monuments are also seen in this period, either in coastal or mountainous areas, such as Antela da Portalegem, in Esposende (Sarmiento 1933; Leisner 1958; Bettencourt 1999), in one of the dolmens of Prados, in Arcos de Valdevez, dating from 1736-1501 BC (Bettencourt 2009; 2010a), and presumably in the dolmen of Carreiro da Quinta, in Vila Verde (Bettencourt 2009a)⁸.

On most elevated areas, monuments under tumuli still persist, sometimes attached to older ones, such as the peripheral structure of Outeiro de Gregos 1, in Baião (cf. fig. 10), dating from 1768-1517 BC (V. O. Jorge 1980). A curious fact is the reuse of an Early Bronze Age tumulus in this period, which is observed in Vale de Chão 1, in Braga, Serra do Carvalho, where a flat grave seems to have been opened in the mound structure (Vilas Boas in press).

The offerings on the diverse types of graves are scarce, and are essentially constituted by different forms of ceramic vessels, while the metal objects have disappeared.

In general, the funerary contexts of the Middle Bronze Age in the most agricultural areas indicate, at least on a symbolic level, little social distinction between the dead and the way of being in the world, in which the body would lose its importance as a reference in social memory and as legitimizer of the territory.

⁸ On this subject, see A.M.S. Bettencourt (2010a, 2010c, 2010d).

In higher areas and linked with pastoral activities, the dead continue to be remembered and their architectures remain visible, although becoming increasingly smaller, which will certainly be significant for communities with a greater degree of mobility and with more fluid boundaries, as with all groups of shepherds.

Some engraved places with Atlantic and Schematic styles would have maintained or may have been re-engraved during this period. This is the case of Bouça da Cova da Moura, in Maia, where ceramics and metal materials from Middle Bronze Age appear in the vicinity of the engravings (Bettencourt 2010b; Ribeiro *et al.* 2010; Bettencourt *et al.* 2012).

To summarise, we admit that the scenarios of reference and world disposition during Middle Bronze Age would now be, together with their own settlements of larger dimensions, determined as “places”, frequently related to hills, water or to cassiterite and gold resources, where bronze and gold artefacts would have been deposited or certain statues-menhirs would have been erected. These last places were sometimes materialised by the ceremonial deposition of metallic artefacts or by erecting statue-menhirs, together with the re-interpretation or symbolic appropriation of the past *loci*, either by the reuse of megalithic monuments or rock engravings. This is an understandable situation in a sedentary society, tributary to the land, that is dependent on agricultural, silvicultural and pastoral activities (Bettencourt 1999, 2000a, 2003), and bearer of a cosmology very much connected to the proprieties or spirits of the ancestors, minerals, outcrops and water.

6.3. The Late Bronze Age

Some characteristics of Middle Bronze Age are developed in the Late Bronze Age together with the emergence of new dynamics resulting from an internal evolution and a greater insertion of these communities at a super-regional level, and their capacities to assimilate and transform novelties.

There is a rise in the number of residential places, and some changes that indicate new ways of interaction and structuring of the populations in the space. If, on one hand, the previous characteristics are kept, on the other, an emergent tendency at the end of Middle Bronze Age is solidified, which is the development of settlements in spurs at the edge of agricultural valleys or on coastal platforms, with excellent visibility conditions over the territory. This is the case of Sr.^a da Graça and Sr.^a da Assunção, both in Monção (Marques 1985), in Castro do Peso, Viana do Castelo (C.A.B. Almeida 1990), in Barbudo 1, Vila Verde (Martins 1989), in Costa, Vila Verde (Amorim 2007), in Cabanas 1, Braga (Bettencourt 1999, 2000d), in Santa Marta da Falperra, Braga (Bettencourt 1999, 2000d), in Castelo de Faria, Barcelos (Bettencourt 1999, 2000d), in Roriz, Barcelos (Bettencourt 1999, 2000d), in S. Lourenço, Esposende (Bettencourt 1999), in Alvarelhos, Trofa (Moreira 1992, 2007), in Monte Padrão, Santo Tirso (Martins 1985; Bettencourt 2010b), in Alto da Caldeira, Baião (S.O. Jorge 1981), and in Alto de Santa Ana, Chaves (Santos 1995), amongst others.

Settlements on hills or in low altitude spurs are known in Coto da Pena 1, Caminha (Fig. 22) (Silva 1986), Santo Estêvão da Facha, Ponte de Lima (C.A.F. Almeida *et al.* 1981), in Santo António, Viana do Castelo (Fig. 23) (unpublished), in Alto da Cidade, Braga (Martins 1990; Bettencourt 1999, 2000d, 2009a), in Santinha, Amares (Bettencourt 1995, 1999, 2001), in Crasto/Fonte Coberta, Barcelos (Bettencourt 1999), in Penices, Vila Nova de Famalicão (Queiroga 1992), in Corgo, Azurara, Vila do Conde, and in Guifões, Matosinhos (Fig 24).

In well irrigated mountainous areas, the communities of Bouça do Frade, in Baião (S.O. Jorge 1988), and Tapada da Venda 2/Pedroso, in Celorico de Basto (Bettencourt *et al.* 2002c; Bettencourt 2003), remain, and Lavra 2, in Marco de Canaveses (Sanches 1995), and on the east slope of Monte do Castelo, in Póvoa de Lanhoso (Bettencourt 1993/1994, 1999, 2000d)⁹, emerge. Penedos Grandes, in Arcos de Valdevez, in an area with a profusion of rock shelters and small platforms, continues to be recurrently occupied (Bettencourt *et al.* 2002b).

Independently from its geomorphologic location and the categories here attributed, the size of these places seems to be very varied. If, on one hand, there are large settlements, such as Costa and possibly Alto da Cidade¹⁰, there are others, as Penedos Grandes, whose reduced area, susceptible of occupation, and the successive reoccupations, discontinuous in time, justifies its classification as a seasonal occupation place.

The internal organisation of settlements on the edge of great valleys or on the coastal platform is little known due to inexistent excavations in the area¹¹. It is only possible to establish that they were constructed essentially with perishable materials. The residential structures would have compact clay or rammed-earth floors, sometimes delineated by rock alignments, small ditches or postholes. In S. Lourenço 1 there is a reference to a circular construction made of gravel connected with clay, dating from 2520±50BP (Bettencourt 1999). The pits would have been exceptional. Some of these places were delimited by wooden constructions, mainly palisades; such seems to be the case of Barbudo 1 (Martins 1989). In others, dry stone walls were erected as the case of Santa Ana, Chaves (Santos 1995). Therefore, the process of building a wall for these types of communities during the Late Bronze Age in the North-West would have been rare, as it has been indicated since the 90's (S.O. Jorge 1997; Bettencourt 1999), contrary to what many authors have stressed based on non-archaeographic assumptions.

⁹ Although this settlement was considered to be a border settlement of Cávado valley (Bettencourt 1999), a reevaluation of the intervisibility conditions obtained from this place shows its connection with an irrigated mountain valley, tributary of Ave basin.

¹⁰ On the archaeological excavations made before the construction of D. Diogo de Sousa Museum, in Braga, on the north-east of Alto da Colina, unmoved Bronze Age ceramics were encountered, which can indicate an expansion of this community towards river Este.

¹¹ The only place to be excavated in these conditions at the time was S. Julião, in Vila Verde, whose interpretation as settlement has been mitigated (Bettencourt 2005b, 2009a, 2010a).

The settlements located near well irrigated and fertile soils either on plateaus, slopes or hills in valleys present a distinctive internal organisation. First, they bear innumerable pits opened on soil or on bedrock, frequently grouped in nuclei and sometimes in association with postholes. Thus, it indicates that they would occur inside covered structures, as it was observed in Middle Bronze Age. The most significant case is Santinha 1, where a small wall associated to postholes delimited several pits (Bettencourt 1999, 2001). In these places, clay or rammed-earth floors were detected, and also postholes of huts constructed in perishable materials, probably coated in sun-dried clay, which allowed a strong impermeability. Anthracological analysis suggests that oak tree trunks and branches, broom and heather were used in the construction of these huts (Figueiral & Bettencourt 2004, 2007). Some contained dry stone walls, in containment of sloping lands, providing artificial terraces, such as Santinha 1 (Bettencourt 1999, 2001).

Possibly due to its coastal position and consequently more subjected to exogenous influences, Coto da Pena 1 presents an early petrification of the huts (we do not know if it was total) and a stone wall (Silva 1986).

In the presence of this diversity of residential places, we placed the hypothesis that a “hierarchal” settlement could have existed, not in a processual logic, but within a perspective that populations of different types of communities would have been connected in a network of complex interactions. In this perspective, the higher altitude settlements would have been the main territorial reference (even by its location in passing areas, between the valley and plateaus, with a dominance over big circulating pathways). The remainder would correspond to places where populations would travel to on certain phases of the year to divide and complement their activities (Bettencourt 1999, 2000a, 2009a), which could explain the diverse occupations that are presented in some places, such as Penedos Grandes 2 and 3 and Santinha 1 and 2 (Bettencourt 2009a). This model of settlement is based on archaeological data, but it resembles the traditional transhumant system (divided between summer and winter settlements), existing in Alto Minho and in some areas of Baixo Minho until the mid-20th century.

The different territorial occupation strategies contributed to the “exploitation” of different “resources”, probably not understood only as such by the communities that benefited from them. The pollen, anthracological and carpology analysis results from Late Bronze Age indicate a rise in human activity and consequently the degradation of the traditional forest, which was gradually substituted by bush and weeds, characteristics that gives evidence of an agricultural and pastoral activity more systematic and consolidated than in previous periods, based on complementary exploitation of the plateau and valley resources. It is admitted that cultivations of summer and winter cereals (wheat, millet and barley) and vegetables (peas and broad beans)¹² were developed, as the raising of cattle, caprine, ovine, swine and bovine. Canidae remains are also known

¹² From 1999 we admit the use of *Brassicas* (cabbage/mustards) in the diet of North-Western Bronze Age populations. Recently, the revision made by J. Tereso has shown that they were a type of fungi.

during this period. Activities such as gathering and fishing would have continued to have an important role in terms of diet. Acorns, pears, grapes and eventually sorbs were collected. Honey was used since remains of beeswax were found in metallurgy activities. On the coastal communities, periwinkles, limpets, mussels and oysters were consumed (Bettencourt 1999, 2000a; 2009a; Bettencourt *et al.* 2007; Figueiral & Bettencourt 2007; Tereso 2012).

During the Late Bronze Age, tin and, probably, gold extraction are accentuated, as well as the production and circulation of metal artefacts of local tradition or of foreign inspiration, which reveals a rise in the “contacts” between communities of the North-West, rich in tin, and regions rich in copper, such as Astúrias and the South-West of the Iberia. Contacts with the South-West are well materialised in stelae or statue-menhirs with the iconography of that region, found in Alto Cávado and in Tâmega valley, such as the stelae of Monte de Forninhos, Castelões, Calvão, Chaves (Fig. 25). The fusion of ideals and symbols of the two regions are evident in the statue-menhir of Pedra Alta, in the neighboring Galicia (Reboreda Carreira & Nieto Muñiz 2012), of traditional format but of southern iconography.

New metallic objects in bronze were manipulated and worked, such as swords, spearheads, daggers, axes, sickles, bracelets, fibulae, caldrons, amongst others), demonstrating innovated ideological conceptions, actions, rites, and innovating social relations in regard to the Middle Bronze Age. The handling of many of these objects in new scenarios as settlements (of valleys, slope or hilltop) and monumental enclosures equally indicates a society in change.

But the Late Bronze Age is a period of change in continuity that is why many traditional places of deposition still endure. We refer to water contexts, of shore or under outcrops, materialising a symbolic importance of some “natural” *loci* or enhancing the importance of others of great symbolism and collective importance since the Middle Bronze Age. As an example, we distinguish socketed axes found in the river crossings of rivers Lima and Cávado, which seem to celebrate water, its proprieties or the spirits of these rivers (Fig. 26). Under outcrops, we highlight the deposit of Pedreira da Pena/Quinta do Telhado, in Guimarães, that, amongst others, seem to perpetuate the singular character of Monte da Penha in the Bronze Age landscape (Sampaio *et al.* 2009; Sampaio 2011).

In relation to funerary practices, many of the precedent contexts are kept, such as the cists (Monte da Ola, in Viana do Castelo, and Curvos, in Esposende), cystoid structures (Santinha, in Amares), pits (Tapado da Caldeira, in Baião) and the reuse of megalithic monuments (Chafé, in Viana do Castelo), although the exceptional construction of large monumental architectures intentionally cover granite rock shelters (for example, Cova da Moura, in Viana do Castelo). Inhumation practices are perpetuated, or at least at an older stage¹³, probably in coexistence with incineration rites. The offerings are discrete,

¹³ The flat graves of Pego necropolis, in Braga, attributed to Late Bronze Age (Sampaio *et al.* 2008; Bettencourt 2010a, 2010c), seem to be in fact older, according to new radiocarbon dates (Sampaio & Bettencourt in press).

persisting the traditional forms, even though the introduction of forms used in other contexts is noticeable, which argues in favour of the hypothesis that the acts related to death are more and more interrelated with other daily life actions, and that the bodies and places for the dead have lost, almost definitively, their role as agents of the group identity and as legitimators of territorial occupation (Bettencourt 2010a).

On the assumption that populations move and interrelate with space in the most different day-to-day activities, and that that space is marked by innumerable significant places of greater or lesser collective importance that exceed, by far, the traditional divisions of settlements, necropolises and votive deposits, we must add other categories of the *loci* that existed in Late Bronze Age.

First, we refer to some exceptional places in geomorphological terms, situated on locations to be “seen”, where sometimes there was an investment on monumental architectures and where exceptional assorted “items”, such as ceramic, metal, and others, were handled and/or deposited (Bettencourt 2005b; 2009a; 2010b). As examples of these “monumental enclosures” we highlight S. Julião, in Vila Verde (Fig. 27) (Bettencourt 2005b, 2009a), Alto da Pena, in Ponte de Lima/Paredes de Coura (Bettencourt 2009a), Castelo de Matos, in Baião (Fig. 28) (Queiroga 1984; Figueiral & Queiroga 1988; Queiroga & Figueiral 1992), Moinhos de Gola, in Montalegre (Fig. 29) (Fontes & Bettencourt 2013), and Cividade, in Arouca (Silva & Leite 2010), amongst others. In its multiple facets¹⁴, they would be commemorative places of great social and ideological significance, related to new cosmovisions that would promote, celebrate and symbolise territorial phenomena of power and identity (Bettencourt 2005b, 2009a, 2010a) that would occur in some places of the North-West during the end of Bronze Age.

Second, we highlight the “depositional” contexts of the statue-menhirs that materialised and celebrated the importance of some meeting or passage places (Bettencourt 1995), in the proximity of mineral “resources” (Bettencourt 2005c), but also its symbolic importance of the body and spirit of some real or mythical characters (Bettencourt 2008, 2009a, 2010a) that in some way seem to tell stories related to the magical and symbolic importance of metallurgy and mining. Just as for the Middle Bronze Age, we do not exclude the possibility that these places materialise the real “pacification” which would imply free circulation and ore extraction, and the “pacification of the spirits of the places” that are rich in minerals with specific properties.

One of the paradigmatic places for the study of this phenomenon is the Tâmega basin, abundant in cassiterite and alluvial gold, and where several statues-menhirs are erected, marking and celebrating the “path of ore” and their properties.

¹⁴ We do not exclude that people may have resided in some of these places, where different activities converged and where individuals shared common experiences, involving a whole set of subsistence practices, funerary rites, public ceremonial events that implied the handling of metallic artefacts and other symbolic items, claiming kinship, early processes of territorialisation on a local scale and of legitimization of power groups still unsettled.

Another category of *loci* integrated in the Late Bronze Age cosmologies are the ones engraved on open-air sites therefore difficult to move, which since immemorial times have marked and celebrated some locations. It is possible that some of these places, where schematic equestrian scenes were engraved (in a peripheral location in relation to circular compositions), could be examples of reuse. We mention Breia/Cardielos, in Viana do Castelo (Bettencourt 2005d, in this vol.), and Laje da Churra, in Carreço, Viana do Castelo. Maybe the same can be assumed in relation to Fornelos, in Carreço, Viana do Castelo, showing schematic mounted quadrupeds (Bettencourt 2009b), and to rock 2 of Quinta/Lugar da Barreira, in Monção (Marques 1986), where similar engravings are observed. Another work hypothesis is that the segmented circles, rare in panels with engravings of Atlantic or Schematic style, may date back to the Late Bronze Age (Bettencourt 2010b), given its similarities to carriage wheels existing in the stelae of the Spanish border and Alentejo, as well as their reproduction in metallic artefacts, such as the pendant found in Santo Estêvão da Facha, in Ponte de Lima (C.A.F. Almeida *et al.* 1981). In this case, places as Bouça da Cova da Moura, in Ardegães, Maia, amongst others, would have remained active during this period (Bettencourt 2010b).

Therefore, in continuance with Middle Bronze Age, the scenarios and actions of power seem to have moved to spaces connected with the world of the living, such as enclosures, settlements, places of deposit of metallic artefacts and places marked by statue-menhirs that reveal a greater importance of the living body on structuring the identity and power (Bettencourt 2008, 2009a, 2010a, 2010b). Ancestral places as megalithic monuments and Atlantic and Schematic Art, even though integrated and celebrated by communities of this period, seem to have gradually lost some importance as arenas of collective negotiations and maintenance of group identity and territorial legitimization.

7. THE IRON AGE

The Iron Age in the North-West initiates with warm climate conditions and sea water temperatures higher than nowadays (Ramil Rego *et al.* 2010; Soares 2010), although from the 5th century BC a cold phase is noted and will remain till Early Middle Ages (Ramil Rego *et al.* 2010).

Not being a priority theme of this book, we choose to highlight just a few issues that are inherent.

First, it is a period usually known as corresponding to “Cultura Castreja”, an expression created within a historical and cultural historiography that values some elements of architecture, fine art and artefact, characteristics of Late Iron Age, or of a time where these communities lived under Roman administration, which has been rejected by many researchers to characterise this period in totality¹⁵.

¹⁵ On this subject, see M. Martins (1993/1994).

Second, in the last decades of the 20th century, several research works have demonstrated that the Iron Age does not correspond to a homogenous reality, but to a vast chronological period that embraces great part of the 1st millennium BC, liable to internal subdivisions. The chronological markers and the criteria adjacent to these subdivisions represent another problem of this period as these vary from researcher to researcher, maybe because they look for generalisations for “realities” that would have been asymmetrical in their evolutionary dynamics.

Third, we have to enunciate the different perspectives of the origins of the Iron Age, which are characterised for such antagonistic postures: those who claim that this period is due to the fusion between indigenous populations and exogenous peoples (Celts, Turduli) that conquered the North-West by force (Cardoso 1964, Silva 1983/1984, 1986, 1990); and the endogenic defenders that privilege the role of Bronze Age communities in this process (Martins 1990, 1993/1994, Bettencourt 1999). Recently, we defended the existence of a transition phase carried out by communities from Late Bronze Age, between the 7th/6th and 4th centuries BC, and Early Iron Age, beginning in the 4th century BC, although we admit the asymmetry between the inland and coastal areas, which can “...according to the areas, result from factors essentially endogenous or of a complex and still little known process of miscegenation between indigenous and other populations of southern origin, perhaps only present in the most coastal range” (Bettencourt 2005f:31).

In the scope of processual archaeology, the great lines of investigation emphasised the settlement strategies and economic characteristics of the Iron Age (Martins 1990). In reference to the Early Iron Age economy, we distinguish two postures. The first defends the recession in agriculture, bronze metallurgy, supra-regional exchange, the “impoverishment” of the ceramic collection, and the isolation and autarchy of populations associated to a political and social disintegration in consideration to the Bronze Age (Martins 1990, 1996; Silva *et al.* 1992; Alarcão 1992, 1996). The other posture defends an intensification of agriculture, forestry and pastoral activities, the continuity and development of metallurgy production, although in new ways, and the continuation of supra-regional exchange (Bettencourt 1999, 2001).

In general, all authors agree that from the 2nd century BC till the Roman conquest (1st century AD), that is, Late Iron Age, a great dynamism is observed. This is characterised by: a demographic growth; a bigger diversity in settlement strategies; generalised monumentality of communities accompanied by the reoccurring petrification of their structures (houses, walls, etc.); the construction of family units or neighborhoods; some proto-urbanism; the development of agro-pastoral activities; and a vast number of changes in technology and habits that evidenced a new community interaction with the surroundings. It is assumed that they were organised in *populi* (*Turduli Veteres*, amongst others, south of Douro, and *Leuni*, *Seubi*, *Bracari*, *Equesi*, etc., to the north), resulting from eventual indigenous alliances after or immediately before the Roman troops excursion to the North, commanded by Décimo Júnio Bruto (Silva 1986; Martins 1990, 1993/1994, 1996; Queiroga 1992; Alarcão 1996, amongst others).

Even with innumerable studies on the North-Western Portuguese Iron Age and the advancements in terms of knowledge in regard to this period, there is still vast work to be done on Early Iron Age. There is also a lack of studies that have as objective to conjugate in a network all the materialities of each Iron Age periods in interaction with the space they share. Specifically: the articulation between “castros” and other exceptional, or of difficult classification, archaeological places (e.g. Lago, Frijão, Aguda/Granja, Granja, Lanheses/on the banks of river Lima, etc.)¹⁶; the articulation between all these *loci* and reused or performed rock engravings during the Iron Age, or with places where metallic artefacts have been found. This is essential to an extended and plural knowledge of these communities in the environment where they are inserted and interact.

¹⁶ Information on these places, see Martins (1988), Barbosa & Azevedo (2004/2005), Silva & Pereira (2010) and Silva 2013.

BIBLIOGRAFIA / BIBLIOGRAPHY

- ALARCÃO, J. 1992. A evolução da cultura castreja, *Conímbriga* 31: 39-71.
- ALARCÃO, J. 1996. O primeiro milénio, *De Ulisses a Viriato. O primeiro Milénio a.C.* Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia:15-30.
- ALLEN J.R.M.; HUNTLEY, B. & WATTS, W.A. 1996. The vegetation and climate of the Northwest Iberia over the last 14.000 yr. *Journal of Quaternary Science* 11: 125-147.
- ALMEIDA, C.A.B. 1986. Carta arqueológica do concelho de Esposende. *Boletim Cultural de Esposende* 9/10: 39-59.
- ALMEIDA, C.A.B. 1990. *Proto-História e Romanização da bacia inferior do Lima*. Estudos Regionais nº esp. 7/8. Viana do Castelo: CER.
- ALMEIDA, C.A.B. 2008. *Sítios que fazem História: Arqueologia do Concelho de Viana do Castelo I. Da Pré-história à Romanização*. Viana do Castelo: Câmara Municipal.
- ALMEIDA, C.A.B.; ALMEIDA, P.B. & FERNANDES, F. 2008. *Povoado do Bronze Final da Cimalha. Sernande, Felgueiras. Relatório de Intervenção Arqueológica*. Felgueiras: Câmara Municipal.
- ALMEIDA, C.A.B.; MAIA, M.I.S.; MOREIRA, M.M.L. & BAPTISTA, A.J. 1994. A Estação do Bronze Final da Regueira. Vitorino de Piães – Ponte de Lima. *Revista da Faculdade de Letras. História* 11, 2ª Série: 547-565.
- ALMEIDA, C.A.F.; SOEIRO, T.; ALMEIDA, C.A.B. & BAPTISTA, A. 1981. Escavações Arqueológicas em Santo Estevão da Facha. *Arquivo de Ponte de Lima* 3: 3-90.
- ALMEIDA, P.B. & FERNANDES, F. 2008. O povoado da Idade do Bronze da Cimalha. *Actas do I Encontro de Arqueologia das Terras do Sousa*. Oppidum nº especial: 29-44 PDF.
- AIRA RODRIGUEZ, M. J. & RAMIL-REGO, P. 1995. Datos paleobotanicos del Norte de Portugal (Baixo Minho). Estudio polínico y paleocarpológico. *Lagascalia* 18 (1): 25-38.
- ALVES, L.B. 2003. *The movement of signs. Post-glacial rock art in North-Western Iberia*. Reading: University of Reading (Dissertação de doutoramento - policopiada).
- ALVES, L.B. 2009. O sentido dos signos. Reflexões e perspectivas para o estudo da arte rupestre do pós-glacial no norte de Portugal. In R. Balbín Behrmann (ed.) *Arte Prehistórico al aire libre en el Sul de Europa*. Documentos Pahiis. Junta de Castilla y León Consejería de Cultura y Turismo, p. 381-413.
- ALVES, L. 1980. Carreço na Pré-História. *Boletim da Comissão de Festas de Nossa Senhora de Carreço*, Carreço.
- ALVES, L. 1981. Petróglifos da Laje da Churra (Carreço). *Boletim da Comissão de Festas de Nossa Senhora de Carreço*, Carreço.
- AMORIM, M.J.M. 2007. *O inventário arqueológico dos Montes do Borrelho e Moinho Velho, no âmbito do levantamento arqueológico do concelho de Vila Verde*. Vila Verde: Câmara Municipal (relatório inédito).
- ARMBRUSTER, B.R. & PARREIRA, R. 1993. *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia: Coleção de Ourivesaria, do Calcolítico à Idade do Bronze*. Lisboa: IPM: 88-97.
- ATAÍDE, A. & TEIXEIRA, C. 1940. A Necrópole e o esqueleto de S. Paio de Antas e o Problema dos vasos de largo bordo horizontal. *Actas Do 1º Congresso do Mundo Português*. Lisboa: 669-692.
- BAPTISTA, A.M. 1981a. A arte do Gião. *Arqueologia* 3: 56-66.
- BAPTISTA, A.M. 1981b. O complexo rupestre da Bouça do Colado (Parada - Lindoso). *Giesta* 4: 6-16.
- BAPTISTA, A.M. 1983/1984. Arte rupestre do Norte de Portugal: uma perspectiva, *Portugália* 4. Nova série: 71-82.
- BAPTISTA, A.M. 1987. Arte rupestre pós-glaciária. Esquematismo e abstracção. *História da Arte em Portugal*. Vol. 1. Lisboa: Alfa: 31-55.
- BAPTISTA, A.M. 1995. O santuário rupestre da Bouça do Colado. In I. Silva (coord.) *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*. Lisboa: IPM: 97-98.
- BAPTISTA, A.M. 1997. Arte megalítica no planalto de Castro Laboreiro (Melgaço, Portugal e Ourense, Galiza). *Actas do III coloquio Internacional de Arte Megalítico. Brigantium* 10. A Coruña: Museu Arqueológico e Histórico Castelo de San Antón: 191-216.
- BARBOSA, R.P. & AZEVEDO, M. 2004-2005. A antropização da paisagem no vale do Este: dados inéditos para o seu estudo. *Mínia* 11-12. 3ª série: 113-136.

- BETTENCOURT, A.M.S.1988. Novos achados metálicos do Bronze Final na bacia do médio Cávado, *Cadernos de Arqueologia* 5: 9-22.
- BETTENCOURT, A.M.S. 1991/1992a. A Mamoa nº 10 do Chão da Cheira (Maciço do Borrelho - Vila Verde), *Cadernos de Arqueologia* 8/9: 43-65.
- BETTENCOURT, A.M.S. 1991/1992b. Achado de um vaso campaniforme na serra do Maroiço-Fafe, *Cadernos de Arqueologia* 8/9: 233-236.
- BETTENCOURT, A.M.S. 1995. Dos inícios aos finais da Idade do Bronze no Norte de Portugal. In Isabel Cordeiro *et al.* (coord.) *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*. Lisboa: IPM: 110-115.
- BETTENCOURT, A.M.S. 1997. Expressões funerárias da Idade do Bronze no Noroeste peninsular. *Actas do II Congreso de Arqueología Península*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques: 621-632.
- BETTENCOURT, A.M.S. 1998. Necrópole Megalítica do Maciço do Borrelho (Vila Verde). Disponível on-line em www.geira.pt/arqueo/ListaArqueossitios.html
- BETTENCOURT, A.M.S 1999. *A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC*. 5 Vols. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Doutoramento - policopiada).
- BETTENCOURT, A.M.S. 2000a. O vale do Cávado (Norte de Portugal) dos finais do III milénio aos meados do I milénio AC: sequências cronológico-culturais. *Pré-História Recente da Península Ibérica. Actas do IIIº Congresso Peninsular de Arqueologia*. Porto: ADECAP: 9-93.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2000b. *O povoado da Idade do Bronze da Sola, Braga, Norte de Portugal*. Cadernos de Arqueologia Monografias - 9. Braga: Unidade de Arqueologia da Univ. do Minho.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2000c. *O povoado de S. Julião, Vila Verde, Norte de Portugal, na Idade do Bronze e na Transição para a Idade do Ferro*. Cadernos de Arqueologia Monografias – 10. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2000d. *Estações da Idade do Bronze e Inícios da Idade do Ferro da bacia do Cávado (Norte de Portugal)*. Cadernos de Arqueologia Monografias – 11. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2001a. *O povoado da Santinha, Amares, Norte de Portugal, nos finais da Idade do Bronze*. Cadernos de Arqueologia, Monografias 12, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Braga.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2001b. Considerações em torno de alguns aspectos económicos do Ferro Inicial no Noroeste Português. *Arqueologia* 26: 41-55.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2003. Plant and animal husbandry in the second millennium BC in Northern Portugal. *Journal of Iberian Archaeology* 5: 199-202.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2005a. The early farmers and shepherds of North-west Portugal: the Neolithic and the Calcolithic. In Isabel Silva & C. Mineiro (coord.) *D. Diogo de Sousa. Regional Museum of Archaeology. Guide*. Lisboa: Instituto Português dos Museus: 28-35.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2005b. A arquitectura dos recintos monumentais. In J.M. Hidalgo Cuñarro (coord.) *Arte e Cultura de Galicia e Norte de Portugal. Arqueoloxía*. Vigo: Nova Galicia Edicións, S.L.:122-129.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2005c. A estatuaría, in J. M. Hidalgo Cuñarro (coord.) *Arte e Cultura de Galicia e Norte de Portugal. Arqueoloxía*. Vol. 1. Vigo: Nova Galicia Edicións, S.L.:166-177.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2005d. Gravados rupestres ao aire libre do denominado “Grupo Galaico” ou do “Grupo I do Noroeste” (Norte de Portugal). In J.M. Hidalgo Cuñarro (coord.) *Arte e Cultura de Galicia e Norte de Portugal. Arqueoloxía*. Vol. 1. Vigo: Nova Galicia Edicións S.L.:161-165.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2005e. Obxectos de adorno (ouro, prata e cobre/bronze). In J.M. Hidalgo Cuñarro (coord.) *Arte e Cultura de Galicia e Norte de Portugal. Arqueoloxía*. Vol. 1. Vigo: Nova Galicia Edicións, S.L.:187-197.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2005f. O que aconteceu às populações do Bronze Final do Noroeste de Portugal, no segundo quartel do I milénio AC, e quando começou, afinal, a Idade do Ferro? *Actas do Colóquio Internacional Castro, um lugar para habitar, Penafiel - 2004. Cadernos do Museu II*. Penafiel:Câmara Municipal de Penafiel: 25-40.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2007. *Relatório sobre a disciplina de Arqueologia Pré-Histórica Peninsular II (Licenciatura em Arqueologia)*. Esposende (Apresentado para Provas de Agregação à Univ. do Porto – Policopiado).

- BETTENCOURT, A.M.S. 2008. Life and death in the Bronze Age of the NW Iberian Peninsula. In F. Fahlander & T. Oestigaard (eds.) *The materiality of death – bodies, burials and beliefs*. BAR International Series 1768. Oxford: Archaeopress: 99-104.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2009a. A Pré-História do Minho: do Neolítico à Idade do Bronze. In P. Pereira (coord.) *Minho. Traços de Identidade*. Braga: Conselho Cultural da Universidade do Minho: 70-113.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2009b. Entre os montes e as águas: ensaio sobre a percepção dos limites na pré-história da faixa costeira entre o Minho e o Lima (NW português). In A.M.S. Bettencourt & L.B. Alves (eds.) *Dos montes, das pedras e das águas. Formas de interacção com o espaço natural da pré-história à actualidade*. Braga: CITCEM e APEQ: 131-162.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2009c. Práticas Funerárias da Idade do Bronze de Trás-os-Montes e da Galiza oriental. *Actas do Congresso Transfronteiriço de Arqueologia: um Património sem Fronteiras (Barroso, Montalegre, 2008)*. Revista Aquae Flaviae 41: 93-105.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2010a. La Edad del Bronce en el Noroeste de la Península Ibérica: un análisis a partir de las prácticas funerarias. *Trabajos de Preistoria* 67 (1): 139-173.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2010b. Comunidades pré-históricas da bacia do Leça: do predador “nómada” ao agricultor sedentário. In J. Varela & C. Pires (coords.) *O Rio da Memória: Arqueologia no Território do Leça*. Matosinhos: Câmara Municipal: 33-88.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2010c. Burials, corpses and offerings in the Bronze Age of NW Iberia as agents of social identity and memory. In A.M.S. Bettencourt, M.J. Sanches, L.B. Alves & R. Fábregas Valcarce (eds.) *Conceptualizing space and place. On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Palaeolithic to the Iron Age in Europe. Proceedings of the 15th Congress of the International Union for Prehistoric and Protohistoric Sciences, Lisbon, September 2006*, BAR International Series. Oxford: Archaeopress: 33-45.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2011. Estruturas e práticas funerárias do Bronze Inicial e Médio do Noroeste Peninsular, in Primitiva Bueno, Antonio Gilman, Concha Martín Morales & F.Javier Sánchez-Palencia (eds.) *Arqueología, Sociedad, Territorio y Paisaje. Estudios sobre Prehistoria Reciente, Protohistoria y Transición al Mundo Romano en Homenaje a M^a Dolores Fernández Posse*, Bibliotheca Praehistorica Hispana (BPH) XXVII, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto de Historia: 115-139.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2011. El vaso campaniforme en el Norte de Portugal. Contextos, cronologías y significados. In M. Pilar Prieto-Martínez & Laure Salanova (eds.) *Las comunidades campaniformes en Galicia. Cambios sociales en el III y II milenios BC en el NW de la Península Ibérica*. Pontevedra, Diputación de Pontevedra: 363-374.
- BETTENCOURT, A.M.S. neste vol. As gravuras rupestres do Chã da Rapada, Britelo, Ponte da Barca. In A.M.S. Bettencourt *A Pré-História do Noroeste Português*. Territórios da Pré-História em Portugal, Arkeos. Braga/Tomar: CITCEM/CEIPHAR.
- BETTENCOURT, A.M.S. neste vol. As gravuras rupestres da Breia, Cardielos, Viana do Castelo. In A.M.S. Bettencourt *A Pré-História do Noroeste Português*. Territórios da Pré-História em Portugal, Arkeos. Braga/Tomar: CITCEM/CEIPHAR.
- BETTENCOURT, A.M.S. & FONTES, L. 1993/1994. Uma nova jazida da Idade do Bronze no Areeiro, planalto da Lameira, Celorico de Basto. *Cadernos de Arqueologia* 10/11: 247-260.
- BETTENCOURT, A.M.S. & COMENDADOR REY, B. 2003. Los inicios de la metalurgia del bronce en el Noroeste Peninsular. *Actas do IV^o Congreso Internacional sobre Património Geológico e Mineiro* (Teruel, Aragón). Museu do Instituto Geológico e Mineiro de Utrillas: 343-357.
- BETTENCOURT, A.M.S. & FONSECA, J. 2011. *O povoado da Idade do Bronze de Lavra, Matosinhos. Contributos para o estudo do Bronze Médio do litoral Norte*. Matosinhos: Centro de Investigação Transdisciplinar. Cultura, Espaço e Memória - CITCEM /Junta de Freguesia de Lavra.
- BETTENCOURT, A.M.S. & RODRIGUES, A. neste vol. As gravuras rupestres do Fieiral, Castro Laboreiro, Melgaço. In A.M.S. Bettencourt *A Pré-História do Noroeste Português*. Territórios da Pré-História em Portugal, Arkeos. Braga/Tomar: CITCEM/CEIPHAR.
- BETTENCOURT, A.M.S.; LEMOS, F.S. & ARAÚJO, T. 2002a. The young man of Vale Ferreiro, Fafe (Northern Portugal): an early prehistorical burial. *Journal of Iberian Archaeology* 4: 131-151.

- BETTENCOURT, A.M.S.; LEMOS, F.S. & ARAÚJO, T. 2003a. O Complexo Arqueológico de Vale Ferreiro, Serafão, Fafe (Norte de Portugal). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 43 (1-2): 113-132.
- BETTENCOURT, A.M.S.; DINIS, A.; CRUZ, C. & SILVA, I.S. 2003b. O povoamento Calcolítico do alvéolo de Vila Chã, Esposende (Norte de Portugal). Notas a propósito das escavações arqueológicas de Bitarados, *Portugália* 24: 29-50.
- BETTENCOURT, A.M.S.; ALVES, L.B.; RIBEIRO, A.T. & MENEZES, R.T. 2012. Gravuras rupestres da Bouça da Cova da Moura (Ardegães, Maia, Norte de Portugal), no contexto da Pré-história Recente da bacia do Leça, *Gallaecia* 31: 47-62.
- BETTENCOURT, A.M.S.; DINIS, A.; SILVA, I.S.; CRUZ, C.; & PEREIRA, J. 2002c. A estação arqueológica da Tapada da Venda, Pedroso, Celorico de Basto (Norte de Portugal): primeiras impressões das escavações de 2001. *Portugália* 23. Nova série, p. 185-198.
- BETTENCOURT, A.M.S.; RODRIGUES, A.; SILVA, .S.; CRUZ, C.S. & DINIS, A. 2005. The ceremonial site of Vale Ferreiro, Fafe, in the context of the Bronze Age in Northwest Portugal. *Journal of Iberian Archaeology* 7: 157-175.
- BETTENCOURT, A.M.S.; DINIS, A.; SILVA, I.S.; CRUZ, C.; PEREIRA, J. & MARTINS, J. 2002b. A estação arqueológica dos Penedos Grandes, Arcos de Valdevez (Norte de Portugal): notícia preliminar, *Portugália* 23. Nova série:199-215.
- BETTENCOURT, A.M.S.; DINIS, A.; SILVA, A.; MOTA VEIGA, A.; RIBEIRO, E.; CARDOSO, H.; VILAS BOAS, L. & AMORIM, M.J. 2004. A estação arqueológica das Boucinhas, Regueira, Vitorino de Piães, Ponte de Lima (Norte de Portugal). *Portugália* 25. Nova série: 87-109.
- BETTENCOURT, A.M.S.; DINIS, A.; FIGUEIRAL, I.; RODRIGUES, A.; CRUZ, C.S.; SILVA I.S.; AZEVEDO, M. & BARBOSA, R. 2007. A ocupação do território e a exploração de recursos durante a Pré-História Recente do Noroeste de Portugal. In S.O. Jorge, A.M.S. Bettencourt & I. Figueiral (eds.) *A concepção das paisagens e dos espaços na arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. Faro: Centro de Estudos de Património, Departamento de História, Arqueologia e Património, Fac. de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve:149-164.
- BLAS CORTINA, M.A. 2005. Un témoignage probant de l'exploitation préhistorique du cuivre dans le nord de la Péninsule Ibérique: le complexe minier d'El Aramo (Asturies). In P. Ambert & J. Vaquer (eds.) *La première métallurgie en France et dans les pays limitrophes. Actes du colloque international (Carcassonne, 28-30 Septembre 2002)*. Aude. Société Préhistorique Française, 195-205.
- BRADLEY, R. 1990. *The passage of arms: an archaeological analysis of prehistoric hoards and votive deposits*, Cambridge: University Press.
- BRADLEY, R. 2000. *An archaeology of natural places*, Oxon/Ney Work: Routledge.
- BRADLEY, R. & FÁBREGAS VALCARCE, R. 1999. La "Ley de Frontera": grupos rupestres Galaico y Esquemático y Prehistoria del Noroeste de la Península Ibérica. *Trabajos de Prehistoria* 56 (1):103-114.
- BRADLEY, R.; FÁBREGAS VALCARCE, R.; ALVES, L.B. & VILASECO VÁZQUEZ, X.I. (2005). El Pedroso – A prehistoric cave in Castille. *Journal of Iberian Archaeology* 7: 125-156.
- BUENO, P. & BALBÍN, R. 1992. L'art mégalithique dans la Péninsule Ibérique. Une vue d'ensemble. *L'Anthropologie* 96 (2-3): 499-572.
- BUENO, P. & BALBÍN, R. 2003. Una geografía cultural del arte megalítico ibérico: las supuestas áreas marginales. In. R. Balbín, & p. Bueno (eds.). *Primer Symposium internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella. El arte prehistórico desde los inicios del siglo XXI*. Ribadesella: 291-313.
- BUENO, P. & BALBÍN, R. 2006. Between power and mythology:evidence of social inequality and hierarchisation in the Iberian megalithic. In P. Díaz del Río & L. García (eds) *Social Inequality in Iberian Late Prehistory*. BAR International Series 1525. Oxford: Arqueopress: 37-52.
- BUENO RAMIREZ, P.; BALBÍN BEHRMANN, R.& BARROSO BERMEJO, R. 2005. Hiérarchisation et métallurgie: statues armées dans la Péninsule Ibérique. *L'Anthropologie* 109: 577- 640.
- CAAMAÑO GESTO, J.L. 2007. O Calcolítico e a Edad del Bronce. In X.R. Barreiro Fernández & R.Villares Paz (coord.) *A Gran Historia de Galicia. Prehistoria de Galicia I, 2*. A Coruña: La Voz de Galicia: 8-223.
- CABRAL, J.P. 2010. O depósito de conchas do sítio arqueológico das "Areias Altas" (Porto, Portugal). Estudo morfológico e morfométrico das conchas inteiras de moluscos. *Férvedes* 6: 73-82.

- CARDOSO, D. neste vol. As gravuras rupestres da Quinta do Paço, S. Salvador de Briteiros, Guimarães, In A.M.S. Bettencourt A *Pré-História do Noroeste Português*. Territórios da Pré-História em Portugal, Arkeos. Tomar: CEIPHAR.
- CARDOSO, J.L. & BETTENCOURT, A.M.S. 2008. Caça e pastorícia no Calcolítico do Noroeste de Portugal: estudo dos restos ósseos da estação arqueológica de Bitarados. *Estudos do Quaternário* 5: 79-86.
- CARDOSO, M. 1936. Machadinhas castrejas. *Revista de Arqueologia* 3: 43-51.
- CARDOSO, M. 1951. Monumentos arqueológicos da Sociedade Martins Sarmento. *Revista de Guimarães* 61 (1-2): 5-80.
- CARDOSO, M. 1960. Breves observações a propósito das análises espectrográficas de alguns instrumentos metálicos da Idade do Bronze, pertencentes ao Museu “Martins Sarmento”. *Revista de Guimarães* 70 (1-2): 169-184.
- CARDOSO, M. 1964. Castros. In J. Serrão (dir.) *Dicionário de História de Portugal*. Vol. 2. Porto: Livraria Figueirinhas, p. 18.
- CELESTINO, A. 1994. *Antigamente era San Joan de Rey*. S. João de Rei: Junta de Freguesia de S. João de Rei.
- CLETO, J. 1993. *A necrópole megalítica do Castelo (Baião)*. Contributos para o seu estudo e contextualização na Pré-História Recente do Norte de Portugal. Porto: Faculdade de Letras (Dissertação de Mestrado – Policopiada).
- COIMBRA, F. 2001. As gravuras rupestres da Laje dos Sinais (Barcelos, Portugal). *Revista de Guimarães* 111:183-198.
- COIMBRA, F. 2004. A arte rupestre do concelho de Barcelos (Portugal). *Anuario Brigantino* 27: 37-70.
- COMENDADOR REY, B. & BETTENCOURT, A.M.S. 2007. Novos dados sobre a primeira metalurgia de bronze no noroeste peninsular: os contributos da bacia do Leça. *I Jornadas Arqueológicas da Bacia do Rio Leça* (27 de Outubro de 2007). Disponível on-line http://webs.uvigo.es/beacomendador/index_archivos/Jornadas.pps
- COMENDADOR REY, B. & BETTENCOURT, A.M.S. 2011. Nuevos datos sobre la primera metalurgia del bronce en el noroeste de la Península Ibérica: la contribución de Bouça da Cova da Moura (Ardegães, Maia). *Estudos do Quaternário* 7: 19-31.
- COMENDADOR REY, B.; GIL IBARGUCHI, J.I. & BENAVIDES, R. 2009. Resultados preliminares del estudio del conjunto de plata prehistórica de Antas de Ulla (Lugo, Galicia). *Archaeometallurgy: Technological, Economic and Social Perspectives in Late Prehistoric Europe-TESME* (Madrid, 25-27 November 2009). Disponível on-line em webs.uvigo.es/beacomendador/index_archivos/postertesme.jpg
- CORREIA, V.H. & RECAREY, M.A. 1988. Insculpturas rupestres da Serra da Gávea, Sra da Encarnação, *Actas do Colóquio Manuel de Boaventura–1985*. *Arqueologia*, Esposende: Câmara Municipal, 93-111.
- CUNHA, A.L. 1991. Intervenção de emergência efectuada no Lugar de Fontela de Figueirido, Sardoura, Castelo de Paiva (Relatório de 1988/89), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 31:199-219.
- CUNHA, A.L. & SILVA, E.J. 1980. Gravuras rupestres do concelho de Valença (Monte de Fortes (Taião), Tapada de Oão e Monte da Laje). *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*. Vol. 2: 121-131.
- CRUZ, D.J. 1992. A Mamoa 1 de Chã de Carvalhal (serra da Aboboreira), Ed. Universidade de Coimbra, Coimbra.
- CRUZ, D.J. 1995. Cronologia dos monumentos com *tumulus* do Noroeste peninsular e da Beira Alta. *Estudos Pré-históricos* 3: 81-112.
- CRUZ, D.J. 2001. *O Alto Paiva: megalitismo, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-História Recente*. Coimbra: Universidade de Coimbra (Dissertação de Doutoramento – policopiada).
- CRUZ, D.J. & GONÇALVES, A.A.H.B. 1994. Novas pinturas no Dólmén do Padrão (Baltar, Paredes, Porto). *Estudos Pré-históricos* 2: 383-393.
- CRUZ, D.J. & GONÇALVES, A.A.H.B. 1998/1999. A necrópole de Agra de Antas (S. Paio de Antas, Esposende, Braga). *Portugália* 19-20: 5-27.
- DINIS, A. & BETTENCOURT, A.M.S. 2004. Sondagens Arqueológicas no Monte da Ola, Vila Fria, Viana do Castelo (Norte de Portugal). *Portugália* 25. Nova Série: 71-85.
- DOPAZO MARTÍNEZ, A.1996. La dieta vegetal del Noroeste Ibérico durante el Holoceno: una aproximación a través del análisis paleocarpológico, Memória de Licenciatura apresentada à Universidade de Santiago de Compostela (Policopiada).

- DORDIO, P. 1995. *Gravuras Rupestres do Fieiral*. IHRU SIPA. Disponível on-line em www.monumentos.pt/Monumentos/UserControls/Pdf.aspx?Ipas=3596&Type=FICHAIPA
- FÁBREGAS VALCARCE, R., MARTÍNEZ CORTIZAS, A., BLANCO CHAO, R. & CHESWORTH, W. 2003. Environmental change and social dynamics in the second-third millenium BC in NW Iberia. *Journal of Archaeological Science* 30, p. 859-871
- FARO, S.; CLETO, J. & CARNEIRO, A.L. 1988. A escavação da Mamoa do Outeiro no contexto do Campo da Serra da Aboboreira. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 28 (1-2): 251-274.
- FERNANDES, J.O.; BETTENCOURT, A.M.S.; COMENDADOR REY B. & ALVES, M.I.C. 2011 O depósito metálico da Bandeira, Viana do Castelo (Norte de Portugal) no contexto dos depósitos do Bronze Médio do curso inferior do Lima. *Estudos do Quaternário* 7: 31-37.
- FIGUEIRAL, I. 1990. *Le nord-ouest du Portugal et les modifications de l'écosystème, du Bronze final à l'époque romaine, d'après l'antracoanalyse de sites archéologiques*. Montpellier: Universidade Montpellier II (Dissertação de doutoramento - Policopiada).
- FIGUEIRAL, I. 2000. O povoado da Sola (Braga): o contributo da antracologia. In A.M.S.. Bettencourt *O povoado da Idade do Bronze da Sola, Braga, Norte de Portugal*. Cadernos de Arqueologia Monografias – 9, Braga: Unidade de Arqueologia da Univ. do Minho: 71-76.
- FIGUEIRAL, I. 1993. Charcoal analysis and the vegetational evolution of North-west Portugal, *Oxford Journal of Archaeology* 12 (2): 209-222.
- FIGUEIRAL, I. 1995. Charcoal analysis and the history of *Pinus pinaster* (cluster pine) in Portugal, *Review of Palaeobotany and Palynology* 89: 441-454.
- FIGUEIRAL, I & QUEIROGA, F.M.R.V. 1988. Castelo de Matos, 1982-1986. *Arqueologia* 17, p. 137-150.
- FIGUEIRAL, I. & BETTENCOURT, A.M.S. 2004. Middle/Late Bronze Age plant communities, and their exploitation, in the Cávado Bassin (NW Portugal) as shown by charcoal analysis: the significance and co-occurrence of *Quercus* (deciduous) - *Fabaceae*, *Vegetation History and Archaeobotanic* 13: 219-232.
- FIGUEIRAL, I. & BETTENCOURT, A.M.S. 2007. Estratégias de exploração do espaço no Entre Douro e Minho desde os finais do IV aos meados do I milénios AC. In S.O. Jorge, A.M.S. Bettencourt & I. Figueiral (eds.) *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. Faro: Centro de Estudos de Património, Departamento de História, Arqueologia e Património, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve: 177-187.
- FONTE, J.; BETTENCOURT, A.M.S. & FIGUEIREDO, E. 2013. Deposições metálicas do Bronze Final no vale do Assureira. O caso do sítio de Moinhos de Golas (Solveira, Montalegre, Norte de Portugal). *Estudos do Quaternário* 9: 23-32.
- FORTES, J. 1906. A sepultura da Quinta da Água Branca (Edade do Cobre), *Portugália*. 2: 241-252;
- GARCÍA-AMORENA, I ; GÓMEZ MANZANEQUE F.; RUBIALES, J.M.; GRANJA H.M.; SOARES DE CARVALHO G. & MORLA, C. 2007. The Late Quaternary coastal forests of Western Iberia; a study of their macroremains. *Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology* 254: 448-461.
- GÓMEZ-ORELLANA, L. 2002. *El último Ciclo Glaciar-Interglaciar en el litoral del NW ibérico: Dinámica climática y paisajística*. Tesis Doctoral. Universidad de Santiago. Lugo.
- GÓMEZ-ORELLANA, R. L.; RAMIL-REGO, P. & MARTÍNEZ SÁNCHEZ, S. 2001. Modificaciones del paisaje durante el Pleitoceno Superior-Holoceno en los territorios litorales atlánticos del NW Ibérico. *Estudos do Quaternário* 4: 79-96.
- GÓMEZ-ORELLANA, L.; RAMIL REGO, P.; MUÑOZ SOBRINO, C. & BETTENCOURT, A.M.S. 2010. El Paisaje Holoceno en la serra D'Arga (NW Portugal). In A.M.S. Bettencourt, M.I.C. Alves & S. Monteiro-Rodrigues (eds.) *Variações Paleoambientais e Evolução Antrópica no Quaternário do Ocidente Peninsular*. Braga: APEQ/CITCEM: 53-59.
- INGOLD, T. 2000. *The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill*. LONDON/ New York: Routledge.
- JORGE, S.O. 1980. A estação arqueológica do Tapado da Caldeira, Baião. *Portugália* 1. Nova série: 29-50.
- JORGE, S.O.1981. Sondagens arqueológicas na estação do Alto da Caldeira (Baião). *Arqueologia* 3: 67-76.
- JORGE, S.O.1983. Duas datas de C.14 para a sepultura 1 da estação do Tapado da Caldeira (Baião). *Arqueologia* 8: 55-56.

- JORGE, S.O. 1988. *O povoado da Bouça do Frade (Baião) no quadro do Bronze Final do Norte de Portugal*. Monografias Arqueológicas do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto 2. Porto.
- JORGE, S.O. 1996. Regional diversity in the Iberian Bronze Age - on the visibility and opacity of the archaeological record, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 36:193-214.
- JORGE, S.O. 1999. Domesticar a terra. As primeiras comunidades agrárias em território português, Lisboa, Ed. Gradiva.
- JORGE, V.O. 1980. Escavação da Mamoa 1 de Outeiro de Gregos. Serra da Aboboreira, Baião, *Portugália* 1. Nova série 1:9-28.
- JORGE, V.O. 1981. A propósito da Aboboreira – uma experiência de análise territorial em arqueologia. *Arqueologia* 3:1-2.
- JORGE, V.O. 1982. *Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto. Os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*, 2 vols., Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Porto - Policopiada.
- JORGE, V.O. 1984a. Escavação da Mamoa da Mina do Simão (serra da Aboboreira – Amarante). *Arqueologia* 9: 3-21.
- JORGE, V.O. 1984b. Escavação da Mamoa da Gestosa (Sandim, Vila Nova de Gaia). *Actas das Jornadas de História Local e Regional de Vila Nova de Gaia*. Gaya 2. Vila Nova de Gaia:19-38.
- JORGE, V.O. 1985. Les tumulus de Chã de Santinhos (ensemble mégalithique de serra da Aboboreira, Nord du Portugal). *Arqueologia* 12: 96-129.
- JORGE, V.O. 1989. Arqueologia social dos sepulcros megalíticos atlânticos: conhecimentos e perspectivas actuais. *Revista de História da Faculdade de Letras-História* 6. 2ª série:365-443.
- JORGE, V.O. 1991. Necrópole pré-histórica da Aboboreira(distrito do Porto). Uma hipótese de diacronia. *Homenagem a J. R. dos Santos Júnior*. Lisboa: IICT:205-213.
- JORGE, V.O. 1992. As mamoaas funerárias do Norte de Portugal (do Neolítico à Idade do Bronze Antigo) como elementos indicadores de uma progressiva complexidade social: esboço preliminar da questão. *Revista de História da Faculdade de Letras-História*, 2ª série 9: 463-480.
- JORGE, V.O. 1997. Questões de interretação de arte megalítica. *Actas do III coloquio Internacional de Arte Megalítico, Brigantium* 10. A Coruña: Museu Arqueológico e Histórico Castelo de San Antón: 47-65.
- JORGE, V.O. 2000. Alguns problemas em foco, após duas décadas de estudo do megalitismo português. *Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*. Porto: ADECAP: 357-374.
- JORGE, V.O. & JORGE, S.O. 1993. Statues-menhirs et steles du Nord du Portugal, *Les representations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer*, E. du C.T.H.S., Paris: 29-43.
- JORGE, V.O.; ALONSO, F. & DELIBRIAS, G. 1988. Novas datas de Carbono 14 para mamoaas da Serra da Aboboreira. *Arqueologia* 18: 95-98.
- JORGE, V.O.; JORGE, S.O.; FARO, S. & CLETO, J. 1987. As mamoaas das Furnas (serra da Aboboreira). *Arqueologia* 16:19-39.
- JORGE, V.O.; SILVA, E.J.L.; BAPTISTA, A.M. & JORGE, S.O. 1995. Escavação da Mamoa 1 do Alto da Portela do Pau (Castro Laboreiro, Melgaço) – 1992, *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol. VII, Porto, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 35 (3). Porto: SPAE: 191-225.
- JORGE, V.O.; SILVA, E.J.L.; BAPTISTA, A.M. & JORGE, S.O. 1997. *As Mamoaas do Alto da Portela do Pau (Castro Laboreiro, Melgaço)*. *Trabalhos de 1992 a 1994*. Textos 2. Porto: SPAE.
- LANHAS, F. 1969. Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico nos concelhos de Matosinhos e de Vila do Conde, *Revista de Etnografia* 12 (2): 295-343.
- LANHAS, F. & BRANDÃO, P.D. 1965. Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico no concelho de Penafiel – distrito do Porto. *Revista de Etnografia* 4 (2): 275-323.
- LAYTON, R. 2001. Ethnographic study and symbolic analysis. In D.S. Whitley (ed.) *Handbook of Rock Art Research*, Altamira Press, Walnut Creek: 311-331.
- LEAL, A.J.M.C. 1987/1988. O megalitismo no concelho de Penafiel, *Penafiel - Boletim Municipal de Cultura* 4/5. 3ª Série: 37-94.
- LEISNER, V. 1958. Nota sobre um vaso transmontano. *Arqueologia e História* 8:145-153.
- LIMA, A.C.P. 1940. A correspondência Martins Sarmento-Padre Joaquim Pedrosa. *Revista de Guimarães* 50 (1-4): 77-105; 181-214.

- LÓPEZ SÁEZ, J.A. & CRUZ, D.J. 2002/2003. Análisis polínicas da Orca das Castonairas (Vila Nova de Paiva, Viseu). Evolução ambiental durante a Pré-História Recente da região do Alto Paiva (Beira Alta). *Estudos Pré-Históricos* 10/11: 55-86.
- LÓPEZ SÁEZ, J.A.; CRUZ, D.J. & GONÇALVES, A.A.H.B. 2010. A Mamoa 1 de Madorras (Sabrosa, Vila Real, Portugal): Análises polínicas e datações de Carbono 14, in A.M.S. Bettencourt, M.I.C. Alves & S. Monteiro-Rodrigues (eds.) *Variações Paleoambientais e Evolução Antrópica no Quaternário do Ocidente Peninsular*, Braga: APEQ/CITCEM: 39-52.
- LOUREIRO, L. 2006. O santuário rupestre do Penedo da Moura (Nogueira, Viana do Castelo). *Al-Madan* 14 (IV – Adenda Electrónica): 1-6. www.almadam.cidadevirtual.pt/www.almadam.publ.pt
- LUZ, S. 2010. O Depósito de conchas do sítio arqueológico das Areias Altas (Porto, Portugal). Discussão do enquadramento arqueológico da estrutura 15. *Férvedes* 6:141-145.
- MACIEL, T. 2003. *O povoamento proto-histórico do vale do Neiva*. Esposende: Rio Neiva. Associação de Defesa do Ambiente.
- MARTÍN SEIJO, M. 2011. Análise dos carbóns arqueológicos do povoado da Idade do Bronze da Lavra, Matosinhos, in Ana. M. S. Bettencourt & Jorge Fonseca (eds.) *O Povoado da Idade do Bronze da Lavra, Matosinhos. Contributos para o estudo do Bronze Médio do litoral Norte*, Matosinhos: CITCEM; Junta de Freguesia de Lavra.
- MARTÍNEZ CORTIZAS A., COSTA M. & LÓPEZ-SÁEZ J.A. 2009. Environmental change in NW Iberia between 7000 and 500 cal BC. *Quaternary International* 200: 77-89.
- MARTINS, A. 2006 Gravuras rupestres do Noroeste Peninsular: a Chã da Rapada. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 9 (1): 47-70.
- MARTINS, M.M.R. 1985. Sondagens arqueológicas no castro do Monte Padrão, em Santo Tirso. *Cadernos de Arqueologia* 2: 217-230.
- MARTINS, M.M.R. 1988. *O povoado fortificado do Lago, em Amares*. Cadernos de Arqueologia - Monografias 1, Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- MARTINS, M.M.R. 1989. *O castro do Barbudo, Vila Verde. Resultado das campanhas realizadas entre 1981/1985*, Cadernos de Arqueologia - Monografias 3, Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- MARTINS, M.M.R. 1990. *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*, Cadernos de Arqueologia - Monografias 5, Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho
- MARTINS, M.M.R. 1993/1994. Continuidade e mudança no I milénio a. C., no Noroeste Português: Os diferentes cenários de representação do discurso arqueológico. *Cadernos de Arqueologia* 10-11: 41-64.
- MARTINS, M.M.R. 1996. Povoamento e habitat no Noroeste português durante o 1º milénio a. C. *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia: 118-133.
- MARQUES, J.A.M. 1986. As gravuras da Chã da Sobreira e a arte rupestre no concelho de Monção. *Revista de Ciências Históricas* 1: 11-29.
- MEIRELES, J. 1992. *As indústrias líticas pré-históricas do litoral minhoto. Contexto cronoestratigráfico e paleoambiental*, Cadernos de Arqueologia, Monografias - 7, Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- MEIRELES, J. 1994. As indústrias líticas pré-históricas do litoral do Minho (Portugal) e o seu quadro litoestratigráfico. *1º Congresso de Arqueologia Peninsular – Actas IV. Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 34 (3-4): 17-42.
- MEIRELES, J. 2009. Os primeiros povoadores. A Pré-História Antiga do Minho. In Paulo Pereira (coord.) *Minho. Traços de Identidade*. Braga: Conselho Cultural da Universidade do Minho: 20-66.
- MEIRELES, J. 2010. Os últimos caçadores-recolectores da serra da Cabreira (NO de Portugal). O Abrigo 1 de Vale de Cerdeira (Vieira do Minho). In A.M.S. Bettencourt, M.I.C. Alves & S. Monteiro-Rodrigues (eds.) *Variações Paleoambientais e Evolução Antrópica no Quaternário do Ocidente Peninsular*, Braga: APEQ/CITCEM: 83-96.
- MONTEIRO-RODRIGUES, S. 2000. A Pré-história Antiga da Região do Porto. *Al-Madan* 9:74-78.
- MONTEIRO-RODRIGUES, S. & CUNHA-RIBEIRO, J.P. 1991. Estação paleolítica do Cerro (Madalena, Vila Nova de Gaia), *Revista da Faculdade de Letras – História* 8: 411-428.

- MONTEIRO-RODRIGUES, S. & SANCHES, M.J. 2006. Os primeiros recolectores e caçadores (Paleolítico). In Carlos A. Brochado de Almeida (coord.) *História do Douro e do Vinho do Porto. História Antiga da Região Duriense*, vol. I, Porto: GEHVID/ Afrontamento: 30-77.
- MONTEIRO-RODRIGUES, S. & GONZÁLEZ, A. 2010. Estação paleolítica da praia da Aguda (Arcozelo, Vila Nova de Gaia). Notícia preliminar, *Estudos do Quaternário* 6: 23-36.
- MOREIRA, A. B. 2007. *Museu Municipal Abade Pedrosa. Coleção Arqueológica*, Câmara Municipal de Santo Tirso.
- MOREIRA, M. & CARNEIRO, A.L. 1995. Mamoa 5 de Chã de Arcas – Baião. Primeira Notícia. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 35 (3): 183-190.
- MUÑOZ SOBRINO, C.; RAMIL-REGO, P. & RODRÍGUEZ GUITIÁN, M.A. 1997. Upland vegetation in the North-West Iberian Peninsula after the last glaciation: forest history and deforestation dynamics. *Vegetation History and Archaeobotany* 6: 215-233.
- NEVES, J.Q. (1981 Os pratinhos de Nossa Senhora. 1º *Colóquio Galaico- Minhoto*. Vol. 2. Ponte de Lima: Assoc. Cultural Galaico-Minhota: 178-179.
- NOVOA ÁLVAREZ, P. & COSTAS GOBERNA, F.J. 2004. La fauna en los grabados rupestres de la Ribeira portuguesa del Miño. *Boletín del Instituto de Estudios Vigueses* 10 (10): 177-204.
- PAÇO, A. & PINTO, E. 1964. Subsídios para a Carta Geológica do Concelho de Vila do Conde. I Estação Paleolítica de Modivas. *Revista de Guimarães* 74 (1-2): 143-148.
- PARQUE NACIONAL DA PENEDA-GERÊS 2004) *Proposta de Classificação da Necrópole Megalítica da Serra Amarela*. Braga: Parque Natural Peneda-Gerês (Relatório Policopiado).
- PEREIRA, G.R. (no prelo). A sepultura sob *tumulus* do Senhor dos Aflitos (Alvarenga/Arouca, Centro-Norte de Portugal). Primeiros resultados. *Estudos do Quaternário* 10.
- PEREIRA DA SILVA, F.A. 1997 Contextos funerários da Idade do Bronze nos planaltos centrais do Centro-Norte Litoral Português: tradição ou inovação? *Atas do II Congresso de Arqueologia Peninsular. Neolítico, Calcolítico y Bronce (Zamora 1996)*. Vol. 2. Zamora: Fundação Rei Afonso Henriques, 605-620.
- PINA, H.L. 1962. Nota sobre as indústrias líticas da Foz do Leça (Leixões). *Boletim do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências* 9 (1): 75-86.
- QUEIROGA, F.M.V.R. 1984. Escavações arqueológicas em Castelo de Matos-notícia preliminar, *Arqueologia* 9: 105-116.
- QUEIROGA, F.M.V.R. 1985. Vila Nova de Famalicão. Castro de Vermoim – 1982. *Informação Arqueológica* 5: 56.
- QUEIROGA, F.M.V.R. 1987. Corte estratigráfico no castro de Penices. *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão* 7: 3-22.
- QUEIROGA, F.M.V.R. 1992. *War and Castros. New approaches to the northwestern Portuguese Iron Age*. Oxford.
- QUEIROGA, F.M.V.R. & FIGUEIRAL, I. 1992. Datações de Carbono 14 para Castelo de Matos. *Boletim Cultural* 9. Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal.
- RAMIL REGO, P. 1993. Evolución climática e historia de la vegetación durante el Pleistoceno Superior y el Holoceno en las regiones montañosas del Noroeste Ibérico, in A. Pérez Alberti; L. Guitian Rivera & P. Ramil-Rego (eds.) *La Evolución del paisaje en las montañas del entorno de los caminos Jacobeos*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia: 25- 60.
- RAMIL REGO, P.; DOPAZO MARTÍNEZ, A. & FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, C. 1996. Cambios en las estrategias de explotación de los recursos vegetales en el Norte de la Península Ibérica. *Férvedes* 3: 169-187.
- RAMIL REGO, P.; GÓMEZ-ORELLANA, L. & MUÑOZ SOBRINO, C. 2010. Cambio climático durante el último ciclo Glaciar-Interglaciar en el NW Ibérico. In A.M.S. Bettencourt, M.I.C. Alves & S. Monteiro-Rodrigues (eds.) *Variações Paleoambientais e Evolução Antrópica no Quaternário do Ocidente Peninsular*. Braga: APEQ/CITCEM:23-38.
- RAMIL REGO, P.; TABOADA CASTRO, M.T.; DÍAZ-FIERROS VIQUERA, F. & AIRA RODRÍGUEZ, M.J. 1996. Modificación de la cubierta vegetal y acción antrópica en la región del Minho (Norte de Portugal) durante el Holoceno. In P. Ramil-Rego, C. Fernández Rodríguez & M. Rodríguez Guitián (coord.) *Biogeografía pleistocena - holocena de la Península Ibérica*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia: 199-214.
- RAMIL-REGO, P.; MUÑOZ SOBRINO, C.; RODRÍGUEZ GUITIÁN, M. & GÓMEZ-ORELLANA, L. 1998. Differences in the vegetation of the North Iberian Peninsula during the last 16,000 years. *Plant Ecology* 138: 41-62.

- REDENTOR, A.; ALVES, L. & REIS, M. 2013. 1ª expedição arqueológica à Serra do Gerês no séc. XXI. As gravuras rupestres de Obsedo. Notícia da descoberta. *Almadan* 18 (2ª série): 32-39.
- REGO, A.B. 2003. Por falar em pedras... *Melro d'Água* 9: Vila Praia de Âncora: Nuçartes: 4.
- RIBEIRO, A.T. 2008. Cabeça de ídolo antropomorfo proveniente do Lugar da Bouça da Cova da Moura (Ardegães, Águas Santas, Maia, Porto). *Apontamentos de Arqueologia e Património* 1, p. 23- 28. Disponível on-line em <http://www.nia-era.org/>
- RIBEIRO, A.T. & MENEZES, R.T. 2007. *O povoamento pré-histórico e proto-histórico no concelho da Maia. Primeira abordagem*, Comunicação apresentada nas 1ªs Jornadas Arqueológicas do Vale do Neiva, Matosinhos, Outubro de 2007. Disponível on-line em <http://cultura.maiadigital.pt/>
- RIBEIRO, A.T., LOUREIRO, L. & MENEZES, R.T. 2009. *Nota explicativa dos trabalhos arqueológicos realizados na Mamoa 5 do Leandro, Silva Escuro*, Texto disponível on-line, desde 29/4/2009, em <http://cultura.maiadigital.pt/em-linha-com/arqueologia/noticias-arqueologia/j>
- RIBEIRO, A.T. & LOUREIRO, L. 2011. A Mamoa 5 do Leandro, Silva Escuro, Maia. Uma arquitectura tumular megalítica provida de corredor médio. In J. Varela & C. Pires (coords.) *O Rio da Memória: Arqueologia no Território do Leça*. Matosinhos: Câmara Municipal: 42-43.
- RIBEIRO, A.T.; ALVES, L.B.; BETTENCOURT, A.M.S. & MENEZES, R.T. 2010. Space of memory and representation: Bouça da Cova da Moura (Ardegães, Maia, Northwest-of-Portugal) - a case study, in A.M.S. Bettencourt, M.J. Sanchez, L.B. Alves & R.F. Valcarce (eds.) *Conceptualizing space and place. On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Paleolithic to the Iron Age in Europe, Proceedings of the 15th Congress of the International Union for Prehistoric and Proto-historic Sciences, Lisbon, September 2006*, BAR International Series 2058. Oxford: Archaeopress: 89-98.
- RUSSELL CORTEZ, F. 1946. *Machados e outros objectos de bronze*. Ed. Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto.
- SÁ, E.; BETTENCOURT, A.M.S. & SIMÕES P.P. 2014. Arquiteturas funerárias, materiais de construção e interação com o espaço na Idade do Bronze da Serra da Freita (Centro-Norte de Portugal). O caso do *tumulus* de Lacerias do Covo 3, Vale de Cambra. *Estudos do Quaternário* 10.
- SAMPAIO, H.A. 2011. O papel social das amortizações metálicas na estruturação da paisagem da Idade do Bronze do Noroeste Português: os montes da Penha (Guimarães) e da Saia (Barcelos). In C.B. Martins, A.M.S. Bettencourt, J.I.F.P. Martins & J. Carvalho (eds). *Povoamento e Exploração de Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental*. Braga: CITCEM, APEQ: 31-54.
- SAMPAIO, H.A. & BETTENCOURT, A.M.S. (no prelo). Between the valley and the hill top. Discoursing on the Spatial importance of Pego's Bronze Age necropolis, Braga (Northwest of Portugal). *Estudos do Quaternário* 10.
- SAMPAIO, H.A.; BETTENCOURT, A.M.S. & ALVES, M.I.C. 2009. O Monte da Penha, Guimarães, como cenário de ações de incorporação e de comemoração do espaço, na Pré-história da bacia do Ave. In A.M.S. Bettencourt & L.B. Alves (eds.) *Dos montes, das pedras e das águas. Formas de interacção com os espaços naturais da pré-história à actualidade*. Braga: CITCEM; APEQ: 55-76.
- SAMPAIO, H.A.; AMORIM, M.J.; VILAS BOAS, L. & GOMES, A.C. (no prelo). Contributo para o estudo dos contextos funerários da Idade do Bronze no Noroeste português. O caso de estudo da Quinta do Amorim II, Braga. *Estudos do Quaternário* 10.
- SAMPAIO, J. & CARVALHO, A. 2002. Intervenção de salvamento no sítio de Bolada (S. Bartolomeu do Rêgo, Celorico de Basto). *Revista Portuguesa de Arqueologia* 5 (1): 29-38.
- SANCHES, M.J. 1995. O povoado da Lavra, serra da Aboboreira, *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, Ed.S.E.C.:116.
- SANCHES, M.J. 1997. *A Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*. 2 vols. Porto: SPAE.
- SANCHES, M.J. 2000. Reflexões sobre o povoamento do Neolítico Inicial do Norte de Portugal (VI-IV mil. A.C. *Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*. Porto: ADECAP:181-201.
- SANCHES, M.J. 2008/2009. Arte dos dólmenes do Noroeste da Península Ibérica: uma revisão analítica. *Portugália* 29-30. Nova série: 5-42.
- SANCHES, M. J.; MOTA SANTOS, P.; BRADLEY, R. & FÁBREGAS VALCARCE, R. 1998. Land marks – a new approach to the rock art of Trás-os-Montes, Northern Portugal, *Journal of Iberian Archaeology* 0: 85-104.

- SANTOS JÚNIOR, J.R. 1940. Arte Rupestre, *Actas do I Congresso do Mundo Português, Memórias e Comunicações Apresentadas ao Congresso da Pré e Proto-História de Portugal*. Vol.1. Lisboa: 327-376.
- SANTOS JÚNIOR, J.R. & AGUIAR, M. 1940. O Menir de Luzim (Penafiel), *Congresso do Mundo Português*. Vol. I, Lisboa.
- SANTOS, P.M. 1995. O povoado do Alto de Stº Ana, Chaves. In I. Silva (coord.) *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*. Lisboa: IPM:117.
- SARMENTO, F.M. 1882. Sepultura Pré-histórica em Soalhães. *A Vida Moderna* 2: 198.
- SARMENTO, F.M. 1933. *Dispersos*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- SILVA, A.C.F. 1983/1984. A cultura castreja no Noroeste de Portugal: habitat e cronologias. *Portugália* 4-5. Nova série: 121-129.
- SILVA, A.C.F. 1985. As fossas ovóides de Beiriz e a problemática das práticas funerárias no final da Idade do Bronze. *Actas do Colóquio "Santos Graça" de Etnografia Marítima*. Vol. 3:13-20.
- SILVA, A.C.F. 1986. *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira.
- SILVA, A.C.F. 1990. A Idade do Ferro em Portugal, J. Alarcão (dir.) *Nova História de Portugal. Das Origens à Romanização*. Vol. 1. Lisboa: Presença, p. 259-341.
- SILVA, A.C.F. & GOMES, M.V. 1993. *Proto-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.
- SILVA, A.C.F.; LOPES, A.B. & MACIEL, T.P. 1981. A necrópole do bronze inicial da Chã de Arefe (Durrães, Barcelos), *Arquivo do Alto Minho* 26: 49-61.
- SILVA, A.M.S.P. & LEITE, J. 2010. The place of Cividade. An approach to Late Bronze Age/Iron Age Transition in the Arouca valley (NW Portugal), in A.M.S. Bettencourt, M. J. Sanches, L.B. Alves & R. Fabregas Valcarce (eds.) *Conceptualizing space and place. On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Paleolithic to the Iron Age in Europe. Proceedings of the 15th Congress of the International Union for Prehistoric and Protohistoric Sciences, Lisbon, September 2006*, BAR International Series, Oxford: Archeopress: 153-160.
- SILVA, A.M.S.P. & PEREIRA, G.R. 2010. Povoamento proto-histórico na fachada atlântica do Entre Douro e Vouga. Paleoambientes e dinâmica cultural In A.M.S. Bettencourt, M.I.C. Alves & S. Monteiro-Rodrigues (eds.) *Variações Paleoambientais e Evolução Antrópica no Quaternário do Ocidente Peninsular*. Braga: APEQ/CITCEM: 189-203.
- SILVA, E. J. 1988. A Mamoa de Afife: breve síntese de 3 campanhas de escavação. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 28 (1-2):127-132.
- SILVA, E.J. 1990. Primeira notícia da escavação de emergência do núcleo megalítico de Carvalho Mau (S. Pedro do Paraíso – Castelo de Paiva). *Revista de Ciências Históricas* 5:7-22.
- SILVA, E.J. 1991. Descobertas recentes de arte megalítica no Norte de Portugal. *Cadernos Vianenses* 15: 31-45.
- SILVA, E.J. 1990/1992. Primeiros resultados da escavação da Mamoa de Cima de Vila, Palmeira de Faro (Esposende). *Boletim Cultural de Esposende* 17: 97-110.
- SILVA, E.J.L. 1993. Representations humaines sur deux monuments mégalithiques de la région nord du Portugal, *Representations humaines du Néolithique à L'Age du Fer*. Paris: Comité des Travaux Historiques et Scientifiques: 21-28.
- SILVA, E.J.L. 1994. Megalitismo do Norte de Portugal: o litoral minhoto. *O Megalitismo no Centro de Portugal*. Mangualde: 157-169.
- SILVA, E.J.L. 1995. Megalitismo da bacia do Douro (margem sul). *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 35 (1): 35-46.
- SILVA, E.J.L. 1997. Arte megalítica da costa norte de Portugal, *Actas do III coloquio Internacional de Arte Megalítica, Brigantium*, 10, Ed. Museu Arqueológico e Histórico Castelo de San Antón, Corunha, p. 179-189.
- SILVA, E.J.L. 2003. Novos dados sobre o Megalitismo do Norte de Portugal. In V. S. Gonçalves (ed.) *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos. Trabalhos de Arqueologia* 25. Lisboa: IPA: 269-280.
- SILVA, E.J.L. & CUNHA, A.M.L. 1986. As gravuras rupestres do Monte da Laje (Valença). *Arqueologia* 13:143-158.
- SILVA, E.J.L. & MARQUES, J.A. 1986. Escavação da Mamoa de Chafé – Viana do Castelo (notícia preliminar). *Arqueologia* 13: 207-208.

- SILVA, E.J.; SILVA, E.M. & RIBEIRO, J.D. 1989. O menir do Marco da Anta (Ponte da Barca). *Arqueologia* 14: 63-71.
- SILVA, V.M.F. 2013. Caldeiro de rebites da Idade do Ferro de Frijão (Braga, Norte de Portugal). *Estudos do Quaternário* 9: 15-21.
- SOARES, A.M.M. 2010. Upwelling, efeito de reservatório, radiocarbono e inferências paleoclimáticas. In A.M.S. Bettencourt, M.I.C. Alves & S. Monteiro-Rodrigues (eds.) *Variações Paleoambientais e Evolução Antrópica no Quaternário do Ocidente Peninsular*, Braga: APEQ/CITCEM:11-22.
- SOARES, N. 2000. O núcleo megalítico do Mezio (Arcos de Valdevez). *Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*. Porto: ADECAP: 369-374.
- SOARES, N. 2005. As Mamoas 5 e 6 do Núcleo Megalítico do Mezio (Arcos de Valdevez). *Terra de Val de Vez – GEPA* 17.
- SOEIRO, T. 1982. O esconderijo de Sequeada (Barcelos). *Arqueologia* 5: 62-67.
- SOEIRO, T. 1988. A propósito de quatro necrópoles proto-históricas do concelho de Esposende. *Actas do Colóquio Manuel de Boaventura (1985)*. Vol. 2. Esposende: Câmara Municipal: 35-62.
- SOUZA, A. 1981/1982. A cerâmica da Gandra-Esposende. *Portugália* 2-3: 41-59.
- SOUSA, O. 1996. *Estatuária antropomórfica pré e proto-histórica do Norte de Portugal*. Porto: Universidade (Dissertação de Mestrado - Policopiada).
- SOUSA, O. 1989. Relatório da escavação de emergência na Mamoa de Vila Fria – Viana do Castelo. *Cadernos Vianenses* 11: 111-116.
- SOUSA, J.R. 1978. Megalitismo nos arredores de Braga - necrópoles do Monte de Crasto, *Bracara Augusta* 32 (85-86): 329-336.
- STOCKLER, C. 1988. Em torno da cronologia do megalitismo da Serra da Aboboreira: novas datas de carbono 14 da Mamoa das Cabras (Amarante). *Actas do Colóquio A Pré-História na Beira Interior, Viseu. Estudos Pré-Históricos* 6: 167-173.
- STOCKLER, C. 2000. Reflexões sobre a ocupação humana no Douro Litoral. Do Neolítico ao Bronze Inicial, *Al- madan* 9: 79-93.
- STOCKLER, C. & VARELA, J.M. 1995. Novas escavações arqueológicas na serra da Aboboreira. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 35 (4): 119-150.
- TWOHIG, E.S. 1981a. *The Megalithic Art of Western Europe*, Oxford: Clarendon Press.
- TWOHIG, E.S. 1981b. A pedra decorada de Ardegães de Águas Santas (Concelho da Maia). *Arqueologia* 3: 49-55.
- VALDEZ, J. 2010. Schematic and Atlantic rock art: a comparative study. The case study of Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). *Journal of Iberian Archaeology* 13: 7-34.
- VALDEZ, J. & OLIVEIRA, L. 2005/2006. A Arte Rupestre da Citânia de Briteiros. O Penedo dos Sinais, um caso Atlântico. *Revista de Guimarães* 115/116: 51-89.
- VALERA, A.C. & REBUGE, J. 2008. Datação de B-OSL para o fosso 1 do sítio Calcolítico do Lugar da Forca (Maia). *Apontamentos de Arqueologia e Património* 1: 11-12. Disponível on-line em <http://www.nia-era.org/>
- VALERA, A.C. & ANTUNES, S. 2008. A Mamoa 2 do Leandro (Maia, Porto): intervenções de minimização no âmbito do alargamento da A3. *Apontamentos de Arqueologia e Património* 3: 7-18. Disponível on-line em <http://www.nia-era.org/>
- VIANA, A. 1929. As insculpturas rupestres de Lanhelas (Caminha, Alto Minho). *Portugalia* 10 e 11: 282-290; 350-356.
- VIANA, A. 1960. Insculpturas rupestres do Alto Minho (Lanhelas e Carreço – Viana do Castelo, Portugal). *Boletín de la Comisión de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense* 22 (1-4): 209-231.
- VILAS BOAS, L. (no prelo). Vale de Chão 1, Braga. Um *tumulus* da Idade do Bronze no Noroeste português. *Estudos do Quaternário* 10.
- ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O.V. 1955. Sur un plaque anthropomorphe en cuivre dans la mine d'étain de "Folgadoura". *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal* 36: 49-50.

Fichas de Sítios | *Site Files*

Jazida paleolítica de Marinho, Afife, Viana do Castelo
The Palaeolithic site of Marinho, Afife, Viana do Castelo

José Meireles

Department of History of the University of Minho, Gualtar Campus, 4710-057 Braga,
Portugal; Archaeology Unit of the University of Minho; Transdisciplinary Research Centre
Culture, Space and Memory – CITCEM. E-mail: jmeireles@uaum.uminho.pt

Tipo de Sítio / Site: Jazida de ar livre / Open-air archaeological site.

Cronologia / Chronology: Paleolítico Inferior / Lower Palaeolithic.

Localização Administrativa / Administrative Location: Marinho, Afife, Viana do Castelo, Viana do Castelo.

Coordenadas geográficas / Geographic coordinates: 41° 47' 15" N; 8° 51' 56" W.

Acesso / Access: O acesso à jazida faz-se diretamente através da Estrada Nacional 13 / Access to the archaeological site is made directly through the National Road 13.

À semelhança da esmagadora maioria do quadro de conhecimentos relativo ao paleolítico português, também a ocupação humana do litoral minhoto se alicerçou, durante décadas, exclusivamente em recolhas aleatórias de materiais de superfície, desprovidos de qualquer contexto estratigráfico.

Só a partir dos anos oitenta do século passado começou a ser desenvolvido um programa de pesquisa inovador, visando: a) por um lado, a definição da sequência litoestratigráfica dos depósitos quaternários presentes na região, a individualização e caracterização das suas principais etapas de evolução morfo-pedossedimentar e uma aproximação aos respetivos paleoambientes físicos; b) por outro, a prática sistemática e programada de escavações arqueológicas tendo em vista a obtenção de coleções individualizadas de materiais estratigraficamente contextualizados, passíveis de ser submetidos a estudos de caráter tecno-tipológico, orientados numa perspetiva que privilegiasse a identificação e caracterização dos sistemas de produção e respetivas cadeias operatórias neles representadas.

Da concretização deste projeto emergiu o estabelecimento, a título de hipótese de trabalho, de um novo quadro cronoestratigráfico de referência, bem como a atualização do correspondente quadro evolutivo cultural das indústrias pré-históricas regionais.

Os estudos levados a cabo permitiram reconhecer uma sequência de dez terraços marinhos (*Tm*) escalonados, estabelecidos entre 100-140m (*Tm1*) e 3-5m (*Tm10*) de altitude absoluta, representados por superfícies de abrasão associadas a depósitos marinhos pouco espessos (0.5-2 m), constituídos essencialmente por seixos rolados de quartzito.

O grau diferenciado de conservação dos depósitos, as limitações de observação e, consequentemente, as dificuldades em proceder a uma correlação estratigráfica devidamente fundamentada, impediram, até ao momento, que a totalidade dos fenómenos e processos pedossedimentares identificados, pudesse ser devidamente posicionada e integrada na sequência regional de geformas acima referida.

Assim, no estado atual dos conhecimentos, tal sequência apenas pôde ser estabelecida a partir do *Tm9* (8-14m), reunindo dez unidades litoestratigráficas, representadas por outras tantas formações superficiais detríticas de origem diversificada. Nela, os depósitos de origem marinha

surgem referenciados com a letra *M*, os coluvionares, representados por cinco gerações distintas, com a letra *C*, os depósitos lagunares com a letra *L* e os eólicos com a letra *D*. A estas unidades sedimentares acresce, ainda, o registo da ocorrência de cinco processos pedogenéticos igualmente diferenciados.

Neste contexto, a jazida paleolítica de Marinho encontra-se integrada no *Tm9*, sendo a sua sequência estratigráfica representada, da base para o topo, pela formação marinha *M9b*, a qual se encontra recoberta por uma primeira geração de depósitos coluvionares, designados por Coluviões antigas (*Ca*), às quais sucede uma segunda geração de coluviões, apelidadas de Coluviões recentes 3 (*Cr3*).

Do ponto de vista paleoambiental, o depósito marinho corresponde à ocorrência de uma etapa transgressiva, as coluviões *Ca*, em contrapartida, fazem prova de uma acentuada degradação das condições ambientais, atestada pelos indicadores de crioclastismo, crioturbação e deflação nelas registados. Quanto às coluviões *Cr3*, de textura mais fina e homogênea que as anteriores, dado que materiais grosseiros suscetíveis de remobilização continuariam disponíveis, a sua formação traduz uma alteração das condições dinâmicas de estabelecimento dos depósitos de origem continental, representada por uma menor competência dos fenómenos de coluvionamento.

Quanto à integração desta sequência no âmbito da hipótese cronoestratigráfica que foi sugerida para a região, a formação *M9b* constituiria a expressão do penúltimo interglaciar (OIS 7), as coluviões *Ca* marcariam a degradação climática associada ao penúltimo período glacial (OIS6), enquanto as coluviões *Cr3* poderiam corresponder, genericamente, à degradação climática identificada com o último período glacial (OIS 2 a 4).

Posteriormente à sua constituição, as coluviões *Cr3* foram objeto de um processo pedogenético representado por um solo de tipo *Ranker atlântico*, cujo significado paleoambiental se associa, habitualmente, a um contexto climático temperado húmido, de tipo atlântico.

Em resultado das escavações arqueológicas realizadas (1987, 1988 e 1993), o conjunto de materiais líticos identificado no quadro da sequência estratigráfica da jazida de Marinho, revelou-se esmagadoramente associado à unidade representada pelas coluviões *Ca*.

O sistema de produção nele representado apresenta-se estruturado em função de duas estratégias distintas, uma de configuração, outra de exploração de volumes de matéria-prima.

No âmbito da primeira, reconhece-se o desenvolvimento de quatro cadeias operatórias distintas: uma dirigida preferencialmente para a produção de seixos talhados, geralmente unifaciais, concretizados através de um número limitado de extrações; outra orientada para o fabrico de bifaces e de triedros, tanto a partir de volumes primários de matéria-prima, como de suportes corticais de grandes dimensões; a terceira corresponde à obtenção de machados de mão; finalmente, a quarta e última cadeia operatória de afeiçoamento destina-se à produção de utensílios de tipo esferoide.

Quanto às cadeias operatórias de exploração visando o fabrico de lascas, estas são igualmente em número de quatro: uma está vocacionada para a produção de suportes corticais primários; duas visam o fabrico de lascas de segunda geração através da implementação de procedimentos mais sistematizados, estabelecidos a partir da exploração de núcleos organizados, quer segundo um modo preferencialmente unipolar, quer através de extrações radiais centrípetas; a última dirige-se para a obtenção de suportes corticais de grande dimensão, cuja morfologia é pré-determinada mediante uma estratégia “oportunista” de criterioso aproveitamento das características morfológicas dos volumes de matéria-prima e uma cuidadosa eleição das superfícies que funcionarão como planos de percussão. Tais lascas destinam-se a funcionarem como suportes para o estabelecimento de bifaces, machados de mão e triedros. A representação do método “Levallois” faz-se sentir unicamente de forma simbólica.

Relativamente às diferentes categorias dos utensílios sobre lasca, que constituem a componente maioritária do conjunto da utensilagem (cerca de 60%), o seu nível de padronização revela-se ainda pouco vincado, circunstância que não é alheia aos próprios métodos e procedimentos empregues no fabrico dos respetivos suportes. As categorias melhor representadas correspondem, respetivamente, aos raspadores, aos denticulados e aos entalhes, seguidas, a considerável distância, pelos “becs” e pelos furadores, geralmente bastante robustos e atípicos, aos quais se juntam, ainda, algumas facas de dorso natural, bem como raras raspadeiras, também elas atípicas.

Do enunciado de características acabadas de mencionar, quer em relação à natureza e estrutura das distintas cadeias operatórias individualizadas e das produções que lhes estão associadas, quer no que respeita ao conjunto de marcadores tecno-tipológicos referenciados, foi proposto que o conjunto de materiais associados às coluviões *Ca* fosse identificado com as indústrias que representam o tecno-complexo Acheulense.

Similar to the vast majority of knowledge concerning the Portuguese Palaeolithic, the early human occupation of Minho's coastline was for decades exclusively based on the random recovery of surface artefacts, deprived from any stratigraphic context.

Only since the 80's of the past century an innovative research programme was developed aiming at: a) in one hand, defining the lithostratigraphic sequence of the Quaternary deposits present in the region, promote the individualisation and characterisation of their main morpho-pedo-sedimentary evolution stages and make an approach to their physical paleoenvironments; b) and on the other hand, implement the systematic and programmed practice of archaeological excavations in order to obtain individualised collections of lithic materials with a clear stratigraphic context, able to be submitted to technological and typological studies orientated in a perspective that privileges the identification and characterisation of the production systems developed and the respective ‘*chaîne opératoires*’ represented in them.

From the implementation of this project emerged the establishment of a proposal for a new chronostratigraphic reference framework for the region, as well as an update of the corresponding cultural framework of the regional prehistoric industries.

The studies performed allowed to recognise a sequence of ten marine terraces (*Tm*) staggered between 100-140 m (*Tm1*) and 3-5 m (*Tm10*) of absolute altitude, represented by erosional marine platforms associated to slightly thicker marine deposits (0.5-2m) composed essentially by quartzite pebbles.

The different conservation degree of deposits, the limitations on analytical observation and consequently the difficulties to proceed to a duly substantiated stratigraphic correlation prevented until this moment the totality of the phenomena and identified pedosedimentary processes from being properly positioned and integrated in the regional sequence of the geoforms mentioned above.

Therefore, and in the present state of knowledge such sequence could only be established from *Tm9* (8-14 m), integrating ten lithostratigraphic units represented by as many superficial detritical formations of diverse origin. The deposits of marine origin appear referenced with the letter *M*, the colluvia, represented by five distinct generations, with the letter *C*, the lagoon deposits with the letter *L*, and the aeolian deposits with the letter *D*. In addition to these sedimentary units the occurrence of five equally differentiated pedogenetic processes were identified.

In this context the Palaeolithic site of Marinho is integrated in *Tm9*, and its stratigraphic sequence represents, from base to top, the marine formation *M9b*, which is covered by a first

generation of colluvial deposits named ancient Colluvium (*Ca*), followed by a second generation of colluvia named recent Colluvium 3 (*Cr3*).

From the palaeoenvironmental point of view, the marine deposit corresponds to the occurrence of a transgression phase. On the other hand, the colluvial deposits *Ca* are a proof of an accentuated degradation of environmental conditions, certified by the indicators of cryoclastic, cryoturbation and deflation phenomena represented in them. In regard to the finer and more textural homogenous colluvial deposits named *Cr3* the fact that rougher materials susceptible to remobilisation would continue to be available reflects a change in the dynamic conditions of deposition of the continental deposits represented by a smaller competence of colluviation phenomena.

Regarding the integration of this sequence in the scope of the chronostratigraphic hypothesis that was suggested for the region the formation *M9b* would constitute the representation of the penultimate interglacial (OIS7), the colluvium *Ca* would mark the climatic degradation associated to the penultimate glacial period (OIS6), while the *Cr3* colluvium would generically correspond to the climatic degradation identified to the last glacial period (OIS 2 to 4).

Following its constitution colluvium *Cr3* was the subject of a pedogenetic process represented by the development of an Atlantic *Ranker* soil type, which palaeoenvironmental significance is usually associated to a temperate and humid climate context, such as the Atlantic type.

As a result of the archaeological excavations held in 1987, 1988 and 1993, the collection of lithic materials identified in the stratigraphic sequence of Marinho's archaeological site revealed itself to be deeply associated to the unit represented by *Ca* colluvium.

The production system represented in it is structured in accordance with two distinct strategies, one of shaping, the other of knapping raw material volumes.

In the framework of the first, we recognise the development of four different '*chaîne opératoires*': one preferentially oriented to the shaping of unifacial pebble tools made through a limited number of flake removals; the second directed to the making of bifaces and trihedrals either from primary raw material volumes (pebbles) or from big cortical blanks; the third corresponds to cleaver manufacture; and finally the fourth intended to the production of spheroids.

Regarding the development of '*chaîne opératoires*' aiming at the production of flakes, these are equally four in number: one is directed to the production of primary cortical supports; two are aiming at the production of second generation flakes through the implementation of more systematic procedures established from the exploitation of organised cores, either according to a unifacial preferential mode or through centripetal radial removals; the latter is directed to obtain big cortical blanks, whose morphology is predetermined according to an "opportunistic" strategy of judicious use of the morphological characteristics of the natural raw material volumes and a careful selection of the surfaces that will work as striking platforms. These big flakes are intended to function as blanks to produce bifaces, cleavers and trihedrals. The presence of the "Levallois" method is only felt under a symbolic form.

Relating to the different categories of flake tools that constitute the major component of the tools group (about 60%) of the industry, its level of standardisation is not very pronounced, circumstance which is not unrelated with the methods and procedures employed in the manufacture of their respective blanks. The best-represented categories correspond, respectively, to scrapers, denticulates, and notches, followed at a considerable distance by "becs", and borers (generally robust and atypical) and also by some natural backed knives and rare and atypical endscrapers.

From all the mentioned characteristics, either according to the nature and structure of the distinct '*chaîne opératoires*' and the flake productions to which they are associated, or in relation

to the technological and typological reference markers mentioned above, it can be argued that the industry associated with *Ca* colluvium could be identified with the Acheulean techno-complex.

MAIN BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

- MEIRELES, J. 1992. *As indústrias líticas pré-históricas do litoral minhoto. Contexto cronoestratigráfico e paleoambiental* Cadernos de Arqueologia – Monografias 7. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- MEIRELES, J. 1994. As indústrias líticas pré-históricas do litoral do Minho (Portugal) e o seu quadro litoestratigráfico. *1º Congresso de Arqueologia Peninsular – Actas IV. Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 34 (3-4): 17-42.
- MEIRELES, J. 2009. Os primeiros povoadores. A Pré-história Antiga do Minho. In P. Pereira (coord.) *A Identidade do Minho*. Braga: Conselho Cultural da Universidade do Minho: 20-66.
- MEIRELES, J. & TEXIER, J.-P. 2000. Étude morpho-stratigraphique des dépôts littoraux du Minho (NW du Portugal), *Quaternaire* 11 (1): 21-29.



FIG. 1 – Localização da Jazida Paleolítica de Marinho (extracto da Carta Militar de Portugal, escala 1:25 000, folha 27).

FIG. 1 – Location of Palaeolithic deposit of Marinho (extract from Militar Chart of Portugal, scale 1:25000, sheet no 27).



FIG. 2 – Jazida Paleolítica de Marinho
– Vista parcial da sequência estratigráfica.

FIG. 2 – Palaeolithic deposit of Marinho – Partial view of stratigraphic sequence.



FIG. 3 – Jazida Paleolítica de Marinho (Coluviões *Ca*) – Uniface.

FIG. 3 – Palaeolithic deposit of Marinho (colluvials *Ca*) – Unifacial.



FIG. 4 – Jazida Paleolítica de Marinho
(Coluviões *Ca*) – Triedro.

FIG. 4 – Palaeolithic deposit of Marinho (colluvials *Ca*) – Trihedral.

Estação paleolítica do Cerro, Madalena, Vila Nova de Gaia
The Palaeolithic site of Cerro, Madalena, Vila Nova de Gaia

Sérgio Monteiro-Rodrigues

Faculty of Arts of the University of Oporto, Portugal; Centre for Archaeological Studies at
the Universities of Coimbra and Porto - CEAUCP. E-mail: serodri@letras.up.pt

Tipo de Sítio / Site: Depósitos de praia elevada e coluviões / Raised beach and colluvial deposits.

Cronologia / Chronology: Paleolítico Inferior / Lower Palaeolithic.

Localização administrativa / Administrative Location: Cerro, Madalena, Vila Nova de Gaia, Porto.

Coordenadas geográficas / Geographic coordinates: 41° 06' 33,32" N; 8° 39' 10,68" W.
Altitude: 27 m.

Acesso / Access: A estação do Cerro localiza-se no interior do Parque de Campismo da Madalena (Orbitur). Endereço: rua do Cerro, 608/ 4405-736 Vila Nova de Gaia. A visita ao local implica pedido de autorização prévio à Orbitur (Porto) / The Palaeolithic site of Cerro is located in the Madalena Camping Park (Orbitur). Address: Rua do Cerro, 608, 4405-736 Vila Nova de Gaia. Visiting the site requires prior permission from Orbitur (Porto).

A estação paleolítica do Cerro foi descoberta em 1988 (Monteiro-Rodrigues & Cunha-Ribeiro 1991) na sequência de prospeções arqueológicas que se desenvolveram ao longo da faixa litoral do concelho de Vila Nova de Gaia, incidindo sobretudo em áreas onde existiam depósitos de origem marinha e de origem continental, de idade quaternária, potencialmente ricos em artefactos líticos (Fig.1).

A recolha de algumas dezenas destes artefactos no lugar do Cerro permitiu desde logo levantar a hipótese de se estar perante uma estação arqueológica importante, pelo que se tornou fundamental proceder à sua real avaliação. Por outro lado, era premente avançar com o estudo do sítio uma vez que estava prevista a construção de uma série de infraestruturas para um parque de campismo, que afetariam uma parte significativa da estação. Assim, em julho de 1989 abriram-se três pequenas sondagens que permitiram não só confirmar a riqueza arqueológica do local como também determinar de forma clara a posição estratigráfica do material lítico encontrado à superfície.

O rápido avanço das obras do parque de campismo implicou a realização de uma segunda campanha de escavação levada a cabo entre outubro e novembro daquele ano. Com estes novos trabalhos – que consistiram essencialmente na abertura de uma grande vala de um metro de largura por dez de comprimento (Fig. 2) – pretendeu-se alargar os conhecimentos sobre a estratigrafia do sítio bem como definir a área de concentração do material arqueológico. Estes mesmos objetivos orientaram os trabalhos posteriormente realizados em 1992.

Após três curtas campanhas de escavação pode afirmar-se que o Cerro é sem dúvida uma estação arqueológica de grande relevância para o estudo do Paleolítico Inferior do Norte de Portugal. Efetivamente, a estação do Cerro forneceu um elevado número de artefactos bem contextualizados do ponto de vista estratigráfico, sendo de destacar a percentagem significativa dos bifaces (Figs. 3 e 4). Estas peças, a par dos machados de mão (ou *hachereaux*, na terminologia francesa) (Fig. 5), permitem correlacionar o conjunto artefactual exumado com a indústria Acheulense.

No seu conjunto, o material lítico do Cerro foi produzido essencialmente a partir de seixos

rolados de quartzito e de quartzo, aparentemente de origem marinha. Em termos estratigráficos, surge associado a diversos depósitos sedimentares de origem continental, estratigraficamente sobrepostos, que assentam num depósito marinho implantado à cota de cerca de 25m (Fig. 6). Tendo como base um estudo de referência sobre a plataforma litoral da região do Porto (Araújo 1991), e recorrendo a terminologia já um pouco ultrapassada, este depósito ter-se-á formado durante o interglacial de Mindel-Riss, isto é, há aproximadamente 300 a 250 mil anos. Assim, tudo indica que os artefactos líticos recolhidos no Cerro tenham sido produzidos num momento posterior à formação desta praia elevada, mais precisamente numa fase em que os respetivos sedimentos se encontravam a ser cobertos por formações coluvionares.

A associação deste material a diversos depósitos poligénicos (isto é, que se formaram a partir de outros depósitos mais antigos no decurso de fases distintas) dificulta a determinação de datações mais precisas.

Atualmente, sobre o Cerro paira nova ameaça decorrente de interesses imobiliários por parte da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia. Por esta razão os responsáveis pelos trabalhos arqueológicos planeiam a realização de novas campanhas de escavação a médio prazo.

The Palaeolithic site of Cerro was discovered in 1988 (Monteiro-Rodrigues & Cunha-Ribeiro 1991), following an archaeological survey along the coastal edge of Vila Nova de Gaia. This survey focused on areas where Quaternary deposits of marine and continental origin, potentially rich in lithic artefacts, could be identified (Fig. 1).

The collection of several dozen of these artefacts at Cerro led to the belief that it could be an important archaeological site. An appraisal of the site was urgently required since a series of infrastructures were soon to be developed for a camping park that would cover a significant part of the site. Thus, in July 1989, three small test pits were excavated, which allowed to not only confirm the site's archaeological wealth, but also clearly determine the stratigraphic position of the lithic artefacts, initially recovered from the surface level.

The rapid progress in the development of the camping park led to a second excavation campaign between October and November that same year. The new excavation essentially consisted in opening a large trench 1 m wide by 10 m long (Fig. 2) to obtain more information on the site's stratigraphy, as well as define the area in which the archaeological remains were concentrated. These same goals were applied to the work developed later in 1992.

Three short excavation seasons unquestionably confirmed Cerro as a highly relevant archaeological site for the study of the Lower Palaeolithic in Northern Portugal. Indeed, Cerro provided a great number of artefacts accurately contextualised from a stratigraphic point of view, among which there were a noteworthy percentage of hand axes (Figs. 3 and 4). Based on these pieces, together with the cleavers (or *hachereaux* in French terminology) (Fig. 5), it allowed us to correlate the exhumed lithic assemblage with the Acheulean.

Generally speaking, the lithic material of Cerro was produced from quartzite and quartz pebbles, apparently of marine origin.

In stratigraphic terms, these objects appear to be associated with several overlying deposits of continental origin, which are lying on a marine deposit implanted at about 25 m a.s.l. (Fig. 6). Based on a reference study on the coastal platform of Oporto region (Araújo 1991), and using slightly out-dated terminology, this deposit may have been formed during the Mindel-Riss interglacial, i.e. about 300 to 250 thousand years ago. Hence, there is strong evidence that the lithic artefacts collected at Cerro were produced after the formation of the raised beach, more

precisely, at a stage when the corresponding sediments were being covered by colluvial formations.

The fact that this lithic assemblage was found among several polygenic deposits (i.e. formed from other, older deposits over distinct phases) makes more precise dating difficult.

Currently, Cerro is again under threat from real estate development interests on the part of the Vila Nova de Gaia City Hall. For this reason, the authors of the archaeological research are planning a new excavation campaign in the mid-term.

MAIN BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

- ARAÚJO, M.A.F.P. 1991. *Evolução geomorfológica da plataforma litoral da Região do Porto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Dissertação de Doutoramento-policopiada).
- MONTEIRO-RODRIGUES, S. 2000. A Pré-história antiga da região do Porto. Síntese bibliográfica. *Almadan* 9. II série: 74-78.
- MONTEIRO-RODRIGUES, S. 2006. Os primeiros recolectores e caçadores (Paleolítico). In C.A.B. Almeida (coord.) *História do Douro e do Vinho do Porto. História Antiga da Região Duriense*. Vol. I. Porto: GEHVID/ Afrontamento: 30-77.
- MONTEIRO-RODRIGUES, S. & CUNHA-RIBEIRO, J.P. 1991. A estação paleolítica do Cerro-Madalena, Vila Nova de Gaia. *Revista da Faculdade de Letras – História* 8. II série: 411-428.



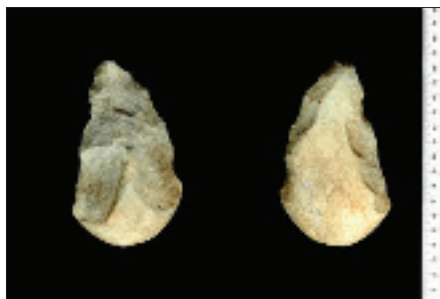
FIG. 1 – Localização da estação paleolítica do Cerro (círculos concêntricos) na Carta Militar de Portugal, na escala 1/25000, folha 122 (Porto), Série M 888, 1981.

FIG. 1 – Location of the Palaeolithic site of Cerro (concentric circles) on the Military Chart of Portugal, at the 1/25000 scale, sheet 122 (Porto), M 888 Series, 1981.



FIG. 2 – Estação paleolítica do Cerro. Abertura de vala de sondagem em 1989 (fot. de João Pedro Cunha-Ribeiro).

FIG. 2 – The Palaeolithic site of Cerro (Madalena, Vila Nova de Gaia). Opening the excavation trench in 1989 (Photo by João Pedro Cunha-Ribeiro).



FIGS. 3 e 4 – Bifaces da estação Paleolítica do Cerro (Madalena, Vila Nova de Gaia) (fots. de Sérgio Monteiro-Rodrigues).

FIGS. 3 and 4 – Hand axes from Cerro.



Fig. 5 – Machado de mão *in situ* (fot. de João Pedro Cunha-Ribeiro).

FIG. 5 – A cleaver *in situ* (Photo by João Pedro Cunha-Ribeiro).



FIG. 6 – Perfil estratigráfico. Observe-se uma das camadas arqueológicas (camada castanha com seixos rolados, em posição superior) assentando sobre o depósito marinho implantado a cerca de 25 m (fot. de Sérgio Monteiro-Rodrigues).

FIG. 6 – Stratigraphic profile. Note one of the archaeological layers (brown layer with rounded pebbles, near the top) lying on a marine deposit at about 25 m a.s.l.

Jazida arqueológica de Gelfa (Forte do Cão), Vila Praia de Âncora
Archaeological site of Gelfa (Forte do Cão), Vila Praia de Âncora

José Meireles

Department of History of the University of Minho, Gualtar Campus, 4710-057 Braga,
Portugal; Archaeology Unit of the University of Minho; Transdisciplinary Research Centre
Culture, Space and Memory – CITCEM. E-mail: jmeireles@uaum.uminho.pt

Tipo de Sítio / Site: Jazida de ar livre / Open-air archaeological site.

Cronologia / Chronology: Paleolítico e Mesolítico / Palaeolithic and Mesolithic.

Localização Administrativa / Administrative Location: Gelfa, Vila Praia de Âncora, Caminha, Viana do Castelo.

Coordenadas geográficas / Geographical coordinates: 41° 47' 52" N; 8° 52' 14" W.

Acesso / Access: O acesso à jazida faz-se através do Caminho Municipal 1014 que, junto ao km 81, entronca na Estrada Nacional 13 e conduz diretamente à praia do Forte do Cão / Access to the site is made through the Municipal Road 1014, which joins the National Road 13 at km 81 and goes directly to the Forte do Cão beach.

A primeira referência à importância arqueológica do lugar da Gelfa no contexto da arqueologia do Minho, em geral e na da sua orla costeira, em particular, fica a dever-se a Rui de Serpa Pinto (1928), no seu pioneiro e, a justo título, célebre trabalho consagrado às indústrias líticas pré-históricas ali presentes.

Todavia e à semelhança do verificado para o restante registo atribuível à Pré-História Antiga do NW de Portugal, será necessário aguardar mais de meio século para que, finalmente, tal local fosse objeto de um primeiro estudo, ainda que parcial, de caráter científico, traduzido, então, pela realização de uma pequena sondagem arqueológica (Lemos 1982). O estudo extensivo do arqueossítio viria a ser concretizado ao longo da restante década de oitenta do século passado, mediante a efetivação de sucessivas campanhas de escavação arqueológica (Meireles 1986, 1992).

Através das observações realizadas no âmbito deste último conjunto de trabalhos, bem como dos estudos no domínio da micro-morfologia dos solos que se lhe seguiram, foi possível definir e caracterizar a sequência pedo-estratigráfica da jazida da Gelfa. Da base para o topo, esta integra uma diversificada sucessão de processos e de fenómenos de natureza pedossedimentar, que compreende os seguintes eventos: um depósito marinho *M* e o seu equivalente lateral continental, representado por um solo vermelho lessivado; um segundo processo pedogenético, desta feita associado ao estabelecimento de um solo de tipo *Ranker* atlântico; um primeiro depósito de natureza coluvionar, denominado de coluviões *C1*; um segundo solo de tipo *Ranker* atlântico; uma segunda geração de depósitos coluvionares, apelidados de coluviões *C2*; o desenvolvimento de uma terceira pedogénese, igualmente marcada pelo estabelecimento de um novo solo de tipo *Ranker* atlântico; um terceiro depósito coluvionar, as coluviões *C3* e, encerrando a sequência, um conjunto de depósitos de natureza eólica, designados por formação *D*.

A articulação desta sequência estratigráfica, uma das mais complexas até hoje identificadas, com o quadro litoestratigráfico definido regionalmente processa-se do seguinte modo: o depósito marinho de base representa a formação *M10*, correspondendo, deste modo, à derradeira etapa marcante da morfossedimentogénese marinha pleistocénica (Terraço marinho *Tm10*); as suces-

sivas gerações de depósitos coluvionares identificados, assinalam e marcam o desenvolvimento de análogos processos de coluvionamento nas vertentes, referenciados, respetivamente, por Coluviões recentes 1 (*Cr1*), Coluviões recentes 2 (*Cr2*) e Coluviões recentes 3 (*Cr3*); por último, os depósitos eólicos *D* traduzem uma etapa de estabelecimento de uma cobertura dunar, que, no contexto regional, assume um relativo significado.

Quanto ao eventual posicionamento cronoestratigráfico ocupado por esta sequência, a hipótese avançada, apoiada nos escassos marcadores cronométricos existentes e em argumentos de natureza morfo-pedossedimentar, sustenta que o terraço *Tm10* e o solo vermelho lessivado seu equivalente lateral possam ser correlacionados com o *optimum* climático do último período interglaciar (Subestádio isotópico 5e); as coluviões *Cr1* poderão constituir a expressão de uma das pulsações frias ocorridas ainda no âmbito do OIS 5 (Subestádios 5d ou 5b); quanto às coluviões *Cr2*, elas enquadrar-se-iam, genericamente, na degradação climática associada ao último período glacial (OIS 2 a 4); as coluviões *Cr3*, tanto poderiam marcar a degradação climática identificada com o Tardiglaciar, como, porventura, a sua formação situar-se-ia já em tempos holocénicos; por último, as formações dunares *D* representariam, no contexto estacional, a derradeira expressão marcante da sedimentogénese natural subatual na região.

Do ponto de vista ocupacional, todas as unidades estratigráficas identificadas na jazida da Gelfa proporcionaram a obtenção de testemunhos da presença humana no local, quer sob a forma de coleções de materiais líticos, quer através da edificação de estruturas.

Assim, da unidade *M10* foi recuperada uma coleção de materiais, cujo estudo conduziu à identificação da presença de um sistema de produção lítica que contempla duas estratégias diferenciadas de fabrico, uma dirigida para a configuração de macro-utensílios, outra para a obtenção de lascas.

A partir das evidências observadas, a primeira está representada por uma única cadeia operativa, direcionada para o talhe de seixos afeiçãoados unifaciais, caracterizados, na sua grande maioria, pela presença de um número limitado de extrações.

Quanto à segunda estratégia, ela contempla o desenvolvimento de três cadeias operatórias distintas: uma dirigida para o fabrico de suportes primários, as outras duas caracterizadas pela implementação de processos de lascamento mais estruturados e sistematizados, concretizados através de núcleos explorados, quer de modo unipolar, quer mediante a realização de extrações centrípetas.

A utilidade sobre lasca estabelecida a partir destes suportes congrega, no essencial, um conjunto de tipos circunscrito, dominado pelos denticulados, entalhes e raspadores.

Relativamente aos materiais associados às coluviões *Cr1*, a natureza funcional aparentemente especializada da ocupação verificada na jazida da Gelfa (área de talhe?), limitou a apreciação e valoração do respetivo sistema de produção, atendendo a que o seu registo se encontra constituído, essencialmente, por subprodutos de talhe ou por materiais rejeitados.

Ainda assim, a partir do vasto conjunto recuperado e de algumas remontagens parciais que foi possível concretizar no seu seio, poder-se-á afirmar que, uma vez mais, o sistema de produção representado nas coluviões *Cr1* se encontra, também ele, organizado em torno de duas estratégias.

Uma de lascamento, de caráter esmagadoramente unifacial, orientada para a obtenção de suportes corticais que, posteriormente, terão conhecido um reduzido nível de transformação. Outra de afeiçãoamento, associada ao fabrico de seixos talhados igualmente unifaciais.

Assinale-se, contudo, que a elevada representação alcançada na coleção pelos suportes corticais primários de segunda geração, poderá, porventura, constituir um indicador da existência de uma segunda cadeia operativa de configuração, também ela de natureza unifacial, todavia

associada ao fabrico de um outro tipo de artefacto, estabelecido através de uma exploração mais intensiva do respetivo volume inicial de matéria-prima.

Quanto às coluviões *Cr2*, de novo deparamos com as duas orientações estratégicas básicas, que caracterizam a totalidade das indústrias líticas presentes nas formações quaternárias do litoral minhoto, a saber: configuração e lascamento.

Em relação à primeira, esta conhece agora, de uma forma claramente organizada, o desenvolvimento de duas cadeias operatórias distintas. Uma, direcionada para o fabrico de seixos afeioados, essencialmente unifaciais, onde predominam as formas apontadas. Outra, representada pela produção de um tipo particular de macro-utensílio, tradicionalmente designado por pico, caracterizado pela presença de uma secção triédrica, mais raramente sub-trapezoidal, definida através de um talhe unifacial, bilateral convergente e/ou sub-paralelo, envolvendo um número significativo de levantamentos, que destacam uma extremidade distal robusta.

Já no que concerne ao lascamento, tal estratégia encontra-se representada, fundamentalmente, pelo fabrico de suportes corticais primários, onde predominam, claramente, os da primeira geração, associados ao desenvolvimento de um talhe lateral adjacente, enquanto os de segunda geração não deixam, apesar de tudo, de constituir cerca de $\frac{1}{4}$ do total dos artefactos contabilizados na categoria das lascas.

É a partir deste conjunto de suportes que vemos ser concretizada aquela que, indiscutivelmente, se revela como sendo a componente quantitativamente mais significativa da utensilagem desta indústria lítica – a utensilagem sobre lasca - dominada pelas seguintes categorias, referidas segundo a sua ordem de importância: denticulados, entalhes, raspadores e “becs” a que se associam alguns furadores, raspadeiras e buris, todos eles geralmente atípicos.

As evidências da ocupação da jazida da Gelfa prosseguem através da indústria lítica associada às coluviões *Cr3*. Chegado o momento de proceder à síntese das principais características do respetivo sistema de produção, a limitada representação deste conjunto de materiais dificulta tal propósito, aconselhando uma leitura cautelosa e, obviamente, circunscrita no seu alcance.

Assim e tendo presente tais constrangimentos, poderemos começar por salientar que, quer ao nível do afeioamento, quer do lascamento, as estratégias desenvolvidas no seio desta indústria assumem, de novo, um carácter exclusivamente unifacial. Ao nível da configuração estamos, uma vez mais, perante uma cadeia operatória direcionada para o fabrico de seixos talhados, alguns dos quais definidos por um talhe remontante, estabelecido através da execução de um número significativo de levantamentos.

Quanto ao lascamento, destaque-se, sobretudo, o desenvolvimento de uma cadeia operatória nitidamente organizada, destinada à obtenção de suportes corticais primários, maioritariamente constituídos por lascas de primeira geração, produzidas a partir da exploração de generosos núcleos com extrações radiais invasoras recorrentes. Completa o sistema o estabelecimento de um conjunto de utensílios sobre lasca, integrando entalhes, denticulados e raspadores.

Por último e como referimos anteriormente, a sequência estratigráfica da jazida da Gelfa encerra com um conjunto de depósitos dunares (formação *D*) que, dada a natureza do registo arqueológico a eles associado, representado por estruturas de natureza vária (muros, pavimentos constituídos por seixos) em associação com algumas produções cerâmicas (romanas umas, modernas outras) situam, aparentemente e em termos arqueológicos, as derradeiras ocupações do lugar da Gelfa já em tempos históricos.

The first reference to the archaeological site of Gelfa in the context of Minho's archaeology in general and in particular in its coastal areas is due to Rui de Serpa Pinto (1928) in his pioneering and famous work devoted to the study of the prehistoric lithic industries present in this region.

However, and similarly to what occurred for the remainder period credited to the Ancient Prehistory of NW Portugal, it would take more than half a century for this site to be finally subjected to a first study of scientific nature, albeit partial, represented at that time by a small test pit (Lemos 1982). The extensive study of the site would be accomplished during the remainder of the eighties of the past century, upon the fulfilment of successive archaeological excavation campaigns (Meireles 1986, 1992).

Through the observations and studies carried out in the context of the latter set of archaeological research work, as well as studies in the field of soil micro-morphology that followed, it was possible to define and characterise the pedo-stratigraphic sequence of the archaeological site of Gelfa. From bottom to top this is part of a succession of diverse pedosedimentary processes and phenomena, which comprise the following events: a marine deposit *M* and its equivalent in the continental side represented by a red leached soil; a second pedogenetic process, this time represented by the development of an Atlantic *Ranker* soil type; a first deposit of colluvial nature, named colluvium *C1*; a second Atlantic *Ranker* soil; a second generation of colluvial deposits called colluvium *C2*; the development of a third pedogenesis once more represented by another Atlantic *Ranker* soil type; a third generation of colluvial deposits, the colluvium *C3*, and closing the sequence, a set of aeolian deposits, named formation *D*.

The articulation of this stratigraphic sequence, one of the most complex identified to date, with the regional lithostratigraphic framework is processed as follows: the marine deposit on the base of the sequence represents formation *M10*, corresponding therefore to the last major morphosedimentary Pleistocene marine event (marine terrace *Tm10*); the successive generations of colluvial deposits identified and referred to by, respectively, recent Colluvium 1 (*Cr1*), recent Colluvium 2 (*Cr2*) and recent Colluvium 3 (*Cr3*) signal and represent the development of equivalent colluvial deposition processes on the slopes; finally, the aeolian deposits *D* correspond to the establishment of a dune coverage with some significance in the regional depositional context.

Regarding the chronostratigraphic significance that this sequence eventually occupies, the hypothesis advanced, supported mainly by morpho-pedo-sedimentary arguments and the few existing chronometric markers, maintains that the terrace *TM10* and its lateral equivalent red leached soil can be correlated with the climatic optimum of the last interglacial period (isotope sub-stage 5e); the colluvium *Cr1* may be the expression of a cold event that has occurred within the OIS 5 (sub-stages 5b and/or 5d); the colluvium *Cr2* would generically correspond to the climatic degradation associated with the last glacial period (OIS 2 to 4); the colluvium *Cr3* either could be marking the climatic degradation identified with the Tardiglacial or maybe its deposition could already be located at the Early Holocene; finally, the dune formations *D* would represent the ultimate major expression of the natural sub-actual sedimentary processes with regional representation.

From a prehistoric settlement point of view all stratigraphic units identified at the archaeological site of Gelfa provided evidence of human presence, either in the form of collections of lithic artefacts or building structures.

Thus, from unit *M10* a set of lithic materials was recovered whose study led to the recognition of a lithic production system that includes two different manufacturing strategies, one oriented towards the making of pebble tools and another to produce flakes.

From the evidence collected the first is represented by a single *chaîne opératoire* directed to the shaping of unifacial pebble tools (choppers), mostly characterised by a limited number of flake removals.

As to the second strategy it contemplates the development of three distinct *chaîne opératoire*s: one oriented to the manufacture of primary supports, the other two characterised by the development of more structured and systematic knapping processes, implemented through exploitation of cores either by unipolar mode or by performing centripetal removals.

The blanks produced by any of these three reduction sequences were used to produce a limited number of flake tool types, dominated by denticulates, notches and scrapers.

For the lithic collection in association with colluvium *Cr1*, the apparently specialised functional nature of its occupation in the Gelfa site (a workshop area?), limited the assessment and valuation of the respective production system, given that their representation is made essentially by knapping waste products or rejected materials.

Nevertheless, from the set recovered and some partial conjoins and refits, which were possible to accomplish within it, it can be stated that the production system shown in the industry of colluvium *Cr1* is also organised around two strategies: one of knapping, almost of unifacial character and oriented towards the production of cortical blanks that later would have known a low level of transformation; another of shaping associated with the manufacture of also unifacial pebble tools.

However, it should be noted that the high representation achieved by primary cortical flakes of second generation could perhaps be an indicator of the existence of a second *chaîne opératoire*, also of unifacial nature, though associated with the production of other type of shaped tools, performed through a more intensive exploitation of the primary volumes of raw material.

As for the collection recovered from colluvium *Cr2*, again we encounter the two basic strategic orientations which characterise all the lithic industries present in the coastal Quaternary formations of the Minho region: shaping and knapping (or *debitage*).

In regard to the first one it acknowledges in a clear and organised way the development of two *chaîne opératoires*. One is directed to the manufacture of essentially unifacial pebble tools, where pointed forms were dominant. The other is represented by the production of a particular type of pebble tool traditionally referred to as 'pic' characterised by the presence of a trihedral (more rarely sub-trapezoid) section defined by a unifacial, bilateral convergent and/or sub-parallel shaping, involving a significant number of removals that produce a robust distal end.

In what concerns 'debitage' this strategy is represented primarily by the production of primary cortical supports where first generation products are clearly dominant associated with the development of a laterally adjacent knapping method, while the ones of second generation are, nevertheless, about a quarter of all artefacts recorded in the flake tool category.

As stated above it is from this last set of blanks that we can realise what is undoubtedly the most quantitatively significant component of the flake tools of this industry dominated by the following categories listed according to their order of importance: denticulates, notches, scrapers and "becs", associated with some borers, endscrapers and burins, all of them generally atypical.

Evidence of the human prehistoric presence in the archaeological site of Gelfa continues through the lithic industry associated with colluvium *Cr3*. Nearing the time to proceed to the summary of the main features of its production system the limited representation of this set hinders that purpose, advising a careful approach limited in its scope.

Therefore, and bearing in mind these constraints, we can begin by highlighting that, both in terms of shaping or flaking, the strategies developed within this industry assume again an entirely unifacial character. In terms of shaping we found again a single *chaîne opératoire* oriented to the manufacture of pebble tools, some of which are characterised by a headward shaping made by the execution of a significant number of removals

As for knapping, we especially emphasise the development of a *chaîne opératoire* clearly organised and designed to obtain primary cortical blanks, mainly composed of first generation flakes, produced from the exploitation of generous cores with recurrent invasive radial removals. The lithic production system is completed with the implementation of a set of flake tools, integrating notches, denticulates and scrapers.

Finally and as mentioned above, the stratigraphic sequence of the archaeological site of Gelfa ends with a set of dune deposits (formation *D*). The nature of the archaeological record associated to them, represented by various kinds of structures (walls, pavements made with pebbles) associated with some ceramic productions (some roman, others modern) points out apparently that the last occupations of the site of Gelfa already took place in historical times.

MAIN BIBLIOGRAPHIC REFERENCES:

- LEMOS, F.S. 1982. O sítio arqueológico de Gelfa. *Cadernos de Arqueologia* 2: 21-48.
- MEIRELES, J. 1986. Problemas e perspectivas do Quaternário do litoral minhoto a Norte do rio Lima. *Cadernos de Arqueologia* 3, Série II: 11-147.
- MEIRELES, J. 1992. *As indústrias líticas pré-históricas do litoral minhoto. Contexto cronoestratigráfico e paleoambiental* Cadernos de Arqueologia – Monografias 7. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- MEIRELES, J. 2009. Os primeiros povoadores. A Pré-história Antiga do Minho. In P. Pereira (coord.) *A Identidade do Minho*. Braga: Conselho Cultural da Universidade do Minho: 20-66.
- MEIRELES, J. & TEXIER, J.-P. 2000. Étude morpho-stratigraphique des dépôts littoraux du Minho (NW du Portugal). *Quaternaire* 11 (1): 21-29.
- PINTO, R.S. 1928. O Asturiense em Portugal. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia* 4 (1): 5-44.



FIG. 1 – Localização da Jazida Arqueológica de Gelfa (extracto da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000, folha 27).

FIG. 1 – Location of the archaeological deposit of Gelfa (extract from Carta Militar de Portugal, scale 1:25.000, sheet 27).



FIG. 2 – Jazida Arqueológica de Gelfa – Sequência estratigráfica.

FIG. 2 – Archaeological deposit of Gelfa. Stratigraphic sequence.



FIG. 3 – Aspecto da escavação das Colúvies recentes 2 (Cr2).

FIG. 3 – Aspect of recent excavation of the colluvium 2 (CR2).

Abrigo 1 de Vale de Cerdeira, Vieira do Minho
Rock Shelter 1 of Vale de Cerdeira, Vieira do Minho

José Meireles

Department of History of the University of Minho, Gualtar Campus, 4710-057 Braga,
Portugal; Archaeology Unit of the University of Minho; Transdisciplinary Research Centre
Culture, Space and Memory – CITCEM. E-mail: jmeireles@uaum.uminho.pt

Tipo de Sítio / Site: Abrigo sob rocha / Rock Shelter.

Cronologia / Chronology: Mesolítico e Neolítico / Mesolithic and Neolithic.

Localização administrativa / Administrative Location: Vale de Cerdeira, Vilar do Chão, Vieira do Minho, Braga.

Coordenadas geográficas / Geographic coordinates: 41° 37' 36" N; 8° 05' 15" W.

Acesso / Access: O acesso à jazida faz-se, primeiramente, através de um caminho florestal que, a partir da povoação de Pinheiro, se dirige para Chão do Gandas. Percorridos, aproximadamente, 1,5 kms de distância neste caminho, o acesso definitivo ao local efetua-se a corta-mato, num percurso de, sensivelmente, 250 m / Access to the site is made through a forest trail that starts from the village of Pinheiro and follows to Chão do Gandas. After 1.5 kms on this path, the definitive access to the site is by a cross-cut for around 250 m.

A descoberta do denominado Abrigo 1 de Vale de Cerdeira teve lugar em 1999, no quadro do desenvolvimento de um projeto de pesquisa visando promover a identificação e estudo do povoamento pré-histórico nas serras de média altitude do norte do país.

Inspirado em investigações levadas a cabo, sobretudo no decurso da década de noventa do século passado, nas serras setentrionais da vizinha região espanhola da Galiza (Ramil Rego & Ramil Soneira 1996; Ramil Rego 1997) tal projeto, após uma fase inicial de prospeções extensivas a todo o NO de Portugal, passou, em função dos resultados alcançados e do potencial revelado, a centrar a sua atenção na área correspondente à Serra da Cabreira (alt. max. 1262 m.). Aqui e adotando como referencial os conhecimentos estabelecidos pelos investigadores galegos, foi então estabelecido um programa de pesquisa e inventariação sistemática de locais que reunissem condições estacionais/mesológicas favoráveis ao estabelecimento de ocupações humanas.

Foi em resultado destas pesquisas que a jazida de Vale de Cerdeira pode ser identificada, localizada nas proximidades da vertente norte do monte da Feteira, junto a uma linha de água de caudal perene e da qual fazem parte dois abrigos sob rocha.

Situados a cerca de 660 m. de altitude absoluta, estes abrigos integram um modelado característico de algumas regiões graníticas, tradicionalmente apelidado de bolas e/ou caos de bolas, estabelecido nas regiões constituídas por granitos calcoalcalinos porfirídeos de grão grosseiro, a partir dos perfis de alteração do substrato e em resultado dos processos de evolução subaérea e sub-cutânea, por via da ação de intensos fenómenos de meteorização e de erosão diferencial.

Após a realização de sondagens-teste em ambos os abrigos sob rocha e face aos resultados observados, a escavação apenas foi prosseguida naquele que havia sido apelidado de abrigo nº 1, alcançando-se, neste caso e ao longo das restantes duas campanhas de trabalhos, uma área total escavada de 20 m².

A sequência estratigráfica nele observada, com uma potência máxima que não atinge 1 m. de espessura, integra três unidades distintas, denominadas, respetivamente e da base para o topo, por UE-1, UE-2 e UE-3.

A primeira revela a particularidade de somente se encontrar representada na zona mais interior do abrigo e nela foram identificadas duas estruturas de combustão, cujas amostras de carvão vegetal proporcionaram a obtenção de duas datações por C14, que permitiram situar o limite inferior da ocupação do abrigo de Vale de Cerdeira 1 entre o terceiro quartel do VI (GrN-25614, 6240 ± 50 BP: 5316-5056 cal. BC 2σ) e o primeiro do V milénio cal. BC (GrN-25613, 6090 ± 40 BP : 5207-4853 cal. BC 2σ).

No contexto da unidade estratigráfica EU-1 e em associação com as estruturas acabadas de referir, foi identificado um numeroso conjunto de materiais líticos, integrando mais de treze mil e seiscentos objetos (entre fragmentos, artefactos e utensílios), estabelecidos, sobretudo, a partir da exploração de recursos litológicos locais, representados por diversas variedades de quartzo, incluindo cristal de rocha (quartzo hialino).

Todavia e ainda que detendo uma representação pouco mais que residual, dever-se-á mencionar a presença de outros recursos, de entre os quais se destaca o sílex, que pelo seu caráter exógeno relativamente ao meio petrográfico local pressupõe a existência de redes transregionais de circulação e aprovisionamento de matérias-primas.

Do ponto de vista técnico, o sistema de produção identificado no seio deste numeroso conjunto artefactual obedece a uma única estratégia, direccionada para o fabrico de duas categorias de produções. Uma, quase hegemónica, visa a obtenção de lascas de módulo reduzido, a partir da implementação de cadeias operatórias que têm por base a exploração de núcleos expeditos, bipolares e poliédricos (métodos aleatórios), muito raramente paralelepípedicos.

A segunda categoria, claramente secundária em termos quantitativos absolutos, mas de enorme relevância no contexto do sistema de produção visto constituir o suporte para a elaboração da maioria dos utensílios que o integram, traduz-se pelo fabrico de lamelas e micro-lamelas a partir de núcleos prismáticos e paralelepípedicos (método prismático) e, sobretudo, pelo estabelecimento de uma cadeia operatória particular, centrada na exploração de cristais de quartzo hialino, através de um método que procura tirar o máximo partido das características morfo-estruturais do romboedro cristalino.

Quanto às principais características tipológicas desta indústria, esta afirma-se pelo seu caráter marcadamente microlítico, com a componente representada pela utensilagem lamelar a ocupar 67% do total dos instrumentos identificados, num contexto geral marcado por uma reduzida taxa de transformação. Complementarmente, à utensilagem de fundo comum corresponde 31% do total dos instrumentos, cabendo os remanescentes 2% à categoria de diversos.

A utensilagem lamelar é dominada pela presença de geométricos, seguindo-se as pontas microlíticas, as lamelas e produtos alongados retocados e, finalmente, as truncaturas sobre lamela. Por seu turno, no seio dos geométricos são largamente maioritários os segmentos, ocupando os trapézios a segunda posição, a larga distância.

No que concerne ao denominado conjunto de utensílios de fundo comum, ele integra, por ordem decrescente de representação no cômputo total da indústria, as seguintes categorias de instrumentos: buris, furadores e “becs”, entalhes, lascas retocadas, raspadeiras, denticulados, raspadores e, finalmente, truncaturas sobre lasca.

A unidade estratigráfica designada por UE-2 proporcionou um conjunto de materiais líticos menos numeroso que o anterior, mas que alcança um quantitativo global ainda assim significativo, ultrapassando os nove mil e quinhentos artefactos.

Relativamente aos recursos explorados no fabrico deste conjunto, uma vez mais se verifica um predomínio esmagador das litologias locais, bem como uma presença muito diminuta daquelas que são estranhas à região. No âmbito destas últimas assume, contudo, destaque reforçado o sílex, que vê significativamente aumentada a sua representação, particularmente no domínio do fabrico da utensilagem, tanto lamelar, como na sobre lasca.

Nas suas linhas gerais de desenvolvimento, o sistema de produção identificado com a indústria da UE-2, persegue as mesmas orientações estratégicas que aquele enunciado para o conjunto anterior.

Assim, estamos novamente perante uma indústria que detém um baixo índice de transformação e um cunho claramente microlítico, no qual, por isso, a utensilagem lamelar é, uma vez mais, amplamente dominante (74%), seguida, a larga distância, pelos utensílios de fundo comum (24%) e, por último, pela categoria dos diversos (2%).

Quanto à caracterização da utensilagem lamelar, verifica-se que esta continua a ser dominada pelos geométricos, que reforçam ainda mais a sua representação, cabendo agora a segunda posição às lamelas e produtos alongados retocados, com as pontas microlíticas, que conhecem uma acentuada diminuição quantitativa, a ocupar o terceiro lugar.

Particularizando a representação no âmbito da categoria dos geométricos, estes são novamente dominados pelos segmentos, que veem aumentados os seus quantitativos, enquanto os trapézios conhecem uma diminuição proporcional.

Por fim e no que respeita aos utensílios de fundo comum, a sua presença obedece à seguinte ordem decrescente de participação numérica no cômputo global da indústria: furadores, lascas retocadas, entalhes, denticulados, buris, raspadeiras e raspadores.

Tal como começámos por referir, as indústrias líticas provenientes das unidades estratigráficas UE-1 e UE-2 do Abrigo 1 de Vale de Cerdeira revelam, no essencial, quer ao nível do modo como se estruturam os respetivos sistemas de produção, quer ao nível das diferentes cadeias operatórias que os sustentam, uma grande aproximação, que as diferenças verificadas e atrás assinaladas, não chegam para comprometer.

Será, todavia, no plano tecnológico e por via da introdução de novas produções nesta área que, no domínio da cultura material, iremos encontrar algumas das principais diferenças entre os dois níveis de ocupação.

Referimo-nos, por um lado e ainda no campo da utensilagem lítica, à presença de utensílios em pedra polida (um pequeno machado polido e um fragmento do talão de um outro instrumento análogo de maiores dimensões) e, por outro, ao surgimento da produção cerâmica.

Esta última está representada por um pequeno conjunto de vinte fragmentos, todos de fabrico manual, a grande maioria dos quais desprovidos de qualquer decoração. Assinale-se, todavia, a presença de quatro fragmentos decorados mediante a utilização das técnicas da incisão, da impressão e do puncionamento arrastado (“tipo boquique”). No seu conjunto, estas cerâmicas encontram paralelo nas produções do Neolítico Antigo encontradas na jazida do Prazo (Monteiro-Rodrigues 2008), facto que não contraria, bem pelo contrário, as datações cronométricas estabelecidas para a UE-1.

Para concluir esta sintética apresentação, resta referir que, por ora, o conjunto artefactual (lítico e cerâmico) associado à unidade estratigráfica UE-3 do Abrigo 1 de Vale de Cerdeira, dada a sua natureza incaracterística, não possibilita sustentar para o mesmo, de forma credível, qualquer hipótese classificativa de índole cronológico-cultural.

The discovery of Rock Shelter 1 of Vale de Cerdeira took place in 1999, within the development of a research project, aiming at promoting the identification and study of prehistoric settlements in mid-altitude mountains of northern Portugal.

Inspired by previous investigations performed, especially during the 90's of the past century, on the northern mountains of the neighbouring Spanish region of Galicia (Ramil Rego & Ramil Soneira 1996; Ramil Rego 1997), such project, after an initial phase of extensive field survey in all NW of Portugal, and in accordance to the results achieved and the revealed potential, started to focus its attention on an area corresponding to the Cabreira mountain (max. alt. 1,262 m). Here, and adopting as referential the knowledge established by Galician researchers, a project of detailed survey and systematic inventory of sites that combine favourable seasonal / mesological conditions to the settlement of human occupations was launched.

The result of this research led to the discovery of the archaeological site of Vale de Cerdeira, which includes two rock shelters, located in the vicinity of the Feteira hill, alongside a water line with a perennial flow.

Situated at about 600 m of absolute altitude, these rock shelters are part of a characteristic landform to some granite regions, represented by slopes with castellated rock block forms, settled in regions constituted by coarse-grained porphyritic calco-alkaline granites in result of the evolution of sub-aerial and sub-cutaneous processes and through the intense action of phenomena such as rock weathering and differential erosion.

After performing test pits in both rock shelters, and given the results obtained, the excavation only proceeded in the one named Rock Shelter 1 reaching during the remaining two years of excavation campaigns a total excavated area of 20 m².

The stratigraphic sequence observed, with a maximum potential that does not reach 1m thick, integrates three distinct stratigraphic units (UE), called, respectively, from the base to the top by UE-1, UE-2 and UE-3.

The first reveals the particularity of only being found in the most inner area of the rock shelter, and there two combustion structures were identified, from which charcoal samples recovered gave two C14 dates, which allowed to locate the lower limit of the human occupation at the Rock Shelter 1 of Vale de Cerdeira into the third quarter of the sixth millennium cal. BC (GrN-25614, 6240 ± 50 BP: 5316-5056 cal. BC 2 σ) and the first quarter of the fifth millennium cal. BC (GrN-25613, 6090 ± 40 BP: 5207-4853 cal. BC 2 σ).

In the context of unit UE-1 and in association with the structures referred to above a large set of lithic materials was recovered, integrating more than thirteen thousand and six hundred objects (amongst debris, artefacts and tools) established mostly from the exploitation of local lithological resources, represented by a diverse variety of quartz, including rock crystal (hyaline quartz).

However, and even though detaining a residual representation, we should also mention the existence of other lithological resources, amongst which we emphasise the presence of flint, which by its exogenous nature to the local petrographic context presumes the development of trans-regional networks of procurement and circulation of raw materials.

From a technical point of view, the lithic production system identified in this industry obeys only to one strategy, oriented to the manufacture of two *debitage* products. One, almost hegemonic, aims at obtaining flakes of a small module through the development of a *chaîne opératoire* based on the exploitation of expedite, bipolar and polyhedral, very rarely parallelepiped, cores (random methods of *debitage*).

The other category, occupying a clearly secondary position in absolute quantitative terms, but of great relevance in the production system context of the industry recovered in UE-1, as it

constitutes the blank for the manufacture of most of its tools, aims at the manufacture of bladelets and micro-bladelets from prismatic and parallelepiped (prismatic method) cores and especially by the development of a particular *chaîne opératoire* oriented to the exploitation of hyaline quartz crystals through a method that tries to take the maximum advantage of the morphological and structural characteristics of the natural rhombohedron.

As far as the typological characteristics of this industry, we can say that it is characterised by its microlithic character, with the component represented by tools that use bladelets and micro-bladelets as blanks occupying 67% of the total of the identified instruments, in a general context marked by a reduced transformation rate. On the other hand the so-called macrolithic tools of common use correspond to 31% of the total of instruments, leaving the remaining 2% to the miscellaneous category.

The microliths are dominated by the presence of geometric shapes, followed by the microlithic points, bladelets and retouched elongated blanks and, finally, truncated bladelets. The geometrics are dominated by crescents, followed at a great distance by trapezes.

Concerning the set of tools of more common use it is integrated, by decreasing order of representation, by the following categories: burins, borers and “becs”, notches, retouched flakes, endscrapers, denticulates, scrapers and, finally, truncated flakes.

In quantitative terms the stratigraphic unit designated as UE-2 provided a set of lithic materials in a lesser number than the previous one; nevertheless, it exceeds the quite significant number of nine thousand and five hundred artefacts.

In respect to the raw materials used for the manufacture of this industry once again it was observed the predominance of local resources, as well as a very small presence of foreign lithologies. In the scope of the latter, we must, nevertheless, highlight the increased representation of flint, particularly in flake and bladelet tools manufacturing.

In general terms the production system that is developed within the industry of UE-2 follows the same strategic orientations of the previous set tool. Therefore, we are once again in the presence of an industry that detains a low level of transformation and clearly a microlithic character, in which microliths are again largely dominant (74%), followed at a great distance by macrolithic tools of common use (24%) and, finally, by the miscellaneous category (2%).

Regarding microliths, they continue to be dominated by geometric shapes, which reinforce their representation, whereas the second position belongs to bladelets and retouched elongated blanks, while microlithic points, which acknowledge an accentuated quantitative decrease, occupies now the third place. Truncated tools are this time not present.

Focusing on the representation of the geometric category range, they are again dominated by crescents that reinforce their quantitative presence, whilst trapezes see a proportional decrease.

In terms of macrolithic tools of common use their presence obeys the following decreasing order of quantitative representation: borers, retouched flakes, notches, denticulates, burins, endscrapers and scrapers.

As we started to mention, the lithic industries from stratigraphic units UE-1 and UE-2 of Rock Shelter 1of Vale de Cerdeira essentially reveal, either in terms of how the respective production systems are structured, or in terms of the different *chaînes opératoires* that support them, a very close similarity, that the differences observed and previously reported are not enough to compromise.

However, it will be at a technological level and by the presence of new productions in this area that, in the material culture domain, we are going to find some of the main differences amongst UE-1 and UE-2 occupational levels.

We refer, in one hand and in terms of lithic technology, to the presence of polished stone tools (one small stone axe and a basal fragment of another similar instrument of greater dimensions) and, on the other hand, to the appearance of ceramic production.

The latter is represented by a small set of twenty sherds, all of manual technique, the majority of which have no decoration. However, it must be noted the presence of four of them decorated with incision, impression and dragged impressions (“boquique type”). As a whole, these ceramics encountered parallels with Early Neolithic productions found in the archaeological site of Prazo (Monteiro-Rodrigues 2008), fact that does not contradict, quite the opposite, the chronometric dates established for UE-1.

To finish this brief presentation, it remains to note that, for now, the artefact set (lithics and ceramics) associated to stratigraphic unit UE-3 of the Rock Shelter 1of Vale de Cerdeira, given its uncharacteristic nature, does not allow us to sustain for itself, in a credible way, any proposal of chronological and/or cultural nature.

ACKNOWLEDGMENT:

Project included under the program PRAXIS XXI (Project PCSH/P/HAR/59/96), sponsored and funded by the Foundation for Science and Technology (FCT).

MAIN BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

- MEIRELES, J. 2009. Os primeiros povoadores. A Pré-história Antiga do Minho. In P. Pereira (coord.) *A Identidade do Minho*. Braga: Conselho Cultural da Universidade do Minho: 20-66.
- MONTEIRO-RODRIGUES, S.E. 2011. *Pensar o Neolítico Antigo. Contributo para o estudo do norte de Portugal entre o VII e o V milénios BC.*, Estudos Pré-Históricos, vol. XVI, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, Viseu, 396 p.
- RAMIL REGO, E. 1997. La Transición del Paleolítico Superior al Neolítico en las sierras septentrionales de Galicia. Una aproximación preliminar. *II Congreso de Arqueología Peninsular*. Vol. I. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques: 273-286.
- RAMIL REGO, E. & RAMIL SONEIRA, J. 1996. El fin de los tiempos glaciares en Galicia. In R. Fábregas Valcarce (ed.) *Os primeiros poboadores de Galicia: o Paleolítico*. Cadernos do Seminário de Sargadelos 73: 117-146.



FIG. 1 – Localização do Abrigo 1 de Vale de Cerdeira (extracto da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000, folha 58).

FIG. 1 – Location of Shelter 1 of Vale de Cerdeira (extract from Militar Chart of Portugal, scale 1:25.000, sheet 58).



FIG. 2 – Abrigo 1 de Vale de Cerdeira (Serra da Cabreira – Vieira do Minho).

FIG. 2 – Shelter 1 of Vale de Cerdeira (Mountains of Cabreira – Vieira do Minho).



FIG. 3 – Estrutura de combustão (UE1).

FIG. 3 – Hearth (UE1).



FIG. 4 – Indústria Lítica da UE1 (Segmentos, Trapézios e pontas microlíticas).

FIG. 4 – Lithic industry of UE-1 (Segments, trapezoidal and microlithic tips).

**Conjunto megalítico do planalto de Castro Laboreiro,
Castro Laboreiro, Melgaço**

*Megalithic complex of Castro Laboreiro plateau,
Castro Laboreiro, Melgaço*

Alda Rodrigues

Transdisciplinary Research Centre Culture, Space and Memory – CITCEM. E-mail:
aldacrodrigues@gmail.com

Tipo de sítio / Site: Conjunto megalítico / Megalithic complex.

Cronologia / Chronology: Pré-história Recente / Late Prehistory.

Localização administrativa / Administrative Location: Castro Laboreiro, Melgaço, Viana do Castelo.

Coordenadas geográficas / Geographic coordinates (Alto da Portela do Pau): 42° 05' 19,05" N; 8° 05' 57,98" W

Acesso / Access: Para chegar a este conjunto megalítico, partindo de Viana do Castelo, seguimos pela Estrada Nacional 13, com destino a Valença, na fronteira com Espanha. A partir de Valença seguimos em direção a Melgaço pela Estrada Nacional 101. Aí, prosseguimos para as freguesias de Lamas de Mouro e de Castro Laboreiro pelas Estradas Nacionais 202 e 202.3. Ao entrar na freguesia de Castro Laboreiro seguimos em direção à Branda do Rodeiro, pela Estrada Municipal 1158. A cerca de 3,5 km na estrada de acesso à Branda do Rodeiro chega-se ao início do percurso pedestre que levará ao Alto da Portela do Pau / To get from Viana do Castelo to this Megalithic complex, follow the National Road 13 towards Valença, in the border with Spain. From Valença follow the direction towards Melgaço by National Road 101. From there, go through the parishes of Lamas de Mouro and Castro Laboreiro by the National Roads 202 and 202.3. Upon entering Castro Laboreiro parish follow the direction towards Branda do Rodeiro by Municipal Road 1158. Around 3.5 km, on the access road to Branda do Rodeiro, we get to the beginning of the pedestrian path which will take you to Alto da Portela do Pau (Fig. 1 and 2).

Contactos úteis para a visitação / Useful contacts for visits: *Núcleo Museológico de Castro Laboreiro*, E-mail: museuclaboreiro@cm-melgaco.pt, Telf.: 00351 251 465 016; *Centro de Informação de Castro Laboreiro*, Telf.: 00351 251 465 040; *Porta do Parque Nacional de Lamas de Mouro*, E-mail: portadelamas@cm-melgaco.pt

Telf.: 00351 251 465 010; *ADERE- PG*, Ponte da Barca; E-mail: geral@adere-pg.com, Telf.: 00351 258 452 250/00351 258 452 450.

Na chamada raia seca desenvolve-se a Serra do Laboreiro, que começa no vale do rio Trancoso (Galiza) e se estende para Nordeste e para Leste - pelos concelhos de Padrenda, Quintela de Leirado, Vereia, Lobeira e Entrimo, na Galiza, e o concelho de Melgaço, em Portugal. Esta serra forma um altiplano, o Planalto de Castro Laboreiro, que se começa a delinear nos concelhos galegos de Vereia e Lobeira, mas que se desenvolve, essencialmente, na freguesia de Castro Laboreiro. Neste, desenvolve-se um conjunto de monumentos pré-históricos, em vias de classificação, que serviu de palco à produção da curta-metragem *Raíces*, de Carlos Ruíz, realizada em 2009. Trata-se de uma representação alegórica da vida e da morte numa comunidade Neolítica.

O cenário onde se implanta este conjunto, inserido no Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPG), apresenta uma topografia de natureza suave e é recortado por pequenas linhas de água e por várias nascentes. É também aqui que nasce o rio Castro Laboreiro, que atravessa o altiplano, aproximadamente no sentido Este - Oeste.

Este conjunto de monumentos pré-históricos é o mais setentrional do país e o que se encontra a cotas mais elevadas (Jorge *et al.* 1997). Desenvolve-se na Galiza e, maioritariamente, em Portugal. Constitui um marco da primeira arquitetura monumental, de um período onde, tal como refere F. C. Boado (1999), se inicia um processo crescente de “domesticação” da envolvente, que não é apenas a expressão de uma nova economia ou aparato tecnológico mas, também, de uma nova relação da sociedade com a natureza, caracterizada por uma atitude que se expressa na sua transformação sistemática e progressiva (Fig. 3).

Trata-se de um conjunto importantíssimo quer pela dimensão quer pela diversidade de estruturas (motivada, entre outros fatores, pela sua longevidade cronológica) quer, ainda, pela multiplicidade de localizações topográficas.

É ainda relevante o bom estado de conservação dos monumentos e da paisagem envolvente “...*belíssima, erma de ruídos e de outros elementos poluidores, procurada por veraneantes que gostam de andar a pé pela montanha, e onde ainda se pode ouvir o silêncio*” (Jorge 2003: 109).

Os trabalhos de investigação e valorização patrimonial desta necrópole megalítica datam de 1978, ano em que a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho realizou ali um primeiro levantamento arqueológico, em parceria com o extinto Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte, sob a orientação de Francisco Sande Lemos. Este trabalho contou com o apoio de António Martinho Baptista, então arqueólogo do PNPG. Em 1992, e no âmbito do projeto “*Estudo do Conjunto Megalítico do Planalto de Castro Laboreiro*”, desenvolvido por Vítor Oliveira Jorge, Susana Oliveira Jorge, Eduardo Jorge Lopes da Silva e António Martinho Baptista verificaram-se escavações do núcleo megalítico do Alto da Portela do Pau. Deste estudo viriam a resultar diversas publicações (Jorge *et al.* 1995, 1997; Baptista 1997, entre outros).-

A partir de 2006, a equipa de arqueologia do PNPG, coordenada por Henrique Regalo, dirigiu esforços para aprofundar o conhecimento da área, tendo realizado um levantamento georreferenciado do conjunto megalítico, com vista à revisão do Plano de Ordenamento do Parque Nacional. Foram então, identificados 66 monumentos megalíticos no território português, dispersos por uma área aproximada de 50 km². Alguns deles encontram-se isolados, mas a maioria está organizada em grupos (definidos pelo critério da proximidade geográfica).

Tendo em conta os resultados dos vários trabalhos desenvolvidos neste sítio, sobretudo das escavações arqueológicas no Alto da Portela do Pau podemos afirmar que a humanização do planalto de Castro Laboreiro se encontra atestada desde o Neolítico Médio/Final, mais precisamente desde os finais do V milénio AC (datas calibradas), momento em que foi construída a Mamoa 3 daquele grupo (Jorge *et al.* 1997). Trata-se de um monumento com uma câmara funerária apenas definida por um anel constituído por pequenos blocos de pedra. Em termos de espólio, *o único resto de artefacto cerâmico digno de nota encontrado na área deste monumento é um fragmento da pança de um vaso campaniforme, achado fortuitamente à superfície* (Jorge *et al.* 1997: 86).

Na primeira metade do IV milénio AC ergue-se, neste lugar, a Mamoa 2 do Alto da Portela do Pau (Fig. 4), um grande monumento com câmara aberta, virada para nascente, de planta poligonal que ostenta motivos gravados nos seus esteios e alguns ténues vestígios de pinturas. Os motivos são, essencialmente, geométricos (ziguezagues e ondulados), dispostos verticalmente, mas também apareceram outros motivos simbólicos, como antropomorfos e círculos concêntricos (Jorge *et al.* 1997, Baptista 1997) (Fig. 5). Neste monumento as práticas funerárias implicaram o depósito de

uma possível “estatuetas” antropomórfica, de vários percutores em quartzo, de uma ponta de seta, entre outros. Este imóvel foi objeto de trabalhos de conservação em 2011.

Nesta área também foi intervencionada a Mota Grande, já em território galego (Fig. 6). É um monumento de grandes dimensões, com câmara de planta poligonal e com gravuras sobre os seus esteios, onde se destaca uma representação de tipo “idoliforme”, em baixo-relevo, rodeada por figuras meândricas (Baptista 1997). Nas suas imediações apareceu um menir com aproximadamente 1,90 m de altura máxima e 0,70 m de largura máxima, que ainda jaz no solo, a cerca de 20 m para sudoeste da Mota Grande (Fig. 7).

Durante o Calcolítico o Planalto de Castro Laboreiro continuou a ser frequentado. Disso é prova a reutilização da Mamoa 1 do Alto da Portela do Pau (Jorge *et al.* 1997), verificada através da deposição de, pelo menos, três vasos campaniformes (Fig. 8) (Jorge *et al.* 1997).

No planalto, perto das mamoadas de Porcoito e do Alto dos Piornais, a 2,3 de Km do Alto da Portela do Pau para sudoeste, existe ainda um santuário rupestre de arte esquemática que terá sido usado desde o Neolítico até à Idade do Ferro / Romanização (Bettencourt & Rodrigues, neste vol.).

O grupo do Alto da Portela do Pau, será pois, o mais interessante em termos de visita quer pelo que sobre ele se sabe em termos científico quer por ser acessível através de um percurso pedestre que se inicia na Branda do Rodeiro. Este percurso está marcado no terreno e as informações sobre o mesmo podem ser obtidas no Núcleo Museológico de Castro Laboreiro; no Centro de Informação de Castro Laboreiro; na Porta do Parque Nacional em Lamas de Mouro e na ADERE-PG (Associação de Desenvolvimento das Regiões do Parque Nacional da Peneda-Gerês).

In the so called dry border stands the Serra of Laboreiro, starting in the valley of the river Troncoso (Galicia), extending towards the Northeast and East by the municipalities of Padrenda, Quintela de Leirado, Vereia, Lobeira and Entrimo, in Galicia, and the municipality of Melgaço, in Portugal. This mountainous region forms a high plateau, Planalto de Castro Laboreiro, which begins to emerge in the Galician municipalities of Vera and Lobeira, to then develop mainly in the Castro Laboreiro parish. In the latter, a set of prehistoric monuments, waiting to be classified, are present, which served as stage to Carlos Ruiz 2009 short film *Raízes*. It is an allegoric representation of life and death of a Neolithic community.

The scenario where this complex is implanted is inserted in National Park of Peneda-Gerês (PNPG), and it presents a soft topography, intersected by small water lines and several springs. Also, it is here that river Castro Laboreiro is formed, crossing the high plateau, proximately in the East–West direction.

This prehistoric monumental complex is the northernmost complex in the country, and the one with the most elevated levels (Jorge *et al.* 1997). Developed in Galicia and mostly in Portugal, it constitutes a mark of the first monumental architecture from a period where, as Boado (1999) infers, a growing process of “domestication” of its surroundings is initiated. This is not just an expression of a new economy or technological apparatus, but also of a new relationship between society and nature, characterised by an attitude that is expressed in its systematic and progressive transformation (Fig. 3).

It is a very important complex either by its dimension, by its structural diversity (motivated by other factors, by its chronological longevity), or by a multiplicity of topographical locations.

It is also relevant the good conservational state of the monuments and the surrounding landscape which is “...*beautiful, remote from noise or any polluting elements, sought by holidaymakers who enjoy walking in the mountains, and where you can still hear the silence*” (Jorge 2003: 109).

The research projects and heritage appreciation of this Megalithic necropolis are dated from 1978, the year that the Archaeology Unit of the University of Minho performed an archaeological survey in conjunction with the now extinct Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte, under the supervision of Francisco Sande Lemos. This work also counted on the support of António Martinho Baptista, then archaeologist of PNPG. In 1992, and in the scope of the project “*Estudo do Conjunto Megalítico do Planalto de Castro Laboreiro*”, developed by Vítor Oliveira Jorge, Susana Oliveira Jorge, Eduardo Jorge Lopes da Silva e António Martinho Baptista, excavations of the Megalithic nucleus of Alto da Portela do Pau were developed. From this study resulted several publications (Jorge *et al.* 1995, 1997; Baptista 1997, amongst others).

From 2006 the archaeology team of PNPG, supervised by Henrique Regalo, directed its efforts to deepen the knowledge of the area, having made a geo-referenced survey of the Megalithic complex to revise the Development Plan of the National Park. 66 Megalithic monuments were indentified in the Portuguese territory, spread over an area of approximately 50 km². Some of them are isolated, but mostly are organised in groups (defined by geographic proximity criteria).

Taken into account the results of several works developed at this place, especially archaeological excavations at Alto da Portela do Pau, we can state that human evidences at the plateau of Castro Laboreiro are dated from Mid/Late Neolithic, more precisely from the end of the fifth millennium BC (calibrated dates), when the Tumulus 3 of that group was constructed (Jorge *et al.* 1997). It is a monument with one burial chamber only defined by a circle of small stones. In terms of materials, “*the only ceramic artefact worth of note found in the area of this monument is a body fragment of a bell beaker vessel, found randomly at the surface*” (Jorge *et al.* 1997: 86).

On the first half of the fourth millennium BC, Tumulus 2 was erected at Alto da Portela do Pau (Fig. 4), a big polygonal-shaped monument with an open chamber, facing East, displaying engravings on its orthostats and some vestiges of painting. The motifs are mainly geometric (zigzags and waves), vertically set, but other symbolic motifs also appeared, such as anthropomorphs and concentric circles (Jorge *et al.* 1997, Baptista 1997) (Fig. 5). In this monument the burial practices implied a deposit of a possible small anthropomorphic “statue”, various quartz hammers an arrowhead, and others. This monument was subjected to conservation works in 2011.

In this area Mota Grande was also studied, already in Galician territory (Fig. 6). This is a monument with big dimensions, with a polygonal-shaped chamber and displaying engravings on its orthostats, where a representation of an “idoliform” in low relief surrounded by meandered figures is highlighted (Baptista 1997). In its vicinity, a menhir with approximately 1.90 m maximum height and 0.70 m maximum width was found, lying on the ground about 20 m southwest of Mota Grande (Fig. 7).

During the Chalcolithic, the plateau of Castro Laboreiro continued to be used. As proof of this, is the reuse of Tumulus 1 of Alto da Portela do Pau (Jorge *et al.* 1997), verified through the deposition of, at least, three bell beaker vases (Fig. 8) (Jorge *et al.* 1997).

On the plateau, close to the tumuli of Porcoito and Alto dos Piornais, at 2.3 km southwest from Alto da Portela do Pau, there is a sanctuary with schematic rock engravings that would have been used since the Neolithic untill the Iron Age/Roman period (Bettencourt & Rodrigues, in this vol.).

The group of Alto da Portela do Pau is the most interesting in terms of visitation, either by what we know about it in scientific terms, or by its accessibility through a pedestrian path that begins in Branda do Rodeiro. This path is signalled and information about it can be obtained at Núcleo Museológico de Castro Laboreiro, in Centro de Informação de Castro Laboreiro, at Porta do Parque Nacional in Lamas de Mouro and in ADERE-PG (Associação de Desenvolvimento das Regiões do Parque Nacional da Peneda-Gerês).

MAIN BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

- BETTENCOURT, A.M.S. & RODRIGUES, A. (in this vol.). As gravuras rupestres do Fieiral, Castro Laboreiro, Melgaço. In A.M.S. Bettencourt *A Pré-história do Noroeste Português*. Territórios da Pré-história em Portugal, Arkeos, Tomar/Braga: CEIPHAR/CITCEM.
- BAPTISTA, A.M. 1997. Arte megalítica no planalto de Castro Laboreiro (Melgaço, Portugal e Ourense, Galiza). *Actas do III Coloquio Internacional de Arte Megalítica. Brigantium* 10. A Coruña: Museu Arqueológico e Histórico Castelo de San Antón: 191-216.
- CRÍADO BOADO, F. 1999. Del terreno al espacio: planteamientos y perspectivas para la arqueología del paisaje. *CAPA (Criterios y Convenciones en Arqueología del Paisaje)*, 6. Santiago de Compostela, Espanha: Grupo de Investigación en Arqueología del Paisaje, Universidade de Santiago de Compostela;
- JORGE, V.O. 2003. *Olhar o mundo como arqueólogo*. Porto: Caminha.
- JORGE, V.O.; SILVA, E.J.L.; BAPTISTA, A.M. & JORGE, S.O. 1995. Escavação da Mamoa 1 do Alto da Portela do Pau (Castro Laboreiro, Melgaço) – 1992. *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular. Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 35 (3). Porto: SPAE: 191-225.
- JORGE, V.O.; BAPTISTA, A.M.; SILVA, E.J.; & JORGE, S.O. 1997. *As Mamoas do Alto da Portela do Pau: (Castro Laboreiro, Melgaço)*. *Trabalhos de 1992 a 1994*. Porto: SPAE.
- LIMA, A.C. 1996. *Castro Laboreiro: povoamento e organização de um território serrano*. Braga: Instituto da Conservação da Natureza; Parque Nacional Peneda Gerês; Câmara Municipal de Melgaço.
- PARQUE NACIONAL DA PENEDA-GERÊS 2008. *Proposta de classificação do planalto de Castro Laboreiro*. Braga: [s.n.].



FIG. 3 – Vista geral de parte do grupo Alto da Portela do Pau (fot. de António Manuel Sousa).

FIG. 3 – General view of a part of Alto da Portela do Pau (photo by António Manuel Sousa).



FIG. 4 – Monumento n.º 2 do grupo do Alto da Portela do Pau, segundo numeração da obra Jorge *et al.* (1997) (fot. de António Manuel Sousa).

FIG. 4 – Monument n. 2 of Alto da Portela do Pau group, according to numeration of Jorge *et al.* (1997) works, (photo by António Manuel Sousa).

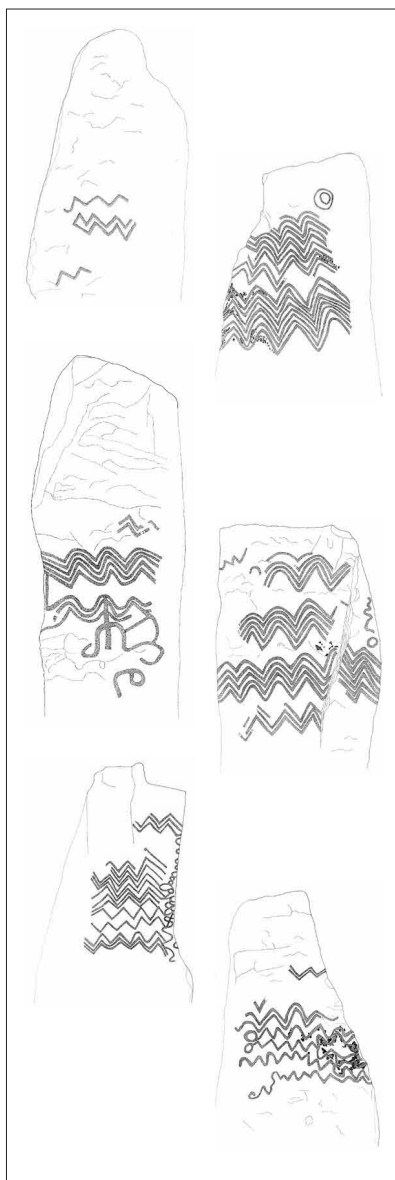


FIG. 5 a 5.5 – Decalque das gravuras e resto de pinturas dos esteios da câmara do monumento n.º 2 do Alto da Portela do Pau (seg. A.M. Baptista 1997).

FIG. 5 and 5.5 – Decal of engravings and paint remains of the orthostats from the chamber of monument n. 2 from Alto da Portela do Pau (after Baptista 1997).



FIG. 6 – Mota Grande
(fot. de António Manuel Sousa).

FIG. 6 – Mota Grande
(photo by António Manuel Sousa).



FIG. 7 – Menir (fot. de António Manuel Sousa).

FIG. 7 – Menhir (photo by António Manuel Sousa).

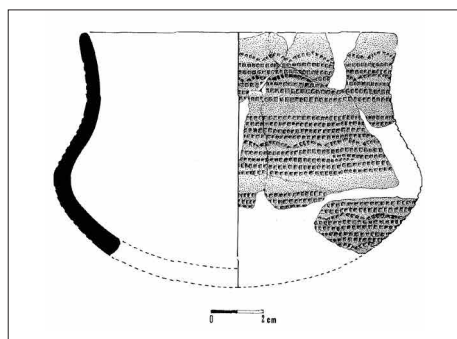


FIG. 8 – Desenho de vaso campaniforme fragmentado, depositado na mamoa 1 (seg. Jorge *et al.* 1997; Jorge *et al.* 1997).

FIG. 8 – Drawing of a fragment from a bell beaker vase deposited in tomb 1 (after Jorge *et al.* 1997; Jorge *et al.* 1997).

Gravuras rupestres do Fieiral, Castro Laboreiro, Melgaço
Rock engravings of Fieiral, Castro Laboreiro, Melgaço

Ana M. S. Bettencourt* & Alda Rodrigues**

* Department of History of the University of Minho, Gualtar Campus, 4710-057 Braga, Portugal; Transdisciplinary Research Centre Culture, Space and Memory – CITCEM. E-mail: anabett@uaum.uminho.pt; ** Transdisciplinary Research Centre Culture, Space and Memory – CITCEM. E-mail: aldacrodrigues@gmail.com

Tipo de sítio / Site: Gravuras rupestres / Rock engravings.

Cronologia / Chronology: Pré-história Recente, Proto-história / Late Prehistory, Protohistory.

Localização administrativa / Administrative Location: Castro Laboreiro, Melgaço, Viana do Castelo.

Coordenadas geográficas / Geographic coordinates: Fieiral I (Norte / North): 8° 7' 9.78" W; 42° 3' 19.36" N; Fieiral II (Sul / South): 8° 7' 10.93" W; 42° 3' 19.53" N.

Acesso / Access: Partindo de Castro Laboreiro em direção à Vila de Melgaço, pela Estrada Nacional 202.3, encontramos a cerca de 1200 m, à direita, a Estrada Municipal 1158, que segue em direção à Branda do Rodeiro. Chegados à Branda, seguir pelo estradão de terra batida que fica a Norte do lugar e que dá acesso ao planalto. Prosseguindo por esse estradão durante 2 km, encontramos um caminho de pé posto, à nossa direita, que devemos percorrer durante 700 m. Este caminho leva-nos a uma pequena elevação onde, a aproximadamente 500 m para Sul, encontramos o Fieiral / From Castro Laboreiro towards Vila de Melgaço by the National Road 202.3, we find at about 1,200 m to the right the Municipal Road 1158 that goes towards Branda do Rodeiro. At Branda, follow the dirt road that is on the North side of the site and gives access to the plateau. Proceeding by this dirt road for 2 km, we find a path to our right, we should go along the path for 700 m. This path takes us to a small elevation where, approximately 500 m to the South, we find Fieiral.

O Fieiral, situa-se no seio da necrópole megalítica do planalto de Castro Laboreiro, a cerca de 500 m para nascente da mamoa de Porcoito 1 e a, aproximadamente, 450 m da mamoa do Alto dos Piornais 1. Localiza-se numa pequena plataforma a oeste-sudoeste do Alto dos Piornais, na margem direita do rio Castro Laboreiro, à cota de 1169 m. Trata-se de um local bem irrigado onde se destacam, para além do referido rio, a Corga do Fieiral, a Corga dos Piornais e a Corga do Vale das Antas.

Apesar do Fieiral ser protegido a Norte e a Este, pelas plataformas mais elevadas do planalto, dali obtém-se um excelente domínio visual para o vale do Castro Laboreiro, que se abre a Oeste, e para os prados onde se concentram as brandas do Rodeiro, de Adofreire, de Queimadelo, de Falagueiras e das Coriscadas (Fig. 1).

Aqui, emergem à superfície dois grandes afloramentos de granito do tipo de Castro Laboreiro, moderadamente elevados, que se orientam no sentido NE/SW: o Fieiral I, mais a norte e de menores dimensões, com c. de 8 m de comprimento, e o Fieiral II, a sul, com c. de 35 m de comprimento (Fig. 2).

O Fieiral I apresenta uma superfície superior horizontalizada onde existe uma incrustação de cristais de quartzo hialino e pendentes suaves. O Fieiral II, de contornos mais irregulares, com algumas fissuras significativas e áreas levemente deprimidas no topo, também apresenta

pendentes suaves (Fig. 3). Na sua extremidade NE, há uma nascente, hoje transformada. Estes dois afloramentos distam entre si cerca de 10 m e avistam-se mutuamente.

Uma das particularidades deste lugar é a existência de um filão de quartzo branco que o atravessa no sentido Norte/Sul e que, por vezes, irrompe de forma destacada do solo, característica que pode estar na origem do topónimo¹. Tal permite que existam à superfície inúmeros calhaus e blocos desta matéria, embora estes possam resultar tanto de fatores naturais como antrópicos.

O Fieiral é de fácil acessibilidade pedestre, quer para quem está nas áreas mais altas do planalto quer para quem, seguindo o vale do Castro Laboreiro, lhe acede a partir de cotas inferiores. Tal circunstância, associada às características aplanadas do lugar, teria possibilitado a concentração de um número significativo de pessoas em redor do espaço gravado, com visibilidade para os símbolos que se inscrevem nas pendentes oblíquas dos afloramentos. Parcelar seria a visualização de alguns motivos existentes na superfície superior do Fieiral II.

As gravuras em ambos os afloramentos inscrevem-se, maioritariamente, no que se denomina “arte esquemática”, embora ocorram algumas que se inscrevem na gramática estilística da “arte atlântica”, normalmente isolados ou em áreas periféricas.

O Fieiral I apresenta menor diversidade de símbolos. Aí, inscrevem-se quase só quadrados ou retângulos segmentados internamente, distribuídos nas diferentes pendentes da rocha, atribuíveis à Pré-história (Fig. 4).

No Fieiral II, com maior diversidade de símbolos, serão pré-históricos os quadrados ou retângulos segmentados internamente e os diversos tipos de antropomorfos, alguns deles ictiformes. Da Idade do Bronze, poderá ser a gravação de um machado plano de gume alargado, encabado, localizado na extremidade norte da rocha, nas imediações da nascente, assim como um círculo segmentado (Fig. 5). Deste período ou posterior, será um par de pedomorfos de adulto, orientados no sentido poente-nascente, existente na pendente Este deste afloramento (Fig. 6). Aqui gravaram-se, igualmente, diversas paletes quadrangulares, em baixo relevo, com cabo delimitado por covinha, motivos que tipologicamente se inscrevem na Idade do Ferro. As paletas aparecem, também, na área mais interna da rocha, por vezes sobrepondo-se a antropomorfos, numa nítida apropriação e alteração dos signos anteriores (Fig. 7).

A diversidade de símbolos e de estilos, as alterações que parecem ter sofrido alguns deles, as sobreposições e as diferentes técnicas utilizadas (picotagem com abrasão e baixo relevo) indiciam que o Fieiral foi um lugar signifiicante e com uma biografia complexa, na longa duração, que se foi mantendo simbolicamente ativo para as populações que viveram e frequentaram o planalto de Castro Laboreiro, desde a Pré-História até à Idade do Ferro.

Pela proximidade com os monumentos megalíticos e pelo esquematismo dos símbolos maioritariamente gravados, característica que também se encontra no interior das câmaras funerárias deste planalto, embora com temáticas globalmente distintas², colocamos a hipótese que o Fieiral terá sido materializado, em pleno Neolítico, como um lugar de reunião e de celebração do mundo. A especificidade dos símbolos gravados em relação aos das câmaras megalíticas explicar-se-ia pelas diferentes ações e sentidos, inerentes a cada um destes espaços.

¹ Este parece derivar de Fieira, que se associa frequentemente ao metal. Pode significar “*um aparelho com uma série de buracos graduados, pelos quais se passa qualquer metal para o reduzir a fio*”, um veio ou filão mineral ou uma “*pequena corrente de ouro, de malhas finas*”, na província do Minho (Machado 1991: 84).

² De notar a presença de um antropomorfo muito esquemático gravado no esteio 3 da Mamoa 2 da Portela do Pau e as configurações antropomorfizantes dos esteios 2 e 3 deste monumento (Batista 1997).

Fieiral is located in the middle of the Megalithic necropolis of the plateau of Castro Laboreiro, at about 500 m East of the tumulus of Porcoito 1 and, approximately, 450 m from the tumulus of Alto dos Piornais 1. It is situated on a small platform on the West – Southwest of Alto dos Piornais, on the right bank of river Castro Laboreiro, at an elevation of 1,169 m. It is a well irrigated place where, apart from the already alluded river, the Corga do Fieiral, Corga dos Piornais and Corga do Vale das Antas emerge.

Even though Fieiral is protected on the North and East side by the higher platforms of the plateau, from there we have an excellent visual predominance to the valley of Castro Laboreiro, which opens to the West, where the Brandas³ of Rodeiro, Adofreire, Queimadelo, Falagueiras and Coriscadas are concentrated (Fig. 1).

In this area two big outcrops of granite of the same type as in Castro Laboreiro emerge from the surface, moderately elevated, orientated NE/SW: Fieiral 1, on the north side and smaller, with approximately 8 m long, and Fieiral II, on the south side, with approximately 35 m long (Fig. 2).

Fieiral 1 presents a top horizontal surface where there is an incrustation of hyaline quartz crystals and gentle slopes. Fieiral 2, with more irregular contours and some significant fissures and slightly depressed areas at the top, also presents gentle slopes (Fig. 3). In its NE extremity, there is a water spring, which nowadays is transformed. These two outcrops distance themselves at approximately 10 m and can be seen mutually.

One of the peculiarities of this place is the existence of a white quartz vein, which crosses it on the North/South direction, and at times erupts from the ground; this characteristic could be in the origin of the place name Fieiral⁴. This allows the existence of numerous rocks and blocks from this material at the surface, even though these can result from natural or anthropic factors.

Fieiral is easily accessed on foot, either for those who are on the higher areas of the plateau, or for those that are following the valley of Castro Laboreiro and are entering from lower areas. Such circumstance, associated to the flat characteristics of the place, would have enabled a concentration of a significant number of people to surround the engraved space, with visibility to the symbols that are inscribed in the oblique slopes of the outcrops. The view of some of the existing motifs on the superior surface of Fieiral 2 would have been partial.

The engravings of both of these outcrops are mostly inserted in what is designated as “schematic rock art”, although there are some that can be inserted in the stylistic grammar of “atlantic rock art”, usually isolated or on peripheral areas.

Fieiral 1 presents the lesser diversity in symbols. In this place almost only squares or rectangles segmented internally exist, distributed in the different pendants of the rock, and are attributed to Prehistory (Fig. 4).

On Fieiral 2, with a higher diversity of engravings, the squares or rectangles segmented internally would be prehistoric, and also the various types of anthropomorphs, some of them *ictiforms*. From the Bronze Age could be an engraving of a flat axe, with a sub-rectangular blade and with a square butt end, located on the northern extremity of the rock in the vicinity of the water spring, as well as a segmented circle (Fig. 5). From this period or latter, there is a pair of adult footprints, facing West-East, on the East slope of this outcrop (Fig. 6). There, was equally engraved several squared pallets, in low relief, with the handle delineated by a cup-mark, motifs

³ Temporary housing settlements used for agropastoral activities during the summer.

⁴ This seems to derive from Feira, which is frequently associated with metal. It can signify “a device with a series of gradual nooks, through which any metal is passed to reduce into a thread”, a mineral vein or a “little gold chain, of fine knit”, in the province of Minho (Machado 1991: 84).

that typologically occur in the Iron Age (Fig. 7). The pallets also seem to be in the most internal part of the rock, sometimes overlapping the anthropomorphs, in a clear appropriation and alteration of the previous signs (Fig. 7).

The diversity of symbols and styles, the alterations that some seem to have suffered, the overlappings and the different techniques used (percussion with abrasion and low relief) indicate that Fieiral was a significant place and with a long duration complex biography, that was kept symbolically active for the populations that lived and used the plateau of Castro Laboreiro, since Prehistory until Iron Age.

By the proximity with other Megalithic monuments and by the schematics of the symbols engraved, characteristics that are also found inside the burial chambers of this plateau, although with globally distinct themes⁵, we propose the hypothesis that Fieiral was materialised, during the Neolithic, as a place of meetings and world celebration. The specificity of the engraved motifs in relation to the ones in the Megalithic chamber could be explained by different actions and senses, associated to each of these places.

AKNOWLEDGMENT:

This work was developed in the scope of the project *Espaços naturais, arquiteturas, arte rupestre e deposições na pré-história recente da fachada ocidental do centro-norte português: das ações aos significados* – ENARDAS / Natural spaces, architecture, rock art and depositions from the Late Prehistory of the Western front of Central and Northern Portugal: from actions to meanings (reference PTDC/HIS-ARQ/112983/2009) financed by the Operational Programme “Thematic Factors of Competitiveness” (COMPETE) and by the European Regional Development Fund (Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional - FEDER).

MAIN BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

- BAPTISTA, A.M. 1997. Arte megalítica no planalto de Castro Laboreiro (Melgaço, Portugal e Ourense, Galiza). *Actas do III Coloquio Internacional de Arte Megalítico*. Brigantium 10. A Coruña: Museu Arqueológico e Histórico Castelo de San Antón: 191-216.
- DORDIO, P. 1995. *Gravuras Rupestres do Fieiral*. IHRU SIPA. Available at: www.monumentos.pt/Monumentos/UserControls/Pdf.aspx?Ipas=3596&Type=FICHAIPA
- MACHADO, J. P. (coord.) 1991. *Grande dicionário da língua portuguesa*. Vol. III. Lisboa: Alfa, S.A.

⁵ We highlight the presence of a very schematic anthromorph engraved in orthostat 3 of the *tumulus* 2 of Portela do Pau and the anthropomorphic configurations of orthostats 2 and 3 of this monument (Batista 1997).



FIG. 1 – Localização do Fieiral (quadrado) e de diversos monumentos megalíticos (círculos) na Carta Militar de Portugal, esc. 1:25 000.

FIG. 1 – Location of Fieiral (square) and several megalithic monuments (circles) in the Military Chart of Portugal, scale 1:25,000.



FIG. 2 – Localização do Fieiral I (à esquerda) e II (à direita) no planalto de Castro de Laboreiro.

FIG. 2 – Location of Fieiral 1 (on the left) and 2 (on the right) on the Castro Laboreiro plateau.



FIG. 3 – Aspeto geral do Fieiral II.

FIG. 3 – Overview of Fieiral 2.



FIG. 4 – Motivos quadrangulares segmentados internamente do Fieiral I.

FIG. 4 – Internally segmented square motifs from Fieiral 1.



FIG. 5 – Pormenor do machado encabado e círculo segmentado internamente.

FIG. 5 – Detail of the hafted flat axe and internally segmented circle.



FIG. 6 – Pedomorfos, paletas e outros símbolos do Fieiral II.

FIG. 6 – Footprints, pallets and other motifs from Fieiral 2.



FIG. 7 – Círculos segmentados (á direita), quadrados segmentados (no centro) e antropomorfo parcialmente alterado por sobreposição de paleta (á esquerda) (fot. do Núcleo de Estudos e Pesquisas dos Montes Laboreiro).

FIG. 7 – Internally segmented circles (on the right), internally segmented square motifs (in the center) and anthropomorph partially altered by the overlaying of a pallet (on the left) (photo from Núcleo de Estudos e Pesquisas dos Montes Laboreiro).

Conjunto megalítico do planalto de Vila Chã, Esposende
Megalithic complex of Vila Chã plateau, Esposende

Ana M. S. Bettencourt

Department of History of the University of Minho, Gualtar Campus, 4710-057 Braga,
Portugal; Transdisciplinary Research Centre Culture, Space and Memory – CITCEM.

E-mail: anabett@uaum.uminho.pt

Tipo de sítio / Site: conjunto megalítico / Megalithic complex.

Cronologia / Chronology: Neolítico, Calcolítico, Idade do Bronze / Neolithic, Calcolithic, Bronze Age.

Localização administrativa / Administrative Location: Esposende, Braga.

Coordenadas geográficas / Geographic coordinates: Mamoa da Cruzinha: 8° 44' 56" W; 41° 33' 53" N; alt. c. de 166 m / altitude about 166 m; Dólmen da Bouça do Rápido 3: 8° 45' 44" W; 41° 34' 43" N; alt. c. de 192 m / altitude about 192 m; Antela da Portelagem: 8° 46' 3" W; 41° 34' 4" N; alt. c. 161 m / altitude about 161 m) (Fig.1). Visitar, ainda, o *Centro Interpretativo de S. Lourenço* localizado no Castro com o mesmo nome, nos limites das freguesias de Esposende, Vila Chã e Marinhas (41° 33' 21" N; 8° 45' 42" W) / Also visit the *Interpretive Centre of S. Lourenço* located in the Castro (hillfort) with the same name, on the outskirts of Esposende, Vila Chã and Marinhas: 41° 33' 21" N; 8° 45' 42" W.

Acesso / Access: Tomar a estrada nacional nº 13 que atravessa Esposende em direção às Marinhas. Ainda dentro da cidade, cortar à direita na placa que indica Castro de S. Lourenço, pela estrada municipal nº 550. Seguir cerca de 1,5 km até encontrar, do lado esquerdo, uma placa com indicação deste povoado. Para visitar a Mamoa da Cruzinha deve seguir em frente e, após atravessar a ponte sobre a A28, cortar à direita, por um caminho de terra batida, indicado por uma placa com o símbolo de dólmen. Para visitar os outros dois monumentos megalíticos deve dirigir-se à freguesia de Vila Chã e seguir as placas de megalitismo / Take the National Road 13 that goes through Esposende towards Marinhas. Still within the city, turn right at the sign that indicates Castro de S. Lourenço, taking the Municipal Road 550. Follow it for 1.5 km until you find, on the left side, a sign with an indication of this settlement. To visit Mamoa da Cruzinha, you should go straight ahead and after crossing the bridge over A28, cut to the right by a dirt road indicated by a sign with a dolmen symbol. To visit the other two Megalithic monuments, you should head to Vila Chã parish and follow the Megalithic symbol signs.

O planalto de Vila Chã corresponde a uma unidade geomorfológica que se estende por cerca de 8,5 Km no sentido Sul-Norte e por cerca de 4 Km no sentido Oeste-Este. Localiza-se num território delimitado pelos rios Cávado e Neiva, que correm na base das suas vertentes meridionais e setentrionais, respetivamente. A Poente, é delimitado pela plataforma litoral e pelo oceano atlântico e a Nascente pela ribeira da Reguenga, tributária do Cávado, e pelo ribeiro que desagua no Neiva, no lugar da Ponte, em Forjães.

É pontuado por alguns montes significativos que atingem cotas entre os 200m e os 234 m. Referimo-nos: ao Monte Faro, no extremo sul do planalto; ao Monte de S. Lourenço, a sudoeste; ao Monte de Sanfins / Cova da Bouça / Monte Crasto, a oeste; ao Monte Maceira, a nordeste e ao Monte Porrinhoso, a noroeste. No planalto, muito antropizado, há grande exploração agrícola e florestal.

O povoamento do planalto remonta, pelo menos, ao Neolítico, momento em que as comunidades aqui foram erguendo diversas construções megalíticas. Até hoje, foram inventariados 26 monumentos megalíticos de caráter funerário e um menir⁶. De destacar a grande número existente no aro da freguesia de Vila Chã, onde se conhecem 16 monumentos sob *tumuli*.

Apesar de algumas explorações efetuadas por Sarmiento, durante o séc. XIX (Sarmiento 1933), cujo espólio encontrado se depositou no Museu da Sociedade Martins Sarmiento, em Guimarães, as únicas escavações cientificamente conduzidas em monumentos megalíticos do planalto foram realizadas sob a responsabilidade de E. J. L. Silva, no âmbito do projeto de investigação intitulado “*Estudo do Megalitismo Minhoto e sua Correlação com o Douro Litoral e Beiras*”. Este autor escavou as Mamoas da Cruzinha, da Antela da Portelagem, da Bouça do Rapido 3 e de Cimo de Vila. Destas resultaram publicações parciais (Silva 1990/1992, 1994, 1997, 2003) e diversos relatórios que serviram de suporte para a consecução deste texto (Fig. 1).

Pelo facto de poder ser visitada destacamos a Mamoá da Cruzinha, localizada na freguesia de Vila Chã, parcialmente escavada em 1993, 1994 e 1999 (Silva *et al.* 1994, 1995; Silva 2003). Trata-se de um monumento de grande relevância em termos do megalitismo do Noroeste por apresentar duas câmaras funerárias sob o mesmo montículo artificial, resultante, provavelmente, de um processo de adição, em diferentes fases do Neolítico, que interpretámos como um modo de reintegração simbólica do passado ou do que ele representava por parte das populações do Neolítico Médio/Final (Bettencourt 2009).

O primeiro monumento a ser construído no lugar da Cruzinha foi uma câmara poligonal, aberta a nascente, com vestíbulo de pequenas dimensões, rodeada de um contraforte e coberta com um amontoado de pedras e por um *tumulus* de terra compacta (Fig. 2). No seu interior, apenas com 94 cm de altura, foi encontrado um solo de areia onde se procederam aos ritos fúnebres definitivos. Estes implicaram a utilização de ocre e a deposição de oferendas tais como: 4 micrólitos; 3 lâminas em sílex; 1 movente de moinho manual, em granito, com aderências de ocre e 1 espécie de paleta, de feição retangular, também com evidências de ocre. Na entrada foi deposta, na horizontal, uma laje, com vestígios de ocre na face inferior (Silva *et al.* 1994). Posteriormente e a sul deste monumento, foi erguido um dólmen de corredor virado a nascente, de maiores dimensões, cujo *tumulus* iria abarcar a primeira construção. Este novo espaço terá permitido um grande número de deposições funerárias também acompanhadas de oferendas, embora distintas das anteriores. Os ritos funerários compreendem agora, recipientes cerâmicos e pontas de seta sem sinais de utilização, que se distribuíam quer no interior da câmara quer do corredor.

A Mamoá 3 da Bouça do Rapido, também na freguesia de Vila Chã, foi parcialmente escavada em 1989 e 1990 (Silva 1990, 1991, 1997). Trata-se de um monumento com câmara poligonal e corredor diferenciado, em planta e alçado, com contraforte, aberto a Sudeste e coberto com um *tumulus* de terra compacta (Fig. 3). Sobre o contraforte apareceu “*uma quantidade razoável de carvões*” em contexto das terras do *tumulus* (Silva 1990: 4). Tratar-se-á de uma lareira construída no momento da cobertura do contraforte, no âmbito de uma cerimónia de ocultação? De restos de queimadas trazidos, acidentalmente, com as terras de colmatação do *tumulus*? De um depósito posterior? Infelizmente a informação de que dispomos não nos permite defender uma ou outra hipótese.

A câmara apresenta a particularidade de possuir um esteio de cabeceira similar aos restantes. Na parte superior deste, foi escavado um motivo sub-quadrangular que Silva (1997) interpretou

⁶ Dados fornecidos pelos Serviços do Património Histórico e Cultural da Câmara Municipal de Espo-
sende.

como uma possível pele esticada, a par de alguns sulcos. Novas observações, individualizaram outra figura em baixo-relevo, na sua base, de feição antropomórfica, visível a partir do corredor e que parece “tutelar” todo o espaço compositivo (Bettencourt 2009). No esteio que encosta ao de cabeceira, pelo lado sul, diversos meandros, motivos quadrangulares e circulares (Silva 1997) conferem-lhe um carácter de estela antropomórfica (Fig. 4). O esteio, a norte do de cabeceira, contém uma figura circular e alguns sulcos no seu interior e exterior (*ibidem*).

As práticas funerárias associadas a este monumento implicaram a deposição de fragmentos de moinhos manuais no espaço da câmara, parecendo um deles estar a calçar um dos esteios (Silva 1990). Depositaram-se, igualmente, recipientes cerâmicos globulares de bordos reentrantes ou verticais, várias pontas de seta, pelo menos um micrólito e seixos truncados e lascas, em quartzito (Silva 1991⁷).

A Antela da Portelagem, localizada na mesma freguesia, é outro dos monumentos sinalizado para visita no planalto. Foi parcialmente escavado em 1989 (Silva *et al.* 1990). Tem uma câmara de planta sub-retangular com corredor curto (Silva 2003), aberto a Este-Sudeste e contraforte envolvente (Fig. 5). Foi tapada com um montículo de terra. Sobre os esteios da câmara foram gravados e pintados diversos motivos acentuando o carácter simbólico destes espaços.

As ações relacionadas com o uso deste monumento implicaram a deposição de oferendas na câmara e no corredor. Entre as que pudemos observar, por se encontrarem em depósito nos Serviços do Património Histórico e Cultural da Câmara Municipal de Esposende, destacamos micrólitos em quartzo e em sílex; mais do que uma dezena de pontas de seta, em quartzo, xisto e sílex; lâminas em sílex; seixos afeiçoados; lascas de quartzito e recipientes cerâmicos, alguns deles de bordos reentrantes e panças globulares. Salientamos um recipiente com decoração espatulada.

Apesar de não ser visitável há ainda a assinalar a Mamoa de Cimo de Vila, em Palmeira de Faro, situada no interior de uma quinta particular. Foi também parcialmente escavada, em 1989, por Silva (1990/1992). Trata-se de um monumento muito destruído com câmara em pedra e *tumulus* de terra, onde também se gravaram e pintaram motivos geométricos. Do espólio regista-se um micrólito, detetado na base da câmara, e um recipiente cerâmico decorado com punção arrastado de tipo Bouquique.

O único menir descoberto até hoje, o de S. Paio de Antas, passível de visita, situa-se na extremidade norte do planalto, numa elevação com ampla visibilidade para a área circundante e num local de portela natural entre as terras do fundo do vale do Neiva e as plataformas mais altas. De destacar o facto deste imóvel parecer estar alinhado com o ciclo solar, muito particularmente com o ocaso no mar que se avista, de forma impressiva, através de um recorte entre dois montes do planalto.

É provável que o conjunto megalítico do planalto de Vila Chã tenha sido construído entre os finais do V e os finais do IV milénios AC, por comparação com outros do Noroeste português. A sua cronologia indicia-se pela existência de micrólitos e de pontas de seta de base triangular, nas arquiteturas “funerárias”, comuns no Neolítico desta área.

De salientar a recorrência formal dos artefactos depositados nestes monumentos, no âmbito das práticas funerárias, e das matérias-primas com que são elaborados. Tal, leva-nos a interpretá-los como materialidades de uma superestrutura associada à morte, existente no Neolítico em que, talvez, o simbolismo da caça (pontas de seta), dos elementos associados às águas (seixos rolados) e das atividades transformadoras (moinhos) pudessem ter grande relevância. De destacar que as

⁷ Além do que se encontra publicado contamos com dados fornecidos numa conferência, proferida no âmbito do Curso de Mestrado de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto, em 26 de fevereiro de 1991.

matérias com que estes objetos foram feitos (quartzo, xisto, sílex), deveriam ter propriedades inerentes, o que lhes aumentaria a multiplicidade de sentidos. Acresce, ainda, a importância do sílex que indicia contactos litorais com áreas meridionais, por parte das populações do planalto.

Desconhecemos se, durante o Calcolítico, as populações construíram monumentos de tradição megalítica. Apenas sabemos que os reutilizaram o que terá permitido a sua integração num novo universo cognitivo. Tal ocorreu na Antela da Portelagem onde se depositou um vaso campaniforme, de tipo pontilhado geométrico⁸, e na Bouça do Rapido 3 onde também se exumou cerâmica campaniforme e uma alabarda, em sílex (Silva 1991).

Durante o Bronze Inicial e Médio estes monumentos continuaram a ser frequentados e a ter um papel ativo. Foi o que aconteceu na Mamoa do Monte da Cerca, onde foi depositada uma espiral de prata (Fig. 6) (V.O. Jorge 1982; C.A.B. Almeida 1986), na Antela da Portelagem onde os ritos implicaram a amortização de um púcaro de carena na pança com mamilos (Fig. 7) (Leisner 1958, Sanches 1981; Bettencourt 1999), na Mamoa do Rapido 3 onde se exumaram potinhos (Silva 1991)⁹ e numa das Mamoas da Serra onde se detetou um vaso troncocónico (Fig. 8) (Sanches 1981).

A partir desse período desconhecemos novas reutilizações em estruturas megalíticas, pelo que a memória do passado e a sua importância não parece ser significativa para as populações que habitaram o planalto durante a Idade do Ferro.

Não se conhecem os locais de habitação das populações Neolíticas que construíram estes monumentos embora seja provável que vivessem nas suas proximidades, à semelhança do que ocorre em diversos locais do Noroeste português. Para o Calcolítico conhecem-se dois povoados no planalto: o de Bitarados/Maíndos, em Vila Chã, com mais do que uma ocupação inseríveis na 1ª metade do III milénio AC e o da Cova da Bouça, S. Bartolomeu do Mar/Belinho, na vertente Este deste monte e sobranceiro a um pequeno vale abrigado. Ambos estes locais se localizam nas proximidades de inúmeros monumentos sob *tumuli* que reutilizaram.

Durante a Idade do Bronze as populações que teriam frequentado os monumentos do passado viveram, essencialmente, em áreas baixas e periféricas do planalto ou mesmo em colinas da plataforma litoral, onde, a partir de determinada altura, optaram por sepultar os seus mortos em cistas de inumação individual. Referimo-nos às do Monte de Belinho e de Agra de Anta, ambas em S. Paio de Antas, às do lugar da Padaria e de Vilar, em Curvos (Soeiro 1988) e às da Cava-leira, Gandra (Vieira 1917). A exceção está nas populações que, nos finais da Idade do Bronze, habitaram na imediação dos afloramentos da plataforma alta, virada a nascente, do Monte de S. Lourenço, posteriormente ocupado durante a Idade do Ferro.

Vila Chã plateau corresponds to a geomorphologic unit that extends for around 8.5 km in the South–North direction and around 4 km in the West–East direction. It is located between the rivers Cávado and Neiva that run at the base of their northern and southern slopes, respectively. The west side is bounded by a coastal platform and by the Atlantic Ocean, and the east side by the Reguenga stream, a tributary of Cávado river and by another stream that flows into Neiva river in Lugar da Ponte, Forjães.

It is punctuated by some significant hills that reach altitudes between 200 m and 234 m. We

⁸ Segundo análise efetuada ao fragmento exumado trata-se deste tipo de campaniforme e não e não de um fragmento de tipo marítimo conforme se publica em Silva (1994).

⁹ Que o autor designa de “vasos lisos com gola”.

refer to: Monte Faro, at the southern end of the plateau; Monte de S. Lourenço, at the southwestern side; Monte de Sanfins/Cova da Bouça /Monte Castro, at the western side; Monte Macieira, at the northeastern side, and Monte Porrinhoso at the northwestern side. On this anthropogenic plateau, there is a great agricultural and forestry exploitation.

The plateau's settlement goes back to at least the Neolithic, a moment when the existing communities were erecting diverse Megalithic constructions. Until today, 26 Megalithic monuments of funerary context and one menhir¹⁰ were catalogued. We emphasise a great number existing on the parish of Vila Chã, where 16 Megalithic monuments under tumuli are known.

Even though some of the explorations made by F. M. Sarmento during the 19th century (Sarmento 1933), where some of the materials collected were deposited in the Sociedade Martins Sarmento Museum, in Guimarães, the only scientific excavations at these Megalithic monuments of the plateau were conducted under the responsibility of E. J. L. Silva, within the research project entitled "*Estudo do Megalitismo Minhoto e sua Correlação com o Douro Litoral e Beiras*". This author excavated the Mamoas da Cruzinha, the Antela da Portagem, Bouça do Rápido 3 and the Cimo de Vila, leading to partial publications (Silva 1990/1992, 1994, 1997, 2003) and several reports that served as a support for the achievement of this text (Fig. 1).

Due to the fact that it can be visited, we highlight Mamoa da Cruzinha, located on the parish of Vila Chã, partially excavated in 1993, 1994 and 1999 (Silva *et al.* 1994, 1995; Silva 2003). It is a monument of great relevance in Northwestern Megalithic terms by presenting two burial chambers under the same artificial mound, resulting, probably, from an addition process in different stages of the Neolithic, which we interpret as a symbolic reintegration way of the past, or of what it represented by Mid/Late Neolithic populations (Bettencourt 2009).

The first monument to be constructed at Cruzinha was a polygonal chamber, facing East, with a small passage surrounded by a counterfort and covered by a pile of stones and a tumulus of compacted earth (Fig. 2). In its interior, only 94 cm high, a sandy soil was found, where definitive funerary rites were performed. These implied the use of ochre and the deposition of offerings, such as: 4 microliths, 3 flint blades; 1 hand mill in granite, with ochre adhesions and 1 type of palette of a rectangular shape, also with ochre vestiges. At the entrance, a slab with ochre vestiges in its underside was deposited horizontally (Silva *et al.* 1994). Later, to the South of this monument, a passage grave was erected facing East and of larger dimensions, whose tumulus would encompass the first construction. This new space would have allowed a great number of funerary depositions, also accompanied by offerings, although distinct from the latter. The funerary rites now comprise ceramic containers and arrowheads showing no sign of use, which are distributed either inside the chamber or in the corridor.

The Mamoa 3 da Bouça do Rápido, also in Vila Chã parish, was partially excavated in 1989 and 1990 (Silva 1990, 1991, 1997). It is a monument with a polygonal-shaped chamber and distinct corridor, in plan and elevation, with a counterfort, open to Southeast and covered by a tumulus of compacted earth (Fig. 3). Over the counterfort, "*a reasonable amount of charcoal*" appeared in context with the soil from the tumulus (Silva 1990: 4). Could it be a fireplace constructed at the time of coverage of the counterfort, in the scope of an occultation ceremony? Or the remains of burnt material accidentally imported with the soil of the tumulus? Is it from a previous deposition? Unfortunately, the information we possess does not allow us to defend one or the other hypothesis.

¹⁰ Data provided by the Historic and Cultural Heritage Services of the City Hall of Esposende.

The chamber presents the singularity of possessing a head orthostat similar to the rest. On the upper part of this orthostat, a sub-quadrangular motif was encountered to which Silva (1997) interpreted as a possible stretched skin, also a few grooves were found. New observations individualised another figure in low relief at the base, an anthropomorphic shape visible from the corridor, which seems to be the “guardian” of all the composed space (Bettencourt 2009). On the orthostat next to the head orthostat, on the South side, diverse wavy lines, the quadrangular and circular motifs (Silva 1997) give an anthropomorphic stelae character (Fig. 4). The orthostat at the North of the head orthostat, presents a circular figure and some grooves in its interior and exterior (*ibidem*).

The funerary practices associated with this monument implied a deposition of fragments of hand mills inside the chamber, where seemingly one of them was supporting one of the orthostats (Silva 1990). Globular ceramic containers with re-entrant or vertical rims, several arrowheads, at least one microlith and truncated pebbles and quartzite flakes (Silva 1991¹¹).

Antela da Portelagem, located on the same parish, is another monument to visit on the plateau. It was partially excavated in 1989 (Silva *et al.* 1990), and it has a sub-rectangular chamber with a short corridor (Silva 2003), facing East-Southeast and has a surrounding counterfort (Fig. 5). A small earth mound covered it. Over the chamber orthostats, diverse motifs were engraved and painted, accentuating the symbolic character of these spaces.

The actions related to the use of this monument implied the deposition of offerings inside the chamber and in the corridor. Amongst the ones we could observe, as they were on deposit in Serviços do Património Histórico e Cultural (Historic and Cultural Heritage Services) of the City Hall of Esposende, we emphasise quartz and flint microliths; more than ten quartz, flint, and schist arrowheads; flint blades; knapped pebbles; quartzite flakes and ceramic containers, some of them with re-entrant rims and globular bodies. We also highlight a container with a spatulate decoration.

Although it is not open for visits, we still highlight Mamoa de Cimo de Vila, in Palmeira de Faro, located inside a private farm. It was also excavated in 1989 by Silva (1990/1992). It is a monument in very bad conditions with a stony chamber and an earth tumulus, where geometric motifs were engraved and painted as well. From the materials, we recorded one microlith detected at the base of the chamber and one ceramic container of Bouquique type.

The only menhir discovered until today, from S. Paio de Antas, which is open for visits, is located on the northern extremity of the plateau, on an elevation with vast visibility to the surrounding area, and in a natural gorge between the lands of the valley bottom of Neiva and the higher platforms. We emphasise the fact that this monument seems to be aligned with the solar cycle, particularly with the sunset at sea, of which is visible in an impressive way through a cut between two mounts of the plateau.

It is probable that the Megalithic complex of Vila Chã plateau was constructed between the end of the 5th and 4th millenniums BC, compared with others of the Portuguese Northwest. Its chronology is indicated by the existence of microliths and triangular-based arrowheads, in the “funerary” architectures, which are common to the Neolithic of this area.

We call the attention to the formal recurrence of artefacts deposited in these monuments, in relation to funerary practices, and the raw materials from which they are made. This leads us to interpret it as materials of a super-structure associated with death, existing in the Neolithic period in which, perhaps, the symbolism associated with hunting (arrowheads), elements associated with

¹¹ Besides what is published, we benefited from data provided in a conference, issued under the Master's Degree in Archaeology, Faculty of Arts of the University of Porto, on 26 February, 1991.

water (pebbles) and with activities connected with change and transformation (millstones) could have had great relevance. We also emphasise that the materials from which these objects were made (quartz, schist, flint) would have inherent proprieties, which would increase the multiplicity of meanings, for example, the importance of flint, which indicates coastal contacts with the southern areas by the populations of the plateau.

We are unaware of the fact that if during the Chalcolithic, populations constructed monuments of Megalithic tradition. We only know that they were reused, which would allow its integration in a new cognitive universe. This occurred in Antela da Portagem, where a bell beaker vase, dotted with geometric decoration¹², was deposited, and in Bouça do Rapido 3, where a bell beaker vase was exhumed along with a flint halberd (Silva 1991).

During the Early and Middle Bronze Age, these monuments continued to be used and had an active role. This happened in Mamoa do Monte da Cerca, where a silver spiral was deposited (Fig. 6) (V.O. Jorge 1982; C.A.B. Almeida 1986), in Antela da Portagem, where the rites implied a deposition of a little pot of carena type with circular plastic decoration (Fig. 7) (Leisner 1958, Sanches 1981; Bettencourt 1999), in Mamoa do Rapido 3, where small Bronze Age vessels were uncovered (Silva 1991), and in one of Mamoas da Serra, where a trunco-conical vase was detected (Fig. 8) (Sanches 1981).

From that period onwards we are not familiar with new reutilisations of Megalithic structures, as the memory of the past and its importance did not seem significant for the populations that lived on the plateau during the Iron Age.

We are unaware of the occupancy sites of the Neolithic populations that built these monuments, although, it is probable that they lived in its vicinity, similar to other places in the Portuguese Northwest. From the Chalcolithic we know two settlements on the plateau: the Bitarados/Maíndos, in Vila Chã, with more than one occupation dated from the first half of the 3rd millennium BC, and Cova da Bouça, S. Bartolomeu do Mar/Belinho, on the Eastern side of this hill and elevated over a sheltered valley. Both of these places are located close to several monuments under tumuli that were reused.

During the Bronze Age, the populations that would have populated the monuments of the past, lived essentially in lower and peripheral areas of the plateau or even on the hills of the coastal platform, where, from that moment on, chose to bury their dead in individual inhumation cists. We refer to the ones of Monte de Belinho and Agra de Anta, both in S. Paio de Antas, to the ones at Lugar da Padaria and Vilar, in Curvos (Soeiro 1988), and to one at Cavaleira, in Gandra (Vieira 1917). The exception is in the populations that, at the end of the Bronze Age, lived in the vicinity of rock outcrops of the high platform, facing East, of Monte de S. Lourenço, later occupied during the Iron Age.

MAIN BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

- ALMEIDA, C.A.B. 1986. Carta arqueológica do concelho de Esposende. *Boletim Cultural de Esposende* 9/10: 39-59.
- BETTENCOURT, A.M.S. 1999. *A paisagem e o homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC*, 5 vols. Braga: Universidade do Minho (Ph.D. thesis).
- BETTENCOURT, A.M.S. 2009. A Pré-história do Minho: do Neolítico à Idade do Bronze, in Paulo Pereira

¹² According to the analysis of the exhumed fragment it is a type of this kind of bell beaker, and not a amaritime type fragment, as published by Silva (1994).

- (coord.) *Minho.Traços de Identidade*, Braga: Conselho Cultural da Universidade do Minho.; 70-113.
- JORGE, V.O. 1982. *Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto. Os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*. 2 vols. Porto: Universidade do Porto (Ph.D. thesis).
- LEISNER, V. 1958. Nota sobre um vaso transmontano, *Arqueologia e História* 8. Série 8: 145-153.
- SANCHES, M.J. 1981. Recipientes cerâmicos da Pré-história Recente do Norte de Portugal, *Arqueologia* 3: 88-98.
- SARMENTO, F.M. 1933. *Dispersos*. Coimbra:Universidade de Coimbra,
- SILVA, E.J.L. 1990. *Relatório da escavação da Mamoa 3 do Rapido (Esposende)*. 1ª Campanha 1989. Porto: IPPC.
- SILVA, E.J.L. 1990/1992. Primeiros resultados da escavação da Mamoa de Cima de Vila, Palmeira de Faro (Esposende). *Boletim Cultural de Esposende* 17: 97-110.
- SILVA, E.J.L. 1991. *Relatório da escavação da Mamoa 3 do Rapido (Esposende)*. 2ª Campanha 1990. Porto: IPPC.
- SILVA, E.J.L. 1993. Representations humaines sur deux monuments mégalithiques de la région nord du Portugal. *Representations humaines du Neolithique à L'Age du Fer*. Paris: Comité des Travaux Historiques et Scientifiques: 21-28.
- SILVA, E.J.L. 1994. Megalitismo do Norte de Portugal: o litoral minhoto. *O Megalitismo no Centro de Portugal, Mangualde*: 157-169.
- SILVA, E.J.L. 1997. Arte megalítica da costa norte de Portugal. *Actas do III Coloquio Internacional de Arte Megalítico. Brigantium* 10. Corunha: Museu Arqueológico e Histórico Castelo de San Antón: 179-189.
- SILVA, E.J.L. 2003. Novos dados sobre o megalitismo do Norte de Portugal. In V. S. Gonçalves (ed.) *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos. Trabalhos de Arqueologia* 25. Lisboa: IPA: 269-280.
- SILVA, E.J.L.; SILVA, M.F.M.; FONSECA, T.M.P.G; CORREIA, A.L. & BARROS, M.A.S. 1990. *Relatório da escavação da Antela da Portelagem (Esposende)* 1989. Porto: IPPC.
- SILVA, E.J.L.; MATIAS, C.M.Q. & SOARES, N.M.S.R. 1994. *Relatório da escavação da Mamoa da Cruzinha (Esposende)*. 1ª Campanha 1993, Porto.
- SILVA, E.J.L.; MATIAS, C.M.Q. & SOARES, N.M.S.R. 1995. *Relatório da escavação da Mamoa da Cruzinha (Esposende)*. 2ª Campanha 1994. Porto.
- SOEIRO, T. (1988). SOEIRO, T. 1988. A propósito de quatro necrópoles proto-históricas do concelho de Esposende. *Actas do Colóquio Manuel de Boaventura (1985)*. Vol. 2. Esposende: Câmara Municipal: 35-62.



FIG. 1 – Distribuição dos monumentos megalíticos no planalto de Vila Chã, sobre a Carta Militar de Portugal, esc. 1:25 000.

FIG. 1 – Distribution of the megalithic monuments on Vila Chã plateau in the Military Chart of Portugal, scale 1:25,000.



FIG. 2 – Vista geral da pequena câmara megalítica da Mamoa da Cruzinha.

FIG. 2 – Overview of megalithic chamber of the tumulus of Cruzinha.



FIG. 3 – Vista geral da câmara e do corredor da Bouça do Rapido 3.

FIG. 3 – Overview of chamber and corridor of Bouça do Rapido 3.



FIG. 4 – Câmara da Bouça do Rapido 3. Gravuras no esteio a sul do ortostato de cabeceira.

FIG. 4 – Chamber of Bouça do Rapido 3. Engravings on the orthostat south of the head orthostat.



FIG. 5 – Vista frontal da Antela da Portelagem.

FIG. 5 – Frontal view of Antela da Portelagem.



FIG. 6 – Espiral de prata encontrada na Mamoa do Monte da Cerca (fot. dos Serviços do Património Histórico e Cultural da Câmara Municipal de Esposende).

FIG. 6 – Silver spiral found in the tumulus of Monte da Cerca (photo from Serviços do Património Histórico e Cultural, Municipality of Esposende).



FIG. 7 – Púcaro com carena e mamilos proveniente da Antela da Portelagem (fot. dos Serviços do Património Histórico e Cultural da Câmara Municipal de Esposende).

FIG. 7 – Carinated jug from Antela da Portelagem (photo from Serviços do Património Histórico e Cultural, Municipality of Esposende).



FIG. 8 – Vaso troncocónico exumado numa das Mamoas da Serra (fot. dos Serviços do Património Histórico e Cultural da Câmara Municipal de Esposende).

FIG. 8 – Trunco-conical vase found at one of the tumuli of the Serra (photo from Serviços do Património Histórico e Cultural, Municipality of Esposende).

Mamoa de Leira das Mamas, Lamas, Braga
Tumulus of Leira das Mamas, Lamas, Braga

Ana M. S. Bettencourt

Department of History of the University of Minho, Gualtar Campus, 4710-057 Braga,
Portugal; Transdisciplinary Research Centre Culture, Space and Memory – CITCEM.
E-mail: anabett@uaum.uminho.pt

Tipo de sítio / Site: monumento megalítico / Megalithic monument.

Cronologia / Chronology: Neolítico, Calcolítico, Idade do Bronze/ Neolithic, Calcolithic, Bronze Age.

Localização administrativa / Administrative Location: Lugar do Acento, Lamas, Braga.

Coordenadas geográficas / Geographic coordinates: 41° 30' 12.07" N; 8° 25' 53.74" W. Altitude: c. / about 172 m (Fig. 1).

Acesso / Access: Seguir pela estrada nacional nº 309 que de Braga se dirige a Famalicão. Na freguesia de Lamas cortar à esquerda, no local onde está uma placa com a indicação da Mamoa. Na Junta de Freguesia pedir autorização para visitar o monumento que se encontra nas imediações. O material depositado neste túmulo encontra-se no Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, em Braga / Follow the National Road 309 in the direction Braga-Famalicão. In the parish of Lamas turn left at a place where there is a sign indicating Mamoa. Ask for permission at the Parish Council to visit the monument, which is close by.

The material deposited at this tomb can be found at the Museum of Archaeology D. Diogo de Sousa, in Braga.

A Mamoa de Leiras das Mamas foi descoberta em fevereiro de 1993, aquando de obras de desaterro para a construção de uma urbanização, numa colina bem destacada no vale do rio Ledo ou da Veiga, afluente da margem esquerda do rio Este. Estava intacta tendo sofrido, na altura, uma destruição significativa, que lhe afetou os setores Norte, Sul e Este e, por conseguinte, a área da câmara e do corredor, tendo apenas permanecido dois esteios *in situ*. Na altura, o imóvel foi alvo de escavações de emergência por parte do IPPAR – Delegação Regional do Norte, sob a responsabilidade de Orlando Sousa que recolheu grande número de artefactos líticos e cerâmicos, ao que parece proveniente das terras revolvidas pela destruição mecânica. De julho a outubro de 1997 e em 1999, efetuaram-se novas escavações na Mamoa de Leira das Mamas sob a orientação de Eduardo Jorge Lopes da Silva, então docente da Universidade Portuguesa, com o apoio da Câmara Municipal de Braga. Este investigador efetuou algumas valas de sondagem na área da câmara e a Este e a Oeste do *tumulus* com o objetivo de detetar áreas não destruídas junto dos esteios *in situ* e de perceber as características construtivas do imóvel que possibilitassem a sua reconstituição. Esta foi realizada em 2000, por iniciativa da Junta de Freguesia de Lamas em articulação com o Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, local onde estão expostas as oferendas depositadas no decurso das práticas funerárias.

A partir dos trabalhos arqueológicos foi possível perceber que a Mamoa de Leiras das Mamas continha uma câmara com corredor curto aberto a Sudeste, indiferenciado em planta, mas diferenciado em alçado (Fig. 2). Em seu redor teria existido um contraforte, observado, ainda, a oeste da câmara. O *tumulus*, com cerca de 34 m de diâmetro, foi construído com terra compactada, de cor castanha escura, contendo carvões dispersos. Apesar das escavações terem sido parciais,

foram encontradas acumulações de calhaus e de blocos, a nascente do corredor, que poderiam corresponder à condenação ou fecho de um eventual átrio que aí tivesse existido.

Já no momento do restauro foram detetados dois esteios com pintura de cor esbranquiçada e avermelhada (Silva 2003) com motivos reticulados (Figs. 3a e 3b).

As oferendas depositadas no contexto das práticas funerárias são de vária ordem. Destacamos diversos recipientes cerâmicos, entre eles três de pequenas e médias dimensões, bordos reentrantes, bojós hemisféricos, globulares ou subcilíndricas e bases convexas. Dois deles apresentam fiadas de puncionamentos sob o bordo em forma de crescentes (Figs. 4a e 4b). De assinalar, ainda, a existência de vários fragmentos de vasos com decoração em forma de caneluras verticais, efetuadas mediante incisões pouco profundas e com objeto de ponta romba. No grupo dos artefactos em pedra polida salientamos os machados (Fig. 5), as enxós e uma goiva (Fig. 6), em anfibolito e silimanite branca¹³, sem indícios de utilização.

Os artefactos mais comuns são as pontas de seta (mais de três dezenas) realizadas em xisto, por vezes jaspe, quartzo e metatufitoácido. Estas apresentam bases triangulares, convexas, bicôncavas e pedunculadas, sem vestígios de uso (Fig. 7). Foram ainda depositadas lâminas, algumas retocadas em sílex (jaspe), micrólitos trapezoidais em jaspe e chert negro (Fig. 8), diversas lamelas e lascas também em sílex e quartzo e um eventual furador efetuado sobre cristal de quartzo. Exumou-se, igualmente, um núcleo sobre seixo de quartzo, um percutor sobre seixo quartzítico rolado e calhaus rolados de quartzo e de granito de grão fino, além de ocre alaranjado e avermelhado.

Pelo tipo de objetos depositados podemos considerar que este monumento foi construído e frequentado durante o Neolítico Médio/Final (entre finais do V a finais do IV milénios a.C.). Os indícios de ter sido reutilizado durante outros momentos da Pré-História são frustes e pouco conclusivos. De registar, no entanto, a presença de dois fragmentos de cerâmica bracarense, datáveis do séc. I ou II d.C., na área do monumento, assim como de escassos fragmentos de cerâmicas comuns romanas, cujo significado é impreciso.

The *tumulus* of Leira das Mamas was discovered in February 1993, when excavation works for a new housing development were undergoing on a very visible hill in the valley of river Ledo or Veiga, a tributary of the left bank of river Este. The *tumulus* was intact, having suffered, at that time, a significant destruction, which affected the North, South and East sectors and, consequently, the chamber and corridor area, having only two orthostats remaining *in situ*. At that time, the monument went through emergency excavations by the Portuguese Institute for the Architectural Heritage (IPPAR) – Northern Division, under the responsibility of Orlando Sousa who recovered a great number of lithic and ceramic artefacts, which seem to come from overturned soil from the mechanical destruction. From July untill October 1997 and 1999, new excavations were performed in the tumulus of Leira das Mamas under the supervision of Eduardo Jorge Lopes da Silva, at the time a lecturer at Portucalense University, with the support of the City Hall of Braga. This researcher performed trenches in the chamber area on the East and West side of the tumulus with the objective of detecting areas that were not destroyed near the orthostats *in situ*, and understanding the constructive characteristics of the monument that could allow its reconstruction. This was made in 2000 by the initiative of the Parish Council of Lamas in conjunction with the Museum of Archaeology D. Diogo de Sousa, and it is in this place where the offerings deposited during the funerary practices are exhibited.

¹³ A análise litológica dos artefactos foi efetuada por António Huet Gonçalves e por Manuel João Abrunhosa.

From the archaeological works, it was possible to understand that the tumulus of Leira das Mamas contained a chamber with a short corridor facing Southeast, undistinguished in plan but distinct on upright plan (Fig. 2). In its surroundings a counterfort would have existed, observed from the West of the chamber. The tumulus with approximately 34 m in diameter was constructed with compacted dark brown earth containing dispersed charcoal elements. Although the excavations were partial, accumulations of stones and blocks to the East of the corridor were found, which could correspond to the closure of a possible atrium that could have existed there.

During the restoration process, two orthostats with white and red paint (Silva 2003) and reticular motifs (Figs. 3a e 3b) were found.

The offerings deposited in this context of funerary practices are varied. We highlight various ceramic containers, including three of small and medium sizes, with re-entrant rims, hemispherical bulges, of globular or sub-cylindrical shape, and with convex bases. Two of them present crescent-shaped punctured lines on the rim (Figs. 4a e 4b). We also highlight the existence of several vase fragments with vertical grooves, made by superficial incisions using a blunt object. In the polished stone artefacts group, we distinguish the axes (Fig. 5), the adzes and one stone chisel (Fig. 6), in amphibolites and in white sillimanite¹⁴, with no indication of use.

The most common artefacts are arrowheads (more than thirty) made in schist, sometimes in jasper, quartzite and acid metatuffite. These present triangular, convex, biconcave and peduncled bases, with no vestige of use (Fig. 7). Blades were also deposited, some retouched in flint (jasper), as well as trapezoidal microliths in jasper and black chert (Fig. 8), and several bladelet and flakes also in flint and quartz, and a possible puncture tool made of quartz crystal. A nucleus of quartz, a hammer of quartzite pebble, and quartz and fine-grained granite pebbles, and also orange and red ochre.

According to the type of the deposited objects, we can consider that this monument was constructed and used during the Middle/Late Neolithic (between the end of the 5th and end of the 4th millenniums BC). The indicators of its reuse during other moments in prehistory are disappointing and inconclusive. Although, we recorded in the monument's area the presence of two ceramic fragments typical of Braga, dating from the 1st or 2nd century, as well as a few fragments of common roman ceramics.

ACKNOWLEDGMENT:

This work was developed in the scope of the project *Espaços naturais, arquiteturas, arte rupestre e deposições na pré-história recente da fachada ocidental do centro-norte português: das acções aos significados* – ENARDAS / Natural spaces, architecture, rock art and depositions from the Late Prehistory of the Western front of Central and Northern Portugal: from actions to meanings (reference PTDC/HIS-ARQ/112983/2009) financed by the Operational Programme “Thematic Factors of Competitiveness” (COMPETE) and by the European Regional Development Fund (Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional - FEDER).

MAIN BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

- Mamoá de Lamas. Núcleo Interpretativo* (s/d). Lamas: Junta de Freguesia.
- SILVA, E.J.L. 2003. Novos dados sobre o Megalitismo do Norte de Portugal. In V. S. Gonçalves (ed.) *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo. Reguengos de Monsaraz, 3 a 7 de Maio de 2000*. Trabalhos de Arqueologia 25. Lisboa: IPA: 269-280.
- <http://www.geira.pt/museus/atrio/index.asp?id=8>;

¹⁴ The lithological analysis of the artifacts was made by Antonio Huet Gonçalves and Manuel João Abrunhosa.



FIG. 1 – Localização do monumento na Carta Militar de Portugal, na escala 1: 25 000, folha nº 70.

FIG. 1 – Location of the monument in the Military Chart of Portugal, scale 1:25,000, sheet No. 70.



FIG. 2 – Vista geral da câmara e do corredor do monumento após a sua reconstrução (fot. de Manuel Santos/Museu D. Diogo de Sousa).

FIG. 2 – Overview of chamber and corridor of monument after its reconstruction (photo by Manuel Santos/D. Diogo de Sousa Museum).

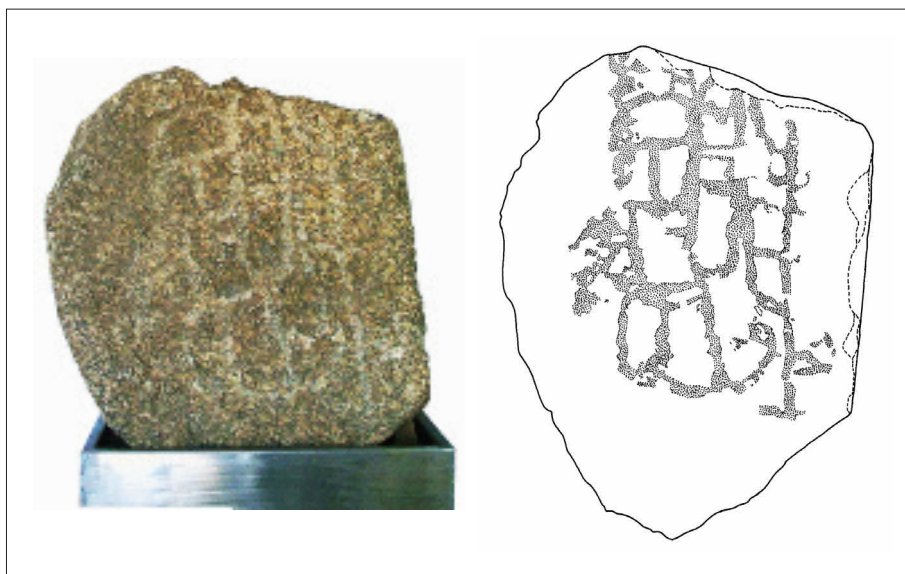


FIG. 3a e 3b – Esteio pintado com motivos reticulados (fot. de Manuel Santos/Museu D. Diogo de Sousa e desenho de Filipe Antunes).

FIG. 3a and 3b – Painted orthostat with grid motifs (photo by Manuel Santos/D. Diogo de Sousa Museum and drawing by Filipe Antunes).



FIG. 4a e 4b – Recipientes cerâmicas encontrados no interior do monumento (fot. de Manuel Santos/Museu D. Diogo de Sousa).

FIG. 4a and 4b – Ceramic vessels found in the interior of the monument (photo by Manuel Santos/D. Diogo de Sousa Museum).(photo by Manuel Santos/D. Diogo de Sousa Museum).



FIG. 5 – Conjunto de machados detetados no interior do monumento (fot. de Manuel Santos/Museu D. Diogo de Sousa).

FIG. 5 – Set of axes found in the interior of the monument (photo by Manuel Santos/D. Diogo de Sousa Museum).



FIG. 6 – Goiva encontrada no interior do monumento (fot. de Manuel Santos/Museu D. Diogo de Sousa).

FIG. 6 – Stone chisel found in the interior of monument (photo by Manuel Santos/D. Diogo de Sousa Museum).

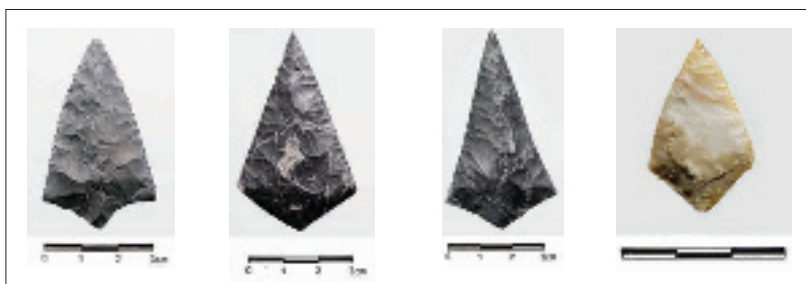


FIG. 7 – Pontas de seta exumada no interior do monumento (fot. de Manuel Santos/Museu D. Diogo de Sousa).

FIG. 7 – Arrowheads exhumed from the interior of the monument (photo by Manuel Santos/D. Diogo de Sousa Museum).

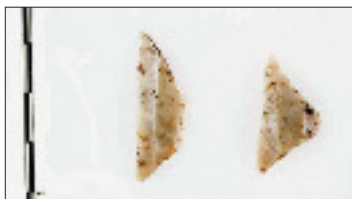


FIG. 8 – Micrólitos exumados no interior do monumento (fot. de Manuel Santos/Museu D. Diogo de Sousa).

FIG. 8 – Microliths exhumed from the interior of the monument (photo by Manuel Santos/D. Diogo de Sousa Museum).

Santuário pré-histórico do Gião, Cabana Maior, Arcos de Valdevez
The Prehistoric rock art sanctuary of Gião, Cabana Maior, Arcos de Valdevez

Lara Bacelar Alves

Post-doctoral fellow FCT (NSRF-POPH); integrated researcher of the Centre for Archaeological Studies at the Universities of Coimbra and Porto - CEAUCP. E-mail: larabacelar@gmail.com

Tipo de Sítio / Site: Arte Rupestre / Rock art.

Cronologia / Chronology: Pré-história Recente, Medieval, Moderno / Late Prehistory, Mediaeval, Modern.

Localização administrativa / Administrative Location: Cabana Maior, Arcos de Valdevez.

Coordenadas geográficas (ponto central do sítio) / Geographic coordinates (central point): 8° 19' 42" W; 41° 52' 00" N.

Acesso / Access: Partindo de Arcos de Valdevez, segue-se pela E.N. 202 em direção a Cabana Maior e Soajo. Alcançada a Portela do Mezio, toma-se o estradão que segue à direita, junto da Necrópole do Mezio, para o alto do Gião. O percurso até ao «santuário rupestre» encontra-se sinalizado / From Arcos de Valdevez take the National Road 202 in the direction of Cabana Maior and Soajo, and when reaching Portela do Mezio, follow the dirt road on the right, next to the Megalithic monuments (Necrópole do Mezio), towards the top of Gião. The path is signalled all the way up to the “rock art sanctuary”.

A arte do Gião foi dada à estampa nos anos 30 do século XX por Joaquim Fontes (1932a, 1932b) que já lhe concede um cariz de sítio paradigmático, no âmbito peninsular, de uma tradição estilística tipificada pela representação esquemática da figura humana. Contudo, nos seus artigos apenas nos lega tabelas compostas por esboços de motivos individuais e associações parcelares de figuras, isoladas das complexas composições onde se inserem. Na realidade, o verdadeiro esplendor deste conjunto foi revelado mais tarde, nos inícios da década de 1980, com os trabalhos de registo gráfico e levantamento de algumas das mais importantes superfícies historiadas por Baptista, (1980, 1981, 1983-84). Embora Fontes, com intuição, tivesse procurado delinear um discurso contextualizante sobre a arte do Gião, sublinhando os paralelos estilísticos entre as gravuras rupestres ali presentes e a pintura esquemática peninsular, foi Baptista (1983/84) que o dotou de maior inteligibilidade ao refletir sobre a sua integração no contexto específico da Arte do Noroeste.

O Gião é, de facto, um sítio excecional, quer no que respeita aos vestígios da ação humana impressos na paisagem, quer à expressividade das suas formas naturais aliada à dinâmica do clima que proporciona cenários tão díspares ao longo do ano. E estes são, de facto, aspetos aos quais não é alheio quem frequenta ou a quem se demora no cume deste Monte. Numa locução que podemos considerar absolutamente atual, Baptista (1981:3) nota que «...as rochas decoradas do Gião comungam uma extraordinária paisagem natural (...) em que a Arte e o Meio Ambiente se conjugam em perfeito paradigma antropro-ecológico...».

Sobranceira à margem direita do Lima, a imponente elevação do Gião, isolada das serranias circundantes, é visível a grande distância. É encimada por dois cumes que atingem altitudes acima dos 800 m a.n.m., unidos por uma cumeada mais baixa, com cerca de 1 km de extensão, em

semicírculo que define a cabeceira de um amplo anfiteatro natural (Fig. 1). Da Fonte dos Sete Olhos, situada na zona inferior desta encosta jorram as águas do Ribeiro do Gião que corre no interior do anfiteatro, proporcionando uma fonte permanente de água às manadas de garranos e bovinos que partilham com a ‘arte’ este idílico espaço (Fig. 2). Por entre o matizado da vegetação, vislumbram-se massas graníticas que ora afloram isoladas, ora conformam aglomerados pétreos formados por penedos dispostos de forma algo caótica. Na realidade, muitos desses penedos e lajes com gravuras eram conhecidos por topónimos antigos que denunciam o uso ancestral e continuado deste espaço. Através da atribuição de um nome, cada penedo converte-se num ‘lugar’: o Côto da Fonte das Abatujas, o Penedo de Voltijoso (Fig. 3), o Côto do Freixo, o Côto da Fonte dos Sete Olhos ou do Facho, o Côtito do Gião, a Laje do Rasto das Bestas, a Anteiras, o Penedo das Eirinhas, o Bogalheiras (Fontes 1933a). Mas também cada dobra ou elevação do relevo tinha um nome, como, por exemplo, o Alto da Costa, o ponto mais elevado do anfiteatro, onde se ergue uma mamoa, que mantém um esteio *in situ* (*ibidem*), tendo sido outra identificada no interior do anfiteatro (Baptista 1981). Estes vestígios evocam a presença da grande necrópole megalítica do Mezio, que se ergue no sopé do Monte, a Noroeste, e onde um esteio da câmara exhibe mais de uma dezena de gravuras cruciformes de tipologia similar às que se encontram no alto do Monte.

No centro da chã do Gião, o visitante sente-se envolvido pelo relevo circular. Intui-se o sentido de «santuário» cedo evocado por Fontes (1932a: 79) que nota que «o observador sente-se como que dentro de um templo enorme, isolado do exterior e cercado por todos os lados por lajes com centenas de gravuras». E, de facto, pese embora os consideráveis avanços na investigação de arte rupestre em Portugal nas últimas décadas, a verdade é que nenhuma outra estação análoga supera o número de rochas insculptadas contabilizadas no Gião que seguramente se aproximam da centena.

O suporte das gravuras é diversificado, o que é, aliás, apanágio dos santuários desta natureza. No Gião, elas surgem nas extensas superfícies graníticas expostas, em penedos sobrelevados com faces esculpidas pela erosão, nas faces laterais e superiores de blocos de média dimensão que se concentram em massas caóticas, em pedras soltas e nas faces dos esteios que constituem a chamada Cerca do Gião. Esta é definida por um muro, construído com lajes sumariamente afeiçoadas e fincadas na vertical, que delimita, a meia encosta, todo o anfiteatro, abraçando, no seu interior, os principais núcleos de arte rupestre. Um número considerável desses esteios (c. de 27 rochas) ostenta gravuras com motivos idênticos aos presentes nas restantes superfícies, sendo que as faces gravadas tendem a encontrar-se voltadas para o exterior do recinto embora, em casos pontuais, ocorram figurações nas faces laterais (Fig. 4). É relevante notar que as maiores concentrações de esteios gravados no muro parecem coincidir com zonas de ‘entrada natural’ no próprio anfiteatro, definidas por pequenos vales (Baptista 1981).

Dentro do recinto, na área de distribuição que Baptista designou por Gião 1, encontra-se o conjunto mais significativo de rochas decoradas, concentradas particularmente em dois montículos rochosos, onde superfícies aplanadas rasas ao solo se conjugam com blocos de pedra irregulares e informes dispostos de forma caótica (Fig. 5). Quer nuns, quer noutros, foram talhados os motivos mais característicos desta estação: quadrados e retângulos segmentados internamente, antropomorfos esquemáticos tipo *fi*, antropomorfos esquemáticos com figuração, ou não, da cabeça e com membros em arco ou retos, cruciformes simples, por vezes inseridos num círculo (Fig. 6). As covinhas não ocorrem em número significativo mas tendem a associar-se apenas entre si e a situar-se em zonas periféricas às grandes concentrações (Baptista 1981). Uma análise detalhada das sobreposições de motivos, a par do estudo da organização interna das composições e de distribuição dos motivos no espaço operativo, permitiu a Baptista (*ibidem*) sugerir uma sequência diacrónica genérica (visto que, como é evidente, as mesmas tipologias poderiam conviver num

só momento) que se inicia com os quadrados e retângulos segmentados internamente, evoluindo para um maior predomínio dos antropomorfos em *fi* (Fase I) e finaliza nos antropomorfos de tipo cruciforme e figuras derivadas (Fase II).

Ainda no Gião 1 destaca-se a composição da ciclópica rocha 1 onde se inscreve um singular motivo antropomórfico em *fi*, com a cabeça marcada por uma covinha, braços adossados a dois retângulos da extremidade dos quais saem duas mãos, com palma e dedos bem marcados (Baptista 1983-84). Merece também um olhar atento um penedo sobrelevado, balouçante, que se destaca num local próximo da crista do anfiteatro. É o Penedo do Valtijoso ou Voltijoso de contorno vagamente zoomórfico e que exhibe um abundante conjunto de cruzes gravadas, umas em épocas recentes, outras, mais complexas, de tipologia pré-histórica. É provável que se trate de um marco de termo, já que no alto do Gião convergem os limites das freguesias do Soajo, Cabana Maior e Ermelo, ou de sinais de cristianização de lugares pagãos. Não deixa, no entanto, de ser mais um testemunho da longa tradição da gravação de cruzes em penedos no Noroeste.

O segundo núcleo, o Gião 2, situa-se fora do anfiteatro, no topo de um outeiro a nascente. Nesta zona foi identificado um pequeno conjunto de cinco rochas gravadas, sendo que apenas uma apresenta uma composição de cronologia pré-histórica, com as típicas retículas e quadrados segmentados internamente e outras figuras, ausentes no Gião 1, em forma de estrela com covinhas nas extremidades. Estes esteliformes apresentam 8 ou 4 raios que partem de um ponto central e aparentam ser técnica e cronologicamente distintas das demais. As restantes rochas do Gião 2 exibem apenas cruzes de termo ou de cristianização.

The rock art of Gião was first published in the 1930s by Joaquim Fontes (1932a, 1933b), who highlighted the paradigmatic nature of the site in the context of Iberian rock art, and related it to an Iberian rock art tradition typified by the schematic representation of the human figure.

However, his articles only provide us with tables composed of sketches of individual motifs and fragmentary associations of figures, isolated from the complex compositions where they belong. In reality, the true splendour of this assemblage was disclosed several decades later, after the surveys and full recording of a selection of profusely decorated surfaces by A. M. Baptista (1980, 1981, 1983-84). Although Fontes's intuition had sought to outline a contextualising discourse on the rock art of Gião by stressing broad stylistic parallels with Iberian Schematic Art paintings, Baptista's comprehensive study (1983/84) aimed at reflecting on its placement and role in the specific context of the rock art in North-western Portugal.

Gião is, in fact, an exceptional site not only for the traces of human action imprinted in the landscape, but also for its natural environment which, allying highly expressive landforms with the dynamics of climate change, provides a variety of different scenarios throughout the year. Those who repeatedly visit and spend time on top of the hill certainly do not ignore these features. In a statement that can be considered absolutely current, Baptista notes that “...the decorated rocks of Gião share an extraordinary natural landscape (...) in which Art and Natural environment congregate in a perfect anthropo-ecological paradigm...”. Rising above the right bank of river Lima, this conspicuous hill is isolated from the surrounding mountains and is visible from a great distance. The hilltop is formed by two peaks that reach an altitude of 800 m above sea level, which are linked by a lower semi-circular ridge with 1 km in length, defining the head of a wide natural amphitheatre (Fig. 1). From the Fonte dos Sete Olhos, located in the lower parts of the slope, gush the waters of the stream Ribeira do Gião that flows through the amphitheatre, providing a permanent source of water for the herds of cattle and horses that share this idyllic

space with the rock art. Amidst the low vegetation cover, we envisage either large extensions of outcropping granite or rock clusters formed by boulders set in chaotic arrangements.

Many of the carved rocks on site were (and still are) known for their ancient place names, which denounce an ancestral and continued use of this space. By assigning a name, each rock converts into a “place”: Côtó da Fonte das Abatuas, Penedo de Voltijoso (Fig. 3), Côtó do Freixo, Côtó da Fonte dos Sete Olhos or Côtó do Facho, Côtito do Gião, Laje do Rasto das Bestas, Antearas, Penedo das Eirinhas, Bogalheiras (Fontes 1933a). But at Gião, not only the rocks but also each fold or elevation in relief had a name as, for example, Alto da Costa. This is the highest point of the amphitheatre, where a tumulus emerges with an upright orthostat *in situ* (*ibidem*), which pairs with another one found inside the amphitheatre (Baptista 1981). These mounds evoke the presence of the great Megalithic necropolis at Mezio, at the foot of the Mount, to the Northwest. Inside the chamber of one of the monuments at Mezio, a slab displays carvings of crosses, similar to those found inside the natural amphitheatre on the top of hill.

Standing on the lower parts of the amphitheatre, the visitor is surrounded by the circularity of the relief, and intuitively senses the idea of “sanctuary”, early evoked by Fontes (1932a: 79) who stated that “*the observer feels as if inside a huge temple, isolated from the outside and surrounded by all sides by slabs containing hundreds of pictures.*” In fact, despite the considerable advances in rock art research in Portugal in the past decades, the truth is that no similar site exceeds the number of carved rocks recorded at Gião that surely will reach to a hundred.

The backdrop of these carvings is diverse, and this is indeed a feature of this kind of sanctuaries. At Gião, they are found on large granite exposures, on raised boulders with eroded surfaces, on the lateral and upper faces of middle-sized granite blocks that agglomerate in chaotic masses, on loose stones and even on upright slabs that form Gião’s enclosure (Cerca do Gião). This is a wall built with roughly worked slabs stuck vertically on the ground that surrounds the amphitheatre half-way up the slope, enclosing the main concentrations of rock art.

A considerable number of these slabs (about 27 rocks) bears engravings with motifs similar to those present in other areas on site, and the carved surfaces tend to be turned to the exterior of the enclosure, although, in a few cases, engravings occur on both sides (Fig. 4). It is relevant to note that the highest concentrations of carved slabs recorded along the wall seems to coincide with small valleys that conform “natural entrances” to the amphitheatre (Baptista 1981).

Inside the enclosure, in the area that A. M. Baptista called Gião 1, we find the most significant set of decorated rocks, particularly concentrated in two natural granite mounds, where low flattened surfaces are combined with irregular stone blocks chaotically disposed (Fig. 5).

Both kind of surfaces were used to carve the most characteristic motifs on site: squares and rectangles internally segmented; schematic human figures in the shape of the Greek “fi” (Φ); schematic human figures with or without representation of the head, showing right-angled or arched limbs; Latin crosses, which occasionally appear inserted in a circle (Fig. 6). Cup-marks do not occur in significant numbers. They tend to be associated only with each other and to be peripheral to the largest rock art clusters on site (Baptista 1981). A detailed analysis of overlapping motifs, alongside the study of the internal organisation of the compositions and distribution of the motifs on the rock surfaces, allowed Baptista (*ibidem*) to suggest a generic diachronic sequence, despite, of course, recognising that the same types could have coexisted in a single moment. The proposed sequence begins with the carving of squares and rectangles internally segmented, evolving to a higher prevalence of “fi”-shaped anthropomorphs (Phase I) and finishing with the widespread of carvings in the shape of Latin crosses (interpreted as schematic representations of the human figure) and related figures (Phase II).

At Gião 1, it is compulsory to highlight the composition of rock 1. This is a granite exposure of Cyclopean proportions that features a singular “*fi*”-shaped human figure with a cup-mark signalling the position of the head, arms attached to two rectangles in the end of which are represented the hands, with palm and fingers well marked (Baptista 1983-84). Also worth of emphasis is a swaying raised boulder standing near the crest of the amphitheatre. It is called Penedo do Valtijoso or Voltijoso, and its shape vaguely recalls an animal head. It exhibits a rich set of carved crosses, some depicted in recent centuries, others, of more complex morphology, dating back to Prehistory. It is most likely that this rock was used as a landmark signalling the limits of administrative territories, considering that the top of the hill is a place where the boundaries of three parishes converge (Soajo, Cabana Maior and Ermelo). However, these signs may also be interpreted as marks of Christianisation of pagan places. Nevertheless, it is, above all, one more testimony of the long tradition of carving crosses on rocks in the north-west of Iberia.

The second group of carvings, Gião 2, is located outside the amphitheatre, on top of a hill to the east. In this area was identified a small assemblage of five engraved rocks, amongst which only one displays a composition of prehistoric date with the typical squares and rectangles internally segmented, and a set of motifs that are absent from Gião 1, which configure star-shaped figures with small cup-marks at the end of each ray. These star-shaped figures have 8 or 4 rays running from a central point and appear to be technically and chronologically distinct from the other motifs carved on this surface. The remaining carved rocks at Gião 2 exhibit simple Latin crosses that may as well be related to the marking of territorial boundaries or acts of Christianisation.

MAIN BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

- BAPTISTA, A.M. 1981. A arte do Gião. *Arqueologia* 3: 56-66.
- BAPTISTA, A.M. 1980. Introdução ao estudo da arte pré-histórica do Noroeste Peninsular. 1. Gravuras rupestres do Gião. *Mínia* 3 (4). 2ª série: 80-100.
- BAPTISTA, A.M. 1983-84. Arte rupestre do Norte de Portugal: uma perspectiva. *Actas do Colóquio Inter-Universitário do Noroeste, Porto 1983. Portugal* 4-5. Nova série: 71-82.
- SILVA, A.M.S.P. & ALVES, L.B. 2005. Roteiro de arte rupestre do Noroeste de Portugal. In J. M. Hidalgo Cuñarro (ed.) *Arte Rupestre Prehistórica do Eixo Atlântico*. Vigo, Porto, Bruxelas: Eixo Atlântico: 189-219
- FONTES, J. 1932a. Sobre algumas figuras rupestres do santuário pré-histórico do Gião. *Revista de Arqueologia* 1 (1): 75-82.
- FONTES, J. 1932b. Várias modalidades do sinal cruciforme no santuário pré-histórico do Gião. *Revista de Arqueologia* 1 (1): 235-243.

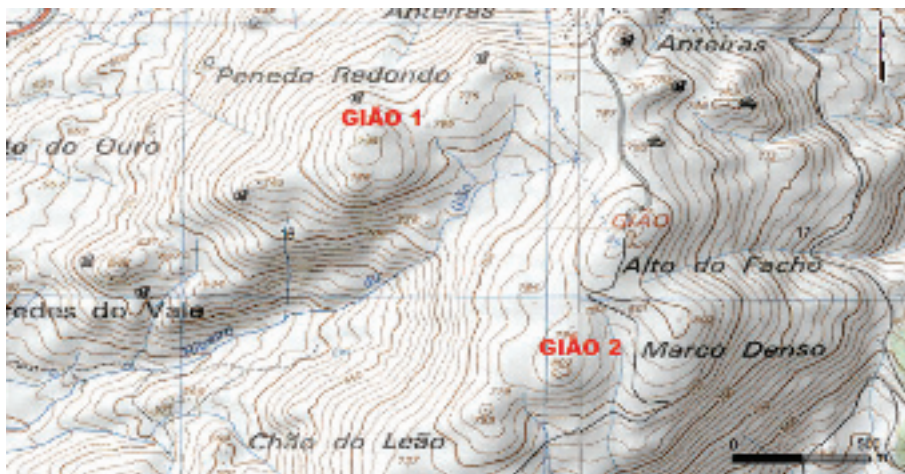


FIG. 1 – Localização do Santuário Pré-histórico do Gião em extracto da Carta Militar de Portugal, à escala 1/25 000, folhas 16 e 17. As gravuras rupestres distribuem-se, na sua maioria, sobre o anfiteatro natural, aberto a sudoeste, cujos topos são definidos pela localização dos vértices geodésicos Gião 1 e Gião 2.

FIG. 1 – Location of the Prehistoric Sanctuary of Gião in the Military Map of Portugal, scale 1/25 000, sheets 16 and 17. The rock carvings are distributed mostly inside the natural amphitheatre, opened to southwest. The Gião 1st and Gião 2nd Geodesic Marks define the highest points in the local topography.



FIG. 2 – Gião I. Vista sobre o anfiteatro natural assinalando-se os principais núcleos de gravuras rupestres.

FIG. 2 – Gião I. View over the natural amphitheatre with the location of the main assemblages of rock carvings.



FIG. 3 – Figuras antropomórficas e cruciformes inscritas no Penedo de Valtijoso.

FIG. 3 – Schematic human figures and crosses carved on Penedo de Valtijoso.



FIG. 4 – Cerca do Gião. Alguns dos blocos tombados ostentam gravuras antropomórficas de tipologia idêntica aos que surgem em afloramentos vizinhos.

FIG. 4 – Along the wall that encloses the amphitheatre, some of the tumbled blocks show anthropomorphic motifs of similar typology to those carved on neighbouring natural outcrops.



FIG. 5 – Vista sobre um dos montículos rochosos que afloram na encosta do anfiteatro natural a partir da extensa superfície da rocha 1.

FIG. 5 – View over one of the rocky mounds on the slope of the amphitheatre from the extensive rock surface 1.

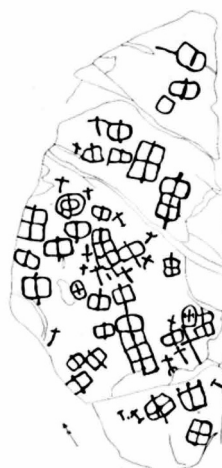
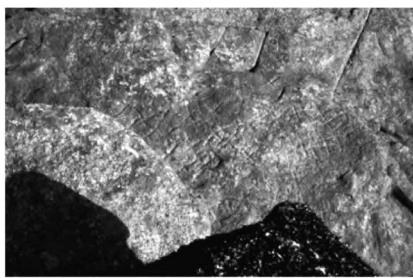


FIG. 6 – Gião 1 – Rocha 15 (seg. Baptista 1981).

FIG. 6 – Gião 1 – Rock 15 (after Baptista 1981).

Gravuras rupestres da Chã da Rapada, Britelo, Ponte da Barca
The rock engravings of Chã da Rapada, Britelo, Ponte da Barca

Ana M. S. Bettencourt

Department of History of the University of Minho, Gualtar Campus, 4710-057 Braga,
Portugal; Transdisciplinary Research Centre Culture, Space and Memory – CITCEM.
E-mail: anabett@uaum.uminho.pt

Tipo de Sítio / Site: Arte rupestre / Rock art.

Cronologia / Chronology: Pré-história Recente; Proto-história; Época Histórica / Late Prehistory; Protohistory; Historic Era.

Localização administrativa / Administrative Location: Britelo, Ponte da Barca, Viana do Castelo.

Coordenadas geográficas (ponte central) / Geographic coordinates (central point): 41° 50' 04,272" N; 08° 16' 53,548" W **Altitude média / Medium altitude:** 300 m (Fig. 1).

Acessos/Access: seguir pela Estrada Nacional 203 (de Ponte da Barca ao Lindoso) até à Igreja Paroquial da freguesia do Britelo. Aí, passar por detrás da igreja e seguir em direção a uma das últimas casas do lugar, localizada nas imediações de um poste de alta tensão. Deixar o carro e efetuar o resto do percurso a pé, tomando o caminho que vai para o alto da serra. A cerca de 350 m da referida casa, na zona onde o caminho faz uma curva acentuada, atinge-se a Chã da Rapada, uma área aplanada onde se concentram diversos afloramentos graníticos / Follow the National Road 203 (from Ponte da Barca to Lindoso) until the Parish Church of Britelo Parish. Pass behind the church and follow the direction towards one of the last houses of this place, located in the vicinity of a high-tension pole. Leave the car there and walk the rest of the way, taking the path that will lead you to the top of the mountain. About 350 m from the already mentioned house, on the area where the path takes an accentuated turn, we get to Chã da Rapada, a plain where granite outcrops are concentrated at various quotas and some of them are engraved. Nowadays, at this place, there is a sign post entitled: *Marcas do Tempo: Gravuras rupestres de Chã da Rapada; Marks of Time: the rock engravings of Chã da Rapada*, in Portuguese and in English, where it shows the survey made to the engravings of one of the existent rocks.

A Chã da Rapada localiza-se no interior do Parque Natural da Peneda-Gerês, numa plataforma da vertente noroeste da Serra Amarela, na margem esquerda do rio Lima em local de passagem entre as terras de vale e os patamares mais altas da serra, povoados de monumentos megalíticos (Fig. 2). Trata-se de uma área com abundantes afloramentos graníticos de grão grosseiro a médio, orientados de noroeste para sudeste, delimitada a norte e a sul por linhas de água que correm diretamente para o Lima. Do núcleo de gravuras a visibilidade é fechada para norte e sul, onde se avistam as vertentes da serra do Soajo, onde são nítidos os montes do Gião, e a serra Amarela. Para este e oeste o olhar estende-se para o vale encaixado do Lima, sendo a amplitude visual significativa para poente onde, no horizonte, se recorta o Monte do Castelo de Aboim da Nóbrega, Vila Verde, um impressionante domo granítico.

O primeiro trabalho de inventariação deste local foi realizado por Baptista (1986a) que aí distinguiu 2 núcleos estilísticos, entre diversos afloramentos gravados. Em 2006, Martins inventaria 12 penedos gravados e efetua o levantamento dos nºs 4, 5 e 6A - os de iconografia mais

diversificada e localizados no que considera o centro do lugar. Observa que estes afloramentos, de dimensões consideráveis, se situam a uma cota que os torna bem perceptíveis para quem chega ao lugar pelo caminho tradicional. Os gravados apenas com cruciformes, são de morfologia mais irregular e distribuem-se nas imediações do caminho que atravessa a Chã da Rapada (Martins 2006).

Em 2011 novos trabalhos no local inventariam 15 afloramentos gravados e renumeram os previamente publicados (Alves 2012). Neste âmbito, o afloramento 6A de A. Martins (2006) passa a afloramento 3, sendo totalmente estudado, e é designado um afloramento 4 diferente do já registado com esse número por Martins (2006).

A Chã de Rapada 4 de Martins (2006) corresponde a um afloramento horizontalizado com 1,80 m de comprimento por 1,48 m de largura, onde foi gravado uma linha sinuosa terminando num pequeno círculo, sensivelmente no meio do espaço operativo. Martins (2006) interpretou-a como sendo a representação de um serpentiforme (Fig. 3).

A Chã de Rapada 5 ou 1 de Alves (2012) é um afloramento horizontalizado com 2,90 m de comprimento por 1,30 m de largura máxima, composto por 69 motivos (Martins 2006) maioritariamente esquemáticos. Quanto a nós, estes distribuem-se, intencionalmente, em redor de uma espiral assim como pelo centro da rocha, de cada um dos lados da grande diacalse que a atravessa (Fig. 4).

No grupo dos esquemáticos sobressaem os cruciformes simples, alguns deles de base circular. Um deles encontra-se no interior de um retângulo e outro no centro de um triângulo irregular (antropomorfos?). Ocorrem, ainda, antropomorfos de diversas tipologias: com pernas delimitadas por dois traços oblíquos ou ligeiramente arqueados, um em *fi* e outro ictifílico.

No grupo das composições circulares destacamos uma espiral no interior de um círculo, e um motivo reticulado (Figs. 5a e 5b).

Finalmente destacam-se dois motivos quadrangulares que, embora distintos entre si, foram interpretados como “*geométricos de cronologia proto-histórica ou (...) tabuleiros de jogos medievais*” (Martins 2006:66).

Na Chã de Rapada 6A (ou 3 de Alves 2012), com cerca de 2,50 m de comprimento por 1,20 m de largura máxima e nas imediações do anterior, Martins (2006) apenas efetuou um decalque parcial das gravuras. O seu estudo total só ocorreu recentemente (Alves 2012). Os motivos referidos pela primeira autora, localizam-se na extremidade norte e na parte mais baixa do afloramento. Estes inscrevem-se maioritariamente no grupo dos esquemáticos, com diversos antropomórficos ictifílicos, alguns deles com a representação das mãos abertas e dos dedos. Há, ainda, um antropomorfo em *fi* e outro com os braços erguidos (orante?). Estes parecem associar-se a figuras quadradas e retangulares, segmentadas ou não, de diferentes dimensões, e a covinhas. Existem, também, cruciformes de difícil identificação e uma figura retangular, em baixo relevo, associada a um sulco pequeno, que foi identificada como paleta (Martins 2006; Alves 2012) (Fig. 6). O estudo da extremidade sul e mais elevada deste afloramento tornou possível visualizar um grupo de motivos diversificados que, em muitos casos, se sobrepõem uns aos outros. Aqui enfatizamos diversos cruciformes, covinhas, jogos, cruces de cinco pontas e um antropomorfo (Alves 2012).

Os diferentes motivos gravados nos afloramentos da Chã da Rapada fazem deste sítio um lugar paradigmático onde se associam composições circulares, vulgarmente inseridos na arte atlântica, e antropomorfos esquemáticos e reticulados, normalmente inseridos na denominada “arte esquemática”. Baseados nestes dois grupos estilísticos distintos quer Baptista (1986a) quer Martins (2006) consideram a existência de dois momentos cronológicos na Chã da Rapada. O grupo mais antigo, com motivos esquemáticos, circulares e um idólide, integrar-se-ia no Bronze Final e, o mais recente, materializado por cruciformes, em época Medieval ou Moderna

(Baptista 1986a, 1986b). Para a segunda autora, a primeira fase seria maioritariamente da Idade do Bronze, com possibilidade de extensão para a Idade do Ferro, tendo em conta a gravação de uma paleta e de um serpentiforme, enquanto a segunda, com cruciformes e tabuleiros de jogo, seria, também, Medieval ou Moderna.

Pessoalmente cremos numa biografia mais complexa para este lugar que supomos ter estado ativo, desde a Pré-História até momentos históricos, embora sujeito a recriações e reinterpretações que lhes adicionaram ou alteraram sentidos.

Num primeiro momento, provavelmente ainda no Neolítico Médio/Final, este local, nas proximidades e no caminho natural de acesso à necrópole megalítica do Britelo, grupo de Chã de Cabanos, terá visto a sua importância simbólica materializada por motivos reticulados, existentes na “arte megalítica” do Norte de Portugal como, por exemplo, na Mamoa de Leira das Mamas, em Braga (Bettencourt, neste vol.). É possível, ainda, que diversos antropomórficos tenham sido gravados durante esse período dado a forma como se organizam em volta dos motivos reticulados no afloramento 6, numa composição aparentemente coesa. Também não excluimos a hipótese de que a espiral possa recuar a um período antigo pois, além de ocorrer na gramática decorativa da arte dos monumentos megalíticos, associa-se a um reticulado no afloramento 5 ou 1. De salientar, ainda, que a linha sinuosa com extremidade circular, gravada no afloramento 4 da Chã da Rapada, encontra paralelos nos motivos do esteio nº 6 do dólmen do Alto da Portela do Pau 2, em Castro Laboreiro estudado por Baptista (1997).

Sem que possamos identificar iconograficamente a frequência deste lugar, durante o Calcolítico e a Idade do Bronze, é possível que esta tivesse ocorrido, tendo em conta a necessidade de adicionar ou alterar sentidos aos previamente existentes, durante a Idade do Ferro, como se constata pela gravação de uma paleta no afloramento 6.

Do mesmo modo se poderá entender a cristianização do lugar, através da gravação de cruciformes simples e de uma estrela de Salomão, visíveis no afloramento 3/6A - uma reinvenção de sentidos apenas necessária se este ainda fosse significativo para as populações que o partilhavam, numa cosmogonia diversa daquela que a igreja pretendia impor. Alves (2012) também defende uma longa cronologia para este lugar.

Chã da Rapada is located in the Natural Park of Peneda-Gerês, in the northwestern slope of the mountain Amarela, on the left bank of river Lima in the place of passage between the valley lands and the highest levels of the mountain, occupied with megalithic complexes (Fig. 2). It is an area with an abundance of granite outcrops of mid to coarse grain, oriented NW/SE direction, outlined on the North and South sides by water lines that run directly to river Lima. From the nucleus of engravings the visibility is closed towards the North and South, where the slopes of the mountain of Soajo can be admired as well as the mountains of Gião and Amarela. To the East and West the view extends to the embedded valley of Lima, with significant visual range to the West, where Monte do Castelo de Aboim da Nóbrega, Vila Verde, an impressive granite dome, is silhouetted in the horizon.

The first inventory work of this place was performed by Baptista (1986a) in which 2 stylistic nuclei were distinguished, amongst different engraved outcrops. In 2006, Martins inventoried 12 engraved outcrops and surveyed the engravings of 4, 5 and 6A – containing the most diverse iconography and located on what is considered the centre of the place. The author observed that these outcrops, of considerable dimensions, are quite perceptible to whom enters this place from the traditional path.

The engraved boulders bearing only cruciforms have a more irregular morphology and are distributed in the vicinities of the path that crosses Chã da Rapada (Martins 2006).

In 2011 new works at the site led to the inventory of 15 engraved outcrops, and renumbering of rocks previously published; so outcrop 6A from Martins (2006) was surveyed entirely, becoming outcrop 3, and a new outcrop 4 was designated, although different from the already mentioned with this numeration by Martins (2006).

Chã da Rapada 4 from Martins (2006) corresponds to a horizontal outcrop with 1.80 m length by 1.48 m width, where it was engraved a sinuous line ending in a small circle approximately in the centre of the operating space. Martins (2006) interpreted it as a representation of a serpentiform (Fig. 3).

Chã da Rapada 5 (or 1 from Alves 2012) corresponds to a horizontal outcrop with 2.90 m length by 1.30 m maximum width, composed by 69 motifs (Martins 2006), majorly schematic. We think that they are distributed intentionally, surrounding a complex circular figure, as well as the centre of the rock, on each side of a large diaclasis that crosses it (Fig. 4).

In the schematic group, simple cruciforms, some of them with a circular base, stand out. One of them is found in the interior of a rectangle and the other in the centre of an irregular triangle (anthropomorphs?). Also, anthropomorphs of diverse typology can be found: with legs delineated by two oblique lines or slightly arched, one in *fi* shape and another ithyphallic.

In the group of circular compositions, we highlight a spiral in the interior of a circle and a grid motif (Figs. 5a and 5b).

Finally, we emphasise two quadrangular motifs that, although distinctive among themselves, interpreted as “*geometric of proto-historic chronology or (...) medieval board games*” (Martins 2006: 66).

In Chã da Rapada 6A (or 3 from Alves 2012), with about 2.50 m length by 1.20 m maximum width, in the vicinity of the former, Martins (2006) only made a partial decal of the engravings; a complete study was only recently completed (Alves 2012). The motifs mentioned by the first author are located in the North extremity and on the lower part of the outcrop. They fall mostly in the schematic group, with several ithyphallic anthropomorphs, some of them with the representation of open hand palms and fingers. There is also a *fi* anthropomorph and another with its arms stretched upwards (prayer?). These seem to be associated to segmented, or not, squared and rectangular figures of different dimensions and to cup-marks. There are also cruciforms of difficult identification and a rectangular figure in low relief associated to a groove identified as a pallet (Martins 2006; Alves 2012) (Fig. 6). The later study of the most elevated outcrop in the south extremity made it possible to visualise a set of diversified motifs that, in many cases, overlay each other. There, it is mainly emphasised diverse cruciforms, cup-marks, board games, five-pointed crosses and one anthropomorph (Alves 2012).

The different motifs engraved on the outcrops of Chã da Rapada make this place a paradigmatic one, where circular compositions, commonly inserted in Atlantic rock art, are associated with schematic and anthropomorphs and grids, commonly inserted in “Schematic rock art”.

Based on these two distinct stylistic groups, Baptista (1986a) and Martins (2006) both consider the existence of two chronological moments at Chã da Rapada. The older group, with schematic and circular motifs and one idoliform motif, would be integrated in the Late Bronze Age, and the most recent engraving materialised as a cruciform would date from the Medieval or Modern periods (Baptista 1986a, 1986b). For the second author, the first phase would majorly date from the Bronze Age, with a possible extension to the Iron Age, taking into account the engravings of a pallet and a serpentiform, whilst the second, with cruciforms and board games, would also be from Medieval or Modern.

Personally, we believe in a more complex biography for this place, which we presume to have been active, since Prehistory until historic moments, albeit subjected to recreations and reinterpretations that added or altered their meanings.

At a first instance, probably still in Middle/Late Neolithic, this place, in the vicinity and on the nature trail of access to the megalithic necropolis of Britelo, group of Chã de Cabanos, would have seen its symbolic importance materialised in reticulate motifs, existing in the “Megalithic art” of the North of Portugal as, for example, Mamoá de Leira das Mamas, in Braga (Bettencourt, in this vol.). It is still possible that several anthropomorphs were engraved during this period, given the way that they are organised around reticulate motifs in outcrop 6 in an apparent cohesive composition. Also, we do not exclude the hypothesis that the spiral could go back into an older period since it is associated with a grid in outcrop 5, besides occurring in the decorative grammar of megalithic monuments. We also highlight the sinuous line with a circular extremity, engraved in outcrop 4 of Chã da Rapada, where parallel motifs were found in orthostat No. 6 of the dolmen of Alto da Portela do Pau 2, in Castro Laboreiro, studied by Baptista (1997).

Without being able to ichnographically identify the frequency of this place, during the Chalcolithic and Bronze Age, it is possible that this had occurred during the Iron Age, taking into account the necessity to add or alter the previously existing meanings, as shown in the engraving of a pallet in outcrop 6.

In the same way, we can understand the Christianisation of the place through the engravings of simple cruciforms and a Salomon star, well visible in outcrop 3/6A – a reinvention of meanings only necessary if this was still significant to the populations that shared them, in a different cosmogony from that which the church intended to impose. A supporter of a long chronology of the place is also Alves (2012).

ACKNOWLEDGMENT:

This work was developed in the scope of the project *Espaços naturais, arquiteturas, arte rupestre e deposições na pré-história recente da fachada ocidental do centro-norte português: das ações aos significados* – ENARDAS / Natural spaces, architecture, rock art and depositions from the Late Prehistory of the Western front of Central and Northern Portugal: from actions to meanings (reference PTDC/HIS-ARQ/112983/2009) financed by the Operational Programme “Thematic Factors of Competitiveness” (COMPETE) and by the European Regional Development Fund (Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional - FEDER).

MAIN BIBLIOGRAPHIC REFERENCES:

- ALVES, L.B. 2012. *Génio e talento do passado – A arte gravada do Penedo do Encanto e da Chã da Rapada*. Viseu: ADERE-PG Associação de Desenvolvimento/Arqueohoje, Lda.
- BAPTISTA, A.M. 1986a. Adenda à notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal, folha 1- D (Arcos de Valdevez) – *Arqueologia. Terra de Val de Vez* 9: 97-116.
- BAPTISTA, A.M. 1986b. Arte rupestre pós-glaciária. Esquematismo e abstracção. *História da Arte em Portugal*. Vol. 1. Lisboa: Alfa: 31-55.
- BAPTISTA, A.M. 1997. Arte megalítica no planalto de Castro Laboreiro (Melgaço, Portugal e Ourense, Galiza). *Actas do III Colóquio Internacional de Arte Megalítico*. Brigantium 10. A Coruña: Museu Arqueológico e Histórico Castelo de San Antón, 191-216.
- MARTINS, A. 2006. Gravuras rupestres do Noroeste Peninsular: a Chã da Rapada. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 9 (1): 47-70.



FIG. 1 – Localização da Chã da Rapada na Carta Militar de Portugal, esc. 1: 25 000.

FIG. 1 – Location of Chã da Rapada in the Military Chart of Portugal, scale: 1: 25,000.



FIG. 2 – Localização da Chã da Rapada no trilho do Megalitismo de Britelo (seg. sudandobotas.blogspot.com).

FIG. 2 – Location of Chã da Rapada in the megalithic path of Britelo (cf. sudandobotas.blogspot.com).

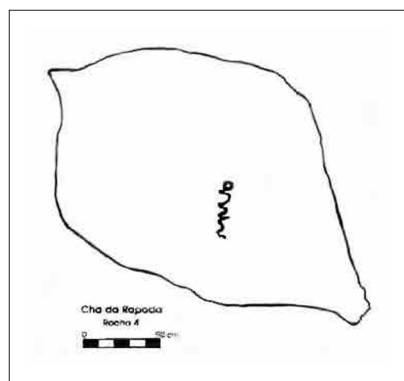


FIG. 3 – Decalque da rocha n.º 4 (seg. Martins 2006).

FIG. 3 – Tracing of rock n.º 4 (cf. Martins 2006).

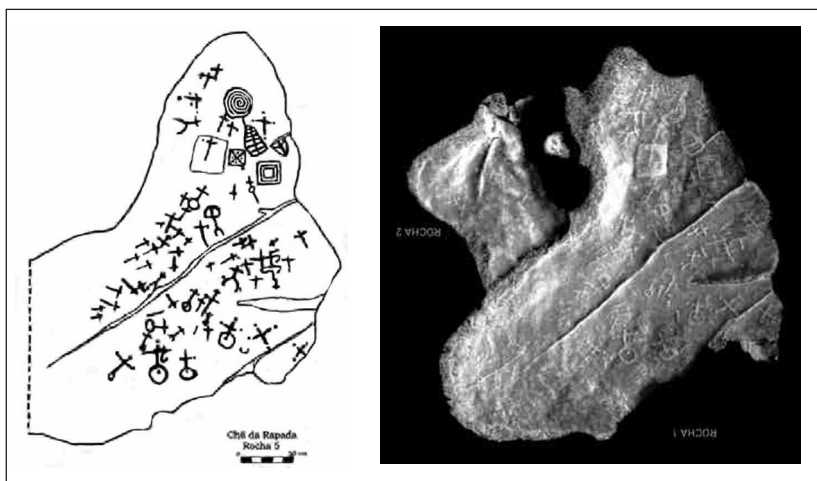


FIG. 4 – Decalque e registo gráfico da rocha nº 5 ou nº 1 (seg. Martins 2006 e Alves 2012, repetivamente).

FIG. 4 – Tracing and graphic recording of rock No. 5 or No. 1 (cf. Martins 2006 and Alves 2012, respectively).



FIG. 5a – Vista parcial da rocha nº 5.

FIG. 5a – Partial view of rock No. 5.



FIG. 5b – Registo gráfico de parte da rocha nº 5 de Martins (2006) e nº 1 de Alves 2012 (seg. Alves 2012).

FIG. 5b. Graphic recording of the rock No. 5 after Martins (2006) and No. 1 after Alves (cf. Alves 2012).

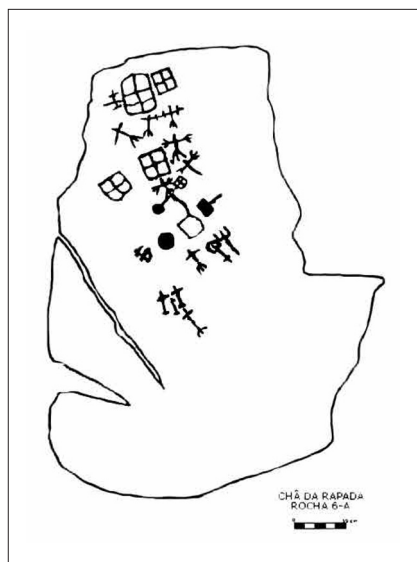


FIG. 6 – Decalque da rocha nº 6a (seg. Martins 2006).

FIG. 6 – Tracing of rock No. 6a (cf. Martins 2006).

Monte de Góis, Caminha. Um santuário rupestre nas margens do rio Minho
Monte de Góis, Caminha. A rock art sanctuary on the banks of river Minho

Lara Bacelar Alves

Post-doctoral fellow FCT (NSRF-POPH); integrated researcher of the Centre for
Archaeological Studies at the Universities of Coimbra and Porto - CEAUCP. E-mail:
larabacelar@gmail.com

Tipo de sítio / Site: Arte Rupestre / Rock art.

Cronologia da vertente ocidental / Chronology of the west slope: Pré-história Recente / Late Prehistory.

Cronologia da vertente meridional / Chronology of the south slope: Pré-história Recente; Medieval; Moderno; Contemporâneo / Late Prehistory; Mediaeval; Modern; Contemporary.

Localização administrativa / Administrative Location: Lanhelas, Caminha.

Coordenadas geográficas (vertente ocidental) / Geographic coordinates (west slope): Laje das Fogaças: 8° 47' 07" W / 41° 54' 27" N; Laje da Chã das Carvalheiras: 8° 47' 01" W / 41° 54' 24" N

Coordenadas geográficas (vertente meridional), ponto central do sítio / Geographic coordinates (south slope), central point: 8° 47' 00" W / 41° 53' 53" N

Acesso / Access: Seguindo pela E.N. 13 a partir de Viana do Castelo, desvia-se para Lanhelas entre os Kms. 97 e 98. Nesta localidade, a partir da Igreja Matriz, toma-se a rua Ilídio Couto, seguindo-se à esquerda até à rua da Boavista que conduz ao cimo do lugar, onde se situam as ruínas da antiga oficina de pirotecnia da firma Libério Fernandes, Lda. As gravuras rupestres da Laje das Fogaças ocupam um penedo que se encontra dentro do perímetro da propriedade, junto aos pavilhões mais antigos da fábrica. Para a Chã das Carvalheiras segue-se a rua do Alto da Boavista e, a cerca de 200 m, toma-se um estradão à esquerda, o qual se deverá percorrer ao longo de c. de 200 m. Logo após o caminho descrever uma curva à direita, encontra-se, do lado esquerdo, a Laje da Chã das Carvalheiras, um grande penedo com face inclinada para nascente. Para os restantes núcleos de gravuras rupestres pode seguir-se o estradão que passa na Chã das Carvalheiras e conduz à sua encosta meridional, sobranceira a Vilar de Mouros. Deve então descer-se a pé para o anfiteatro natural que se estende abaixo do caminho, no sentido de uma propriedade murada que ocupa a zona mais aplanada da vertente. As gravuras rupestres distribuem-se sobre os dois esporões que delimitam o anfiteatro, pelo limite norte, no exterior do terreno murado e ao longo do vale do rio do Ouro / Following the National Road 13 from Viana do Castelo, take the turn to Lanhelas, between 97-98 km. Here, from the Main Church, take Rua Ilídio Couto, following the left towards Rua da Boavista, which leads upslope to the ruins of the old pyrotechnic workshop of Liberius Fernandes Ltd. The rock art of Laje das Fogaças occupies an outcrop within the perimeter of the property, next to the old pavilions of the factory. To go to Chã das Carvalheiras, you should take the Rua do Alto da Boavista and for about 200 m follow the dirt road on the left for about 200 m. Shortly after the path delineates a curve to the right, Laje da Chã das Carvalheiras, a large outcrop facing east, appears on the left. For the remaining groups of rock art, follow this same dirt road that leads to the southern slope, overlooking Vilar de Mouros. One should then descend on foot to the natural amphitheatre that extends below the path, in the direction of a walled property, which occupies the most level area in the slope. The rock art is distributed along two spurs that delimit the amphitheatre by its northern edge, outside the walled property and along the Vale do Rio do Ouro.

O Monte de Góis ocupa uma posição dominante sobre o estuário do Minho. Ergue-se como um maciço bastião granítico entre este e as serranias litorais, estendendo-se em arco voltado a noroeste. No sopé da encosta ocidental, desenvolve-se um relevo escalonado formado pelos terraços fluviais médios e superiores do rio Minho onde afloram, com frequência, superfícies graníticas algo alteradas, ora expostas ao nível do solo, ora sobrelevadas. Percorrendo essas chãs, o olhar detém-se repetidamente nos dois pontos focais desta paisagem, o rio e o recorte triangular do imponente Monte de Santa Tegra.

É sobre essas amplas esplanadas que contornam a vertente ocidental do Monte de Góis que se encontra um dos mais notáveis conjuntos de gravuras zoomórficas do pós-glaciar insculpidas em penedos graníticos identificados, até ao momento, no Norte de Portugal (Fig. 1). Embora estes motivos surjam com frequência no contexto da Arte Atlântica do Noroeste peninsular, encontram a sua área de maior concentração no Sudoeste da Galiza e são relativamente escassos os exemplos conhecidos a sul da fronteira.

Abel Viana (1929, 1960) deu a conhecer, nas primeiras décadas do século XX, duas rochas com gravuras rupestres, a Laje das Fogaças e a Laje da Chã das Carvalheiras, na encosta ocidental do Monte de Góis. Contudo, desde 2004, foram sendo detetadas outras lajes insculpidas em virtude de um incremento dos trabalhos arqueológicos nesta zona motivados pela construção de uma rodovia que rasga o Monte no sentido este-oeste (Alves 2006). Estes trabalhos conduziram igualmente à descoberta de um extenso núcleo de gravuras rupestres na vertente sul da elevação, de feição estilística distinta daquelas como veremos adiante, não longe do local onde Abel Viana identificara as insculpturas do “Penedo do Trinco”.

Distribuídas ao longo dos remates das chãs da vertente ocidental, a maioria das rochas com gravuras pré-históricas encontram-se em zonas de fácil acesso, sobre os percursos naturais de passagem no sopé do Monte. Estas esplanadas são simultaneamente locais onde se acumulam as águas que brotam das inúmeras fontes e escorrem pelas vertentes, propiciando áreas de boas pastagens, sobre as quais “olham” a maioria das superfícies insculpturadas.

Trataremos cinco sítios que ostentam composições gravadas cujo repertório iconográfico, nalguns casos, se limita exclusivamente aos motivos zoomórficos, noutros onde estes se associam a figurações geométrico-abstratas.

A Laje das Fogaças, assim conhecida desde tempos imemoriais por apresentar gravuras circulares e ovaladas que lembrariam “fogaças”, conforme informa Abel Viana, situa-se no limite oriental da Chã das Castanheiras. É uma extensa superfície granítica, com cerca de 250 m², com forte inclinação para sul e oeste, portanto, voltada para a foz do Minho. Sobre ela, destaca-se a representação de um quadrúpede de estilo sub-naturalista, com cerca de 1 m x 0,95 m, que apresenta detalhes anatómicos interessantes como as orelhas e cauda. Aos quartos traseiros do animal sobrepõe-se um sulco de gravação profunda com c. de 1,5 m de comprimento no sentido descendente que é interrompido por covinha (Fig. 2). Como veremos, este esquema compositivo encontra paralelos na vizinha Laje da Chã das Carvalheiras.

Abel Viana, autor do primeiro levantamento da composição gravada, identificou um total de 41 figuras, sendo a grande maioria de cariz abstrato: motivos circulares simples, conjuntos de composições geométricas inseridas em grandes elipses, círculos segmentados internamente com dois diâmetros cruzados, espirais, um signo em “lira”. São ainda visíveis, na zona inferior da superfície, nove destas figuras, destacando-se três espirais, círculos seccionados internamente, um retângulo encimado por semicírculo e uma figura em forma de “lira” da qual parte uma linha sinuosa que termina em gancho. Na zona inferior da rocha, Abel Viana identificara alguns motivos que se encontravam conservados debaixo de sedimentos. Todavia, de acordo com antigos

relatos da população local, o limite inferior do penedo que ostentaria figuras animais foi destruído aquando da construção de um muro de alvenaria (Viana 1929: 217).

A presença de sobreposições e as distintas morfologias dos sulcos das gravuras observáveis indicia que a composição original terá sido alterada e/ou retocada em épocas posteriores, embora seja difícil aferir o período de tempo que passou entre a gravação dos diferentes motivos. Há contudo uma certa uniformidade formal que sugere uma origem pré-histórica para a criação deste painel. A Laje das Fogaças foi classificada como Monumento Nacional em 1974.

No escalão superior, já encostada à abrupta encosta do Monte de Góis, a Chã da Carvalheiras conforma uma extensa área de relevo aplanado. Num pequeno outeiro granítico que se destaca junto ao remate ocidental da chã, a cerca de 170 m a SE da Laje das Fogaças, a Laje da Chã das Carvalheiras ostenta um interessante conjunto de motivos zoomórficos, onde figuram essencialmente equídeos e cervídeos. Ocupam uma face lisa e inclinada para nascente deste penedo, sendo esta a única que resistiu à destruição provocada pelos trabalhos de extração de pedra. A área fronteira à superfície decorada permite a uma ampla audiência contemplar a composição que foi organizada, no registo de Abel Viana, em três conjuntos. No painel do lado esquerdo do observador, destaca-se um grande quadrúpede talhado em estilo sub-naturalista, com a cauda semicircular que surge em diversas representações de equídeos, à qual se adossa um motivo geometrizante, com um aspeto vagamente antropomórfico (Nóvoa Álvarez & Costas Goberna 2004). O zoomorfo apresenta igualmente um motivo segmentado sobre o dorso que poderá corresponder a um “signo” ou à representação de uma haste de veado, transformando-a numa figura híbrida (Fig. 3). Esta figura é ladeada por dois sulcos que percorrem longitudinalmente a superfície da rocha, ambos rematados inferiormente por uma covinha. Uma destas linhas parece arrancar, na parte superior, de um conjunto de círculos concêntricos com covinha central já muito debelado pela erosão. Nóvoa e Costas (*ibidem*) observaram, certamente sob condições de luz favoráveis, a existência de mais cinco quadrúpedes de representação esquemática com os corpos virados para Norte, num esquema compositivo que denota algum dinamismo cénico, enquadrados no espaço delimitado pelos dois grandes sulcos longitudinais, abaixo do zoomorfo de talhe profundo. À direita, na metade setentrional da superfície, observam-se três quadrúpedes sub-naturalistas, em movimento, com os corpos orientados para sul, um dos quais, um equídeo com cauda dupla, apresenta, sobre o dorso, um cruciforme, sugerindo a representação de uma eventual “cena de equitação”. No topo da rocha, já em plano horizontal, surge um conjunto de oito covinhas.

Encostada ao remate meridional da mesma Chã, 70 m na direção NE do sítio acima descrito, foi identificada, em 2005, uma outra superfície granítica decorada com motivos zoomórficos, à qual se atribuiu a designação de Laje 3 da Chã das Carvalheiras (Fig. 4). Trata-se de uma superfície de contorno sub-retangular, cuja área exposta mede cerca de 4,5 m de altura e 16,5 m de comprimento. Esta rocha situa-se já no início da encosta do Monte de Góis e a sua morfologia acompanha as formas do relevo do local. É um penedo imponente, com uma superfície lisa, bastante declivosa, voltada para poente, encimada por um muro de pedra seca. Percetível a partir do centro da chã, detém um vasto domínio visual sobre a Laje da Chã das Carvalheiras e o estuário. Aqui foi retratado um quadrúpede incompleto (figuram apenas os quartos traseiros) e dois equídeos afrontados, voltados um para o outro, como de uma imagem espelhada se tratasse. Na zona inferior do penedo, foi gravada uma cruz de termo ou propriedade.

Percorrendo a chã até ao seu limite setentrional, encontra-se uma outra superfície decorada, a Laje 1 da Boucinha, que dista cerca de 260 m da Laje da Chã das Carvalheiras, na direção NNW. Situa-se num terraço rochoso, ao lado do caminho pedonal que atravessa a chã. Em 2005, uma limpeza parcial da superfície, revelou a presença de duas figuras zoomórficas, em mau estado de

conservação por se encontrarem no limite inferior do penedo raso ao solo com inclinação suave para norte e nordeste. Estas figuras apresentam características peculiares e traços morfológicos pouco comuns no contexto da arte rupestre do Noroeste. A figura do lado direito apresenta o corpo de quadrúpede figurado na sua forma clássica, delineado por sulco contínuo, mas incompleto na parte superior. A cabeça está ausente e é, curiosamente, substituída por uma linha meândrica. Em baixo, surge um outro quadrúpede de corpo mais longo e esguio, pescoço longo e cabeça bem definida, encimada por duas hastes que terminam com duas pequenas covinhas. Posteriormente a esta descoberta, novas ações arqueológicas, puseram a descoberto nesta extensão de rocha, outros motivos de feição geométrica.

Ainda nesta área do terraço, encontra-se o “cavalinho do Cruzeiro”, assim conhecido pela população local. Situa-se a cerca de 250 m para NNW da Laje 1 da Boucinha, descrevendo, assim, um alinhamento quase perfeito com esta e a Laje da Chã das Carvalheiras. As gravuras ocorrem na face oblíqua de um penedo, voltada a oeste, que coroa um outeiro rochoso imponente a partir do qual se avista o trilho que conduz à Chã das Carvalheiras, um amplo panorama sobre o estuário e, em pano de fundo, o recorte do Monte de Santa Tegra (A Guarda, Galiza). A sua posição topográfica confere-lhe um estatuto excecional no conjunto conhecido, como se de um sítio tutelar se tratasse. Para se alcançar esta superfície deve-se, propositadamente, subir ao topo do outeiro. Ao centro do painel, está representada a imagem de um equídeo, ostentando a dupla cauda típica deste conjunto e corpo virado para norte, representado, singularmente, sobre um sulco horizontal que figura a linha de solo.

Um aspeto que merece ser assinalado no que respeita à distribuição deste conjunto de rochas com motivos zoomórficos é a sua posição nos limites da chã, um pouco à imagem do que foi observado para sítios com representações gráficas similares, em ambientes topográficos similares no Sudoeste galego (Bradley *et al.* 1994-95). É ainda de relevar a elevada percentagem de equídeos figurados no Monte de Góis, relativamente a estações congéneres no Noroeste Peninsular.

Se o acervo conhecido na encosta ocidental remete maioritariamente para o universo estilístico da arte Atlântica do Noroeste peninsular, as gravuras rupestres situadas na vertente sul do Monte de Góis encontram maiores afinidades com o repertório estilístico da designada Arte Esquemática gravada em penedos ao ar livre. Os santuários rupestres integráveis neste grupo ocupam geralmente elevações dominantes na paisagem distribuindo-se as rochas insculturadas por áreas amplas mas delimitadas por formas naturais do relevo. As gravuras em si ocupam superfícies fisicamente acessíveis e encontram-se ora subtilmente inseridas em discretos painéis, ora ostensivamente expostas.

É o caso da implantação das gravuras rupestres identificadas na vertente meridional do Monte de Góis (Figs. 5 e 6). O relevo desta encosta descreve um amplo anfiteatro natural, no centro de um verdadeiro caos granítico e cava vales fechados, física e visualmente, ao exterior. Aqui foram inventariadas, em finais de 2005, quatro dezenas de rochas com gravuras rupestres (Alves 2006) que se concentram em nichos discretos, confinados por massas pétreas, sendo que a própria microtopografia do local condiciona os movimentos e o olhar.

A implantação das gravuras não é absolutamente previsível. Afastadas das extensas superfícies graníticas, preferidas pelos “criadores” da Arte Atlântica da vertente ocidental, elas ocupam quer pequenas lajes rasas ao solo, quer batólitos sobrelevados, quer blocos de pedra soltos. A visualização dos motivos implica proximidade física em relação à face da rocha e obriga a que o observador se detenha sobre um local preciso ou mesmo sobre um determinado recanto de um afloramento (Alves 2009).

A distribuição das gravuras na área do anfiteatro permitiu a sua divisão em 4 setores seguindo genericamente as unidades topográficas que o compõem: o vale do rio do Ouro e a Mata

das Cruzes, sugestivo topónimo atribuído a uma área que se inscreve no anfiteatro natural que se abre entre os dois esporões. Esta última foi dividida em setor I que comporta o núcleo mais oriental situado sobre o arranque do esporão nascente, setor II que inclui o núcleo central de rochas encostadas ao limite norte da propriedade murada e setor III que abarca todas as rochas decoradas situadas na crista e encostas do grande esporão ocidental que confina com a cabeceira do vale do rio do Ouro.

O setor I da Mata das Cruzes é exemplar quanto à densidade de ocorrências. Aqui surge um complexo de onze rochas gravadas visíveis entre si num espaço reduzido, confinado por massas pétreas, nove das quais se concentram numa área de 10 m x 10 m (Fig. 7) e parecem coligir praticamente todas as tipologias de motivos que ocorrem no conjunto do santuário, a par de figurações originais. É este o caso da rocha n.º 2 onde se observa um antropomorfo esquemático com a cabeça definida por um círculo, pequenos braços que encimam dois arcos de círculo unidos a uma linha transversal que configura um *fi* e com extremidades inferiores de cada uma das quais parte um meandro em S (Fig. 8). Inédito é também o motivo representado no topo da rocha n.º 3, composto por uma figura trapezoidal segmentada internamente, de tipo idoliforme, com um cruciforme adossado do lado sul (Fig. 9).

A iconografia do conjunto do santuário é, na realidade, dominada pelas diferentes variantes da figura cruciforme, sugestivas da representação esquemática da figura humana e que manifestam o convencionalismo gráfico das formas típico da arte esquemática dos santuários rupestres ao ar livre. Esta tradição estilística expande-se largamente pelo espaço peninsular a partir do Neolítico Final e é tradicionalmente conhecida pela sua aposição nas paredes de abrigos sob rocha ou grutas sob a forma de pintura. No entanto surgem, com particular ênfase no Norte de Portugal, os santuários criados em recintos ao ar livre, a exemplo do Gião (Arcos de Valdevez) e do Outeiro do Tripe (Chaves). Na província de Zamora, em Espanha, mas já muito próximo da fronteira com Portugal, foi recentemente estudado um conjunto de gravuras rupestres desta mesma tipologia, numa gruta/abrigo granítico cuja escavação revelou, entre outros, vestígios arqueológicos datáveis do Calcolítico e Bronze Antigo. Curiosamente, é aqui que encontramos os melhores paralelos para alguns dos antropomorfos esquemáticos representados no Monte de Góis, nomeadamente para a figura central da rocha 33. O repertório figurativo integra, assim, nesta estação arqueológica, antropomorfos em *fi*, simples ou compósitos (rochas n.ºs 2, 7, 33, 36 e 77) com membros arqueados (rochas n.ºs 2, 20, 33) ou em ângulo reto (rochas n.ºs 5, 33) e figuras em T (rochas n.ºs 11, 16, 18) (Fig. 10). Ocorrem motivos em forma de “cruz grega” mas a “cruz latina” foi aqui gravada até aos nossos dias. Surgem ainda reticulados inseridos em molduras trapezoidais ou ovaladas (rochas n.ºs 3 e 7). Entre os raros motivos geométricos figuram pequenos círculos simples e um pectiforme (Alves 2006). As covinhas, concavidades oblongas e/ou pontos acompanham os cruciformes mas também surgem como motivos isolados (rochas n.ºs 9, 10 e 12).

A atribuição cronológica das cruzes simples representadas isoladamente é um problema de difícil resolução que perpassa o estudo dos conjuntos de arte Esquemática ao ar livre. Tal como as covinhas, a cruz é um signo atemporal dotado de uma ampla distribuição no espaço. A cruz, na sua forma mais elementar, ocorre quer pintada em abrigos ou grutas, associada a composições claramente Pré-históricas, quer gravada a sulco profundo, sem qualquer patina, na tosca face de uma rocha, em resultado de uma ação recente de delimitação de uma propriedade ou divisão administrativa. Surgem, efetivamente, no espaço do Santuário, gravuras cujos aspetos técnico-morfológicos remetem para uma cronologia irrefutavelmente moderna. É o caso da rocha n.º 27 que apresenta uma gravura da letra «P» figurada com sulco profundo e contornos pouco erodidos ou da rocha 21 que ostenta um motivo normalmente interpretado como sendo a representação de cruzeiro.

A continuidade da prática de inscrição, em época histórica, de cruzeiros em penedos no interior de santuários rupestres de ar livre, explica-se por estas formas gráficas serem sugestivas, para as comunidades rurais que ocuparam este espaço já em época histórica, da pré-existência de um espaço sagrado. Estes atos poderiam desenrolar-se no âmbito de práticas relacionadas com a cristianização dos lugares. Porém, a manutenção, na memória popular, destes lugares de referência nos seus territórios, conhecidos pelas “letras e sinais” inscritos nas pedras, propiciou frequentemente a sua integração como marcos delimitadores dos antigos “termos” das aldeias.

Entre os demais vestígios identificados, é de referir um antigo caminho lajeado que percorre a encosta, aproveitando as zonas topograficamente mais favoráveis. É o chamado “caminho do Ratapau” que parte das azenhas dos Rodetes e sobe em direção à grande chã a meia encosta por onde segue adossado ao muro do lado norte da Mata das Cruzes e ultrapassa, em íngreme subida, o grande esporão ocidental do anfiteatro, bifurcando-se, já na cabeceira do Vale do Rio do Ouro. Quando o caminho investe sobre afloramentos baixos, sobretudo nas zonas mais declivosas, estes mostram sulcos profundos abertos pela passagem de rodados que denunciam o seu uso continuado e prolongado no tempo.

Os diversos vestígios arqueológicos de época pré-histórica e histórica, identificados sobre esta elevação permitem, acima de tudo, refletir sobre as continuidades e descontinuidades de uma certa forma de viver e vivenciar este espaço, no tempo longo, autorizando, por isso, a consagração do Monte de Góis como um dos lugares fulcrais para a investigação arqueológica de arte rupestre no baixo vale do Minho.

Monte de Góis is a dominant hill overlooking the estuary of river Minho. It rises as a massive granite bastion between the riverside and the higher ground. The contour of the hill defines an arch opened to the north-west and, on the lower western slope, the relief is formed by the upper and middle river terraces. Here, outcropping granite surfaces, slightly altered by erosion, come both in the form of low-lying and embossed surfaces.

Walking along the terraces, our gaze tends to halt at two focal points in the landscape: the river and the imposing triangular outline of Santa Tecla hill, on the opposite banks.

On these broad terraces surrounding the western slope of Monte de Góis sits one of the most remarkable collections of post-glacial carvings of animal figures known to date in northern Portugal (Fig. 1). Although these motifs occur frequently in the context of the north-western Iberian Atlantic Art, they find their largest concentration area in the south-west of Galicia and the examples known south of the border are relatively scarce.

In the early decades of the twentieth century, Abel Viana published two carved rocks located on the western slope of Monte de Góis: Laje das Fogaças and Laje da Chã das Carvalheiras (1929, 1960). In 2004-2006, a significant number of rock carvings was identified during archaeological surveys carried out in the context of the construction of a road that cuts across the hill in the east-west direction (Alves 2006). Alongside with the new findings on the western slope, surveys allowed the discovery of an extensive rock art assemblage on the southern slope. The latter belong to a distinct rock art tradition and sit in the area adjacent to the location of “Penedo do Trinco” carvings, which had also been found by Abel Viana.

Scattered along the edge of the western terraces, most of the prehistoric rock art sites sit in areas, which are easy to reach, along the natural routes on the foot of the hill. These natural terraces are places where the waters that come from many springs converge and accumulate, providing good grazing areas in the vicinities of the carved outcrops.

There are 5 rock art sites that either show exclusively animal figures or in which they are associated with geometric motifs.

Laje das Fogaças is the ancient place name of one of the decorated outcrops located on the eastern edge of Chã das Castanheiras that show circular and oval images that reminded local people of the shape of traditional bread called “fogaças”. It is an extensive granite surface, with about 250 m², leaning towards the south and the west, commanding views over the mouth of river Minho. On this surface, the representation of a sub-naturalistic quadruped stands out. This figure measures *circa* 1 m x 0.95 m and exhibits anatomical details, such as the ears and tail. To the hindquarters of the animal overlaps a deep groove, around 1.5 m long, which runs down the sloping surface and is interrupted by a cup-mark (Fig. 2). As we shall see, this compositional scheme finds parallels in the neighbouring Laje da Chã das Carvalheiras.

Abel Viana, who first recorded this site, identified a total of 41 figures, the vast majority of which are abstract in nature: simple circular motifs, geometric arrangements inserted in large ellipses, circles internally segmented with two crossed diameters, spirals and a sign in the shape of a “lyre”. On the lower parts of the surface, nine of these figures, notably three spirals, circles internally segmented, a rectangle surmounted by a semi-circle and a “lyre” – shaped figure from which derives a sinuous line that ends in a hook. The lowest parts of the panel was, in 2004–2006, covered by thick layer of sediments, yet Abel Viana had recorded some motifs that were preserved underneath. Notwithstanding, Abel Viana also mentions that, according to ancient accounts of the local population, the lower limits of the outcrop had been destroyed during the construction of a masonry wall and also contained a number of carved animal figures (Viana 1929: 217).

The presence of overlapping and distinct groove morphologies indicates that the original composition has subsequently been altered and / or retouched, although it is difficult to measure the amount of time that passed between the engravings of different motifs. There is, however, an underlying formal consistency suggesting a prehistoric origin for the creation of this panel. Laje das Fogaças was classified as a National Monument in 1974.

Up the hill and by its steep slope, Chã da Carvalheiras is an extensive natural platform of the upper river terrace. Here, Laje da Chã das Carvalheiras is a bold granite mass that emerges on the western limits of the platform, some 170 m SE from Laje das Fogaças. It exhibits an interesting assemblage of animal figures, mainly featuring horses and deer. They occur on a smooth and leaning surface facing the east, which escaped damages caused by quarrying. The area in front of the decorated panel allows a wide audience to gather and contemplate the composition that, according to Abel Viana, was organised in three sets. On the panel to the left-hand side of the observer, there is a large quadruped carved in a sub-naturalistic style, with a semicircular tail, which is a common feature in representations of horses. Attached to that, there is a figure with a vaguely anthropomorphic look (Novoa Álvarez & Costas Goberna 2004). The quadruped also presents a sectioned motif on the back, which may correspond to a “sign” or representation of a deer antler, in this case converting it into a hybrid figure (Fig. 3). This quadruped is flanked by two grooves that run along the leaning surface of the rock, both of them ending in a cup-mark. One of these lines appears to come out of a set of very eroded cup-and-ring marks carved on the upper surface of the rock. Novoa and Costas (*ibid.*) observed, under good lighting conditions, the presence of five schematic animals with the heads facing the north, composing a scene framed by the two large longitudinal lines below the “hybrid” figure described above. On the northern half of the surface, to the right, there is another scene featuring three sub-naturalistic quadrupeds, depicted in motion, with the bodies turned to the south, one of which showing a double-grooved

tail and a cross-like figure on its back, suggesting the representation of a “riding scene”. On the flat top of the rock were carved eight cup-marks.

Towards the southern limits of the terrace, about 70 m to the north-east of the site described above, was found, in 2005, another rock surface displaying animal carvings, which was recorded as Laje 3 da Chã das Carvalheiras (Fig. 4). It is a granite exposure, roughly rectangular in shape, measuring 4.5 m in width and 16.5 m in length. This rock lies right on the bottom of the steep slope of Monte de Góis and its shape matches the surrounding relief. It is a smooth steep surface facing the west, and is surmounted by a dry stone wall. Noticeable from the centre of the terrace, it is intervisible with Laje da Chã das Carvalheiras and commands views over the estuary. This rock exhibits an incomplete quadruped (only the hindquarters are depicted) and two horses facing each other, as if it was a mirror image. On the rock-bottom, a carved Latin cross may be signalling the limits of a private property.

Walking northwards along the terrace, one finds another decorated rock, recorded as Laje 1 da Boucinha that sits around 260 m to the NNW of Laje da Chã das Carvalheiras. It lies on a rocky terrace, beside the footpath that runs across it.

A partial cleaning of the surface carried out in 2005, revealed the presence of two animal figures, in extremely poor preservation conditions because they are, a few inches from the ground, on the lower limits of a granite exposure with a gentle slope to the north and northeast. These figures show peculiar characteristics and morphological traits that are unusual in the context of North-western Iberia rock art. The figure on the right shows the body of a quadruped in its classical form, drawn with a continuous groove but incomplete at the top. The head is absent and is curiously replaced by a wavy line. Below, there is another quadruped with an elongated body, long neck and well defined head, surmounted by two stalks each of which ending in a small cup-mark. Subsequent archaeological surveys, uncovered the remaining surface of the rock and unveiled additional geometric motifs.

Still in this area of the terrace is found yet another carved rock, locally known by the place name “cavalinho do Cruzeiro”. It is located about 250 m to the NNW of Laje 1 da Boucinha, thus describing an almost perfect alignment with Laje da Chã das Carvalheiras. The engravings occur in the oblique surface of a granite outcrop, facing west, crowning a rocky hill from which one can see the footpath leading to the latter site, and commands broad vistas over the estuary and Monte de Santa Tegra (A Guarda, Galicia). Its topographic setting provides it with an exceptional character in the assemblage, as if it was a tutelary site. To reach this surface, one needs to purposely climb to the top of the outcrop. In the centre of the panel is a picture of a horse, showing the typical double-line tail and with the head facing the north. Singularly, the horse is positioned on a horizontal groove that seems to represent the land’s line.

As far as the distribution pattern is concerned, it is worth highlighting that the carved surfaces displaying animal figures seem to be recurrently located towards the limits of the terrace, which is similar to what has been observed for similar sites in the south-west of Galicia (Bradley *et al.* 1994-95). It should also be noted the high percentage of horses represented at Monte de Góis when compared with analogous assemblages in North-western Iberia.

If the group of carvings sitting on the western slope of the hill may be assigned to the Iberian Atlantic Art tradition, the rock art motifs recorded in the southern slope of Monte de Góis find parallels in the open-air Schematic Art tradition. The rock art sanctuaries belonging to the latter tend to occur at dominant places in the landscape and the carved rocks are usually distributed through wide areas bounded by natural forms of the relief. The engravings themselves occupy physically accessible surfaces and are either subtly inserted into discrete panels or ostentatiously exposed.

This is the pattern we find in the southern slope of Monte de Góis (Figs. 5 and 6). The relief of this slope describes a vast natural amphitheatre in the middle of chaotic granite masses and digs deep valleys, physically and visually closed to the exterior. Here, surveys undertaken in 2005, allowed the discovery of around 40 carved rocks (Alves 2006) that assemble in discrete niches, confined by stony masses. In fact, the site's microtopography influences movement around the place and determines our sight.

The position of the carved rocks is not absolutely predictable. Away from the large and low-lying granite exposures favoured by the "creators" of Atlantic Art in the western slope, here they occur in a variety of backdrops: small horizontal surfaces, raised panels, and loose stone blocks. The observation of the motifs implies physical proximity to the rock face and forces the viewer to be positioned on a precise location or even on a particular corner of an outcrop (Alves 2009).

The distribution of the carvings in the amphitheatre allowed its division into 4 sectors, following, in general terms, its two major topographic units: Vale do Rio do Ouro and Mata das Cruzes, a suggestive place name given to the area in the centre of the amphitheatre flanked by two spurs. The latter was divided into sector I, which comprises the core of the eastern group of rock art, situated on the easternmost spur; sector II which includes the central group of carved rocks adjacent to the northern sector of the dry stone wall enclosing Mata das Cruzes and sector III that gathers all the carvings located on the crest and the western slope of the western spur, bordering the head of Vale do Rio do Ouro. Sector I is exemplary of the density of occurrences, with eleven rocks occupying a confined space surrounded by rocky masses, nine of which concentrate in an area of 10 m x 10 m (Fig. 7) and appear to assemble virtually all types of motifs that occur across the Sanctuary, but also exhibits original figures. It is the case of rock 2 that shows a schematic human figure with the head defined by a circle, small arms attached to a *fi*-shape and lower extremities from each of which comes out a S-shaped meander (Fig. 8). Also unusual is the motif carved on the top of rock 3, comprising a trapezoidal figure internally segmented, with a cruciform attached to it (Fig. 9).

The iconography of the entire Sanctuary is in fact dominated by different variants of crosses, which can be interpreted as schematic representations of the human figure, sharing the graphic conventions of open-air Schematic Art. This stylistic tradition expands across Iberia from the Late Neolithic and is traditionally known for its placement on the walls of rock shelters or caves in the form of painting. In northern Portugal, however, we find the same type of designs carved in open-air sanctuaries like Gião (Arcos de Valdevez) and Outeiro do Tripe (Chaves). In the province of Zamora (Spain), very close to the Portuguese border, a set of engravings of the same type was recently studied in a granitic cave or shelter. Excavation in the cave's chambers revealed archaeological remains datable to the Copper Age and Early Bronze Age. Interestingly, here we find close parallels for some of schematic human figures represented at Monte de Góis, particularly for the central figure of rock 33. The figurative repertoire at Monte de Góis include simple or composite *fi*-shape human figures, (rocks 2, 7, 33, 36 and 77), with arched limbs (rocks 2, 20, 33) or limbs set at right angles (rocks 5, 33) and T-shaped figures (rocks 11, 16, 18) (Fig. 10). We can also find motifs in the shape of the Greek cross but the Latin cross was carved on site until recent years. There are also grids inserted in trapezoidal or oval frames (rocks 3 and 7). Amongst the rare geometric figures there are simple circles and one pectiform (Alves 2006). Cup-marks, oblong cavities and small dots either appear alongside crosses or in isolation (rocks 9, 10 and 12).

The chronology of simple crosses is a problem that pervades the study of open-air Schematic Art. Just as cup-marks, the cross is a timeless sign, also endowed with a wide geographical dis-

tribution. The cross, in its most basic form, may either appear painted in rock shelters or caves, thus clearly associated with Prehistoric compositions, or freshly carved on an open-air outcrop, working as a boundary marker. Modern carvings are indeed present in the Sanctuary of Monte de Góis. It is the case of rock 27 that features the letter “P” carved with a deep and scarcely eroded groove, or rock 21 that displays what is commonly interpreted as the representation of a stone cross.

The continued practice of carving crosses on rocks in open-air rock art sanctuaries, in historical times, may be explained by the fact that these graphic shapes were suggestive, for local rural communities, of the pré-existence of a sacred space. These acts could have taken place within the scope of practices related to the Christianisation of places. However, kept in the memory of local people, these particular places, known for their signs inscribed on stone, facilitates their integration as territorial landmarks.

Among the ancient features identified on site, there is an old paved path that runs along the hillside, taking advantage of the topographic features of the terrain. It is called “Caminho do Ratapau” that comes from the watermills of Rodetes and climbs up to the amphitheatre half-way up slope, following the northern side of Mata das Cruzes wall and climbing the steep slope towards the western spur of the amphitheatre, and bifurcating by the head of Vale do Rio do Ouro. When the path cuts through low-lying outcrops, especially in sloping areas, shows marks of passage in the form of deep grooves, denouncing its continued use over time.

The prehistoric and historical archaeological remains identified on this hill allow us, above all, to think about the continuities and discontinuities underlying the ways of living and experiencing this space in the long term, elevating therefore Monte de Góis to one of the key places for archaeological rock art research in the lower Minho valley.

MAIN BIBLIOGRAPHICS REFERENCES

- ALVES, L.B. 2006. *IC-1-Viana do Castelo/Caminha, Ligação a Caminha, Relatório técnico-científico da prospecção arqueológica entre Pks 1+800 e 2+300*. Lisboa: AMB & Veritas, Lda (Relatório técnico-científico dos trabalhos arqueológicos entregue ao Instituto Português de Arqueologia).
- ALVES, L.B. 2009. O sentido dos signos - reflexões e perspectivas para o estudo da arte rupestre do pós-glaciar no Norte de Portugal. In R. de Balbín Behrmann (ed.) *Arte Prehistórica al aire libre en el sur de Europa*. Junta de Castilla y Leon: 381-413.
- SILVA, A.M.S.P. & ALVES, L.B. 2005. Roteiro de arte rupestre do Noroeste de Portugal. In J.M. Hidalgo Cuñarro (ed.) *Arte Rupestre Prehistórica do Eixo Atlântico*. Vigo, Porto, Bruxelas: Eixo Atlântico: 189-219.
- BRADLEY, R; CRIADO BOADO, F. & FÁBREGAS VALCARCE, R. 1994-95. Arte rupestre y paisaje prehistórico en Galicia: resultados del trabajo de campo entre 1992 y 1994. *Castrelos* 7-8: 67-95.
- NOVOA ÁLVAREZ, P. & COSTAS GOBERNA, F.J. 2004. La fauna en los grabados rupestres de la Ribeira portuguesa del Miño. *Boletín del Instituto de Estudios Vigueses* 10 (10): 177-204.
- VIANA, A. 1929. As insculpturas rupestres de Lanhelas (Caminha, Alto Minho). *Portugale* 10 e 11: 282-290; 350-356.
- VIANA, A. 1960. Insculpturas rupestres do Alto Minho (Lanhelas e Carreço-Viana do Castelo, Portugal). *Boletín de la Comisión de Monumentos de Orense* 20: 209-231.



FIG. 1 – Localização das principais rochas com gravuras zoomórficas na vertente ocidental do Monte de Góios (extracto da Carta Militar de Portugal, à escala 1/25 000, folha 14).

FIG. 1 – Location of the rocks displaying animal carvings on the western slope of Monte de Góios (Military Chart of Portugal, scale 1/25 000, sheet 14).



FIG. 2a – Laje das Fogaças. Vista geral sobre a superfície decorada e detalhe da parte superior da composição, mostrando o motivo zoomórfico e linha longitudinal (fot. Carballo Arceo).

FIG. 2a – Laje das Fogaças. Overview of the decorated surface and detail of the upper part of the composition, showing the animal figure and longitudinal groove (photo Carballo Arceo).

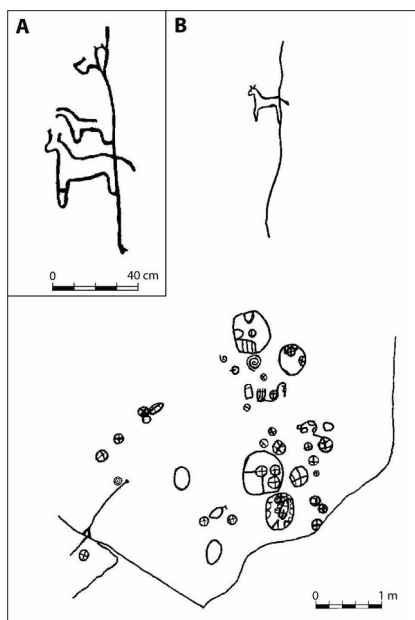


FIG. 2b – Laje das Fogaças. Registo gráfico das gravuras rupestres por Viana (1960) (A) e levantamento parcial da parte superior da composição por Novoa & Costas Goberna (2004) (B.).

FIG. 2b – Laje das Fogaças. Original tracing of the rock carvings by Viana (1960) (A) and partial record of the upper part of the composition by Novoa & Costas Goberna (2004) (B.).

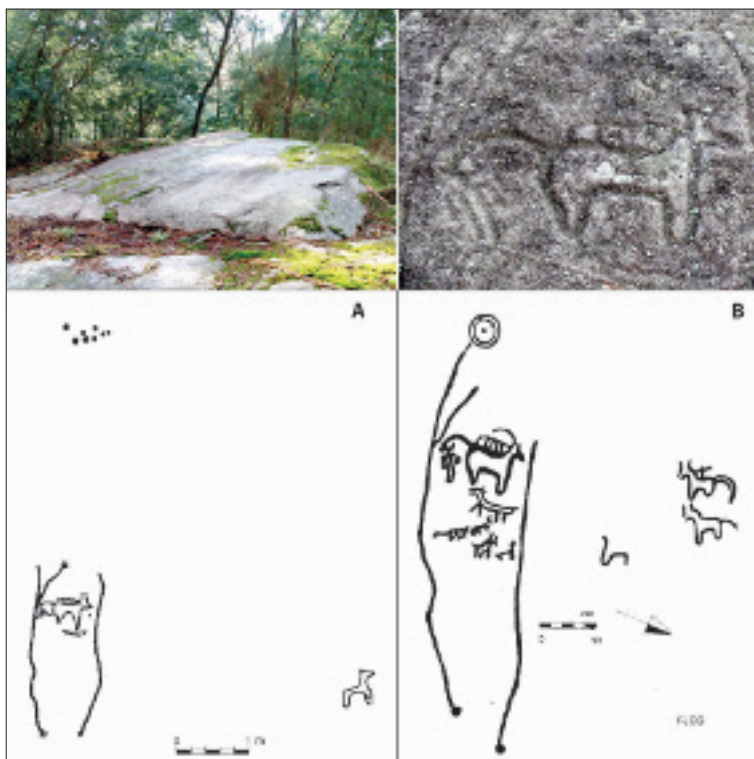


FIG. 3 – Aspecto geral da Laje da Chã das Carvalheiras e detalhes das gravuras zoomórficas presentes no lado sul da superfície rochosa (em cima). Registos gráficos parciais da composição por Viana (1960 (A) e por Novoa & Costas Goberna (2004) (B.).

FIG. 3 – Overview of Laje da Chã das Carvalheiras and details of the animal figures carved in the southern panel of the rock (above). Rock art recordings of the composition by Viana (1960 (A) and Novoa & Costas Goberna (2004) (B.).



FIG. 4 – Laje 3 da Chã das Carvalheiras. Aspecto dos dois equídeos afrontados.

FIG. 4 – Laje 3 da Chã das Carvalheiras. The two horses facing each other.



FIG. 5 – Área de distribuição das rochas decoradas na vertente sul do Monte de Góis (extracto da Carta Militar de Portugal, à escala 1/25 000, folha 14).

FIG. 5 – Distribution of the decorated rocks in the southern slope of Monte de Góis (Military Chart of Portugal, scale 1/25 000, sheet 14).



FIG. 6 – Perspectiva do Monte de Góis visto de sul (em cima) e aspecto da paisagem granítica da encosta sobranceira à Mata das Cruzes (em baixo).

FIG. 6 – View over Monte de Góis from the south (above) and aspect of the granite landscape of the hillside above Mata das Cruzes (below).



FIG. 7 – Aspecto da concentração de gravuras cruciformes no sector I da Mata das Cruzes.

FIG. 7 – Assemblage of carved crosses in Mata das Cruzes – sector I.



FIG. 8 – Mata das Cruzes – sector I. Representação de cariz antropomórfico presente na face sub-vertical da rocha 2 (dimensões da figura: comp. 53 cm e larg. 53 cm).

FIG. 8 – Mata das Cruzes – sector I. Anthropomorphic figure carved on the vertical face of rock 2 (length: 53 cm e width: 53 cm).



FIG. 9 – Mata das Cruzes – sector I. Gravura compósita situada no topo da rocha 3.

FIG. 9 – Mata das Cruzes – sector I. Composite figure carved on the upper part of rock 3.



FIG. 10 – Mosaico composto por algumas gravuras antropomórficas representativas do repertório figurativo da Arte Esquemática do Monte de Góis.

FIG. 10 – Selection of anthropomorphic figures representative of the Schematic Art repertoire at Monte de Góis.

Gravuras rupestres da Senhora da Encarnação, Lovelhe, Vila Nova de Cerveira
Rock engravings of Senhora da Encarnação, Lovelhe, Vila Nova de Cerveira

Ana M. S. Bettencourt

Department of History of the University of Minho, Gualtar Campus, 4710-057 Braga,
Portugal; Transdisciplinary Research Centre Culture, Space and Memory – CITCEM.

E-mail: anabett@uaum.uminho.pt

Tipo de Sítio / Site: Arte Rupestre / Rock art.

Cronologia / Chronology: Pré-História Recente; História / Late Prehistory; History.

Localização administrativa / Administrative Location: Lovelhe, Vila Nova de Cerveira.

Coordenadas geográficas / Geographic coordinates: 41° 55' 22" N; 8° 45' 43" W (rocha / rock 1), à cota de cerca de / at an elevation of about 225 m. (Fig. 1).

Acesso / Access: De Vila Nova de Cerveira seguir em direção à freguesia de Lovelhe. A partir daí tomar o caminho de acesso à escultura do Cervo. Imediatamente antes do cruzamento para a capela da Sr.^a da Encarnação, do lado esquerdo do caminho, há infraestruturas de acesso à atual carreira de tiro. As gravuras localizam-se por detrás, a uma cota superior. O acesso faz-se a partir da estrada, por um caminho de pé posto. Há uma pequena placa de sinalização, em madeira, no início do trilho de poucos metros / From Vila Nova de Cerveira follow towards the parish of Lovelhe. From there take the road towards the sculpture of a deer. Immediately before the crossroads that lead to the chapel of Sr.^a da Encarnação, on the left hand side of the path, there is an infrastructure of access to the current shooting range. The engravings are located behind at a higher elevation. The access is made from the road, by a pedestrian footpath. There is a small wood sign at the beginning of the short path.

Este lugar é composto por um conjunto de dois afloramentos ganíticos gravados que se localizam numa pequena plataforma intermédia da vertente oeste da Serra da Gávea, sobranceira a duas linhas de água tributárias da bacia do Minho que lhes passam a norte e a sul, sendo esta a mais expressiva. O bloco decorado dado como pertencente a um terceiro afloramento (Correia e Recarey 1988) teria resultado, quanto a nós, de um corte de pedra efetuado no afloramento 2.

Do local, a visibilidade para norte, nordeste, este e sul é reduzida. Para noroeste avista-se o rio Minho, por entre dois montes, e para oeste a foz do Minho ladeada pelo Monte de Santa Tecla, na margem direita, e pelo Monte de Góis, na margem esquerda (Fig. 2). Para sudeste, no horizonte, avista-se a serra de Arga e os Montes de Caminha.

Este *locus* contém profusão de afloramentos pelo que os que são gravados não sobressaem, para quem deles se aproxima a partir do vale que lhes fica a sul, verdadeiro caminho natural de acesso às terras altas. No entanto, no local, ocorre um afloramento de grandes dimensões que é bem visível de longe.

Apesar do espaço em redor das gravuras permitir a presença de várias dezenas de pessoas, a totalidade dos motivos do afloramento 1 só pode ver-se de cima do próprio afloramento. Também as gravuras do afloramento 2 só podem visualizar-se na totalidade pelos lados norte e noroeste, dado o seu desnível. O melhor ponto de observação deste conjunto é sobre o maior afloramento existente no local, e que lhes fica a oeste.

Estas gravuras, descobertas pelo escultor José Rodrigues, foram estudadas por Correia e

por Recarey, na década de 80 do séc. XX (Correia & Recarey 1988). É destes autores o único levantamento que se conhece.

Estando no local, o afloramento gravado nº1 destaca-se do restante caos de blocos por se encontrar isolado (Correia & Recarey 1988), por ter um formato cónico e por apresentar um grande filão de quartzo e de feldspato na sua pendente norte. O seu eixo maior desenvolve-se no sentido oeste-este, com uma cota mais elevada a noroeste e pendentes sub-verticais. Foi precisamente no topo deste afloramento, no sentido noroeste-sudeste, que foi gravada uma grande composição delimitada por um sulco exterior (Fig. 3). Desta composição fazem parte círculos e figuras quadrangulares, retangulares e assimétricas, preenchidos com nuvens de pontos (Fig. 4). No exterior há um círculo com covinhas e algumas nuvens de pontos dispersas. Correia e Recarey (1988) identificaram, ainda, o que consideram um possível antropomórfico esquemático, a este. Antropomorfo ou não, esta figura une-se à grande composição e parece ser a partir dela que tudo se desenvolve. Na sua base tem, igualmente, uma nuvem de pontos (Fig. 5).

O afloramento nº 2, a cerca de 4 m a sul do nº 1, com o seu eixo maior no sentido norte-sul, é de grandes dimensões. Além de ser muito irregular, com diversas diaclases nos sentidos nor-noroeste e sudoeste, é atravessado por um espesso filão de quartzos e de feldspatos. Foi partido, parcialmente, num local que continha gravuras.

Segundo Correia e Recarey (1988) teria sido gravado apenas na extremidade setentrional (Fig. 6). De facto, em visitas ao local, constatámos a existência de mais gravuras para sul, com sulcos e covinhas e novos painéis para oeste e oeste-sudoeste, ambos com nuvens de pontos.

Segundo o levantamento efetuado o painel mais elevado “B” é composto por um motivo grosseiramente circular com covinha central e subdividido internamente por sulcos onde se inscrevem nuvens de pontos. Pelo lado exterior desta composição existem sulcos, covinhas, nuvens de pontos e pequenos círculos. Um dos sulcos liga-a a outra composição sensivelmente circular, contendo pequenos círculos no seu interior assim como grupos de covinhas (Fig. 6 e 7).

A uma cota inferior, a oeste, ocorre um outro painel também com duas composições compostas por sulcos, círculos, figuras assimétricas e nuvens de pontos. Destaca-se, isolado, um círculo concêntrico com covinha central (Fig. 7).

O terceiro painel, o “C”, a sul do mais elevado, apresenta figuras circulares associadas a sulcos e nuvens de pontos, dispersas, assim como uma inscrição onde se pode ler *NaQ*. Esta gravura foi feita com pico metálico, ao contrário de todas as outras, executadas por picotagem (Correia & Recarey 1988), seguida de abrasão (Fig. 7).

O bloco designado de “rocha 3” por Correia e Recarey (1988) desapareceu. Estava gravado com sulcos e covinhas (*Idem*).

A partir do levantamento de Correia e Recarey e das nossas observações as diversas composições gravadas nos afloramentos nº 1 e nº 2 apresentam, entre si, grandes afinidades estilísticas, parecem ter sido executadas com gestos técnicos idênticos e não indiciam sobreposições, o que permite levantar a hipótese de que este lugar teria tido um tempo de frequência circunscrito no âmbito da Pré-história Recente. O único indicador de reutilização é a sigla *NaQ*, gravada num período indeterminado, mas já de época histórica (Correia & Recarey 1988), pelo que estaremos face a um fenómeno de reinvenção, sem qualquer ligação com o simbolismo “primitivo” do lugar.

Correia & Recarey (1988) consideram este lugar como provavelmente da Idade do Bronze, pelo facto de ter aparecido nesta freguesia um túmulo deste período - a Quinta de Água Branca, nas imediações do qual foi depositado uma laje gravada com covinhas. Também Almeida (2000) as atribui à Idade do Bronze, neste caso, pela proximidade com o Monte do Espírito Santo onde defende existir uma ocupação que remontará a este período.

Pela conexão deste lugar com o ciclo das águas e com o trânsito entre o vale e o serra, cremos que terá sido frequentado e partilhado por comunidades com um modo de vida onde a mobilidade entre estes dois mundos físicos seria mais importante, ou seja, entre o Neolítico e o Bronze Inicial. De salientar, ainda, a interação que se pode estabelecer entre o quartzo e as gravuras, matéria altamente significativa desde, pelo menos, o Neolítico à Idade do Bronze. Por este conjunto de dados não descartamos a hipótese de que a cronologia destas gravuras possa ser mais antiga do que tem vindo a ser defendido.

This place is composed by a group of two engraved granite outcrops that are located in a small intermediate platform of the Western slope of Mount of Gávea, elevated over two water lines, tributaries of Minho basin, that flow on the North and South sides, being the latter more expressive. The decorated rock fragment belonging to a third outcrop (Correia and Recarey 1988) would have resulted, we assume, from a rock cut made on outcrop 2.

From the site, the visibility to the North, Northeast, East, and South is reduced. To the Northwest we see the river Minho, flowing between two hills, and to the West we see the mouth of river Minho flanked by Monte de Santa Tecla on the right bank, and by Monte de Góis on the left bank (Fig. 2). To the Southeast, in the horizon, we see the mountain of Arga and Montes de Caminha.

This *locus* contains a profusion of granite outcrops, therefore the engravings are not visible from afar to whom is approaching from the valley, by this nature trail of access to the highlands. However, the place is well marked by an outcrop of great proportions, visible from afar.

Although the space surrounding the engravings allows the presence of numerous tenths of people, the totality of the engravings of outcrop 1 can only be seen from the top of the outcrop. Also, the engravings of outcrop 2 can only be visible in its totality by the North and Northwest side, due to its unlevelled surface. The best observation point for this group is over the biggest existing outcrop, which lies to the West of the engravings.

Correia and Recarey studied these engravings, discovered by the sculptor José Rodrigues, in the 80's of the twentieth century. The only survey that is known is from these authors (Correia & Recarey 1988).

Outcrop 1 distinguishes itself from the rest of the outcrops for being isolated (Correia & Recarey 1988), and for having a conical shape and presenting a great quartz and feldspar vein on the North slope. Its major axis develops on the West-East side, with a higher elevation on the Northwest side and sub-vertical pendants. On the top of this outcrop in the northwest-southeast direction, a great composition delineated by an exterior groove was engraved (Fig. 3). In this composition we can find circles and quadrangular, rectangular and asymmetric figures, filled with agglomerations of dots (Fig. 4). In its exterior there is a circle with cup-marks and some dispersed dot agglomerations. Correia and Recarey (1988) also identified what they consider as a possible schematic anthropomorph on the East side. Anthropomorph or not, this engraving connects to the composition and it seems that it is from here that all develops. At its base there is also an agglomeration of dots (Fig. 5).

Outcrop 2, about 4 m South from outcrop 1, has large dimensions, having the biggest axis on the North-South direction. It is very irregular, with several joints from NNW – SSW direction, and is crossed by a thick quartz and feldspar vein. It was partially broken where there were engravings.

According to Correia and Recarey (1988), it was engraved only on its southern extremity (Fig. 6). In fact, when visiting the site, we noticed the existence of more engravings to the South, with grooves and cup-marks, and new panels on the West and West-Southwest, both with agglomerations of dots.

According to the survey performed, the higher panel (“B”) is composed of a motif crudely circular with a central cup-mark and internally subdivided by grooves where agglomerations of

dots are inscribed. On the external side of this composition, grooves, cup-marks, agglomerations of dots and circlets are recorded. One of the grooves connects this composition to another one more or less circular, containing circlets in its interior as well as groups of cup-marks (Fig. 6 and 7).

At a lower elevation on the West side, there is another panel, also with two compositions composed of grooves, circles, asymmetric figures and agglomerations of dots. We emphasise an isolated concentric circle with a central cup-mark (Fig. 7).

The third panel “C”, on the South side of the highest panel, presents circular figures associated with grooves and dispersed agglomerations of dots, as well as an inscription where it can be read the letters *NaQ*, made with a metallic object contrary to the others executed by percussion (Correia & Recarey 1988), followed by abrasion (Fig. 7).

The rock fragment designated as rock 3 by Correia and Recarey (1988) disappeared. It was engraved with grooves and cup-marks (*ibidem*).

From the survey and the authors’ observations, the diverse compositions engraved on outcrops 1 and 2 present, amongst each other, great stylistic affinities, which seem to have been executed with identical technical gestures and do not indicate overlapping, leading us to the hypothesis that this place would have had a time of regular attendance limited to Late Prehistory. The only indicator of reuse is the letters *NaQ*, engraved at an undetermined period, however, already during the historic period (Correia & Recarey 1988), as we are facing a reinvention, with no connection with the “primitive” symbolism of the place.

Correia & Recarey (1988) consider this place as probably belonging to the Iron Age, due to the fact that a tomb from this period appeared in this parish – the Quinta de Água Branca, in the vicinity where a slab engraved with cup-marks was deposited. Almeida (2000) also attributes them to the Bronze Age, but, in this case, due to the proximity to Monte Espírito Santo where he defends the existence of an occupation from this period.

By the connection of this place with the water cycles and with passage between the valley and the mountain, we believe that this place would have been attended and shared by communities with a certain life style, where mobility between these two physical worlds would be an important characteristic, i.e. between the Neolithic and Early Bronze Age. We also highlight the interaction that can be established between the quartz and the engravings, a highly significant raw-material from, at least, Neolithic and Bronze Age. For this data set we put the hypothesis that the timing of these prints may be older than has been advocated.

AKNOWLEDGMENT:

This work was developed in the scope of the project *Espaços naturais, arquiteturas, arte rupestre e deposições na pré-história recente da fachada ocidental do centro-norte português: das ações aos significados* – ENARDAS / Natural spaces, architecture, rock art and depositions from the Late Prehistory of the Western front of Central and Northern Portugal: from actions to meanings (reference PTDC/HIS-ARQ/112983/2009) financed by the Operational Programme “Thematic Factors of Competitiveness” (COMPETE) and by the European Regional Development Fund (Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional - FEDER).

MAIN BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

- ALMEIDA C.A.B. 2000. *Pelos caminhos do património de Vila Nova de Cerveira*. Vila Nova de Cerveira: Câmara Municipal.
- CORREIA, V.H. & RE CAREY, M.A. 1988. Insculturas rupestres da Serra da Gávea; Sr^a da Encarnação. *Actas do Colóquio Manuel de Boaventura. Arqueologia. (1885-1985)*. Esposende: 93-111.



FIG. 1 – Localização das gravuras da Srª da Encarnação na Carta Militar de Portugal, à escala 1/25 000.

FIG. 1 – Location of the engravings of Srª da Encarnação in the Military Chart of Portugal, scale 1/25,000.

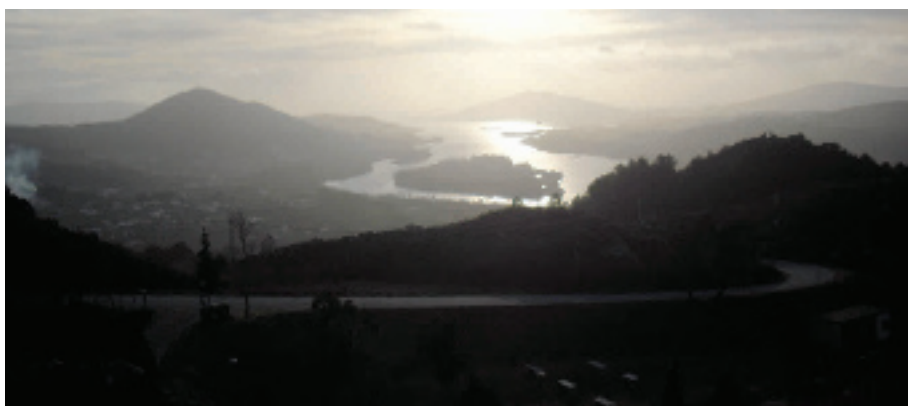


FIG. 2 – A foz do rio Minho com os montes cónicos de Santa Tecla e de Góis, ambos com inúmeros *loci* gravados, vistos a partir das gravuras da Srª da Encarnação.

FIG. 2 – The mouth of river Minho with the conical hills of Santa Tecla and Góis, both with numerous engraved *loci*, seen from the engravings of Srª da Encarnação.



FIG. 3 – Rocha 1 vista de Sul.
FIG. 3 – Rock 1 view from the south.



FIG. 4 – Pormenores dos motivos da rocha 1.
FIG. 4 – Details of motifs from rock 1.

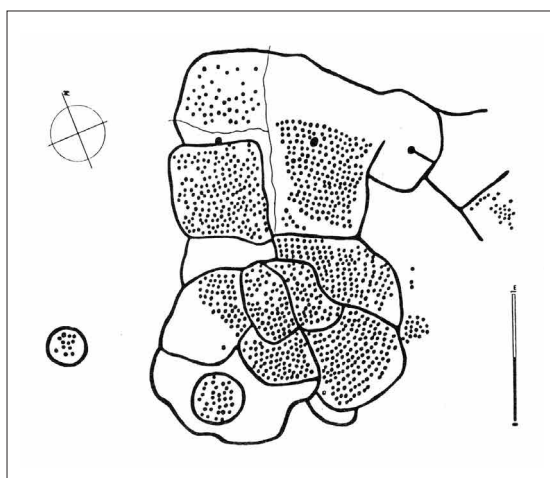


FIG. 5 – Decalque da rocha 1 (seg. Correia & Recarey 1988).
FIG. 5 – Trace of rock 1 (cf. Correia & Recarey 1988).



FIG. 6 – Fotografia da rocha 2 com pormenor dos motivos do painel B.

FIG. 6 – Photograph of rock 2 with a detail of the motifs from panel B.



FIG. 7 – Decalque da rocha 2 (seg. Correia & Recarey 1988).

FIG. 7 – Trace of rock 2 (cf. Correia & Recarey 1988).

Gravuras rupestres do Monte da Laje, Gandra, Valença
Rock engravings of Monte da Laje, Gandra, Valença

Lara Bacelar Alves

Post-doctoral fellow FCT (NSRF-POPH); integrated researcher of the Centre for
Archaeological Studies at the Universities of Coimbra and Porto - CEAUCP. E-mail:
larabacelar@gmail.com

Tipo de Sítio / Site: Arte Rupestre / Rock art.

Cronologia / Chronology: Pré-história Recente; Medieval; Moderno; Contemporâneo / Late Prehistory; Mediaeval; Modern; Contemporary.

Localização administrativa / Administrative Location: Gandra, Valença

Coordenadas geográficas / Geographic coordinates: 8° 36' 01" W; 42° 00' 27" N

Acesso / Access: Seguindo pela E.N. 101, que conduz de Valença a Monção, corta-se, poucos quilómetros adiante para a estrada que se dirige ao miradouro do Monte Faro, conforme sinalização na rodovia. Subindo pela encosta ocidental da elevação, encontra-se um desvio, à direita, que indica a direção de Taião. Toma-se esta estrada (Estr. CM 1050) que passa pelo interior da localidade de Ozão. Atravessa-se esta aldeia, descreve-se uma curva à direita e, a cerca de 220 m, corta-se à esquerda, numa bifurcação, para a Rua da Bela Vista. Percorre-se esta via ao longo de c. de 420 m até se alcançar um cruzamento. Aí deve deixar-se a viatura e tomar um dos estradões ou caminhos de pé posto que conduzem ao alto do outeiro que se ergue do lado esquerdo da estrada / Following the National Road 101 from Valença to Monção, take the turn to the road that leads to the viewpoint of "Monte Faro", following the road signs. Climbing up the western slope of the hill, there is a diversion to the right, indicating the direction of Taião. Visitors should take the Municipal Road (CM 1050) and, passing through the town of Ozão, there is a curve to the right and about 220 m ahead, cut to the left at a bifurcation to Rua da Bela Vista. Follow this road for about 420 m until reaching a crossroad. From this point, visitors should walk to the top of the hill that rises on the left side of the road, taking one of the dirt roads or footpaths that lead uphill.

O Monte da Laje destaca-se do acervo de sítios com arte rupestre conhecidos na margem sul do Rio Minho pelo ineditismo de alguma da sua iconografia, em particular das representações de armas pré-históricas e 'idoliformes', motivos cujos paralelos tipológicos mais próximos se encontram no Sul da Galiza. As gravuras rupestres do Monte da Laje foram dadas à estampa por Eduardo Jorge Lopes da Silva e Ana Leite da Cunha no Seminário de Arqueologia do Noroeste peninsular, em 1979, na sequência do trabalho de registo gráfico integral da composição gravada, inventariação e descrição técnico-morfológica, levantamento altimétrico e planimétrico das superfícies (Silva & Cunha 1986).

O sítio localiza-se na zona periférica de um outeiro de topo aplanado, a sul do Monte do Faro, uma elevação que se destaca na margem esquerda do rio Minho (Fig. 1). Desde os dois picos mais altos, o observador avista, do lado norte, uma vasta secção do baixo vale do Minho e, para sul, os relevos ondulantes entrecortados por diversas linhas de água que irrigam terrenos muito férteis e intensivamente explorados. É aqui, entre o Monte do Faro e as terras baixas que se ergue o penedo eleito para a gravação deste magnífico conjunto de gravuras rupestres.

A posição que ocupa, com a face insculturada virada sensivelmente para nordeste, permite-lhe reter o Monte do Faro como pano de fundo. O penedo, com 11,30 m x 5 m, eleva-se 1,5 m do solo e apresenta uma face superior aplanada, embora ligeiramente inclinada a nascente, na qual se lavrou a composição. Ela estende-se também à superfície de um outro pequeno penedo adjacente, separado do principal por profundas diáclases no granito. É, na realidade um afloramento que se distingue no espaço envolvente, um pouco à imagem do que sucede com algumas das rochas que ostentam exclusivamente gravuras de armas na Galiza, mas que tendem a fixar-se em superfícies mais inclinadas. As gravuras encontram-se muito afetadas pela erosão, o que dificulta sobremaneira uma leitura globalizante do conjunto. De facto, os motivos são quase impercetíveis se não forem observados com luz solar rasante que permite uma maior contraste do micro-relevo da superfície e uma maior definição dos sulcos. Para a gravação da generalidade dos motivos foi aplicada a mesma técnica de execução observada noutras manifestações da tradição de Arte Atlântica do Noroeste peninsular, ou seja, a picotagem direta com instrumento lítico, seguida de alisamento por abrasão, daí resultando o típico sulco em U aberto, embora neste caso se apresente menos profundo.

Tomando os dois painéis como um todo, é perceptível que os motivos de feição circular – círculos simples e concêntricos com covinha central, alguns exibindo um ou dois raios incompletos no seu interior – se encontram em posição periférica, próximos dos limites poente e nascente da rocha (Fig. 2). Não são os motivos mais proeminentes, não se encontram ligados entre si por sulcos à imagem do que sucede em muitas das clássicas composições onde aparecem em exclusividade. Também em posição marginal se encontra um reticulado, de contorno subquadrangular, segmentado por linhas ortogonais no interior. As covinhas distribuem-se praticamente por toda a superfície, embora no centro surjam duas áreas de concentração destes motivos (“nuvens de pontos”). Mas as figuras mais relevantes do conjunto são, sem dúvida, as representações de armas e os longos signos segmentados, de contorno vagamente retangular, interpretados como “idoliformes” (Silva & Cunha 1986: 148-149).

No setor do lado direito do observador foram gravadas duas destas figuras de corpo alongado e segmentado internamente (motivos 25 e 26). Apresentam morfologia genericamente similar, com a diferença de que a figura do lado esquerdo (motivo 25) exhibe seccionamentos horizontais e é delimitado externamente por uma linha em forma de “dedo de luva” (Silva & Cunha 1986). Este também ostenta um círculo com covinha central, no topo, do lado direito, e o esboço de um outro, simétrico, do lado esquerdo. Interpretado também como idoliforme, é a grande figura alongada, com cerca de 3,50 m de comprimento que, do lado esquerdo, tutela a composição (motivo 3). Sensivelmente ao centro do painel, estão figurados dois punhais, um dos quais, de maiores dimensões (1,15 m x 0,35 m) com a lâmina virada para baixo (motivo 10) e outro, de tamanho mais reduzido (0,60 m x 0,24 m), com a lâmina sub-triangular virada para cima (motivo 11) e apontando na direção de um pequeno idoliforme situado acima do motivo 25. A tipologia destes punhais, pese embora não sendo a sua representação absolutamente naturalista, permite aferir um balizamento cronológico para a criação desta composição entre os finais do Calcolítico e inícios da Idade do Bronze, ou seja, entre dos finais do IIIº e o início do IIº milénio AC (Silva & Cunha 1986: 156).

Considering the assemblage of rock art sites on the left banks of river Minho, Monte da Laje carvings are rather unique for they include representations of prehistoric weapons and “idols”. At the current stage of research, the closest parallels for these images may only be found across

the river, in southern parts of Galicia. This assemblage was first studied by Eduardo Jorge Lopes da Silva and Ana Leite da Cunha who carried out the full tracing of the rock art, the technomorphological inventory of the carvings and topographic site surveys. Research results were presented at the Seminário de Arqueologia do Noroeste peninsular, an archaeological meeting held in 1979 (Silva & Cunha 1986).

The site is located on the border of a low ridge to the south of Monte Faro, which is one of the most conspicuous elevations on the left banks of river Minho (Fig. 1). From its highest peaks, the views extend to a vast sector of the lower Minho valley to the north and towards an area of undulating terrain intersected by several streams that constitute fertile land intensively explored by modern agriculture, to the south.

The remarkable composition of prehistoric carvings of Monte da Laje sits half-way between the heights of Monte Faro and the lowlands. The setting of the carved outcrop in the landscape, with the carved surface facing roughly the northeast, allows the visitor to retain a view over Mount of Faro in the background. The rock measures 11.30 m x 5 m and rises about 1.5 m high. It has a flattened upper surface, leaning slightly to the east. The carved composition occupies the upper face of the main rock but also extends to a small adjoining exposure, which is separated from the former by a deep crevice. It is indeed an outcrop that stands out in the immediate surroundings, which setting is not entirely unlike the rocks engravings bearing arms in Galicia, yet these tend to occur on sloping surfaces.

At present, the engravings are severely affected by erosion, which is an obstacle to a comprehensive reading of the composition. In fact, the figures are more easily noticeable if seen under an oblique incidence of sunlight, which favours a sharper contrast between the micro-relief of the rock's surface and the motifs' outline. The carving technique employed on this site was, in general terms, not entirely unlike others belonging to the Atlantic Art in North-western Iberia, i.e. direct pecking with a stone tool followed by smoothing abrasion, which results in the typical U-shaped groove section, although they are slightly shallower.

Considering the two panels as a whole, it is noticeable that circular designs – cup-and-rings occupy a peripheral position in the arrangement, close to the eastern and western edges of the rock (Fig. 2). Also, they are not the most prominent representations and they are not connected by wandering lines as in classical Atlantic Art compositions where circular designs are exclusive. In a rather marginal position we also find a square-shaped grid, internally sectioned by orthogonal lines. Cup-marks are evenly distributed across the entire surface, yet in the centre of the panel there are two areas of greater concentration, resembling “clouds of dots”. But the most outstanding figures on this rock are, undoubtedly, the representations of weapons and elongated signs, which were interpreted as representations of “idols” (Silva & Cunha 1986: 148-149).

On the right hand side of the main surface were engraved two of these elongated figures internally segmented (motifs 25 and 26). Even though their outline is very similar, the figure on the left (motif 25) presents internal horizontal divisions and is bounded, on the outside, by a line shaped as a “glove finger” (Silva & Cunha 1986). It also displays a cup-and-ring mark at the top, on the right hand side, and the outline of another, symmetrical, on the left hand side. Further to the left, there is a large elongated figure with about 3.50 m in length, overseeing the composition (motif 3) which was also interpreted as the representation of an “idol” (Silva & Cunha 1986: 156)

Moreover, two daggers were carved roughly at the centre of the panel. One of them, the largest (1.15 m x 0.35 m), exhibits the blade facing down (motif 10) and the other, smaller in size (0.60 m x 0.24 m), shows a sub-triangular blade facing up (motif 11) and pointing towards a small “idol-figure” positioned above motif 25. Despite the fact that they are not absolutely

faithful representations of the actual objects, the typology of the daggers depicted on this surface allow researchers to date the creation of this composition between the end of the Iberian Copper Age and Early Bronze Age, i.e. between the end of the 3rd - beginning of the 2nd millennium BC (Silva & Cunha 1986: 156).

MAIN BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

- CUNHA, A.L. & SILVA, E.J.L. 1980. Gravuras rupestres do Concelho de Valença. Montes dos Fortes (Taião), Tapada do Ozão, Monte da Laje. *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*. Vol. 2. Guimarães: 121-131.
- SILVA, E.J.L. & CUNHA, A.L. 1986. As gravuras rupestres do Monte da Laje (Valença). *Livro de Homenagem a Jean Roche*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica: 490-505.



FIG. 1 – Localização do Monte da Laje em extracto da Carta Militar de Portugal, à escala 1/25 000, folha 7.

FIG. 1 – Location of Monte da Laje in the Military Chart of Portugal in the scale 1/25 000, f.7.

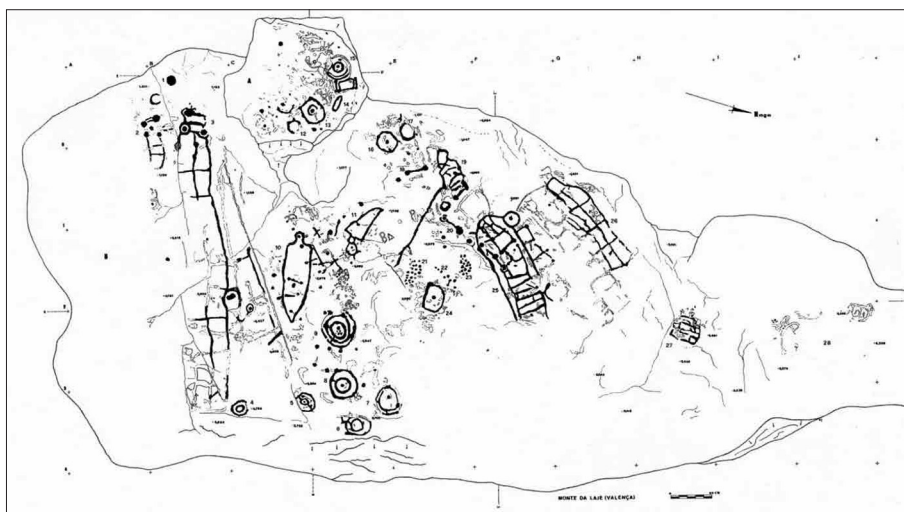


FIG. 2 – Levantamento gráfico das gravuras rupestres do Monte da Laje (seg. Silva & Cunha 1986).

FIG. 2 – Line drawings of Monte da Laje rock carvings (after Silva & Cunha 1986).

Gravuras rupestres da Laje da Churra, Carreço, Viana do Castelo
Rock engravings of Laje da Churra, Carreço, Viana do Castelo

Ana C. Santos

Transdisciplinary Research Centre Culture, Space and Memory – CITCEM. E-mail:
anacastanheira25@gmail.com

Tipo de sítio / Site: Arte rupestre / Rock art.

Cronologia / Chronology: Neolítico à Idade do Ferro / Neolithic to Iron Age.

Localização administrativa / Administrative Location: Carreço, Viana do Castelo.

Coordenadas geográficas / Geographic coordinates: 41° 45' 38" N; 08° 51' 61"

Acesso / Access: Partindo de Viana do Castelo seguindo a Nacional 13 para norte, até ao lugar de Paço, a norte da freguesia de Carreço. As gravuras localizam-se na rua da Cachoila a c. de 20 m para quem vem de Norte / From Viana do Castelo follow the National Road 13 towards North until Lugar de Paço, North of the parish of Carreço. The engravings are located in Rua da Cachoila at about 20 m for those who come from the North.

A Laje da Churra é um afloramento granítico porfiróide de grão fino a médio fino, sobrelevado, situado no sopé da vertente oeste da Serra de Santa Luzia. Está cingido por casas e terrenos usados na pecuária. Parte encontra-se por baixo de duas casas e das suas propriedades a norte, noroeste e oeste, pelo que apenas conserva cerca de 400 m².

É, possivelmente, o afloramento com maior número de gravuras rupestres existentes neste local (Fig. 1).

Foi descoberta pelo padre Lourenço Alves, em 1973, e descrita sumariamente na década de 80 do séc. XX (Baptista 1986; Alves 1989). Durante 2010 e 2011 foi efetuado o seu estudo exaustivo que incluiu limpeza e levantamento diurno e noturno dos motivos gravados, assim como escavações na sua área circundante (Fig. 2). Após os trabalhos foram detetadas mais de 1200 motivos de diferentes tipologias, estilos e estado de conservação. Estes encontram-se distribuídos por cerca de uma vintena de painéis que se localizam pela quase totalidade da superfície visível atualmente, ou seja, pelas superfícies a nascente, poente e a sul. Entre os motivos distinguimos um grande número de covinhas, covinhas em linha, covinhas associadas a outros motivos, alguns antropomorfos e zoomorfos, como cavalos montados, barquiformes, composições circulares, nomeadamente, círculos segmentados e espirais, paletas, grelhas, um ictiforme ou cetáceo, armas, entre outros. Esta diversidade de figuras indica um longo processo de gravação e de uso deste lugar.

Reparámos que certos painéis só são visíveis a partir de certos pontos do afloramento e de determinados locais da área envolvente. Damos o exemplo dos painéis existentes a este, em área com declive médio. Estes, onde existe uma complexa rede de sulcos meandriiformes, alguns zoomorfos, círculos segmentados, várias figuras em baixo relevo e barquiformes só são visíveis para quem se encontra no exterior do afloramento, pelo lado nascente. Outros painéis localizados sensivelmente no topo de um patamar intermédio do afloramento onde se distinguem covinhas, composições de covinhas, meandros, paletas, só é visível a partir do interior do afloramento. Os painéis localizados a sul e centro sul (Fig. 3) são os mais visíveis para quem estivesse no exterior e sobre o próprio afloramento. Estes são, possivelmente, os mais complexos de todos os encontrados na rocha, abarcando composições circulares, covinhas, antropomorfos estilizados,

barquiformes, zoomorfos, entre outros. Outro painel a sul-sudoeste, de dimensões mais pequenas, “retrata” composições de barquiformes, alguns zoomorfos e covinhas, e é somente visível a partir de sul e oeste (Fig. 4). Também os painéis a oeste são apenas visíveis a partir deste mesmo lado. Estas observações levam-nos a considerar que, no contexto dos diferentes ritos aqui praticados, a audiência seria obrigada a grande movimentação em redor deste local, o que é típico de lugares cerimoniais.

A Laje da Churra foi possivelmente um marco territorial importante para as comunidades de outrora. Um afloramento de grandes dimensões visível na paisagem, localizada aproximadamente entre o cume da serra e o mar, estabelecendo assim uma possível relação entre ambos os espaços. A sua extensa cronologia é indicada por diferentes motivos, desde uma alabarda, composições circulares, barquiformes possivelmente da Idade do Bronze, repetidas gravações de cavalos montados, talvez do Bronze Final ou da Idade do Ferro e paletas, da Idade do Ferro ou já da romanização.

Laje da Churra is a raised porphyroid granite outcrop of fine to medium grain, located at the foot of the West hillside of the Mountains of Santa Luzia. The outcrop is surrounded by houses and fields used for livestock. Part of the outcrop is under two houses and properties to the north, northwest and west, therefore only 400 m² of this outcrop is visible.

It is possibly the granite outcrop with the largest number of engravings in this area (Fig.1). It was discovered by the Priest Lourenço Alves in 1973 and it was briefly described during the 80's by Baptista (1986) and Alves (1989). During 2010 and 2011, a thorough study was performed, including cleaning, and day and night tracing of the engravings, as well as excavations in its surrounding area (Fig.2). More than 1,200 engravings of different iconographies, styles and conservation state were discovered. The engravings were distributed throughout twenty panels that were mostly located over the surface that is visible nowadays, that is, the east, west and south surfaces of the outcrop. Among these motifs we distinguish a great number of cup-marks, cup-marks in line, cup-marks associated to other motifs, some anthropomorphs and zoomorphs, some representing ridden horses. Other motifs, such as boat-shaped engravings, circular compositions, such as segmented circles and spirals, palettes, grids, one *ictiform* or cetacean, weapons, among others. This diversity of figures indicates a long process of engraving and use of this site.

We noticed that some panels are only visible from certain points of the outcrop and also from specific points of the surrounding area. A good example is the panels located on the eastern side in a medium sloped area. These panels, with a vast and complex network of meander grooves, some zoomorphs, segmented circles, several low relief figures, and boat-shaped motifs, are only visible from the exterior of the outcrop on the eastern side. Other panels are located at the top of an intermediate level of the outcrop, where cup-marks, cup-mark compositions, wavy lines, pallets are only visible from the interior of the outcrop. The south and centre south panels (Fig. 36) are visible from the exterior and from the outcrop itself. These are possibly the most complex of all found at the outcrop, including circular compositions, cup-marks, stylised antropomorphs, boat-shaped engravings, zoomorphs and others. Another panel, of smaller dimensions, on the south-southwest side, “portrays” boat-shaped compositions, some zoomorphs and cup-marks, and it is only visible from the south and west (Fig. 4). Also, the western panels are only visible from this side. These observations took us to consider that, in the context of ritual activities practised here, the audience would be required to move around the outcrop, which is typical of ceremonial sites.

Laje da Churra was possibly an important territorial marker for past communities. An outcrop of great dimensions, visible in the landscape and located between the top of the mountain range and the sea, therefore, establishing a relationship between the two spaces. Its extensive chronology is indicated by different motifs: a halberd, circular compositions, boat-shaped engravings, all possibly dating from the Bronze Age; engravings of ridden horses possibly dating from Late Bronze Age or Iron Age; and pallets dating from Iron Age or Roman Period.

AKNOWLEDGMENT:

This work was developed in the scope of the project *Espaços naturais, arquiteturas, arte rupestre e deposições na pré-história recente da fachada ocidental do centro-norte português: das acções aos significados* – ENARDAS / Natural spaces, architecture, rock art and depositions from the Late Prehistory of the Western front of Central and Northern Portugal: from actions to meanings (reference PTDC/HIS-ARQ/112983/2009) financed by the Operational Programme “Thematic Factors of Competitiveness” (COMPETE) and by the European Regional Development Fund (Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional - FEDER).

MAIN BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

- ALVES, L. 1989. *A comenda de Santa Maria de Carreço (monografia)*. Carreço: Junta de Freguesia.
- BAPTISTA I. 1986. Arte Rupestre de Carreço. *Boletim Cultural Alto Minho* 3: 116-128.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2009. Entre os montes e as águas: ensaio sobre a percepção dos limites na pré-história da faixa costeira entre o Minho e o Lima (NW português), in A.M.S. Bettencourt & L.B. Alves (eds.) *Dos montes, das pedras e das águas. Formas de interacção com o espaço natural da pré-história à actualidade*, Braga: CITCEM, APEQ: 131-162.



FIG. 1 – Localização da Laje da Churra na Carta Militar de Portugal, na esc. 1:25 000, folha no 27.

FIG. 1 – Location of Laje da Churra in the Military Chart of Portugal, scale. 1:25,000, sheet No. 27.



FIG. 2 – Vista geral da Laje da Churra. Vista de este.

FIG. 2 – Overview of Laje da Churra. View from east.



FIG. 3 – Painéis sul.

FIG. 3 – South panels.



FIG. 4 – Paineis sus-sudoeste, pormenor de dois zoomorfos no canto esquerdo da fotografia, e diversos barquiformes.

FIG. 4 – south-southwest panel. Detail of two animal figures on the lower left corner, and boat-shaped motifs.

Gravuras rupestres da Bouça do Colado / Penedo do Encanto, Lindoso, Ponte da Barca
Rock engravings of Bouça do Colado / Penedo do Encanto, Lindoso, Ponte da Barca

Lara Bacelar Alves

Post-doctoral fellow FCT (NSRF-POPH); integrated researcher of the Centre for
Archaeological Studies at the Universities of Coimbra and Porto - CEAUCP. E-mail:
larabacelar@gmail.com

Tipo de Sítio / Site: Arte Rupestre / Rock art.

Cronologia / Chronology: Pré-história Recente / Late Prehistory.

Localização administrativa / Administrative Location: Parada, Lindoso, Ponte da Barca.

Coordenadas geográficas / Geographic coordinates: 41° 51' 16" N; 8° 12' 58" W.

Acesso / Access: A partir de Lindoso, toma-se a E.N. 104-1 na direção poente e encontra-se, a menos de 3 kms a aldeia de Parada. A partir da povoação, segue-se a pé por um dos caminhos empedrados que sai da aldeia na direção SE e sobe a encosta sobranceira à margem direita do rio de Mulas. O complexo rupestre da Bouça do Colado encontra-se a cerca de 2 km, a meia encosta e a 20 m para oeste do caminho. O percurso pedestre encontra-se sinalizado com placas do Parque Nacional da Peneda-Gerês / From Lindoso, take the National Road 104-1 westwards for 3 km towards the village of Parada, where the car should be left. Visitors should then follow the pedestrian cobblestone path coming out of the village towards SE and leading up the hillside, along the right banks of river Mulas. The rock art complex of Bouça do Colado is found half-way up slope, about 2 km away and about 20 m west of the path. At present, the pedestrian path is marked with signposts from the National Park of Peneda-Gerês.

Nas faldas ocidentais da Serra Amarela, situado numa pequena chã virada a poente, sobranceira ao rio de Mulas, o complexo rupestre da Bouça do Colado é composto oito rochas gravadas com motivos geométrico-abstratos (Fig. 1). O conjunto é tutelado pelo Penedo do Encanto ou Penedo das Sete Cabeças, topónimo popular inspirado nas figuras circulares que revestem a superfície. Este é o mais imponente dos penedos que afloram naquela encosta e o mais profusamente decorado do complexo rupestre. Exibe uma notável composição gravada que se integra no estilo clássico da convencionalmente designada Arte Atlântica. Esta é uma tradição de arte Pré-histórica que se caracteriza pela presença recorrente de composições nas quais predominam os motivos geométricos de tendência circular ou curvilínea (covinhas, círculos concêntricos, linhas meândricas) gravadas em superfícies rochosas ao ar livre que ocupam lugares específicos na paisagem. A sua origem no tempo e no espaço é ainda objeto de debate, contudo, é genericamente aceite que num momento determinado do seu devir diacrónico, que talvez corresponda ao mais antigo, este estilo se disseminou por diferentes regiões da Europa Atlântica. A seleção destas formas gráficas elementares e o modo como se encontram organizadas em composições simples e complexas parece ser comum à arte Pré-histórica do Noroeste peninsular (Galiza e Norte de Portugal), Irlanda, Norte de Inglaterra e Escócia. É, todavia, provável que a evolução própria da Arte Atlântica em cada uma dessas áreas tenha sido influenciada por dinâmicas regionais ao longo do seu tempo de vigência, o que poderia explicar a incorporação seletiva de novos motivos em áreas como o Noroeste peninsular. É igualmente provável que uma sucessiva reinterpretação de sítios com Arte Atlântica e introdução de nova imagética tivesse contribuído para a mais longa sobrevivência desta tradição em determinadas regiões do que noutras, onde o repertório figurativo se manteve praticamente inalterado.

O Penedo do Encanto apresenta uma superfície vertical, a leste, que o eleva do solo, criando volumetria. Para oeste, desenvolve-se em plano suavemente inclinado e foi este pano de rocha liso eleito para receber a densa trama de motivos, todos eles unidos por linhas sinuosas e meandros, onde predominam os círculos simples e concêntricos com covinha central, figuras proto-labirínticas e círculos contendo várias covinhas no seu interior (Fig. 2).

O sítio foi pela primeira vez dado à estampa por Baptista em 1981, com base num estudo monográfico realizado em 1979-1980. A partir do levantamento integral do acervo (Fig. 3) uma análise tecno-morfológica das gravuras e o estudo da organização interna da composição, permitiram distinguir o faseamento da elaboração deste painel (Baptista 1981, 1983-84). O Penedo do Encanto exhibe uma complexa figura compósita que ocupa o centro do que o que aquele autor denomina “espaço operativo” e da qual irradiam as linhas sinuosas que ligam entre si os motivos de feição circular, estruturando assim toda a composição que, seguramente, terá sido concebida num só momento (Baptista 1981: 8). Coevas serão igualmente as gravuras de círculos e covinhas presentes na rocha 3 e as covinhas da rocha 5 (*ibidem*). Numa segunda fase terão sido concebidas as figuras reticuladas que ocupam uma zona periférica no setor nascente. Curiosamente, para a gravação do quadrado segmentado internamente com linhas ortogonais terá tido o executor necessidade de alisar aquela parcela de rocha e, na sequência esta ação, destruiu algumas figuras circulares mais antigas. Nesta zona do painel, é de destacar a presença de um rasgo de secção oval e em V na base que se também sobrepõe a uma figura circular e que Baptista (1980:8) identifica como sendo um polidor que terá sido usado para afeição os instrumentos usados pelos gravadores para a picotagem e abrasão dos motivos. Outros polidores, de maiores dimensões, foram detetados na rocha 3. Estes são, sem dúvida, achados excepcionais e muito relevantes para a compreensão das ações subjacentes à criação da arte rupestre. A técnica através da qual foram elaborados os reticulados difere sobejamente da utilizada nas gravuras pertencentes à primeira fase. Estas exibem um sulco em U aberto por picotagem, polidas internamente, enquanto aquelas apresentam um traço menos largo e rude abrasão que só abrange alguns dos seus sulcos. Uma figura similar, de contorno sub-retangular encimada por um semicírculo, foi gravada na rocha 4 que corresponde a uma pequena superfície exposta imediatamente a Sul do Penedo do Encanto (Baptista 1981: figs 21 e 22).

A superfície superior da rocha 2 apresenta dois motivos de tipologia inédita nesta estação e de difícil integração diacrónica. Trata-se de uma figura composta por dois pequenos círculos geminados dos quais emanam duas linhas retas do lado esquerdo, três do lado direito e uma em baixo, assemelhando-se a raios (Baptista 1981: figs 13 e 14).

Já de época histórica datam as cruzeiras insculpidas nas rochas 1 e 5. No Penedo do Encanto (rocha 1), são três as cruzeiras gravadas na face vertical do penedo, logo, em posição periférica relativamente à composição pré-histórica. Na rocha 5 surgem duas outras figuras de tipo idêntico. São todas elas cruzeiras latinas, de dimensões análogas, e poderão ser entendidas como sinais de cristianização do lugar criado, como diz a tradição popular, pelos “mouros”, entidades relegadas para o universo pagão, que, segundo a lenda, terão deixado o “seu” ouro no interior no próprio penedo, devidamente protegido por um encantamento: só quem conseguisse ‘ler’ os sinais nele gravados assistiria à abertura do rochedo e ficaria com as incomensuráveis riquezas (Baptista 1981: nota 4).

The rock art site of Bouça do Colado sits on a small platform, half-way upslope, on the western fringes of Amarela mountains, overlooking the right banks of river Mulas. The site is

composed of eight rocks engraved with geometric-abstract designs (Fig.1). The cluster is dominated by a massive granite outcrop locally known as Penedo do Encanto (the “Enchantment’s Rock”) or Penedo das Sete Cabeças (the “Rock of the Seven Heads”), the latter certainly inspired on the presence of circular designs deeply carved on its upper surface. This is undoubtedly the most conspicuous rock in the immediate surroundings and the most profusely decorated of the whole assemblage.

Penedo do Encanto exhibits a remarkably complex carved composition belonging to the classical style of the so-called Atlantic Art. This is a Late Prehistoric rock art tradition characterised by the recurrent presence of compositions featuring geometric and curvilinear designs (cup-marks, cup-and-rings, wavy and wandering lines), carved on open-air rock surfaces at particular places in the landscape. Although its origins in time and space are difficult to determine, it is generally accepted at present that at a particular moment of its development, perhaps the earliest, this style spread widely across different areas of Atlantic Europe. The selection of these basic designs and their arrangement in simple or complex compositions is common to the Prehistoric open-air rock art of North-western Iberia (Galicia and North-western Portugal), Ireland, northern England and Scotland. Nonetheless, the dynamics underlying the different social and cultural contexts where this style was adopted might have had some influence on the ways it developed through time. It might have contributed to iconographic changes in some areas of distribution, with the selective incorporation of new motifs, whereas in others the original range of designs was maintained largely unaltered.

Penedo do Encanto is a granite outcrop with an upright surface on its eastern side, which reinforces the volume of the stone mass, and an upper large surface leaning slightly to the west. This was the face elected for carving a complex composition of geometric designs: cup-marks, cup-and-rings, proto-labyrinths and circles containing dots (Fig. 2).

The site was first published by A. Martinho Baptista in 1981, following a monographic study carried out in 1979-1980 that included the full record of the engravings and the natural features of the rock (Fig. 3). Technical and morphological analysis of the rock art added to the study of the composition’s internal organisation, allowed the author to establish a sequence for the execution of the carvings (Baptista 1981, 1983-84). Thus, Penedo do Encanto exhibits a complex motif that is at the centre of this arrangement from which a number of wandering lines radiate spreading throughout the panel’s surface. These lines link circular designs together and simultaneously structure the composition. This evidence supports the argument that the whole arrangement composed of curvilinear designs was conceived in a single moment (1981). Accordingly, circular motifs and cup-marks carved on rock 3 and the cup-marks on rock 5 belong to this first phase. Later in the sequence were carved rectangular and square-shaped grids on the eastern parts of the surface therefore occupying a peripheral area in relation to the main composition. It is interesting to note that the engraving of the square-shaped grid implied a previous surface levelling and smoothing, in the sequence of which earlier circular designs were partially or entirely erased (*ibidem*). Another remarkable feature in this part of the rock is an unusual groove with an oval section and V-shaped base, partly covering a circle, which A. Martinho Baptista (1980:8) identifies as a stone axe *polissoir* that might have been used to sharpen the instruments employed in the actions of pecking and/or abrading the motifs’ grooves. Similar *polissoirs*, slightly larger in size, can be observed on rock 3.

These exceptional finds are extremely relevant to understand the processes and actions underlying the creation of rock art. Moreover, an accurate analysis of the groove’s morphology indicates that a different technique was employed in the carving of the grids and circular designs

belonging to the first phase. The latter exhibit a U-shaped groove section, obtained by pecking, which interior was subsequently polished, whereas the former shows narrower pecked grooves, some of which were roughly smoothened. A similar carving technique was employed to draw a rectangular grid attached to a semicircle on rock 4, which is a small granite exposure located to the south of Penedo do Encanto (Baptista 1981: Figs 21 and 22).

The upper surface of rock 2 shows two singular motifs that are difficult to match within the site's rock art diachronic sequence. It is a figure composed of two circles joined together with external radial lines (Baptista 1981: Figs 13 and 14).

Finally, rocks 1 and 5 exhibit carvings of crosses dated to historic periods. On rock 1 (Penedo do Encanto), three crosses were engraved on the vertical face of the outcrop, therefore occupying a peripheral position in relation to the prehistoric composition. On rock 5 there are two crosses of similar typology and size. The carving of Latin crosses may be understood as an act of Christianisation of this place that, according to local oral traditions, was created by the "Moors", pagan entities that are believed to have hidden their gold inside Penedo do Encanto. However, access to the treasure was protected by an enchantment: only the one that was able to read the signs carved on its surface would see the rock opening and keep the incommensurable wealth (Baptista 1981: footnote 4).

MAIN BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

- BAPTISTA, A.M. 1986. Arte rupestre pós-glaciária. Esquematismo e abstracção. *História da Arte em Portugal*. Vol.1. Lisboa: Alfa: 31-55.
- BAPTISTA, A.M. 1983-84. Arte rupestre do Norte de Portugal: uma perspectiva. *Actas do Colóquio Inter-Universitário do Noroeste, Porto 1983. Portugália* 4-5. Nova série: 71-82.
- BAPTISTA, A.M. 1981. O complexo de arte rupestre da Bouça do Colado (Parada, Lindoso). Notícia preliminar. *Giesta* 1 (4): 6-16.



FIG. 1 – Localização da Bouça do Colado em extracto da Carta Militar de Portugal, à escala 1/25 000, folha 17.

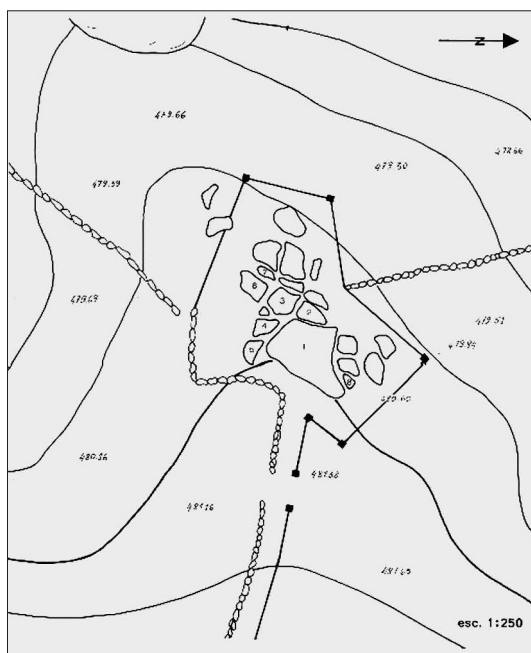


FIG. 2 – Planta do complexo de rochas insculturadas da Bouça do Colado (seg. Baptista 1981).

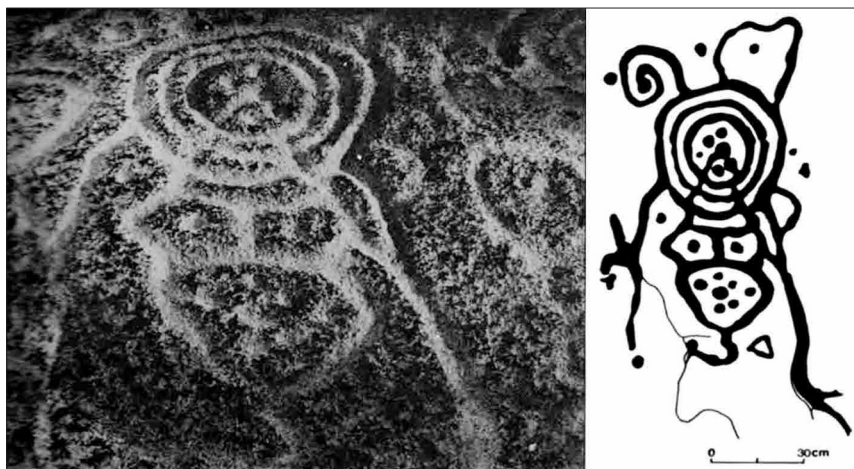


FIG. 3 – Figura central da rocha 1 ou Penedo do Encanto (seg. Baptista 1981 – adaptado).

FIG. 3 – The complex abstract design carved in a central position on the surface of rock 1 (Penedo do Encanto) (after Baptista 1981 – adapted).

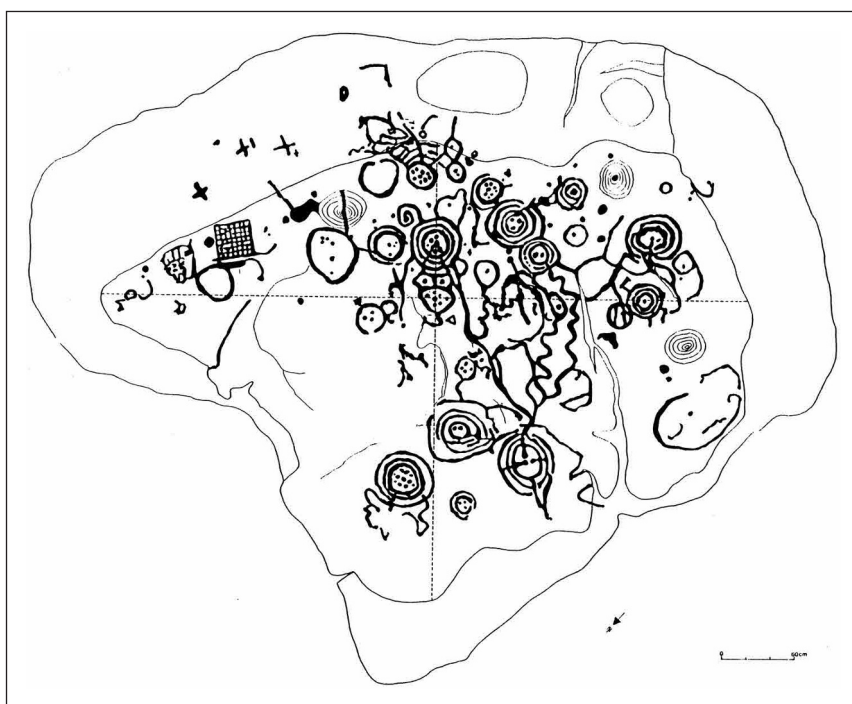


FIG. 4 – A composição de gravuras rupestres do Penedo do Encanto (seg. Baptista 1981).

FIG. 4 – The record of the carved composition at Penedo do Encanto (after Baptista 1981).

Gravuras rupestres da Breia, Cardielos, Viana do Castelo
Rock engravings of Breia, Cardielos, Viana do Castelo

Ana M. S. Bettencourt

Department of History of the University of Minho, Gualtar Campus, 4710-057 Braga,
Portugal; Transdisciplinary Research Centre Culture, Space and Memory – CITCEM.
E-mail: anabett@uaum.uminho.pt

Tipo de Sítio / Site: Arte Rupestre / Rock art.

Cronologia / Chronology: Pré-História Recente; Proto-História; História / Late Prehistory; Protohistory; Historic period.

Localização administrativa / Administrative Location: Breia, Cardielos, Viana do Castelo.

Coordenadas geográficas / Geographic coordinates: 41° 43' 18" W; 8° 44' 00" N (Rocha / Rock 1) (Fig. 1).

Acesso / Access: Seguir a A27 no sentido Viana do Castelo - Ponte de Lima e sair para Nogueira. Na primeira rotunda virar em direção a Cardielos. Após a placa de início de freguesia, cortar na segunda rua à direita, denominada rua da Portela. Após o casario do lugar da Breia deve seguir em frente e atravessar o viaduto que passa por cima da A27. Logo de imediato deve estacionar e descer por um caminho de terra batida que existe do lado direito, até ao momento em que ele faz uma curva pronunciada para a esquerda. A rocha 1 encontra-se à direita do caminho, a cerca de 10 m, e perto da rede que delimita a autoestrada. As rochas 2 e 3 encontram-se para montante da primeira, do lado esquerdo do mesmo caminho / Follow the motorway A27 towards Viana do Castelo – Ponte de Lima and exit at Nogueira. Turn towards Cardielos on the first roundabout. After the sign that indicates the parish, cut on the second right to Rua da Portela. Passing the row of houses at Lugar da Breia, go straight and cross the flyover that goes over A27. Park the car straight after and descend through a dirt road on the right side until it makes a sharp turn to the left. Rock 1 is found on the right side of the path, at about 10 m, and near the net delineating the motorway. Rocks 2 and 3 are found upstream in regard to the first one, on the left hand side of the path.

A Breia é composta por um conjunto de três afloramentos horizontalizados e pouco destacados do solo que se localizam ao longo de um pequeno vale, existente na base da vertente este do Monte de S. Silvestre. Aí corre uma linha de água que vai desaguar ao rio de Nogueira, um dos afluentes da margem direita do Lima. Trata-se de um local de portela natural entre as terras de fundo de vale e as de altitude, tendo sido área tradicional de pastoreio.

A Breia 1, descoberta por Francisco Queiroga, em 1999, no âmbito de trabalhos relacionados com a construção da A27, corresponde a um afloramento de grandes dimensões, orientado no sentido oeste-este, hoje parcialmente soterrado pelo transporte de sedimentos. Fica num lugar abrigado, com excelente visibilidade para este e sudeste, onde se avista o vale de Nogueira, em primeiro plano, e o Alto do Castelo, nas freguesias de Santa Maria de Gerás do Lima e da Facha, já na margem esquerda do Lima. Para norte e sul a visibilidade é reduzida, tendo em conta a proximidade de duas elevações. Para noroeste e oeste avistam-se os cumes e as vertentes do Monte de S. Silvestre. As características desta rocha teriam possibilitado uma audiência significativa em seu redor com boa visibilidade para os motivos gravados.

Francisco Queiroga escavou uma grande parte da superfície do afloramento e pôs a descoberto uma série de painéis gravados que levantou, em colaboração com Filipe Antunes, do Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, em Braga, local, onde o decalque está reproduzido desde 2007 (Fig. 2). Em 2008 foi publicado por Almeida (2008), acompanhado de uma descrição deveras insuficiente das gravuras e sem qualquer referência ao historial do local, embora uma breve descrição do mesmo, acompanhada de fotografias, tenha sido publicada em 2005, pela subscritora deste texto (Bettencourt 2005), com autorização de Francisco Queiroga.

Na parte descoberta do afloramento distribuem-se vários painéis inseríveis na denominada arte atlântica. O maior e mais complexo localiza-se a nordeste, numa área ligeiramente sobrelevada e delimitada parcialmente por duas pequenas diaclases. Apresenta uma densa teia de motivos circulares, unidos por linhas sinuosas que parecem estar em conexão com uma figura “idoliforme” (Fig. 3). Esta tem um contorno grosseiramente trapezoidal com a parte superior arredondada, fazendo lembrar uma figura antropomórfica, e é segmentada no interior. Na parte inferior apresenta um círculo concêntrico com covinha, a partir do qual sai uma linha sinuosa que “unifica” este painel (Figs. 2 e 4). É, de um lado e do outro desta linha que irão surgir, isolados, três zoomorfos esquemáticos, possivelmente equídeos, que se dirigem para nascente. Pelo menos dois deles estão montados com antropomorfos. Um outro quadrúpede ocorre isolado, em área periférica às composições circulares, dirigindo-se para poente. É também nesta zona que um círculo segmentado se parece sobrepor a alguns motivos, nomeadamente ao que parece um zoomorfo.

A oeste do painel descrito e a cota inferior existe uma conjunto de figuras circulares, nomeadamente círculos concêntricos com ou sem covinha central, espirais e um círculo segmentado que se distribuem de forma dispersa pelo afloramento e onde só alguns motivos se encontram ligados por sulcos (Figs. 2 e 5). Em redor de muitas destas composições registam-se quadrúpedes esquemáticos, alguns montados, dirigindo-se para diversas direções, o que confere grande dinamismo e movimento a este painel. No canto noroeste, á volta de uma das composições mais complexas (composta por dois círculos concêntricos que se sobrepõem parcialmente e de um grande motivo de contorno triangular, entre outros símbolos) foi gravado um quadrúpede de morfologia distinta dos anteriores. Trata-se de um cavalo montado por um antropomorfo que transporta o que parece ser uma lança, em posição de arremesso (Fig. 2). Esta figura foi gravada de forma menos profunda do que os restantes motivos.

Podemos ainda considerar um terceiro painel, a sul do primeiro. Também aqui predominam as figuras circulares dispersas, existentes de ambos os lados de pequenas diaclases que se orientam de nordeste para sudoeste. Neste, foram ainda gravadas duas figuras em baixo relevo. Uma de difícil interpretação, sensivelmente a meio, e outra já a uma cota inferior da rocha. Trata-se de um cavalo seminaturalista que se movimenta para poente, com o seu respetivo cavaleiro.

Por fim, na extremidade sudoeste do afloramento, gravaram-se, igualmente, motivos circulares dispersos e diversas covinhas e cruciformes, jestas últimas já realizadas a pico metálico.

A partir deste levantamento e de observações realizadas no local foi possível ensaiar algumas hipóteses de faseamento, já tentadas anteriormente (Bettencourt 2005), embora com menos dados.

Numa primeira fase, o que não implica simultaneidade temporal, pois há círculos concêntricos que se sobrepõem parcialmente, terão sido realizadas grande parte das composições circulares (Bettencourt 2005), provavelmente iniciadas pelo painel 1, em posição topográfica destacada e com uma composição complexa organizada a partir de um “idoliforme”. Nesta fase incluíamos também um possível cervídeo, sobreposto pelo único círculo raiado que existe no painel 1.

Numa segunda fase terão sido realizados os zoomórficos esquemáticos, possivelmente equídeos, por vezes montados, que ocupam posições periféricas nos painéis 1 e 3 e que rodeiam as

composições circulares do painel 3, assim como, talvez, o círculo raiado do painel 1. Posteriormente terá sido gravado o cavalo e o cavaleiro portador de uma arma, do painel 2, insculpido com um sulco muito fino e pouco visível, talvez na Idade do Bronze, assim como o cavaleiro em baixo relevo, do painel 3 (Bettencourt 2005) que cremos da Idade do Ferro.

De época histórica serão as cruzes e as covinhas que se lhes relacionam, do painel 4, indicadoras da cristianização do lugar (Bettencourt 2005).

As rochas 2 e 3 foram descobertas casualmente pela autora deste texto, encontrando-se por estudar exaustivamente.

A Breia 2 localiza-se numa plataforma mais elevada do que a Breia 1, a oeste-noroeste desta, numa zona profundamente irrigada da margem direita do pequeno vale aí existente. Daqui o horizonte visual abarca o vale para montante e jusante, embora não visualize a Breia 1. O afloramento é de grande dimensão, contem diversos veios de quartzo e é composto por dois tipos de granito, um de grão médio e outro de grão mais fino (Fig. 6). É precisamente nesta parte que se encontra a única gravura que observámos, de carácter sub-circular e aberta (Fig. 7).

A Breia 3 fica para montante, no fundo do vale, ou seja, a nor-nordeste da Breia 2 e a poucas centenas de metros para jusante de um lameiro que lhe é sobranceiro e onde se acumulam as águas que correm neste vale. Deste afloramento a visibilidade é reduzida, embora exista contacto visual com o topo do lameiro e a Breia 2. Também é de granito mais fino do que o predominante no local. Apesar das suas dimensões consideráveis, está parcialmente coberta por um muro de divisão de propriedade que lhe passa a meio (Fig. 8). Aí, sobressai um motivo circular (espiral?) realizada em torno de uma pequena protuberância do afloramento (Fig. 9).

Este conjunto de gravuras distribui-se no espaço de forma peculiar ao seguir o percurso do vale e das águas, desde a sua nascente até perto da foz, embora cada uma tenha uma abrangência visual distinta. A visibilidade mais fechada verifica-se na Breia 3, seguida da Breia 2 e, finalmente, da 1 de onde se avista ou “adivinha” a foz deste vale e os vales de Nogueira e do Lima. Tal característica faz deste local, um lugar liminar, de encontro de diferentes mundos físicos, situação a que, talvez não seja alheia, a sua complexidade.

Esta relação espacial entre os diferentes afloramentos gravados ao nível local, leva-nos a considerar a hipótese de que as comunidades que os gravaram e frequentaram, pelo menos numa primeira fase, teriam privilegiado a mobilidade física e simbólica quer das águas quer da passagem de pessoas e animais, entre o fundo do vale e as terras altas. De registar que as suas temáticas também sugerem movimento. Tal é o caso, por exemplo, da espiral, à volta de um ponto mais alto, na Breia 1; das diferentes espirais da Breia 3; das linhas sinuosas que saem do interior dos círculos do painel 1 da Breia 1 e, mais tardiamente, da orientação dos quadrúpedes nos diferentes painéis.

De salientar que este lugar, partilhado ao longo de milénios por diversas comunidades humanas que aqui viveram, foi rota tradicional de pastoreio até ao séc. XX.

Breia consists of a group of three horizontal outcrops not very visible on the ground, located on a little valley present at the base of the East slope of Monte de S. Silvestre. There runs a watercourse that flows to Nogueira River, one of the tributaries of the right bank of Lima River. It is a place of passage between the lower lands of the valley and the higher ones, being a traditional area for pasture.

Discovered by Francisco Queiroga in 1999, in the scope of works related with the construction of A27, Breia 1 corresponds to an outcrop of big dimensions orientated to West – East.

Today, it is partially covered due to the transportation of sediments. It is located in a sheltered place with excellent visibility to East and Southeast, where the Nogueira valley can be seen in the foreground and Alto do Castelo, in Santa Maria de Gerás do Lima and Facha parishes, on the left bank of Lima River. To the North and South, the visibility is reduced, taking into account the proximity of two elevations, and to the Northwest and West, one can see the peaks and slopes of Monte de S. Silvestre. The characteristics of this rock would have allowed a significant audience to surround it with good visibility to the engravings.

Francisco Queiroga excavated great part of the surface of the outcrop after which a series of engraved panels were uncovered. This was done in collaboration with Filipe Antunes from D. Diogo de Sousa Museum, in Braga, the place where the tracing is replicated since 2007 (Fig. 2). This tracing was published in 2008 by Almeida (2008), accompanied by a quite insufficient description and with no historical reference to the place. However, a brief description of the site, accompanied by photographs, had already been made (Bettencourt 2005), with the authorisation of Queiroga.

On the uncovered part of the outcrop, several panels with motifs that could be inserted in Atlantic rock art were distributed. The largest and more complex is located at Northeast, in a slightly elevated area partially delineated by two joints. It presents a dense network of circular motifs, joined by sinuous lines that seem to be connected with an “idoliform” (Fig. 3). This figure has a grossly trapezoidal contour with a rounded top, resembling an anthropomorphic figure, and is internally segmented. On the inferior part, it presents a concentric circle with a cup-mark, from which a sinuous line departs, joining this panel together (Figs. 2 and 4). On each side of the line, three isolated schematic zoomorphs emerge, possibly horses moving towards East. At least two of them are mounted with anthropomorphs. Another quadruped, moving towards West, appears isolated in a peripheral area to the circular compositions. It is also in this area that a segmented circle seems to overlap some motifs, mainly one which seems to be a zoomorph.

To the West of the panel described, at an inferior level, there is a set of circular figures, primarily concentric circles with or without a central cup-mark, spirals and a segmented circle that is distributed in a disperse form through the surface of the outcrop, and where only a few motifs are connected by grooves (Figs. 2 and 5). Surrounding many of these compositions, we record schematic quadrupeds, some of them ridden and turned in different directions, which confers dynamism and movement to this panel. Around one of the most complex compositions, existing on the Northwest corner, consisting of two concentric circles that partially overlap each other and one large motif of a triangular shape, amongst other symbols, a quadruped of a distinct morphology in relation to the previous ones was engraved. It is a horse ridden by an anthropomorph that carries what seems to be a spear in a throwing position (Fig. 2). This motif was engraved not as deep as the remaining figures.

We can still consider a third panel South of the first one. Here, dispersed circular figures also prevail, existing on both sides of the small joints in the direction of Northeast to Southwest. Here, two low relief figures were engraved, one of difficult interpretation, possibly unfinished, more or less in the middle of the rock, and another at a lower level. It is a semi-naturalist horse that moves towards West with its respective rider.

At last, on the Southwest extremity of the outcrop, there are also dispersed circular motifs and several cup-marks and cruciforms, these ones already engraved with a pick.

From the tracing and observations made on the field, it was possible to test some hypotheses on the different stages, already attempted previously (Bettencourt 2005), although with less data.

On a first phase, which does not imply simultaneity in time as there are concentric circles

that partially overlap, great part of the circular compositions would have been made (Bettencourt 2005), probably initiated in panel 1, on a prominent topographical position with a complex composition organised from an “idoliform”. On this phase, we would also include a possible representation of a deer, overlapped by the single rayed circle that exists in panel 1.

On a second phase, schematic zoomorphs would have been engraved, possibly horses, sometimes ridden, that occupy peripheral positions in panels 1 and 3, and surround circular compositions of panel 3, as well as possibly the rayed circle of panel 1.

Subsequently, the rider with the spear of panel 2 was probably engraved in the Bronze Age, carved with a very fine and not very visible groove, as well as the rider in low relief of panel 3 (Bettencourt 2005), which we believe to date from the Iron Age.

From the historic times, we have crosses and cup-marks that can be related from panel 4, which are an indication of the Christianisation of this place (Bettencourt 2005).

The same author discovered the rocks 2 and 3, but they still need to be thoroughly studied.

Breia 2 is located on a higher platform than Breia 1, to the West-Northwest of the latter, in a deeply irrigated area of the right side of the valley. From there the visual horizon embraces the valley to upstream and downstream, although Breia 1 is not visible. The outcrop is large, containing several quartz veins, and is composed of two types of granite, one of medium grain and the other of finer grain (Fig. 6). It is precisely on this part that we can find the only engraving observed, an opened sub-circular engraving (Fig. 7).

Breia 3 is located upstream, at the bottom of the valley, that is, north-northeast of Breia 2, and a few hundred meters downstream of a swamp that overlooks it and from where the waters that runs on this valley are sprung. Visibility is reduced from this outcrop, although there is some visual contact between the top of the swamp and Breia 2. It is also of finer granite than the local predominant granite. While its dimensions are considerable, it is partially covered by a property division wall that runs through the middle (Fig. 9). There, a circular motif (spiral?) stands out, made around a small protuberance of the outcrop (Fig. 9).

This set of engravings is distributed in a particular way on the space, following the course of the valley and the waters, from its spring to its mouth, with distinct degrees of visibility amongst them. The most closed visibility occurs at Breia 3, followed by Breia 2 and finally Breia 1 from where one can see or “guess” the mouth of this valley and the Nogueira and Lima valleys. Such characteristic makes this place the threshold for encountering different physical worlds, situation that may not be unrelated to its complexity.

This spatial relation between the different outcrops, at a local level, makes us consider the hypothesis that the communities that engraved and frequented these places, at least on a first phase, would have privileged a physical and symbolic mobility, either from the waters, or from the passage of people and animals, between the bottom of the valley and the highlands. It should be noted that its themes also suggest movement. Such is the case of, for example: the spiral around a higher point in Breia 1; the different spirals of Breia 3; the sinuous lines that come out of the interior of the circles from panel 1 of Breia 1 and, later on, the orientation of the quadrupeds on the different panels.

We also highlight that this place, shared over millennia by diverse communities that lived here, was a traditional herding route until the twentieth century.

AKNOWLEDGMENT:

This work was developed in the scope of the project *Espaços naturais, arquiteturas, arte rupestre e deposições na pré-história recente da fachada ocidental do centro-norte português: das acções aos significados* – ENARDAS / Natural spaces, architecture, rock art and depositions from the Late Prehistory of the Western front of Central and Northern Portugal: from actions to meanings (reference PTDC/HIS-ARQ/112983/2009) financed by the Operational Programme “Thematic Factors of Competitiveness” (COMPETE) and by the European Regional Development Fund (Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional - FEDER).

MAIN BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

- ALMEIDA, C.A.B. 2008. *Sítios que fazem História: Arqueologia do Concelho de Viana do Castelo I. Da Pré-História à Romanização*. Viana do Castelo: Câmara Municipal.
- BETTENCOURT, A.M.S 2005. Gravados rupestres ao aire libre do denominado “Grupo Galaico” ou do “Grupo I do Noroeste” (Norte de Portugal). In J.M. Hidalgo Cuñarro (coord.) *Arte e Cultura de Galicia e Norte de Portugal. Arqueoloxía*. Vol. 1. Vigo: Nova Galicia Edicións, S.L.: 161-165.



FIG. 1 – Localização das gravuras da Breia na Carta Militar de Portugal, à escala 1: 25 000.

FIG. 1 – Location of the engravings from Breia in the Military Chart of Portugal, scale 1:25,000.



FIG. 2 – Planta das gravuras da rocha 1 da Breia (segundo Queiroga e Antunes *in* Almeida 2008).

FIG. 2 – Drawing of the engravings from Breia's rock 1 (cf. Queiroga and Antunes *in* Almeida 2008).



FIG. 3 – Rocha 1. Aspecto do painel 1.

FIG. 3 – Rock 1. View of panel 1.



FIG. 4 – Rocha 1. Pormenor do idoliiforme do painel 1.

FIG. 4 – Rock 1. Detail of idol from panel 1.



FIG. 5 – Rocha 1. Alguns motivos do painel 2.

FIG. 5 – Rock 1. Some motifs of panel 2.



FIG. 6 – Aspeto geral da rocha 2 onde se pode observar a irrigação própria do local e os veios de quartzo que a percorrem.

FIG. 6 – Overview of rock 2 where natural irrigation is observed and quartz veins run through.



FIG. 7 – Rocha 2. Pormenor do motivo detetado.

FIG. 7 – Rock 2. Detail of detected motif.



FIG. 8 – Aspeto geral da rocha 3 no fundo do vale.

FIG. 8 – Overview of rock 3 at the bottom of the valley.



FIG. 9 – Rocha 3. Pormenor do motivo gravado em redor de uma saliência natural. Em segundo plano há uma gravura composta por uma covinha e um sulco.

FIG. 9 – Rock 3. Detail of engraved motif surrounding a natural salience. In the background, there is an engraving consisting of a cup mark and a groove.

Gravuras rupestres do Penedo dos Sinais, S. Salvador de Briteiros, Guimarães
Rock engravings of Penedo dos Sinais, S. Salvador de Briteiros, Guimarães

Joana Valdez

University of Southampton, England. E-mail: joanavaldez@gmail.com

Tipo de sítio / Site: Arte Rupestre / Rock art.

Cronologia / Chronology: Neolítico; Idade do Bronze / Neolithic; Bronze Age.

Localização Administrativa / Administrative Location: S. Salvador de Briteiros, Guimarães.

Coordenadas Geográficas / Geographic coordinates: 41° 31' 35" /N; 8° 18' 55" W.

Acesso / Access: E.N. 309, S. Salvador de Briteiros, Guimarães.

Horário da Citânia / Opening time of the site: Abre todos os dias das 9h às 18h (verão) e das 9h às 17h (inverno). Encerra a 25 de dezembro, 1 de janeiro e Domingo de Páscoa. / Open every day from 9.00 to 18.00 in the summer, and from 9.00 to 17.00 in the winter. Closed on December 25, January 1 and on Easter Sunday.

Contactos / Contacts for visits: (00 351) 253 478 952; E-mail: citania@msarmento.org

Sobranceiro ao vale do rio Ave situa-se o Monte de São Romão. Trata-se de uma elevação orográfica que atinge uma cota de 336 m e que se situa numa zona geológica caracterizada pela presença e abundância dos granitos de duas micas. Este substrato geológico é geralmente denominado por “Granito de Briteiros”. Na envolvente deste cenário desenvolvem-se alguns dos mais imponentes conjuntos montanhosos do território português (Fig. 1).

Pelas condições geomorfológicas que apresenta, o vale tem vindo a ser ocupado por comunidades humanas desde tempos imemoriais, sendo que é possível observar vestígios dessa ocupação, de vários períodos, atestados no registo arqueológico até hoje recuperado. Assim, na zona mais elevada do cume do Monte de São Romão situa-se, imponente, a Citânia de Briteiros, povoado fortificado que remonta à Idade do Ferro e que tem vindo a ser escavado desde o século XIX. Não obstante, os dados arqueológicos têm demonstrado que, tanto a elevação, como a sua envolvente foram alvo de ocupação humana anterior. Entre os vestígios arqueológicos conhecidos destacam-se alguns exemplares de arte rupestre, inicialmente identificados por Francisco Martins Sarmiento, no século XIX e, posteriormente, por Mário Cardoso, já no século XX.

No seguimento do trabalho destes autores, foram levadas a cabo algumas campanhas de prospeção arqueológica que tinham como objetivo identificar alguns dos sítios cuja memória de localização se tinha perdido no tempo, mas também identificar novas ocorrências. Algumas destas campanhas tinham como objetivo a procura de arte rupestre e foram desenvolvidas tanto no interior como no exterior da área musealizada da Citânia de Briteiros. Assim, foram identificadas e registadas algumas rochas insculptadas, tanto no interior como no exterior da zona musealizada do povoado, entre as quais o Penedo dos Sinais (Valdez & Oliveira 2005/2006).

De uma forma geral, entre estas rochas, os motivos variam entre as figuras circulares e meandriformes, típicas da tradição atlântica, surgindo também alguns exemplares de grafismos possivelmente coetâneos do período de utilização do povoado, como sejam os intestinais, a dupla espiral ou o círculo raiado. No exterior do povoado fortificado as rochas identificadas apresentam, maioritariamente motivos de temática atlântica, dominando os círculos concêntricos que podem aparecer de forma isolada ou em conjuntos.

As dimensões dos suportes são variáveis e, na sua maioria, apresentam uma tendência horizontal, facto que teria permitido a sua visibilidade a partir de planos superiores. Não obstante, à exceção do Penedo dos Sinais, todas as outras rochas não deveriam ultrapassar o metro quadrado de dimensão, pelo que não seriam muito predominantes na paisagem.

O Penedo dos Sinais é um dos exemplares clássicos da arte atlântica, tanto pelos motivos que ostenta como pela posição que ocupa. Situa-se na abrupta e declivosa vertente nascente do Monte de São Romão, numa zona exterior à área muralhada do referido povoado. Pelas suas grandes dimensões, mas também pela própria morfologia que apresenta, o suporte foi dividido em dois painéis (painel 1 – 4,30 m x 3,70 m e painel 2 – 2,40 m x 1,35 m). A laje caracterizada pelas suas superfícies lisas, rentes ao solo, situando-se numa plataforma a meia encosta, próxima de uma linha de água que corre num desfiladeiro apertado e fundo, entre o Monte de São Romão e o Monte de Santo António, a poente do primeiro. O afloramento, ligeiramente avançado sobre a vertente, forma um pequeno abrigo na sua base onde, durante as prospeções, foi encontrada uma conta de colar em quartzo hialino. O conjunto orienta-se para nascente dominando visualmente o vale do Ave, mas também a Serra da Cabreira que, de resto, é também visível das restantes ocorrências (Fig. 2).

Esta rocha foi profusamente decorada, sendo composta por um monumental conjunto de motivos executados através de largos sulcos lavrados em “U” no granito, alguns ainda bastante perceptíveis. Em ambos os painéis é possível identificar uma organização na deposição dos motivos que se encontram relativamente centrados no suporte, ainda que no caso do painel 2 se acrescente a particularidade da centralidade dos grafismos se desenvolver num sentido longitudinal. Tanto num caso como no outro a implantação e a forma concreta com que parecem ter sido insculpidos os motivos pressupõe uma predefinição daquilo que o “artista” pretendia representar.

Quanto à iconografia predominam os círculos concêntricos cujo número de anéis varia, sendo os mais complexos compostos por nove círculos. Estes motivos apresentam geralmente covinha central, sendo a dimensão desta também variável. Observam-se ainda algumas *fossettes* dispersas pelo suporte.

Todos estes motivos circulares se encontram de alguma forma interligados, quer no painel 1 como no painel 2, através da execução de uma série de meandriformes, ou seja, sulcos lineares que podem ter morfologias retilíneas ou, em alguns casos, ondulantes, utilizadas para compor ou interligar os motivos entre si (Fig. 3). No caso do painel 2, com uma composição figurativa mais complexa, pode ainda observar-se um reticulado, sendo este motivo pouco usual na tradição atlântica de gravação. Observam-se, ainda, um proto-labirinto e uma falsa espiral. Alguns dos motivos neste suporte foram danificados pela colocação de um marco de divisão de propriedade, não sendo possível uma observação dos mesmos em toda a sua plenitude.

Ainda relativamente às insculpturas presentes nesta rocha, bem como às técnicas de execução das mesmas, falta referir os baixos-relevos. Trata-se de configurações trabalhadas nas zonas mais elevadas do suporte, que pela técnica empregue acentuam o carácter tridimensional e característico da arte atlântica. Assim, a execução prática destes baixos-relevos parece ter privilegiado algumas características morfológicas das rochas passíveis de serem rebaixadas e moldadas, sendo assim adaptadas à conceção estilística pretendida. À semelhança dos restantes motivos gravados, a complexidade figurativa das “esculturas” difere, sendo que o painel 2 apresenta um conjunto de grande complexidade. No painel 1 foi apenas moldado na rocha um simples círculo não completamente encerrado, com covinha central e um meandro adossado. Quanto ao painel 2, foram executados motivos bastante complexos e de morfologias circulares e meandriformes (Fig. 3). Ambas as “esculturas” podem enquadrar-se na cosmogonia circular que deveria orientar a realidade destas comunidades pré-históricas de tradição “artística” atlântica (Bradley 1997).

Relativamente à cronologia da arte atlântica, na qual se deverá incluir o Penedo dos Sinais, resta referir que atualmente os investigadores supõem que a sua origem deverá remontar ao Neolítico Final, podendo ter sido utilizada até à Idade do Bronze, altura em que entra em declínio, acabando por ser abandonada (Bradley 1997; Alves 2009).

O Penedo dos Sinais pertence à Sociedade Martins Sarmento pelo que para visitar esta emblemática rocha será necessário entrar em contacto com a instituição.

Overlooking the Ave river valley is located the Monte de São Romão, reaching a height of 336 m. The local geology is dominated by the two-mica granite, usually called “Briteiro’s Granite”, with the complex surrounded by some of the most imposing mountains in Portugal (Fig. 1).

Due to its favourable geomorphology, human communities have occupied the valley since immemorial times. Some of the traces and remains left by these occupations have been identified and recovered archaeologically.

On the top of Monte de S. Romão is located Citânia de Briteiros, one of the greatest Iron Age settlements known, which has been excavated since the nineteenth century. It has also been demonstrated that not only was the hilltop occupied, but all of its surroundings as well. Amongst the different types of sites that can be found in the area, there are several examples of rock art, some of them first identified by Francisco Martins Sarmento in the nineteenth century and later by Mário Cardoso in the twentieth century.

Following the work of these authors, a number of survey campaigns took place with the aim of identifying new and previously recognised but now lost archaeological sites surrounding Citânia de Briteiros. Some of these campaigns were specifically targeted to identify rock art, and were conducted in the interior and exterior of the settlement’s preserved area. In this regard, a few engraved rocks were identified and registered both inside and outside the preserved area, including Penedo dos Sinais (Valdez & Oliveira 2005/2006).

The motifs on these rocks generally vary between typical Atlantic art iconography of circular figures and meander forms, as well as other figurations, such as “intestinal”, double spiral and rayed circle figures, possibly contemporary of the occupation of the settlement. Beyond the walls of the hillfort, the identified rocks mainly show Atlantic art motifs, dominated by isolated or sets of concentric circles. The dimension of the rocks varies and most of them present a horizontal trend, a fact that would allow the observer to visualise the motifs from upper planes. However, except for Penedo dos Sinais, all the other rocks should not exceed the square meter in size, as they are not very prominent in the landscape.

Penedo dos Sinais is a classic example of Atlantic rock art, not only for its motifs, but also for its position in the landscape. It lies on the abrupt, steep East slope of Monte de São Romão, outside the settlement’s fortification. Due to its great size and its natural morphology, the rock was divided into two panels (panel 1 – 4.30 m x 3.70 m; panel 2 – 2.40 m x 1.35 m). The slab is characterised by its flat surfaces that are close to the ground, being implanted on a small platform, halfway up the hill’s slope, and next to a water line that runs through a narrow and deep gorge between Monte de S. Romão and Monte de Santo António, to the west of the former. The outcrop slightly overhangs the slope forming a small shelter at its base, where a hyaline quartz bead was found during research. The complex faces East with clear views of a great part of the valley of Ave, and also the Mountain of Cabreira which, incidentally, is visible from the other occurrences (Fig. 2).

This rock was profusely decorated, being composed by a monumental set of motifs that were

executed through wide “U” grooves carved on the granite and some are still very clear. On both panels, one can identify an overriding organisation of the motifs, following a central trend on the rock, although that centrality on panel 2 is developed in a longitudinal direction. In both cases, the deployment and the concrete way in which the motifs were carved into the rock indicate that the “artist” had predetermined what was to be engraved.

Concerning the iconography, the concentric circles dominate, although the number of rings can vary, being the most complex composed of nine circles. Some of these motifs have a central cup-mark that can vary in size. Some *fossettes* can also be observed, appearing in isolated instances across the rock. On both panels, the motifs are frequently connected to each other, through the carving of meanders, that is, linear grooves that can have both rectilinear or, in some cases, undulating morphologies, used to compose or interconnect motifs with each other (Fig. 3). Besides its more complex composition, in panel 2 one can also observe a reticulate, an unusual motif in the Atlantic art tradition, as well as the presence of a proto-labyrinth and a false spiral. Some of the elements on the rock were damaged by the placement of a landmark for property division and it is no longer possible to fully observe them.

Still regarding the carvings and the technical implementation of the motifs, the low reliefs should be mentioned. It is a rare technique, in this case, applied on the higher areas of the rock, highlighting the three-dimensional character of the Atlantic rock art. The practical implementation of these low reliefs seem to have favoured some morphological characteristics of the rocks that can be lowered and moulded, and thus adapted to the stylistic design desired.

As the rest of the carved figures, the figurative complexity of the “sculptures” differ, and panel 2 presents the most complex composition. On panel 1, only a simple circle, not completely closed, with a central cup-mark and an associated wavy line was moulded on the rock. Other kinds of motifs were sculptured on panel 2, with more complex and different circular and meander-shaped morphologies (Fig. 3). However, both “sculptures” can be included in the circular cosmogony that would have guided the worldview of these prehistoric communities of Atlantic art tradition (Bradley 1997).

Concerning the chronology of the Atlantic rock art, in which Penedo dos Sinais should be included, it remains to be said that researchers have lately been considering the possibility that this artistic tradition should date back to the Late Neolithic, lasting until the Bronze Age, when it declines and is eventually abandoned (Bradley 1997; Alves 2009).

To visit this iconic rock, Penedo dos Sinais, you should contact the Martins Sarmento Society.

MAIN BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

- ALVES, L. 2009. O sentido dos signos. Reflexões e perspectivas para o estudo da arte rupestre do pós-glaciar no norte de Portugal. In R. Balbín Behrmann (ed.) *Arte Prehistórica al aire libre en el Sul de Europa*. Documentos Páhis. Junta de Castilla y León Consejería de Cultura y Turismo: 381-413.
- BRADLEY, R. 1997. *Rock art and the Prehistory of Atlantic Europe*, Routledge.
- VALDEZ, J. & OLIVEIRA, L. 2005/2006. A arte rupestre da Citânia de Briteiros. O Penedo dos Sinais, um caso Atlântico. *Revista de Guimarães* 115/116:51-89.



FIG. 1 – Localização do Penedo dos Sinais na Carta Militar de Portugal, folha 71, esc. 1: 25 000.

FIG. 1 – Location of Penedo dos Sinais in the Military Chart of Portugal, sheet 71, scale 1:25,000.



FIG. 2 – Perspetiva sobre o Vale do Ave (fot. A. M. Baptista).

FIG. 2 – Perspective over the Ave valley (photo by A. M. Baptista).

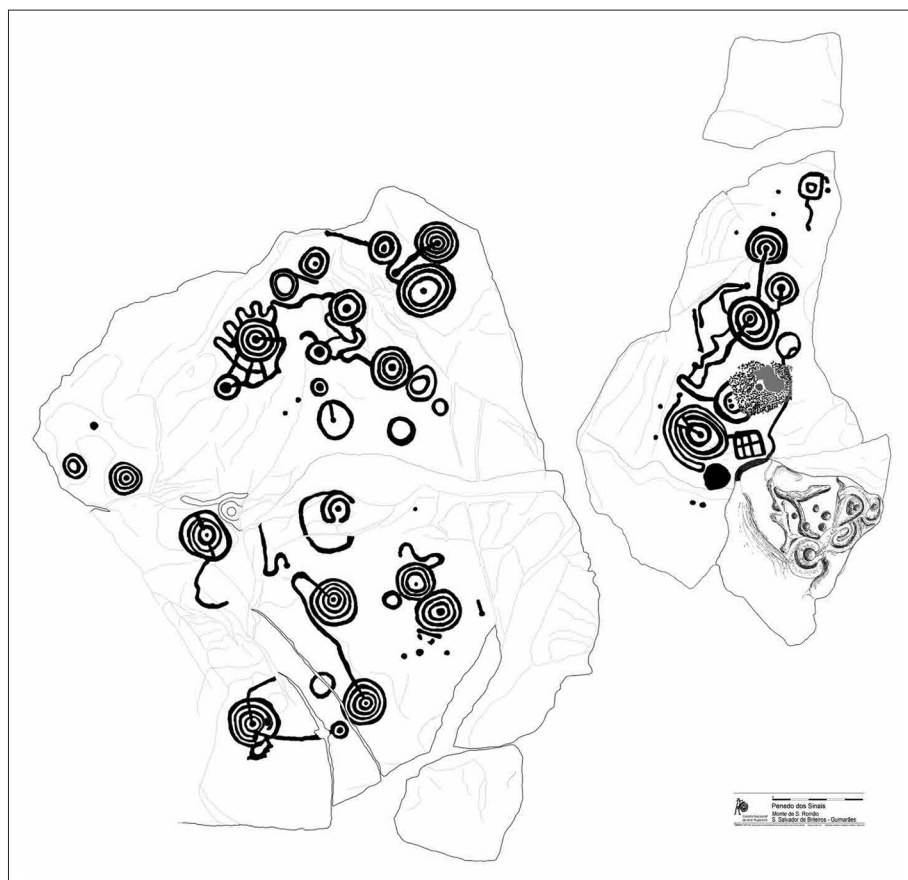


FIG. 3 – Desenho final resultante dos levantamentos efetuados durante o trabalho de campo.

FIG. 3 – Final drawing resulting from the tracings made during field work.

Gravuras rupestres da Quinta do Paço, S. Salvador de Briteiros, Guimarães
Rock engravings of Quinta do Paço, S. Salvador de Briteiros, Guimarães

Daniela Cardoso

Martins Sarmiento Society; University of Alto Douro, Vila Real, Portugal

E-mail: danyrest@gmail.com

Tipo de Sítio / Site: Arte Rupestre / Rock art.

Cronologia / Chronology: Calcolítico a Idade do Bronze Final / Chalcolithic to Late Bronze Age.

Localização Administrativa / Administrative Location: S. Salvador de Briteiros, Guimarães.

Coordenadas geográficas / Geographic coordinates: 41° 31' 32" N; 8° 18' 54" W.

Acesso / Access: Para aceder aos painéis da Quinta do Paço, segue-se pela estrada EN 309, na direção Briteiros – Braga. Estes localizam-se no Monte de S. Romão, a uma altitude entre os 250 e os 300 m., numa vertente orientada para nascente, dominando visualmente o vale do Ave e a Serra da Cabreira / To access the panels of Quinta do Paço, follow the National Road EN 309 in the direction Briteiros – Braga. They are located in Monte de S. Romão at an altitude between 250 m and the 300 m, in the East slope with visual predominance over the Ave's valley and Mountain of Cabreira (Fig. 1).

Devido à questão da salvaguarda deste sítio rupestre, a visita deve ser marcada através dos contactos abaixo mencionados e orientada por um dos arqueólogos da Sociedade Martins Sarmiento / Due to the issue of safeguarding this rock art site, the visit should be arranged through the contacts listed below and directed by one of the archaeologists from the Martins Sarmiento Society.

Contacto para marcação de visitas / Contact for booking visits: Telefone / Phone number (00 351) 253 478 952 E-mail: citania@msarmiento.org; **Visita virtual / Virtual tour at:** www.msarmiento.org

Os painéis com gravuras da Quinta do Paço foram detetados em 2006, no decorrer de trabalhos de Seminário dos alunos de Arqueologia da Universidade do Minho. Nesse monte eram já conhecidas algumas rochas com manifestações rupestres, devido aos incansáveis estudos que Francisco Martins Sarmiento aí realizou, no séc. XIX (Sarmiento 1905). No entanto, as investigações no âmbito da arte rupestre só foram retomadas em 2005, aquando do levantamento das gravuras rupestres do Penedo dos Sinais que se localiza a cerca de 250 m da rocha da Quinta do Paço (Valdez & Oliveira 2005/2006).

Terá sido determinante para a escolha deste sítio como local de gravação o facto destes painéis se situarem a meia vertente, com visibilidade para o vale e nas proximidades de um curso de água, elementos de relevância para a fixação das comunidades neste território (Fig. 2).

O suporte em granito (de duas micas) onde se podem observar as insculpturas rupestres da Quinta do Paço encontra-se muito fraturado e em mau estado de conservação. A total exposição da superfície insculturada à ação continuada dos agentes de erosão terá proporcionado uma degradação progressiva das gravuras, esbatendo os sulcos que foram provavelmente mais vincados. Tem-se esta percepção pela existência de sulcos mais visíveis do que outros. Esta zona foi, no passado, também alvo de incêndios o que agravou ainda mais o estado de conservação das gravuras, sendo esta mais uma das causas para que o suporte rochoso se encontre em desagregação.

Os painéis da Quinta do Paço apresentam-se profusamente ornamentados, contudo, os motivos são pouco visíveis à luz diurna mas através de luz rasante, à noite, tornam-se mais perceptíveis (Fig. 3).

A observação das gravuras que apresentam sulcos em forma de “U” aberto leva-nos a deduzir que estas foram obtidas através da técnica de percussão.

Os motivos circulares presentes nos 5 painéis têm em geral dimensões que variam entre 22 e 33 cm sendo predominantemente de 26 cm. As covinhas têm diâmetros entre 2 e 8 cm.

As gravuras deste sítio distribuem-se por cinco painéis, de um conjunto de sete, tendo a divisão em painéis sido feita em função das fraturas aí existentes. A rocha em questão não se encontra na sua totalidade a descoberto pelo que os limites dos painéis são artificiais.

O painel 1 mede 2,50 m por 1,68 m, com uma diagonal de 3,00 m. A partir da sua análise é possível observar um conjunto de 9 gravuras rupestres. Assim, na parte/secção superior do painel, zona mais elevada no terreno, pode observar-se um círculo concêntrico composto por três anéis, covinha central e traço radial que tem o seu término numa fratura. Este motivo encontra-se unido através de uma linha a um outro análogo. No seu lado direito, imediatamente após uma fratura, pode observar-se um terceiro círculo concêntrico, igualmente composto por três anéis e traços radiais que, através de várias linhas meandriformes, fazem ligação à parte central do painel onde se encontra um outro círculo concêntrico semelhante. Uma dessas linhas faz ligação direta à covinha central da representação circular. Ainda na parte central do painel, ladeando o motivo acima descrito, encontram-se mais quatro círculos concêntricos (dois à direita e dois à esquerda). Os da direita têm três anéis cada um. O que se situa na parte mais limítrofe deste painel tem menores dimensões, comparativamente com os restantes e dele parte um traço radial que termina no limite do painel. As duas representações de círculos localizadas à esquerda têm quatro anéis, cada uma. A que se encontra mais à esquerda do painel tem um traço radial e apêndice que possivelmente fará a ligação a um sulco profundo que se situa na sua imediação logo seguido de três covinhas de grandes dimensões. Finalmente na parte inferior do painel, na parte central situa-se um círculo concêntrico com três anéis e covinha central.

O painel 2 mede 1,67 m por 1,60 m com uma diagonal de 2,15 m. É composto por 7 gravuras. Na parte superior, à esquerda, pode observar-se um círculo concêntrico composto por três anéis e covinha central rematado por uma linha com uma covinha na sua extremidade. Lateralmente podem, ainda, visualizar-se três covinhas. À direita vê-se um labirintiforme de cinco voltas.

Na parte central do painel encontra-se uma composição de três representações circulares. A da esquerda representa um círculo concêntrico composto por três anéis e covinha central adossado a um motivo circular que não perfaz os 360°. Este é constituído por dois anéis e com uma covinha central de onde parte um sulco reto. Logo à sua direita existe um apêndice meandriforme rematado por uma covinha que sai do terceiro círculo concêntrico formado por três anéis e um traço radial. Na parte inferior do painel pode visualizar-se um a dois pequenos círculos concêntricos de dois anéis, cada um, e vestígios de um outro círculo de grandes dimensões formado por 5 anéis (encontra-se incompleto).

O painel 3 mede 2,61 m por 2,50 m com uma diagonal de 2,78m. Na parte superior do painel podem observar-se três círculos concêntricos. O da direita apresenta dois anéis, uma covinha central e apêndice com um sulco pouco profundo. Num plano ligeiramente abaixo, vê-se um outro círculo concêntrico com três anéis e uma grande covinha ao centro. À sua esquerda existe uma terceira insculptura com quatro anéis, traços radiais e um apêndice que termina próximo de uma fratura existente no suporte. Na parte inferior do painel podem visualizar-se dois círculos concêntricos de grandes dimensões, ambos com cinco anéis (Fig. 4).

O painel 4 mede 1,60 m por 2,00 m com uma diagonal 2,72 m. Neste painel encontra-se apenas a representação de um círculo concêntrico com três anéis e três covinhas de grandes dimensões, à sua direita.

O painel 5 mede 1,80 m por 2,32 m com uma diagonal 2,45 m. Neste painel apenas se observa a existência de três covinhas de grandes dimensões.

A descrição realizada é provisória, uma vez que o trabalho de levantamento ainda não foi concluído, faltando por esse motivo alguns elementos e detalhes. Contudo, dadas as características das gravuras rupestres da Quinta do Paço e através dos dados até ao momento recolhidos, pode analisar-se o conjunto e inscrevê-lo como pertencendo ao denominado ciclo de Arte Atlântica do Noroeste da Península Ibérica (Alves 2003). As comparações, as cronologias e a procura de eventuais relações com outras áreas geográficas são temas que permanecem, ainda, em aberto.

The panels with engravings of Quinta do Paço were detected in 2006, during the Seminar work of the students of Archaeology at the University of Minho. In the surroundings of this mount some rocks were already known with this kind of manifestations due to the tireless research that Francisco Martins Sarmento held there in the nineteenth century (Sarmiento 1905). However, the investigations in the context of rock art were only retaken in 2005, with the survey of the engravings of Penedo dos Sinais, which is located about 250 m from the rock of Quinta do Paço (Valdez & Oliveira 2005/2006).

The fact that these panels are located at half slope with visibility into the valley and in the vicinity of a watercourse, relevant factors to the fixation of communities in this territory, has been instrumental in choosing this place for the engravings (Fig. 2).

The rock in granite (of two micas) where the carvings of Quinta do Paço can be observed is very fractured and in disrepair. The total exposure of the carved surface to the continued action of erosion agents could have provided a gradual deterioration of the engravings, blurring the grooves that were probably more pronounced. This perception is justified by the existence of grooves that are more visible than others.

In the past, this area was also the target of fire, which still aggravated more the state of conservation of the engravings, and it is another cause of the rock's degradation.

The panels of Quinta do Paço are profusely ornamented, nevertheless, the motifs are slightly visible in daylight, but through oblique light, at night they become more perceptible (Fig. 3). The observation of the engravings that have open "U" shaped motifs leads us to conclude that these were obtained through the percussion technique. The engravings present in the 5 panels generally have dimensions varying between 22 cm and 33 cm, being 26 cm more predominant. The cup-marks have a diameter between 2 cm and 8 cm.

The rock engravings of this site are divided into five panels of a set of seven, and the division in panels was made in accordance with the fractures therein.

The rock in question is not entirely uncovered, so the limits of the panels are artificial. Panel 1 measures 2.50 m by 1.68m, and with a diagonal of 3.00 m. From its analysis, it is possible to observe a set of 9 engravings. Thus, in the superior part/section of the panel, the highest part of the land, one concentric circle composed of three rings, central cup-mark and a radial line that has its end in a fracture can be seen. This motif is connected to another similar motif by a groove line. In its right side, immediately after a fracture, there can be observed a third concentric circle equally composed of three rings and radial lines, which through various meander lines are connected to the central part of the panel to another similar concentric circle. One of these lines

is directly connected to the central cup-mark of the circular representation. In the central part of the panel, flanking the motif above described, there are four more concentric circles (two on the right and two on the left). The circles on the right have three rings each. What lies in the most bordering part of this panel is smaller compared with the remaining part, and from which a radial line is delineated, ending at the limit of the panel. The two representations of circles located on the left have four rings each. The one located in the leftmost of the panel has a radial line and an appendix that will possibly lead to a deep groove that lies in its immediacy soon followed by three large cup-marks. Finally, at the bottom of the panel, in the central part, a concentric circle with three rings and a central cup-mark is visible.

Panel 2 measures 1.67 m by 1.60 m and has a diagonal of 2.15 m, and seven engravings compose it. On the superior left part, we can observe a concentric circle composed of three rings and a central cup-mark surmounted by a line with a cup-mark on its end. Laterally, we can still visualise three cup-marks. On the right, we see a labyrinth motif form of five laps. On the central part of the panel, there is a composite of three circular representations. The one on the left represents a concentric circle composed of three rings and a central cup-mark addorsed to a circular motif, which does not reach 360 degrees. The latter consists of two rings and with a central cup-mark from where a straight groove emerges. Immediately to the right, there is a meander appendix finished with a cup-mark that leaves the third concentric circle formed by three rings and a radial line. At the bottom of the panel, we can visualise two small concentric circles of two rings each, and tracks of another large circle formed by 5 rings (which is incomplete).

Panel 3 measures 2.61 m by 2.50 m and with a diagonal of 2.78 m. On the superior part of the panel, three concentric circles can be observed. The one on the right presents two rings, a central cup-mark and an appendix with a shallow groove. On a slightly below plane we see another concentric circle with three rings and a large cup-mark in the centre. To its left, there is a third carving with four rings, radial lines and an appendix, which ends near an existing fracture in the rock. At the bottom of the panel, we can visualise two large concentric circles, both with five rings (Fig. 4).

Panel 4 measures 1.60 m by 2.00 m and with a diagonal of 2.72 m. In this panel, we can only find the representation of a concentric circle with three rings and three large cup-marks on its right.

Panel 5 measures 1.80 m by 2.32 m and with a diagonal of 2.45 m. In this panel, we only can observe the existence of three large cup-marks.

The above description is provisional as the field survey has not yet been completed, therefore, missing some elements and details. Nevertheless, given the characteristics of the engravings from Quinta do Paço and according to the data collected to date, we can analyse the set and include it in the so-called cycle of Atlantic Art of the Northwest of the Iberian Peninsula (Alves 2003). The comparisons, the chronologies and the search for eventual relations with other geographical areas are issues that still remain open.

AKNOWLEDGMENT:

This work was developed in the scope of the project *Espaços naturais, arquiteturas, arte rupestre e deposições na pré-história recente da fachada ocidental do centro-norte português: das ações aos significados* – ENARDAS / Natural spaces, architecture, rock art and depositions from the Late Prehistory of the Western front of Central and Northern Portugal: from actions to meanings (reference PTDC/HIS-ARQ/112983/2009) financed by the Operational Programme “Thematic Factors of Competitiveness” (COMPETE) and by the European Regional Development Fund (Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional – FEDER).

MAIN BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

- ALVES, L.B. 2003. *The movement of signs. Post-glacial rock art in North-western Iberia*. Reading: Department of Archaeology of the University of Reading. Dissertação de Doutoramento.
- SARMENTO, F.M. 1905. Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães – Citânia. *Revista de Guimarães* 22 (1-2): 16-25.
- SARMENTO, F.M. 1933. *Dispersos*. Coimbra: Imprensa Nacional e Universidade de Coimbra.
- VALDEZ, J.& OLIVEIRA, L. 2005/2006. A arte rupestre da Citânia de Briteiros. O Penedo dos Sinais, um caso Atlântico. *Revista de Guimarães* 115/116:51-89.



FIG. 1 – Localização da Citânia de Briteiros na Carta Militar de Portugal.

FIG. 1 – Location of Citânia de Briteiros in the Military Chart of Portugal.



FIG. 2 – Vista geral dos painéis da Quinta do Paço e sua envolência durante o dia.

FIG. 2 – Overview of the panels from Quinta do Paço and its surroundings during the day.



FIG. 3 – Vista geral dos painéis da Quinta do Paço através de luz rasante, à noite.

FIG. 3 – Overview of the panels from Quinta do Paço through oblique light, at night.



FIG. 4 – Vista em pormenor das gravuras rupestres no painel 3 da Quinta do Paço.

FIG. 4 – Detail view of the rock art in panel 3 from Quinta do Paço.

Serra da Aboboreira, Amarante, Baião, Marco de Canaveses
The Mountains of Aboboreira, Amarante, Baião, Marco de Canaveses

Domingos J. Cruz

Faculty of Arts of the University of Coimbra, Portugal; Transdisciplinary Research Centre
Culture, Space and Memory – CITCEM. E-mail: domingos.cruz@fl.uc.pt

Localização administrativa / Administrative Location: concelhos de Amarante, Baião e Marco de Canaveses, Porto / Municipalities of Amarante, Baião and Marco de Canaveses, Oporto district. Sítios a visitar e coordenadas geográficas / Places to visit and geographic coordinates: a maior parte dos sítios arqueológicos da serra da Aboboreira não são observáveis, face às suas características não monumentais, situação topográfica, cobertura vegetal densa, etc.; são visitáveis os monumentos megalíticos situados nas proximidades do estradão que atravessa o relevo, destacando-se: Dólmen de Chã de Parada (coordenadas geográficas Greenwich: 8° 00' 23,57" W; 41° 12' 14,59" N); Dólmen 3 das Meninas do Castro (8° 01' 8,57" W; 41° 12' 8,51" N); dólmenes de Outeiro de Ante (dólmen 2: 8° 02' 2,68" W; 41° 11' 37,70" N); dólmenes de Outeiro de Gregos (dólmen 2: 8° 02' 20,89" W; 41° 11' 21,48" N) (Fig. 1). À distância podem observar-se os relevos dominantes da região, cuja ocupação remonta à Idade do Bronze / Ferro e período medieval: Alto da Caldeira (setor ocidental da Aboboreira); Castelo de Matos (Castelo 3.º na cartografia), relevo cónico fronteiro à serra da Aboboreira, na margem esquerda do rio Ovil). Em Baião será útil visitar o Museu Municipal / Most of the archaeological sites in Mountains of Aboboreira are not visible due to its non monumental characteristics, topographical conditions, dense vegetational cover, etc. The Megalithic monuments that can be visited are the ones located in the proximity of the dirt road that crosses the relief, mainly: the Dolmen of Chã de Parada (Greenwich geographic coordinates: 8° 00' 23,57" W; 41° 12' 14,59" N); Dolmen 3 of Meninas do Castro (8° 01' 8,57" W; 41° 12' 8,51" N); dolmens of Outeiro de Ante (dolmen 2: 8° 02' 2,68" W; 41° 11' 37,70" N); dolmens of Outeiro de Gregos (dolmen 2: 8° 02' 20,89" W; 41° 11' 21,48" N) (Fig. 1). In the distance, we can observe the dominant reliefs of this region, which occupation dates back to Bronze/Iron Age and mediaeval period: Alto da Caldeira (western setor of Aboboreira); Castelo de Matos (Castle 3 in cartography, conical-shaped relief facing the Mountains of Aboboreira, on the left bank of river Ovil). In Baião, it is worthwhile the visit to the Municipal Museum.

Acesso / Access: Porto / Amarante ou Marco de Canaveses (autoestrada: A4); Amarante / Baião: estrada nacional 101 (Amarante / Boavista); estrada nacional 321 (Boavista / Baião); Marco de Canaveses / Baião: estrada nacional 321-1 (ou itinerário complementar da A4). Acede-se à serra da Aboboreira por estradão (terra batida): estrada 321-1 / área industrial de Baião / Currais / Almofrela; estrada nacional 321 (por Queimada); estrada nacional 101 (Amarante e Alto da Boavista), por Carvalho de Rei; acessos sinalizados (estrada 321); // Oporto / Amarante or Marco de Canaveses (motorway: A4); Amarante / Baião: National Road 101 (Amarante / Boavista); National Road 321 (Boavista/Baião); Marco de Canaveses / Baião: National Road 321-1 (or complementary itinerary to A4). We access Mountains of Aboboreira by a dirt road: road 321-1 / industrial area of Baião / Currais / Almofrela; National Road 321 (through Queimada); National Road 101 (Amarante and Alto da Boavista), through Carvalho de Rei; signalised accesses (road 321).

A “serra” da Aboboreira é um relevo antigo, de configuração subtrapezoidal, constituindo, com o bloco que lhe é paralelo – a “serra” onde se implanta, imponente, o monte de Castelo de Matos, e a que se encontra ligado a NE pelo estrangulamento dos Padrões –, o prolongamento mais ocidental da serra do Marão. Com mais de 15 km de extensão e cerca de 7 km de largura, desenvolvendo-se segundo a direção NE-SO, podemos defini-la pelos vales onde correm subsidiários dos rios Tâmega e Douro: o vale do rio Fornelo (ou Carneiro), de direção NO-SE, limita-a a NE; a sul e a SE, separando-a da serra do Castelo de Matos, corre-lhe o rio Ovil; a NO, o Ovelha, afluente do Tâmega; na extremidade SO é contornada pelo Douro e pelos vales dos rios Juncal-Galinhas e pela ribeira da Roupeira.

O cimo da Aboboreira corresponde a um planalto alteado, levemente ondulado, desenvolvendo-se à altitude média de cerca de 940 m, com um ou outro ponto elevado, atingindo cotas próximas dos 1000 m; destacam-se os vértices geodésicos de Meninas do Crasto (965 m), S.^a da Guia (960 m) e Abogalheira (960 m), que definem amplas superfícies aplanadas (chãs), como as de Outeiro de Ante, Outeiro de Gregos, Abogalheira, S.^a da Guia / Meninas do Crasto, etc. Periféricamente, a altitudes mais baixas, assinalam-se chãs de dimensão mais limitada – particularmente a SO –, cuja individualização resulta da interposição de pequenos cabeços: Touta, Carvalho de Rei / Castelo, Cabras / Cabritos, Estaladouro, S. Jorge, Serrinha, Salgueiro / Ventosa, Loureiro (Grilo). A regularidade e suavidade deste relevo contraforte do Marão é, por vezes, na superfície superior, como nas vertentes, particularmente na encosta voltada ao Ovelha, marcada por caos de blocos de granito porfíroide e penedos arredondados, em curiosos arranjos naturais – como o são as conhecidas “pedras bolideiras” – e, nas chãs, pelas construções tumulares pré-históricas, relevos artificiais de volume limitado mas que se impõem nesta paisagem, hoje quase desprovida de vegetação arbórea.

O povoamento mais antigo da serra da Aboboreira remontará ao período de 4500 / 4000 a. C. Os vestígios são escassos, mas permitem reconhecer povoados limitados, sem preocupações de defesa, em plataformas próximas de linhas de água ou de terrenos com humidade edáfica. É o caso, por exemplo, do sítio da Lavra (Soalhães, Marco de Canaveses), ou de Penedos Altos (Campelo, Baião), junto ao ribeiro do Frogueirão. As plataformas superiores da serra, acima dos 900 m de altitude, eram igualmente frequentadas, como nos indicam os vestígios habitacionais identificados sob as estruturas tumulares de sepulcros que datam dos finais do V milénio/ inícios do IV milénio a. C., mas que poderão reportar-se a momento anterior. O povoamento parece ser disperso e não muito denso. Recorrer-se-ia ao fogo para a abertura de clareiras, fosse para a implantação dos povoados, a mais fácil exploração dos recursos cinegéticos, a prática da pastorícia, eventualmente, também, da agricultura. O solo conservado sob a Mamoa de Chã de Carvalho (Grilo, Baião), datado, aproximadamente, entre 6200 e 4000 a. C., revela exatamente a ocorrência de incêndios identificados através das numerosas partículas de carvão vegetal.

Entre cerca de 4200 e 1500 a. C. constroem-se na serra da Aboboreira numerosos túmulos. Apresentam características diversificadas, como se compreende, face ao longo período de tempo. Os mais antigos são de maiores dimensões, mais volumosos, mais marcantes do terreno. Correspondem a relevos mamiformes, construídos com terra e pedra (*tumulus* ou mamoa). Contêm no seu interior câmaras funerárias, de pequenas dimensões, definidas por vários esteios (dólmenes) (Figs. 2, 3 e 4). Por vezes são abertos e, num caso, o dólmen possui corredor de acesso, para além de espaços rituais no exterior da construção megalítica (Dólmen de Chã de Parada) (Fig. 5), denotando uma crescente complexidade construtiva e funcional. Os últimos monumentos deste tipo datam de um pouco antes de 3500 a. C. Alguns, no entanto, serão reutilizados em momentos mais tardios.

As construções posteriores são menos monumentais. Os relevos artificiais que protegem o espaço sepulcral são volumetricamente menos expressivos (Fig. 6), para além de se localizarem em áreas periféricas, por vezes deprimidas. Alguns são construídos inteiramente em pedra – “cairns” – associando-se-lhes outras estruturas, como os círculos de lajes fincadas, delimitando o *tumulus* (Meninas do Crasto 4) ou os blocos, também com disposição circular, colocados na parte média do montículo. As câmaras são também mais pequenas, apontando para inumações individuais, ou de carácter mais restrito. Em alguns casos não foi possível definir um espaço formal de deposição funerária (Outeiro de Gregos 5), o que parece talvez significar que o monumento mais não era do que as pedras que se acumulam em torno do corpo.

Os vestígios habitacionais das populações que tumularam os seus mortos ao longo de milénios na serra da Aboboreira são escassos. Tal dever-se-á às condições de conservação, que se ligam aos processos de erosão de vestígios deixados a céu aberto e que não sofreram encobrimento rápido, e ao tipo de sociedades e modo de subsistência. Os primeiros dólmenes relacionar-se-iam com comunidades de pequena dimensão, não muito diferenciadas, segmentares e algo itinerantes, ou seja, com povos que circulariam no território de que dependiam, conheciam bem e controlam. Admite-se um sedentarismo estacional associado à exploração de uma gama diversificada de recursos que a natureza proporcionaria, a par da produção direta de alimentos, através da agricultura – certamente incipiente – e, sobretudo, da criação de gado. Neste contexto, a colaboração intergrupar seria comum, quer para a exploração de recursos vegetais, quer para a construção de monumentos funerários ou, simplesmente, para reunião social ou com finalidades religiosas.

O sepulcro onde se guardam os ancestrais é o que de mais marcante nos deixaram estas sociedades. O monumento sepulcral coletivo, que marca a paisagem (pelo menos a mais imediata), constituirá, talvez, uma referência de carácter identitário. É também possível que desempenhasse outros “papéis”. Os mortos poderiam constituir um meio de legitimação da “posse” e controlo do território, pois ali se encontravam enterrados, desde longa data, os fundadores da sociedade. Sem dúvida que o envolvimento da população em “obras públicas”, ou seja, trabalhos coletivos que interessavam a todos, como também a sua participação em atos cerimoniais, poderia atuar como fator de integração social, fomentando a unidade do grupo, aspeto de facto importante em sociedades simples, algo igualitárias.

Os monumentos mais tardios revelam já outro tipo de preocupações. Os mortos são ainda importantes, mas trata-se agora da sepultura de líderes (ou dos familiares das elites dirigentes), que carregam consigo os *itens* que em vida os distinguiram na sociedade. A Mamoa 1 de Chã de Carvalho denotará já este processo de diferenciação social e da emergência de elites detentoras do poder. Os objetos que se recolhem nestas sepulturas são por isso distintos, de carácter individual, feitos de matérias-primas raras e, por esse facto, muito apreciados (armas de cobre, joias de prata, vasos decorados e de feitura mais fina, objetos de adorno em materiais menos comuns, etc.). Datáveis dos finais do III milénio a. C. foram identificados, no sítio do Tapado da Caldeira, nas terras mais superficiais que cobriam as sepulturas planas (sem *tumulus*) da Idade do Bronze, fragmentos cerâmicos, nomeadamente de vasos campaniformes, que poderão também relacionar-se com um habitat existe nas imediações.

Em momentos ulteriores, genericamente inseríveis no II e inícios do I milénios a. C., os vestígios habitacionais são bastante mais significativos: Bouça do Frade (Fig. 7), Alto da Caldeira e Lavra, no setor ocidental da serra; Alto de Quintela e Monte Calvo, no setor oriental; e ainda, na parte média da relevo, na encosta virada ao Ovil, os vestígios de um possível povoado no “Curro de Ovil”, fronteiro ao Castelo de Matos, já na margem esquerda daquele rio e cuja ocupação inicial data dos finais da Idade do Bronze. A Bouça do Frade, Monte Calvo, Vale de Quintela e

Lavra situam-se em áreas baixas e periféricas da serra, ocupando superfícies de meia encosta, aparentemente sem preocupações de ordem defensiva, relacionando-se diretamente com pequenos cursos de água e terras agricultáveis, sendo também notória a preocupação de os proteger dos ventos dominantes de NE. Já o Castelo de Matos (Fig. 8) e o Alto da Caldeira ocupam relevos elevados, com condições naturais de defesa e posição topográfica privilegiada, permitindo-lhes o controlo visual de vastas áreas geográficas.

Assim, entre os meados / finais do II e os inícios do I milénios a. C., a serra da Aboboreira assistiu à fixação de comunidades, correspondendo a um modelo demográfico disperso, que exploravam intensivamente pequenos territórios, talvez integradas em sistemas socioeconómicos mais vastos. As sepulturas destas populações são agora individuais e discretas, tendo-se perdido o “hábito” de assinalar o espaço sepulcral (pelo menos com uma estrutura duradoura de pedras). O ritual, de inumação, por outro lado, obedece a certa uniformidade: em cada sepultura é colocado apenas um vaso, produto que, no entanto, parece manter o carácter de excecionalidade, além de indiciar uma adequação ao estatuto social (ou apenas à idade) do morto. Podemos falar agora de verdadeiros cemitérios, com sepulturas contíguas, sensivelmente com a mesma orientação. Estas alterações, ao nível do tipo de estruturas funerárias (sepulturas planas, não monumentais), como também do tipo de espólio que acompanha o morto, poderá significar a perda gradual de importância das cerimónias funerárias como estratégia social, isto é, as “elites” detentoras do poder, assegurariam o seu estatuto social por outras formas de reconhecimento: a morte não seria já tão importante neste contexto e as cerimónias com ela relacionadas seriam bem mais discretas, reservadas a poucos, e uniformes, ainda que, certamente, respeitando as diferenças existentes em cada grupo social. É possível que nos momentos muito finais da Idade do Bronze (ou mesmo já da Idade do Ferro) tenha sido introduzido o ritual da incineração, como no-lo parece dizer a “urna” recolhida sobre uma das sepulturas do Tapado da Caldeira.

The “Mountain” of Aboboreira is an old relief, of a sub-trapezoidal configuration, constituting, with the block that is parallel to it – the “mountain” where it is implanted the impressive Monte of Castelo de Matos, and to which it is linked on the NE side by the bottleneck of Padrões – the most western continuation of Marão Mountain. With more than 15 km long and about 7 km wide, developing in the NE-SW direction, we can define it by the valleys where the subsidiaries of rivers Tâmega and Douro flow: the valley of the river Fornelo (or Cameiro), direction NW-SE, limiting itself to NE; to the South and SE, separating it from the Monte of Castelo de Matos, runs the river Ovil; to NW the Ovelha river, a tributary of Tâmega river; in the SW extremity it is contoured by Douro river and by the river valleys of Juncal-Galinhas and by the Roupeira stream.

The top of Aboboreira corresponds to a raised plateau, slightly undulated, developing at an average altitude of about 940 m, with one or another elevated point, reaching levels close to 1000 m; highlighting the geodesic vertices of Meninas do Castro (965 m), S.^a da Guia (960 m) and Abogalheira (960 m), which define wide level surfaces (plains), as the ones in Outeiro de Ante, Outeiro de Gregos, Abogalheira, S.^a da Guia/Meninas do Castro, etc. Peripherally, at lower altitudes, we can distinguish plains of smaller size – particularly to the SW –, whose individualisation results from the interposition of small hilltops: Touta, Carvalho de Rei / Castelo, Cabras / Cabritos, Estaladouro, S. Jorge, Serrinha, Salgueiro/Ventosa, Loureiro (Grilo). The regularity and smoothness of this relief is, sometimes, on the higher surface, as well as on the slopes, particularly on the slope turned to river Ovelha, marked by a chaos of porphyroid granite blocks and rounded outcrops, in curious natural arrangements – as the ones known as “*bolideira* rocks”

– and in the plains, by the prehistoric tomb constructions, artificial reliefs of a limited volume but that impose themselves on this landscape, today almost deprived of any arboreal vegetation.

The oldest settlement of Aboboreira mountain date back to the period of 4500/4000 BC. The evidence is scarce but allows to recognise small settlements, with no defense mechanisms, in platforms close to water lines or to terrains with edaphic humidity. It is the case, for example, of Lavra (Soalhães, Marco de Canaveses), or Penedos Altos (Campelo, Baião), near the Frogueirão stream. The higher platforms of the Mountain, above 900 m of altitude, were equally frequented, as shown by the evidences of habitation identified under the tomb structures, which date from the end of the fifth millennium/beginning of the fourth millennium BC, although they could be from an earlier period. The settlement seems disperse and not very dense. They would use fire to open clearings, whether to establish settlements, or easily exploit hunting resources, or for herding practices and, eventually, agriculture. The soil preserved under the tumulus of Chã de Carvalhal (Grilo, Baião), dated approximately between 6200 and 4000 BC, reveals the occurrence of fires identified through numerous particles of vegetable charcoal.

Between *circa* 4200 and 1500 BC, numerous tombs are constructed in the Aboboreira Mountain. They have diverse characteristics, as it is understandable, due to the long time period. The older ones are of bigger dimensions, bulkier, more prominent on the terrain. The latter correspond to mammiform reliefs, constructed with earth and stone (tumulus or burial mounds). They contain in their interior funerary chambers, of small dimension, defined by several orthostats (Figs. 2, 3 and 4). Sometimes they are opened and, on one case, the dolmen has an access chamber, as well as ritual spaces in the exterior of the megalithic construction (Dolmen of Chã de Parada) (Fig. 5), denoting a crescent constructive and functional complexity. The last monuments of this type date just before 3500 BC. However, some will be reused in later moments.

The subsequent constructions are less monumental. The artificial reliefs that protect the sepulchral space are less expressive in terms of volume (Fig. 6), besides their location in peripheral areas, and sometimes in lower areas. Some are built entirely in stone – cairns – associating them to other structures, as the circles of fixed slabs, delineating the tumulus (Meninas do Castro 4) or the blocks, also with a circular arrangement, located in the medium part of the mound. The chambers are also smaller, pointing to individual inhumations, or of a more restrict character. In some cases it was not possible to define a formal space of funerary deposition (Outeiro de Gregos 5), which seems to indicate that the monument was no more than stones that were accumulated around the body.

The occupancy vestiges of the populations that buried their dead through millennia on the Aboboreira mountain are scarce, probably due to the conservation conditions that are connected to erosion processes of the vestiges left on the open air, which did not undergo a rapid covering, and also to the type of community and their means of subsistence. The first dolmens would relate to small segmented and rather itinerant communities, not very different from each other, that is, peoples that would circulate the territory from which they would depend on, knew well and controlled. We acknowledge a seasonal sedentariness associated to the exploitation of diverse resources that nature presented, synchronised with direct production of foods through agriculture – certainly incipient – and mostly herding of cattle. In this context, the collaboration between groups would be common, either for vegetable exploitation, or for the construction of funerary monuments, or simply for social gathering with religious intents.

The sepulchre where they kept their ancestors is the most marking monument that these societies have left us. The collective sepulchre monument, which marks the landscape (at least the most immediate), would possibly create an identity reference. It is also possible that it had

played other “social roles”. The dead could have been a mean of legitimising the “ownership” and control of the territory, because the founders of the society were buried there for a long time. It is without a doubt that the involvement of a population in “public works”, that is, of collective works that are important to everyone, as well as the participation in ceremonial acts could play as a factor in the social integration, fostering the group unit, an important aspect of simple and rather equal societies.

The later monuments reveal other type of concerns. The dead were still important but the tombs were now dedicated to leaders (or families of elite leaders) that carry with them items that in life distinguished them in the society. Tumulus 1 of Chã de Carvalhal displays already this social differential process and the appearance of these powerful elites. The objects recovered from these graves are therefore distinct, of individual character, made of rare raw materials and, therefore, admired (copper weapons, silver jewellery, more finely built decorated vases, ornamental objects made from less common materials, etc.). Dating from the end of the third millennium BC, potsherds, mainly from bell beaker vases were identified at Tapado da Caldeira, in superficial soils that covered flat tombs (with no tumulus) from the Bronze Age. They could also be related to the existing habitat in the vicinity.

In latter moments, generically inserted in the second and beginning of first millennium BC, the occupancy vestiges are very significant: Bouça do Frade (Fig. 7), Alto da Caldeira and Lavra, on the western sector of the mountain; Alto da Quintela and Monte Calvo, on the eastern sector; and also on the medium part of the relief, on the slope facing Ovil, the possible vestiges of a settlement in “Curro de Ovil”, facing Castelo de Matos, on the left bank of that river, and which initial occupation dates from Late Bronze Age. Bouça do Frade, Monte Calvo, Vale de Quintela and Lavra are located in low peripheral areas of the mountain, occupying the medium areas of the hillside, apparently with no defence mechanisms but concerned with protecting themselves from prevailing winds from NE, and they are also related directly to small watercourses and agricultural areas. Castelo de Matos (Fig. 8) and Alto da Caldeira occupy elevated reliefs with natural defence conditions and a privileged topographical position, allowing them the visual control of vast geographic areas.

Therefore, between the mid/late second and beginning of the first millennia BC, the Aboboreira mountain saw the establishment of communities corresponding to a demographic disperse model, which would intensely explore small territories, possibly integrated in vast sócio-economic systems. The tombs of these populations are individualistic and discreet, having lost the “habit” of indicating the sepulchre space (at least with a long-lasting stone structure). On the other hand, the inhumation ritual obeys to a certain uniformity: in each tomb only one vase is placed, a product that still seems to maintain an exceptional character, as well as indicating an adequacy to the social status (or just to the age) of the dead. We can now mention true cemeteries with neighbouring tombs, mostly with the same orientation. In terms of funerary structures (flat tombs, not monumental), as well as the type of materials that accompany the dead, these alterations could indicate a gradual loss of importance in funerary ceremonies as a social strategy, in other words, the “elite”, holders of power, assured their social status by other means of recognition: death would not be so important in this context and the related ceremonies would be more discreet, reserved to a few, and identical, even though respecting the existing social differences of each group. It is possible that in the final moments of the Bronze Age (or even the Iron Age) an incineration ritual had been introduced, as it seems by the recovery of an “urn” above one of the tombs at Tapado da Caldeira.

MAIN BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

- CRUZ, D.J. 1992. *A Mamoa 1 de Chã de Carvalhal no contexto arqueológico da Serra da Aboboreira*. Confimbriga - Anexos 1. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- FERNANDES, A.P. 1960. O vale de fractura de rio Fornelo-Padronelo-Amarante. *Boletim do Museu e Laboratório e Geológico da Faculdade de Ciências* 8 (2): 139-147.
- JORGE, S.O. 1988. *O Povoado da Bouça do Frade (Baião) no Quadro do Bronze Final do Norte de Portugal*. Monografias Arqueológicas 2. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto.
- JORGE, V.O. 1989. Arqueologia social dos sepulcros megalíticos atlânticos: conhecimentos e perspectivas actuais. *Revista da Faculdade de Letras* 6. 2.^a série: 365-443.
- RIBEIRO, O.; LAUTENSACH, H.; DAVEAU, S. 1987-1990. *Geografia de Portugal*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- SANCHES, M.J. 1988. O povoado da Lavra (Marco de Canaveses). *Arqueologia* 17: 125-134.
- TEIXEIRA, C.; FERNANDES, A.; PERES, A. 1967. *Carta geológica de Portugal na escala de 1/ 50.000. Notícia explicativa da folha 10-C (Peso da Régua)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.



FIG. 1 – Localização dos monumentos megalíticos da serra da Aboboreira: 1 – Dólmen 1 de Chã da Parada; 2 – Dólmen 3 de Meninas do Crasto; 3 – Dólmen 2 de Outeiro de Ante; 4 – Dólmen 2 de Outeiro de Gregos. “Carta Militar de Portugal”, escala de 1/ 25.000, fls. 113 – Amarante (1997) e 125 – Baião (1998).

FIG. 1 – Location of the megalithic monuments of Mountains of Aboboreira: 1 – Dolmen 1 of Chã da Parada; 2 – Dolmen 3 of Meninas do Crasto; 3 – Dolmen 2 of Outeiro de Ante; 4 – Dolmen 2 of Outeiro de Gregos. “Military Chart of Portugal”, scale 1/25,000, sheets 113 — Amarante (1997) and 125 — Baião (1998).



FIG. 2 – Dólmen 3 de Meninas do Crasto (Baião). Dólmen simples. Vista de estesudeste.

FIG. 2 – Dolmen 3 of Meninas do Castro (Baião). Simple dolmen. View from ESE.



FIG. 3 – Mamoa de Carvalho de Rei (Amarante). Dólmen simples. Vista de sul.

FIG. 3 – Tumulus of Carvalho de Rei (Amarante). Simple dolmen. View from the south.



FIG. 4 – Mamoa 2 de Outeiro de Gregos (Baião). Dólmen simples. Vista de sssudoeste.

FIG. 4 – Tumulus 2 of Outeiro de Gregos (Baião). Simple dolmen. View from SSW.



FIG. 5 – Dólmen 1 de Chã de Parada (Baião). Dólmen de corredor. Visto de estenordeste.

FIG. 5 – Dolmen 1 of Chã da Parada (Baião). Dolmen with corridor. View from ENE.



FIG. 6 – Monumento do Alto das Lapas (Carvalho de Rei, Amarante). “Cairn” da Idade do Bronze. Vista de susudoeste.

FIG. 6 – Monument of Alto das Lapas (Carvalho de Rei, Amarante). Bronze Age cairn. View from SSW.



FIG. 7 – Bouça do Frade (Baião). Povoado do Bronze Final. Fossa aberta no saibro.

FIG. 7 – Bouça do Frade (Baião). Late Bronze Age settlement. Open pit in bedrock.



FIG. 8 – O outeiro do Castelo de Matos (ocupação do Bronze Final e da Alta Idade Média).

FIG. 8 – The bold granite mass of Castelo de Matos (occupation from Late Bronze Age and Early Middle Age).

Monte da Penha, Guimarães. Um lugar estruturante na paisagem pré-histórica
The Penha Mount, Guimarães. A structural place in the prehistoric landscape

Hugo Aluai Sampaio

University of Minho, Braga, Portugal; Transdisciplinary Research Centre Culture, Space
and Memory – CITCEM. E-mail: hugoaluai@gmail.com

Tipo de sítio / Site: Lugar de deposições ou amortizações de objetos metálicos (cobre, bronze, ouro e ferro?), cerâmicos e líticos / Place of depositions or amortisations of metallic (copper, bronze, gold and iron?), pottery and lithic objects.

Cronologia / Chronology: Desde o Calcolítico até, pelo menos, ao Bronze Final, senão mesmo, até à Idade do Ferro / Since the Chalcolithic up to at least Late Bronze Age, if not until Iron Age.

Localização administrativa / Administrative Location: lugar da Penha, freguesias de Abação, Costa e Mesão Frio, Guimarães, Braga. / Penha, parishes of Abação, Costa and Mesão Frio, Guimarães, Braga.

Coordenadas geográficas (ponto central) / Geographical coordinates (central point): 41° 25' 17" N; 8° 16' 02" W.

Altitude máxima / Maximum altitude: 613 m.

Acesso / Access: Há três caminhos possíveis para aceder ao local utilizando a N 101-2 ou a EM 579, mas a melhor forma é recorrendo ao teleférico que parte da base da vertente Oeste até ao topo / There are three possible paths to access the site using the National Road 101-2 or the Municipal Road 579, but the best way is travelling by cable car which leaves the western bottom slope up to the top.

A nascente da cidade de Guimarães destaca-se, com os seus 613 m, das colinas e restantes montes imediatos. Geomorfologicamente contém diversas formas graníticas que constituem inúmeros abrigos naturais (Figs. 1a,1b,1c), onde a hidrologia detém presença significativa.

Os dados físicos relativos ao local, as materialidades encontradas e a tentativa da sua contextualização a partir de novos pressupostos teóricos, sistematizadas em Sampaio *et al.* (2009) parecem indiciar que este monte foi ocupado na longa diacronia como lugar de cerimónias que culminaram na deposição de artefactos metálicos, cerâmicos e líticos e, talvez, de corpos, em abrigos, fendas e fontes, nas plataformas baixas, médias e altas das suas vertentes e na sua linha de cumeeada.

A ocupação mais antiga do local, pelo menos para a sua extremidade ocidental, remonta ao Calcolítico. Aqui as materialidades surgiram essencialmente no interior de abrigos naturais de topo, principalmente a norte. O facto de terem aparecido recipientes cerâmicos de tipo Penha bastante completos, apesar das condições de trabalho no local aquando da sua descoberta, em inícios e meados do século XX, indiciam contextos fechados após a sua amortização (Fig. 2a). Além disso, a excepcionalidade de alguns objetos confere ao local uma especialidade que, num processo diacrónico de adição, foi contribuindo para a sua “construção” enquanto lugar. Leia-se a seguinte passagem de Cardoso (1968:273): “...na mesma estação pré-histórica se tem encontrado vários instrumentos de bronze e de cobre (...), machados de pedra polida, pontas de seta (...), trituradores de cereais, pedras de afiar, etc.”. As três pontas de seta, em quartzito, xisto e sílex, com bases triangulares e côncavas, encontram-se em bom estado de conservação e não

aparentam traços de utilização, podendo associar-se a ritos fúnebres (Fig. 2b). Regista-se, ainda, um fragmento de um vaso oculado e um outro de um vaso campaniforme.

Durante o Calcolítico Final/Bronze Inicial continuam a efetuar-se deposições no Monte da Penha. A esta cronologia poderão atribuir-se: um braçal de arqueiro em pedra de contexto desconhecido, que remete para práticas funerárias (Fig. 3a); um machado plano de cobre, exumado da plataforma baixa ou média da vertente norte, na freguesia de Mesão Frio (Fig. 3b), e um fragmento de gume de um machado plano de cobre encontrado nas imediações da fonte de Santa Catarina, no cume, entre afloramentos. A este propósito refere Pina (1928:138) “... ali, para o lado da nascente de água (...) encontrámos mais alguns restos de cerâmica, mós e machados de pedra, um machado de cobre, uma formosa lança margiana, discos de pedra polida e pedacinhos de rouge e ocre para tatuagem, sem contar com alguns machados de bronze, surripiados pelos trabalhadores”, formas excecionais e conectadas com deposições de grande valor simbólico e que reforçam o caráter deste lugar.

O conjunto de vasos inteiros depositados no Museu da Sociedade Martins Sarmiento (MSMS) atribuíveis genericamente à Idade do Bronze corrobora, da mesma forma, indícios de amortizações de objetos em contextos fechados durante este período (Fig. 4a). Enquadrável no Bronze Médio ou Final, proveniente de local impreciso daquele monte mas também de grande excecionalidade, serão os dois machados de talão de uma aselha pertencentes ao MSMS, com entradas registadas em 1950 e 1958 (Fig. 4b).

Durante o Bronze Final perduraram as deposições de artefactos metálicos. No lugar de Pedreira da Pena/Quinta do Telhado, freguesia de S. Tomé de Abação, duas pontas de lança de alvado foram encontradas ao lado de um grande batólito e em associação a uma taça de carena baixa com asa de prensão vertical (forma 12 de Bettencourt 1999) (Fig. 5). Cardoso (1968: 280) requereu “...à Delegação do Instituto Arqueológico Alemão para promover a realização (...) [da datação por radiocarbono aos] fragmentos de madeira incarbonizada, pertencentes às hastes destas lanças ou dardos (...) [encontrados] dentro do alvado”. Esta data, publicada em 1971 pelo mesmo autor e calibrada por Bettencourt (1998), aponta para o último quartel do II/ início do I milénios (Ref. GrN 5568: 2880±65BP, CAL 2 Sigma 1268-900 AC).

No lugar do Souto Escuro, na Cantonha, freguesia da Costa, na base de um penedo na plataforma média da vertente norte, exumou-se um conjunto de três braceletes e de dois diademas de ouro e uma forma cerâmica. Segundo Cardoso (1937:90) “A vasilha, destruíram-na quando a desenterravam, e os cacos, dispersos na terra, perderam-se” (Fig. 6).

Apesar de nas escavações efetuadas na área da capela de Santa Catarina, em 2002, se ter detetado um empedrado do Bronze Final, datado radiometricamente dos fins do século XII a meados do IX AC (Ref. AA63075: 2812±41 BP, CAL. 2 sigma 1111-844 AC) a reduzida presença de cerâmica não valida a existência de um povoado.

Embora nas prospeções e escavações efetuadas nunca tenham sido detetados objetos da Idade do Ferro, é provável que os dois vasos praticamente inteiros datáveis deste período, encontrados algures no monte e depositados no MSMS, e a notícia do aparecimento, junto ao monumento do Pio IX, de “objetos de ferro, com feitiço d’armas, que desapareceram sem se saber como” (Sarmiento 1888: 111), possam ser provenientes de contextos de deposição deste período, perpetuando-se assim uma tradição anterior.

O espaço natural da Penha não existiu enquanto entidade isolada, pois parece ter sido permanentemente “humanizado” e recriado pelas comunidades que o vivenciaram e o perceberam, durante cerca de 2500 anos, através de histórias, de lendas, de memórias e de ações que deixaram, até aos nossos dias, diversas evidências.

A sua rejeição enquanto povoado no Calcolítico e na Idade do Bronze leva-nos a interpretá-lo como um local de referência física e mental, de grande importância social e simbólica para as comunidades que viveram nas suas imediações, embora consideremos que *“as práticas aí realizadas não teriam como finalidade exercer um “domínio” sobre o monte mas antes a sua “comemoração”, através de ações de carácter excecional no contexto da vida diária”* (Sampaio *et al.* 2009: 66).

Neste processo, certamente não linear, ter-se-ão verificado momentos de criação, interpretação, reinterpretação e alteração de memórias coletivas ancestrais (Sampaio *et al.* 2009: 67) adaptadas aos diferentes universos cognitivos de cada grupo.

Atualmente ainda se pode verificar a ininterrupta utilização do Monte da Penha como referência coletiva através do santuário, erguido no topo, honrando a Imaculada Conceição/Maria Santíssima/Templo de Maria Imaculada, o qual *“...tem a sua origem associada a um pequeno hospício dos monges carmelitas calçados, que no espaço fixaram o seu local de culto na designada Casa da Senhora”* (Barroso 2004: 315), da capela de Santa Catarina construída a sul da plataforma mais elevada, da ermida de Guilherme que, em 1702, para ali se deslocou, da adaptação de grutas e de abrigos ao culto de Santo Elias e de Nossa Senhora de Lurdes, da “sacralização” de uma fonte com uma imagem de Santa Catarina, dos diversos penedos associados a lendas e a credências e da consagração do “santuário” com uma procissão anual (Barroso 2004).

East of the city of Guimarães, with 613 m of altitude, Penha Mount detaches itself from the nearby hills. Geomorphologically, it contains several granitic forms, which constitute numerous natural shelters (Figs. 1a,1b,1c), where the hydrology has also a significant presence.

The local physical data, the artefacts found, and the attempt for their contextualisation in accordance with new theoretical assumptions systematised in Sampaio *et al.* (2009) seem to indicate that the mount was occupied in a long diachrony as a ceremonial site. Its use appears to culminate in the deposition of metallic, pottery and lithic artefacts and, perhaps, of corpses in rock shelters, cracks and water sources, at the lower, medium and high slopes of the mount and in its crest line.

The early occupation of the mount, at least in its western extremity, dates back to the Chalcolithic. Here, the artefact evidences were detected essentially within the interior of natural shelters on the mount top, mainly to the North. The appearance of fairly complete pottery vessels from Penha type, despite of the work conditions at the site during its discovery, between the early and mid-twentieth century, indicate closed contexts after amortisation (Fig. 2a). Furthermore, the exceptionality of some of the objects ascribes to the mount a peculiarity that, as a diachronic process of addition, has contributed to its “construction” as a place. This transcription from Cardoso (1968: 273) may reinforce these ideas: *“...at the same prehistoric site, several bronze and copper tools (...), polished stone axes, arrowheads (...), cereal crushers, grindstones, etc., have been found”*. The three arrowheads, in quartzite, schist and flint, with triangular and concave bases, are well preserved and do not demonstrate any traces of usage, and may be associated with funeral rites (Fig. 2b). A fragment of an oculated vase and another one from a bell beaker vase were also recorded.

During the Late Chalcolithic/Early Bronze Age, depositions at Penha Mount continued. From this chronology we may attribute: a stone archer armlet from unknown context, which can be related to funerary practices (Fig. 3a); a copper flat axe exhumed from the lower or medium platform of the northern slope, in the parish of Mesão Frio (Fig. 3b), and a fragment of an edge of

a flat copper axe found in the vicinity of the water source of Saint Catherine, between outcrops, on the top. On this subject, Pina (1928: 138) writes: “...there, near the spring (...) we found some more potsherds, millstones and stone axes, a copper axe, one fair Margiana spearhead, polished stone discs and pieces of ochre and rouge for tattoos, apart from some bronze axes, filched by employees”. These are exceptional artefacts likely connected with depositions of great symbolic value that reinforce the character of that place.

The set of complete vessels kept in the Martins Sarmento Society Museum (MSMS) generically attributable to Bronze Age corroborate, similarly, evidences of object amortisation in closed contexts during this period (Fig. 4a). Belonging to the Middle or Late Bronze Age, deriving from an inaccurate location from the mount but also of great exceptionality, are the two palstave axes with one ring belonging to MSMS, recorded in 1950 and 1958 (Fig. 4b).

During the Late Bronze Age, the deposition of metallic artefacts remained. At the locality of Pedreira da Pena/Quinta do Telhado, parish of S. Tomé de Abação, two socketed spearheads associated with a low carinated bowl with a vertical grip wing (form 12 from Bettencourt 1999) were found next a large batholith (Fig. 5). Cardoso (1968: 280) required “...at the German Archaeological Institute Delegation to promote the (...) [radiocarbon dating of] fragments of carbonised wood, belonging to the shafts of these spears or darts (...) [found] at the interior of the socket”. This date, published at 1971 by the same author and calibrated by Bettencourt (1998), points to the last quarter of the second/beginning of the first millennia BC (Ref. GrN 5568: 2880±65, CAL 2 Sigma 1268-900 BC).

At the locality of Souto Escuro, in Cantonha, parish of Costa, at the bottom of an outcrop in the medium platform of the northern slope, a golden set of three bracelets and two diadems associated with a ceramic vessel were exhumed. According to Cardoso (1937:90) “*The vessel was destroyed when it was dug up, and the potsherds, scattered on the land, were lost*” (Fig. 6).

Although archaeological excavations at the area of the chapel of Saint Catherine, in 2002, had detected a cobbled surface from the Late Bronze Age, radiometrically dated from the late twelfth century to the mid-ninth century BC (Ref. AA63075: 2812±41, CAL 2 Sigma 1111-844 BC), the scarce pottery does not validate the existence of a settlement.

Albeit Iron Age artefacts have never been found in field surveys and in archaeological excavations, it is probable that both practically complete vessels datable from this period, discovered somewhere in the mount and placed at the MSMS, and the information of the appearance, next to the monument of Pius IX, of “...iron objects, with the shape of weapons, which disappeared without a trace” (Sarmiento 1888: 111), may also be part of deposition contexts from this period, thus perpetuating an earlier tradition.

Penha's natural space did not exist as an isolated entity, since it seems to have been permanently “humanised” and recreated by the communities who experienced and perceived it for about 2500 years, through stories, legends, memories and actions that have left, until today, many evidences.

Its rejection as a settlement during the Chalcolithic and Bronze Age leads us to interpret it as a physical and mental referential *locus* of great social and symbolic importance for the communities, which lived in the vicinity. However, we consider that “*the practices carried out there were not intended to exercise ‘ownership’ over the mount but rather its celebration, through actions of exceptional character in the context of daily life*” (Sampaio *et al.* 2009: 66).

In this process, certainly not linear, moments of creation, interpretation, reinterpretation and alteration of ancestral collective memories (Sampaio *et al.* 2009: 67) adapted to the different cognitive universes of each group were probably verified.

Currently, we can still see the uninterrupted use of Penha Mount as a collective reference through: the sanctuary, raised at the top of the mount, honouring Immaculate Conception/Holy Mary /Temple of Immaculate Mary, which “...has its origin associated with a small hospice of the Carmelite monks, where they have fixed their local worship at the designated Lady’s House” (Barroso 2004: 315); the Saint Catharine’s chapel built at the southern side of the higher platform; the hermitage of Guillermo which, in 1702, went thither; the adaptation of caves and shelters for the cult of Saint Elijah and Our Lady of Lourdes; the sacredness of a water source with Saint Catharine’s image; the several outcrops connected to legends and beliefs; and the consecration of the “sanctuary” with an annual procession (Barroso 2004).

AKNOWLEDGMENT:

This work was developed in the scope of the project *Espaços naturais, arquiteturas, arte rupestre e deposições na pré-história recente da fachada ocidental do centro-norte português: das ações aos significados* – ENARDAS / Natural spaces, architecture, rock art and depositions from the Late Prehistory of the Western front of Central and Northern Portugal: from actions to meanings (reference PTDC/HIS-ARQ/112983/2009) financed by the Operational Programme “Thematic Factors of Competitiveness” (COMPETE) and by the European Regional Development Fund (Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional - FEDER).

MAIN BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

- BETTENCOURT, A.M.S. 1998. O conceito de Bronze Atlântico na Península Ibérica. In S. O. Jorge (ed.) *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* Trabalhos de Arqueologia – 10. Lisboa: IPA: 18-39.
- BETTENCOURT, A.M.S. 1999. *A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC*. 5 vols. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Doutoramento - policopiada).
- BARROSO, P. 2004. *Romarias de Guimarães – património simbólico, religioso e popular*. Guimarães. NEPS/ Universidade do Minho.
- CARDOSO, M. 1937. Um Crime de lesa-arqueologia e lesa-arte. *Revista de Guimarães* 47 (1-2): 87-94.
- CARDOSO, M. 1968. Novo achado da Idade do Bronze na estação arqueológica da Penha, Guimarães. *Revista de Guimarães* 78 (3-4): 273-281.
- CARDOSO, M. 1971. A estação pré-histórica da serra da Penha (Guimarães). *Actas do II.º Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1971)*. Vol. 1: 239-268.
- PINA, L. 1928. A Penha eneolítica. *Revista de Guimarães* 38 (3-4): 135-138.
- SAMPAIO, H.A.; BETTENCOURT, A.M.S. & ALVES, M.I.C. 2009. O Monte da Penha, Guimarães, como cenário de ações de incorporação e de comemoração do espaço na Pré-história da bacia do Ave. In A.M.S. Bettencourt & L.B. Alves (eds.) *Dos montes, das pedras e das águas. Formas de interação com o espaço natural da pré-história à actualidade*. Braga: CITCEM/APEQ: 55-76.
- SARMENTO, F.M. 1888. Materiaes para a archeologia do Concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães* 5: 109-121.

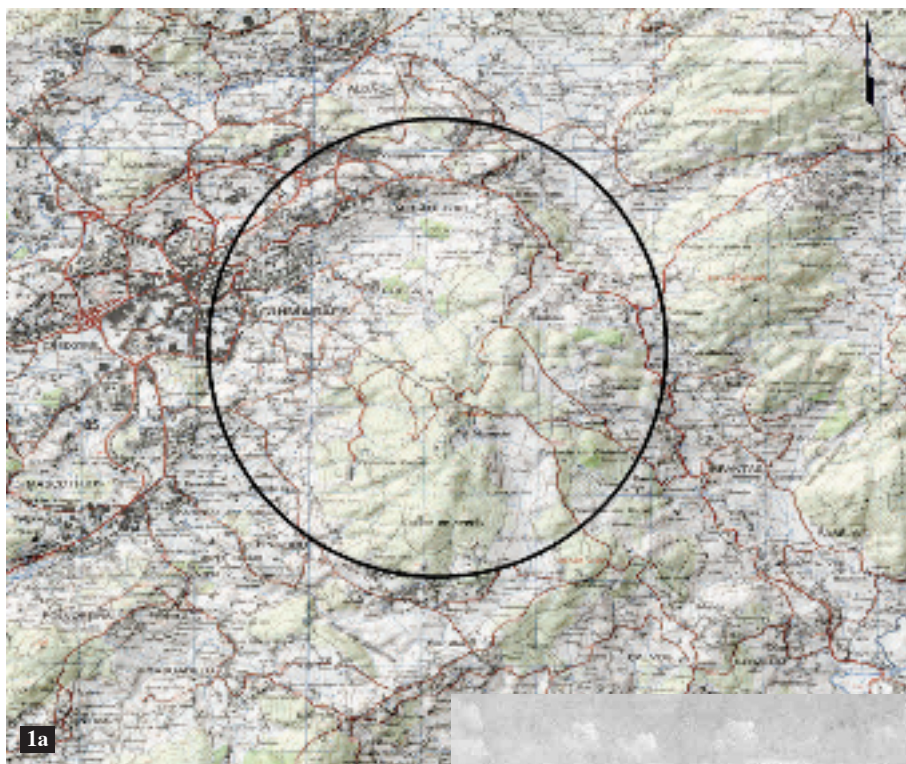


FIG. 1a – Localização do Monte da Penha na Carta Militar de Portugal, esc. 1:25 000; 1b – Vista da plataforma superior da Penha com o seu imponente caos de blocos antes das obras de remodelação (fot. da Comissão de Melhoramentos da Penha disponível em www.postaisportugal.canalblog.com). Vista dos afloramentos da Penha a partir dos muitos abrigos ali existentes (fot. da coleção privada da Lusapens, disponível em www.postaisportugal.canalblog.com).



FIG. 1a – Location of Monte da Penha in the Military Chart of Portugal, scale 1:25,000; 1b. View from Penha's higher platform with its imposing chaotic blocks before restoration (photo from the Improvements Commission of Penha available at www.postaisportugal.canalblog.com); 1c. View of some Penha's outcrops from the many shelters present there (photo from Lusapens' private collection available at www.postaisportugal.canalblog.com)



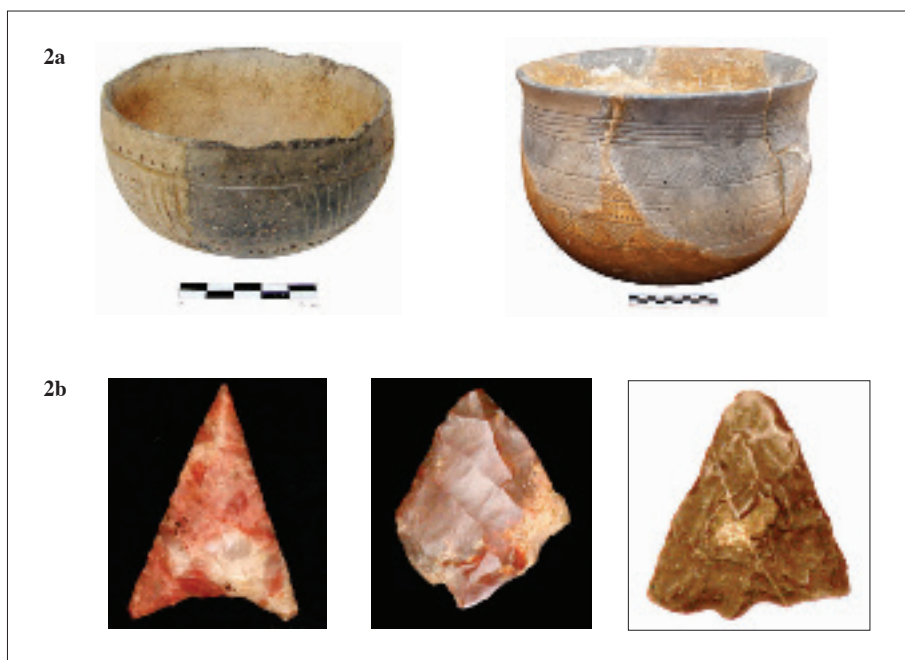


FIG. 2 – Artefactos presumivelmente calcolíticos encontrados no Monte da Penha. 2a. Recipientes cerâmicos de tipo Penha; 2b. Pontas de seta (A largura máxima destas peças tem cerca de 2 cm) (fots. da Sociedade Martins Sarmento, modificadas).

FIG. 2 – Chalcolithic artefacts encountered on Monte da Penha. 2a. Ceramic vessels of Penha type; 2b. Arrowheads (about 2 cm) (photos from Martins Sarmento Society).



FIG. 3 – Artefactos do Calcolítico Final/Bronze Inicial depositados em diversos lugares do Monte da Penha. 3a. Braçal de arqueiro; 3b. Machado plano de cobre.

FIG. 3 – Late Chalcolithic/Early Bronze Age artefacts deposited in various places on Monte da Penha; 3a. Archer's stone wristguard; 3b. Copper flat axe.



FIG. 4 – Objetos da Idade do Bronze depositados no Monte da Penha. 4a. Recipiente cerâmico; 4b. Machados de talão e uma argola.

FIG. 4 – Bronze Age objects deposited on Monte da Penha. 4a. Ceramic vessel; 4b. Two palstave axes with one ring.



FIG. 5 – Depósito da Pedreira da Pena/Quinta do Telhado (seg. Sampaio *et al.* 2009).

FIG. 5 – Pedreira da Pena /Quinta do Telhado deposit (cf. Sampaio *et al.* 2009).



FIG. 6 – Bracelete da Cantonha (seg. Sampaio *et al.* 2009).

FIG. 6 – Bracelet from Cantonha (cf. Sampaio *et al.* 2009).

**Crastoeiro, Mondim de Basto. Um lugar significativo dos finais do
IV milénio a.C. ao I milénio d.C.**

*Crastoeiro, Mondim de Basto. A significant place from the end of
4th millennium BC to the 1st millennium AD*

António Pereira Dinis

Transdisciplinary Research Centre Culture, Space and Memory – CITCEM. E-mail:
antoniopdinis55@gmail.com

Tipo de Sítio / Site: Povoado; Santuário de arte rupestre / Settlement; Rock art sanctuary.

Cronologia / Chronology: Calcolítico; Idade do Bronze; Idade do Ferro; Romanização; Idade Média / Chalcolithic; Bronze Age; Iron Age; Romanisation; Middle Age.

Localização Administrativa / Administrative Location: Lugar de Campos, Mondim de Basto, Mondim de Basto, Vila Real.

Coordenadas geográficas / Geographic coordinates: 41° 24' 58" N; 07° 55' 41" W; **Altitude / Altitude:** 453 m (Fig. 1).

Acesso / Access: E.M. 1191-1, na povoação da Cainha (Vilar de Ferreiros) tomar o estradão para o Alto da Senhora da Graça, a cerca de 1 km, à mão esquerda / Municipal Road 1191-1, in the village of Cainha (Vilar de Ferreiros) take the dirt road towards the summit of Senhora da Graça, about 1 km, on the left-hand side.

Cabeço, de contorno ovalado, destacado na vertente OSO do Monte Farinha, sobranceiro ao vale de Campos (Fig. 2). Na parte superior possui uma plataforma, circuitada por muralha pétrea em 2/3 do seu perímetro, com cerca de 120 m no eixo maior e 65 m no menor, que estrutura diversos recintos, desnivelados e delimitados por afloramentos graníticos (Fig. 3), identificando-se, em cinco dezenas deles, gravuras de temática abstrata.

Os trabalhos arqueológicos realizados desde 1983 demonstraram a ocupação permanente do local, pelo menos a partir da Idade do Ferro Antigo, com cabanas feitas com materiais perecíveis e fossas abertas no saibro, revelando uma população ligada às práticas agrossilvo-pastoris e ao trabalho da metalurgia do ferro.

Cerca do séc. II a.C. o sítio foi fortificado com uma muralha de pedra e, um pouco mais tarde, construíram-se as primeiras edificações em pedra, de planta circular ou retangular, com os cantos arredondados.

Da romanização conservam-se algumas estruturas quadrangulares e retangulares, com os vértices bem definidos, algumas delas utilizando muros comuns e divisórias. O local deverá ter sido abandonado no séc. I d.C. sendo possível uma curta reocupação na Idade Média.

A maior percentagem do espólio recolhido corresponde a cerâmica, distribuída pelas diferentes fases de ocupação. Maioritariamente lisa, de feitura manual e reduzida a 2 formas (potes e púcaros), até ao séc. II a.C., evolui técnica e morfologicamente, com a utilização da roda do oleiro e a introdução de novas formas, como os tachos de asa interior, as painéis de asa em orelha e as talhas. Da época romana assinala-se a presença de material de importação, se bem que escasso, destacando-se a ânfora e a cerâmica de paredes finas. A metalurgia do bronze e do ferro legou-nos fíbulas, alfinetes de cabelo e pregos. Os líticos estão presentes tanto realizados com pedra local (granito) como com outras matérias-primas, destacando-se a utilização de seixos

do rio. Mós, percutores, alisadores e fusaiolas são alguns dos objetos identificados. Material de exceção, mostrando a existência de contactos suprarregionais, foi também identificado, salientando-se neste grupo diversas contas de vidro, algumas com fina película dourada no interior e três denários romanos, um da República cunhado em Roma e dois do principado de Octávio César Augusto, cunhados em *Lugdunum* (Lyon).

As cerca 50 rochas com gravuras distribuem-se por cinco complexos ou núcleos, sendo os principais, pelo número de exemplares e variedade dos motivos gravados, o 1 e o 2, aliás os únicos conjuntos que foram alvo de escavações arqueológicas.

O nº 1 ocupa uma área com profusão de blocos graníticos delimitada, a S e a O, por uma escarpa. Possui 21 rochas com gravuras, efetuadas por picotagem e abrasão, 15 delas unicamente com covinhas. Nas restantes, conjugam-se covinhas, semicírculos, círculos simples e concêntricos, sulcos, uma espiral, um motivo ovalado, segmentado, com nuvens de pontos no seu interior, etc. No conjunto, evidencia-se um dos afloramentos que, pelo tamanho, composição decorativa e posicionamento, parece constituir o epicentro do recinto (Fig. 4). Trata-se de uma rocha, aplanada e com ligeira pendente para poente, cujas gravuras se iluminam de forma intensa quando o sol nasce, por detrás do Monte Farinha. As escavações puseram a descoberto uma pia cavada na rocha e um pavimento que encostava a esta rocha indiciando uma área de circulação, onde se distribuíam duas lareiras. Nas imediações existem diversas construções em pedra (Fig. 5) e fossas abertas no saibro e nos sedimentos, num nível inferior ao das construções pétreas, estruturas que datam de entre o séc. IV e o séc. II/ I a.C. A presença de uma ponta de seta, no interior dos sedimentos de uma fossa aberta no saibro da Idade do Ferro poderá ser indício de que, à volta das gravuras deste complexo, se desenvolveram ações durante a pré-história cujos indícios terão sido destruídos posteriormente.

O Complexo 2, com 9 penedos gravados, fica a 30 m para N do 1, sendo delimitado a O pela escarpa e a S e a E, por afloramentos de cota mais elevada. Aqui evidencia-se uma rocha de superfície boleada, onde se gravou a composição mais complexa do grupo. Durante as escavações, sob uma ocupação medieval, apareceram duas rochas com gravuras, uma com duas covinhas isoladas e dois conjuntos de semicírculos concêntricos que abarcaram duas protuberâncias cónicas do suporte, separadas por uma fissura (Fig. 6) e outra, encostado à anterior, apenas gravada com covinhas. As escavações desta área revelaram uma última utilização das gravuras durante os Finais da Idade do Ferro (séc. I a.C.), através de resquícios de pavimentos com o negativo de uma lareira, correlacionável com uma pia cortada num bloco de granito, aqui encontrada. Sob estas materialidades ocorre um palimpsesto de fossas, em negativo, e uma estrutura circular semissubterrânea o que coloca parte da reutilização das gravuras nos séculos IV/III a.C., segundo datas radiométricas. Não se detetaram níveis estratigráficos mais antigos na área, no entanto a presença de escassas cerâmicas dos finais do IV aos meados do III milénio a.C. e de outras da Idade do Bronze, no enchimento de algumas fossas da Idade do Ferro (Fig. 7), permite presumir ocupações destes períodos ou utilizações frustradas deste lugar, completamente destruídas pelas ocupações posteriores da Idade do Ferro.

A existência de sobreposições e adições de motivos gravados, nalgumas rochas e a presença de espólio pré-histórico, descontextualizado, parecem indiciar que a fundação deste sítio remontará ao Calcolítico regional (finais do IV a meados do III milénios a.C.), e que as gravuras do Crastoeiro, das mais orientais que se conhecem no Norte de Portugal, teriam sido usadas e, possivelmente, reinterpretadas ao longo de 3000 a 2500 anos, num processo de longa duração eventualmente relacionado com fortes arcaísmos existentes nesta região.

Crastoeiro is located on an oval-shaped ridge standing out from the WSW slope of Farinha Mount, overlooking Campos valley (Fig. 2). On the top side there is a platform circled in about 2/3 of its perimeter by a stone wall with a length of approximately 120 m on the longer axis and 65 m on the shorter one, which structures several uneven enclosures bounded by granite outcrops (Fig. 3) where, in fifty of them, abstract engravings have been identified.

The archaeological works undertaken since 1983 have shown the permanent occupation of the site, at least from the Early Iron Age, with houses made of perishable materials and pits opened in the gravel, revealing a population engaged in agrossilvo-pastoral activities and in iron metallurgy work.

Around the 2nd century BC, the site was fortified with a stone wall and, some time later, the first stone buildings houses – circular or rectangular shaped with rounded corners – were built.

From the Romanisation, some quadrangular and rectangular houses with well defined corners remain, a number of them using common walls and partitions. The site was probably abandoned during the 1st century AD, but it is possible that a short reoccupation has taken place in the Middle Age.

The highest proportion of the recovered archaeological remains corresponds to pottery distributed by the different occupation phases. Smooth in its majority, hand-made and limited to 2 shapes (pots and mugs) until the 2nd century BC, it develops technically and morphologically with the use of the potter's wheel and the introduction of new forms, as the pans with interior handles, pots with an ear-type handle and the large earthen vessels. From the Roman era it is noted the presence of imported materials, albeit scarce, among which the amphora and the fine walled pottery should be highlighted. The bronze and iron metallurgy have left us fibulas, hair-pins and nails. Lithics were also present, made of both the local stone (granite) and other raw materials, notably river pebbles. Millstones, hammers, flatters and whorls are some of the identified objects. Exceptional material showing the existence of suprarregional contacts has also been identified, among which, in this group, several glass beads, some of them with a fine golden film inside and three roman denarii, one from the Republic coined in Rome and two from the principality of Octavius Caesar Augustus coined in *Lugdunum* (Lyon).

About 50 rocks with engravings are distributed by five sets or nuclei, the most important of which, for the number of samples and variety of engraved motifs, are number 1 and number 2, being, in fact, the only sets that have been the subject of archaeological excavations.

Number 1 occupies an area with a large quantity of granitic blocs, delimited to the South and to the West by a scarp. It has 21 rocks with engravings, made by percussion and abrasion, 15 of them exclusively with cup-marks. In the remaining ones, the cup-marks are combined with semicircles, simple and concentric circles, grooves, a spiral, a segmented oval motif with an agglomeration of dots inside, etc. On the whole, one of the outcrops stands out for its size, decorative composition and position, thus appearing to be the epicentre of the site (Fig. 4). It is a plane rock, slightly inclined towards the West, showing engravings that are intensively enlightened when the sun rises behind Farinha Mount. The excavations have uncovered a basin dug into the rock and a pavement alongside this rock, which suggests a circulation area where there were two fireplaces. Nearby, there are several stone constructions (Fig. 5) and pits opened in the gravel and in the sediments, at a lower level than the stone constructions that date from the 4th and the 2nd/1st centuries BC. The presence of an arrowhead inside the sediments of a pit opened in the gravel from the Iron Age could indicate that actions took place around the engravings of this complex during prehistory, the signs of which have probably been subsequently destroyed.

Complex 2, with 9 engraved rocks, is situated 30 m North of complex 1 and bounded on the

West by the scarp, and on the South and East by outcrops at a higher level. Here, we highlight a rock of rounded surface where the most complex composition of the group is engraved. During the excavations, dating back to a mediaeval occupation, two rocks with engravings appeared, one of them with two isolated cup-marks and two sets of concentric semicircles which covered two conical protuberances of the rock separated by a joint (Fig. 6), and another one alongside the former, engraved only with cup-marks. The excavations in this area revealed a last utilisation of the engravings during the Late Iron Age (first century BC) through vestiges of pavements with the negative of a fireplace, which can be correlated to the finding of a basin cut into a block of granite. Under these materialities, a palimpsest of pits occurs in negative, as well as a semissubterranean circular structure, placing the first reutilisation of the engravings in the 4th/3rd centuries BC, according to radiometric dates. Older stratigraphic levels have not been found in the area. Nevertheless, the presence of scarce ceramics from the late 4th to mid-3rd millennia BC and others from the Bronze Age, with the filling of some pits from the Iron Age (Fig. 7), allows us to presume that there were occupations in these periods or thwarting uses of this place completely destroyed by subsequent occupations during the Iron Age.

The existence of overlapping and additions of engraved motifs in some rocks and the presence of misplaced prehistoric remains seem to suggest that the foundation of this place probably dates back to the regional Chalcolithic (late 4th to mid-3rd millennia BC), and that the Crastoeiro engravings, among the most easterner ones known in the North of Portugal, were probably used and reinterpreted throughout 3000 to 2500 years, in a long-term process eventually related to strong archaisms present in this region.

AKNOWLEDGMENT:

This work was developed in the scope of the project *Espaços naturais, arquiteturas, arte rupestre e deposições na pré-história recente da fachada ocidental do centro-norte português: das acções aos significados – ENARDAS* / Natural spaces, architecture, rock art and depositions from the Late Prehistory of the Western front of Central and Northern Portugal: from actions to meanings (reference PTDC/HIS-ARQ/112983/2009) financed by the Operational Programme “Thematic Factors of Competitiveness” (COMPETE) and by the European Regional Development Fund (Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional - FEDER).

MAIN BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

- DINIS, A.P. 1993/1994. Contribuição para o estudo da Idade do Ferro em Basto: O Castro do Crastoeiro, *Cadernos de Arqueologia* 10-11. Série II: 261-278.
- DINIS, A.P. 2001. *O Povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal)*, Cadernos de Arqueologia – Monografias 13. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- DINIS, A.P. 2005. A ocupação do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal) no Ferro Inicial. *Cadernos do Museu* 11:75-87.
- DINIS, A.P. & BETTENCOURT, A.M.S. 2009. A arte atlântica do Crastoeiro (Norte de Portugal): contextos e significados. *Gallaecia* 28: 41-47.

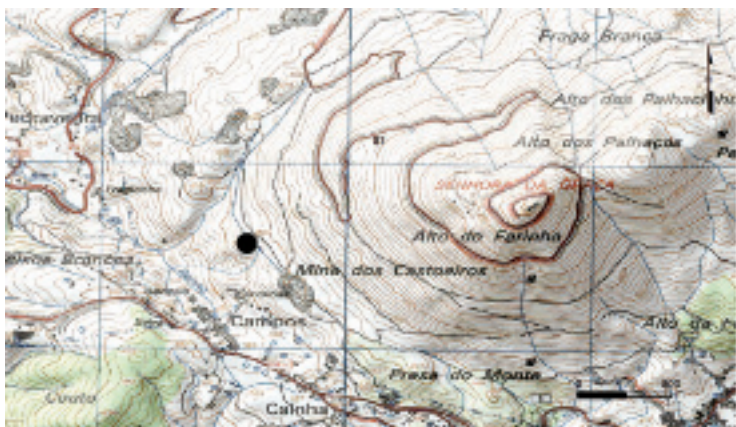


FIG. 1 – Localização do Crastoeiro na CMP, esc. 1:25 000, fl. 87.

FIG. 1 – Location of Crastoeiro in the Military Chart of Portugal, scale 1:25,000, sheet 87.



FIG. 2 – Implantação do Crastoeiro na vertente do Monte Farinha.

FIG. 2 – Location of Crastoeiro on the slope of Monte Farinha.



FIG. 3 – Vista do Crastoeiro a partir do Alto da Sra. da Graça / Monte Farinha.

FIG. 3 – View over Crastoeiro from the summit of Sra. da Graça / Monte Farinha.



FIG. 4 – Rocha principal do Complexo de gravuras 1.

FIG. 4 – Main rock of the complex of engravings 1.



FIG. 5 – Estrutura circular adjacente ao Complexo 1.

FIG. 5 – Circular structure adjacent to complex 1.



FIG. 6 – Rochas gravadas com covinhas e semicírculos concêntricos junto de estrutura cortada no saibro.

FIG. 6 – Rocks engraved with cup-marks and concentric semicircles near a structure cut on the bedrock.



FIG. 7 – Cerâmica Pré-histórica do Crastoeiro.

FIG. 7 – Prehistoric ceramic from Crastoeiro.

Citânia de Briteiros, S. Salvador de Briteiros, Guimarães
The Citânia of Briteiros, S. Salvador de Briteiros, Guimarães

Gonçalo Cruz

Castro Culture Museum; Transdisciplinary Research Centre Culture, Space and Memory – CITCEM. E-mail: goncalo.cruz@msarmento.org

Tipo de sítio / Site: povoado fortificado / Hillfort.

Cronologia / Chronology: Idade do Ferro; Romano / Iron Age; Roman.

Localização administrativa / Administrative Location: Briteiros Salvador, Guimarães.

Coordenadas geográficas / Geographic coordinates: 41° 31' 35" N; 8° 18' 55" W.

Acesso / Access: EN 309, S. Salvador de Briteiros, Guimarães.

Horário / Opening time: Abre todos os dias das 9 h. às 18 h. (no verão) e das 9 h. às 17 h. (no inverno). Encerra a 25 de dezembro, 1 de janeiro e domingo de Páscoa / Open every day between 9.00 and 18.00 (summer), and between 9.00 and 17.00 (winter). Closed on 25 December, 1 January and Easter day.

Contacto para marcação de visitas de grupo / Contact for scheduling group visits: Telefone / Phone number: (00351) 253478952; E-mail: citania@msarmento.org

Visita virtual disponível em / Virtual tour at: www.msarmento.org

Um dos mais conhecidos povoados proto-históricos da Península Ibérica, a Citânia de Briteiros é, desde o século XIX, um ícone da Proto-história do Noroeste de Portugal, particularmente da sua etapa final, no contexto das transformações decorrentes da integração no Império Romano, no final do século I a.C..

A Citânia de Briteiros foi implantada na zona mais elevada do Monte de S. Romão, um esporão orográfico que se desprende da cumeada Falperra-Sameiro, entre o vale do Ave e o vale do Este (Fig.1). O monte abre a sua visibilidade para o vale do rio Ave, uma região densamente ocupada na Proto-história.

As investigações arqueológicas na Citânia de Briteiros tiveram início em 1874, pela iniciativa do vimaranense Francisco Martins Sarmiento, um dos primeiros arqueólogos portugueses que comprou os terrenos da jazida arqueológica com o único objetivo de proceder a escavações sistemáticas, que promoveu e coordenou até 1888 (Lemos & Cruz 2006). Deixou, além de uma vasta área de ruínas colocadas a descoberto, um considerável conjunto de textos com descrições e interpretações que delineou para o local, bem como todo o espólio arqueológico que recolheu e uma interessante coleção de fotografias.

No século XX a Sociedade Martins Sarmiento, instituição que herdou do arqueólogo patrono a preservação deste e de outros monumentos, promoveu escavações e operações de restauro na Citânia, particularmente os trabalhos coordenados pelo Coronel Mário Cardoso, nas décadas de 1930, 1940 e 1950 (Cardoso 1996). Foi sobretudo nesta etapa que o sítio arqueológico foi incluído no paradigma da denominada “Cultura Castreja”, como um dos seus expoentes (Silva 2007; Martins 1990).

Embora Briteiros se defina como um dos assentamentos mais representativos do longo período que medeia entre o Bronze Final e a época Romana, a Citânia constitui, sobretudo, um exemplo dos modelos de povoamento e primeiros aglomerados com características urbanas da última fase

da Idade do Ferro (séculos II e I a.C.), quando o local atingiu as dimensões que atualmente se conhecem, com a configuração sugerida pelas ruínas visíveis (Lemos & Cruz 2007).

Vários vestígios dispersos apontam para a presença de comunidades humanas no local desde a Pré-História Recente, nomeadamente os núcleos de arte rupestre que têm vindo a ser registados (Valdez & Oliveira 2005/2006). Contudo, enquanto habitat de altura, coloca-se a hipótese de o assentamento remontar ao final da Idade do Bronze, como testemunha parte do espólio cerâmico recolhido (Lemos & Cruz 2006).

Atingindo o seu maior desenvolvimento num contexto de concentração populacional e progressiva complexificação social, a partir dos finais do século II a. C., este *oppidum* pré-romano estava integrado no território dos *Bracari*, um conjunto de comunidades indígenas que habitaram o território das bacias do Ave e do Cávado. Os *Bracari* foram integrados no Império Romano na época de Octávio Augusto, após o término das chamadas “Guerras Cantábricas”, no final do século I a. C.. A partir deste período, Briteiros regista um progressivo abandono, excluindo o povoado da rede viária implantada em época romana, bem como da nova estrutura de povoamento estabelecida (Lemos & Cruz 2007).

Atualmente, dos 24 hectares de área total englobada pelo sistema defensivo (Fig. 2), apenas 7 hectares foram intensivamente escavados nas campanhas de finais do século XIX e meados do século XX, registando-se nesta área, mais de 100 unidades familiares de habitação, com estruturas circulares e angulares, vários arruamentos tendencialmente ortogonais (Fig. 3), dois edifícios de banhos, também de época pré-romana (Lemos *et al.* 2008), e o centro político conhecido como “Casa do Conselho”. Fora da área convencionada como escavada, distingue-se o sistema defensivo, formado por três alinhamentos de muralha concêntricos, além de uma quarta muralha no limite Norte do aglomerado, mais exposto.

Em Briteiros detetaram-se duas das mais conhecidas estelas com utilização arquitetónica em edifícios de banhos, conhecidas como “pedras formosas”. Uma delas conserva-se ainda no seu balneário original.

Fora da área das ruínas, a 2 km da jazida, o Museu da Cultura Castreja exhibe parte do espólio recolhido nas escavações, no qual se inclui a Pedra Formosa recolhida em inícios do século XVIII (Fig. 4), bem como uma exposição biográfica em torno da figura de Martins Sarmento e a dimensão internacional que conferiu às ruínas de Briteiros.

One of the most known protohistoric settlements of Iberia, Citânia de Briteiros is, since the 19th century, a landmark of protohistory of North-western Portugal, mainly within its final phase, in the context of the changes verified with the integration in the Roman Empire by the end of the 1st century BC.

Citânia de Briteiros is located in the highest area of the S. Romão Mount, an elevation integrated within the Falperra-Sameiro range, between the Ave and Este valleys (Fig. 1). The mount has its main visibility towards the Ave river valley, a demographically dense region in protohistory.

Archaeological research at Citânia de Briteiros began in 1874 by the hand of Francisco Martins Sarmento, one of the first Portuguese archaeologists, who bought the archaeological deposit with the sole purpose of systematic field works, which he promoted and coordinated until 1888 (Lemos & Cruz 2006). He left, besides a vast area of uncovered ruins, a considerable set of records, articles and other texts with his interpretations about the site, as well as many interesting artefacts and a collection of photographs.

The Martins Sarmento Society promoted excavation and maintenance works in Citânia de

Briteiros in the 20th century. It is a foundation that inherited from Sarmento the conservation of this and other heritage sites. Colonel Mário Cardoso coordinated most of these campaigns along the thirties, forties and fifties (Cardoso 1996). During this time, Citânia de Briteiros became connected with the concept of “Castro Culture”, often used by Portuguese archaeologists during this time (Silva 2007; Martins 1990).

Although Citânia de Briteiros can be interpreted as one of the most impressive examples of human settlement along the large period between the end of the Bronze Age and the Roman era, the site is mostly a clear example of the large *oppida* from Late Iron Age (2nd and 1st centuries BC). In this phase, the site reached the dimensions currently suggested by the area of visible ruins (Lemos & Cruz 2007).

Several dispersed evidences suggest the human presence in this site back to Chalcolithic, namely some rock art nuclei recorded within its perimeter (Valdez & Oliveira 2005/2006). However, being a high-altitude habitat, it can be situated in Late Bronze Age, testified by the collection of some pottery (Lemos & Cruz 2006).

The site reached its larger dimensions within a process of demographical relocation and gradual social complexity, since the end of the 2nd century BC. The *Bracari* people, who lived between the Cávado and Ave River basins, settled in the pre-roman oppidum. The *Bracari* became part of the Roman Empire at the time of Octavius Augustus, following the terminus of the Cantabrian Wars, by the end of the 1st century BC. From this period, Briteiros registers a gradual abandonment, distancing itself from the road network deployed in Roman times, as well as from the new settlement patterns (Lemos & Cruz 2007).

From the 24-hectare surface of the archaeological site (Fig. 2), a 7-hectare area was intensely excavated in different campaigns, in the late 19th and mid 20th centuries. Within this area, we can see more than 100 houses, with round and angular dwellings structures, and several orthogonal roads (Fig. 3), two bath structures, also from pre-roman time (Lemos *et al.* 2008), and the building known as the “Council House”, which seem to be the political centre of the *oppidum*. Outside the excavated zone, the defensive system is still visible, formed by three concentric alignments of stone wall, and also a fourth wall circumscribed in the northern corner of the settlement.

Two of the most known upright slab especially encountered in bath buildings, and known as “pedras formosas”, were collected in Citânia de Briteiros. One of these stones is still preserved in its original bath house.

Outside the archaeological site, 2 km from Citânia de Briteiros, stands the Castro Culture Museum. In this building there is an exhibition of the artefacts collected in different campaigns, including one of the two collected “pedras formosas”, collected in the beginning of the 18th century (Fig 4), as well as a biographical exhibition about Martins Sarmento and the international extent given to the ruins of Briteiros.

MAIN BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

- CARDOSO, M. 1996. *Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso. Notícia descritiva*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
- LEMO, F.S. & CRUZ, G. 2006. Citânia de Briteiros: Programa de investigação e valorização do monumento. *Fórum* 39: 3-40.
- LEMO, F.S. & CRUZ, G. 2007. *Citânia de Briteiros. Povoado proto-histórico. Protohistoric settlement*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.

- LEMOS, F.S.; CRUZ, G. & FONTE, J. 2008. Estruturas de banhos do território dos *Bracari*: Os casos de Briteiros e de Braga. *Actas do I Congreso Internacional de Arqueoloxía de Vilalba*. Férvedes 5. Vilalba: Museo de Prehistoria e Arqueoloxía: 319-328.
- MARTINS, M. 1990. *O Povoamento Proto-histórico e a Romanização da Bacia do Curso Médio do Cávado*. Cadernos de Arqueologia. Série Monografias. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- SILVA, A.C.F. 2007. *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, Câmara Municipal.
- VALDEZ, J. & OLIVEIRA, L. 2005/2006. A arte rupestre da Citânia de Briteiros. O Penedo dos Sinais, um caso Atlântico. *Revista de Guimarães* 115/116: 51-92.



FIG. 1 – Localização da Citânia de Briteiros na Carta Militar de Portugal (Instituto Geográfico do Exército, folha 71).

FIG. 1 – Cartographical location of Citânia de Briteiros.



FIG. 2 – Vista aérea da Citânia de Briteiros, com os quatro alinhamentos de muralha e as ruínas da acrópole.

FIG. 2 – Aerial view of Citânia de Briteiros, with the four rampart alignments and the ruins of the acropolis.



FIG. 3 – Detalhe aéreo dos arruamentos ortogonais e quarteirões habitacionais.

FIG. 3 – Aerial detail of the orthogonal roads and residential quarters.



FIG. 4 – Pedra Formosa proveniente da Citânia de Briteiros e exposta no Museu da Cultura Castreja.

FIG. 4 – Pedra Formosa found at Citânia de Briteiros and visible at the Castro Culture Museum.

Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira
Citânia of Sanfins, Paços de Ferreira

Armando Coelho Ferreira da Silva

Faculty of Arts of the University of Porto, Portugal; Transdisciplinary Research Centre
Culture, Space and Memory – CITCEM. E-mail: acfsilva@sapo.pt

Tipo de Sítio / Site: Povoado fortificado / Hillfort.

Cronologia / Chronology: II Idade do Ferro, Romanização, reocupação medieval / 2nd Iron Age, Roman period, mediaeval reoccupation.

Localização administrativa / Administrative Location: Citânia, Sanfins de Ferreira, Paços de Ferreira, Porto.

Coordenadas geográficas / Geographic coordinates: 41° 19' 22''N; 08° 25' 05''W; **Altitude:** 570 m.

Acesso / Access: situada a 6 km a norte de Paços de Ferreira, com acesso por estradas municipais, designadamente a n° 209, que entronca, na freguesia de Carvalhosa, à esquerda da estrada nacional n° 207, do itinerário Porto-Paços de Ferreira, servido pela autoestrada A 42 / Situated at 6 km North of Paços de Ferreira, accessed by municipal roads, namely the Municipal Road 209 that joins the parish of Carvalhosa on the left of the National Road 207, from the itinerary Porto-Paços de Ferreira, served by the motorway A 42.

A Citânia de Sanfins é, após meio século de escavações sistemáticas, uma das estações arqueológicas mais significativas da cultura castreja do Noroeste peninsular e da Proto-história europeia.

Ocupando uma colina com extensa plataforma central, aparece integrada no perímetro de montanhas de meia altitude (Fig. 1), com afloramentos graníticos vindos desde a serra da Agrela em direção a norte. Daqui se abarca, em magnífica panorâmica circular, toda a região de Entre-Douro-e-Minho, o que terá funcionado como fator de ordem estratégica determinante para a sua implantação e desenvolvimento, conferindo-lhe uma posição de lugar central no quadro da rede de povoamento regional, em que poderá ter desempenhado, na sequência da campanha militar de Décimo Júnio Bruto (138-136), funções de capitalidade dos povos Calaicos, situados na margem direita do rio Douro.

Campo privilegiado de investigação desde os tempos pioneiros da Arqueologia Nacional, as escavações sistemáticas foram iniciadas em 1944, por Eugénio Jalhay, que contou com a colaboração de Afonso do Paço desde 1946, que as prosseguiu até 1967. Posteriormente, estas foram continuadas por Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1972-74) e, desde 1977, por Armando Coelho Ferreira da Silva e Rui Manuel Sobral Centeno, professores de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

A zona escavada apresenta um forte sistema defensivo, de várias ordens de muralhas, que envolve uma área superior a 15 há (Fig. 2), e uma apreciável organização proto-urbana de estrutura regular com arruamentos ortogonais (Fig. 3) e mais de centena e meia de construções de planta circular e quadrangular agrupadas em cerca de 40 conjuntos de unidades domésticas. A reconstituição etno-arqueológica de uma destas unidades, correspondente a uma “família extensa”, é um elemento de relevância científica e didática para a compreensão da célula base das comunidades proto-históricas (Figs. 4 e 5).

Destaca-se destes núcleos de arquitetura doméstica um complexo de grandes construções retangulares, em localização central e de grandes dimensões, denunciando renovação sob o domínio romano, donde se exumou espólio de natureza sagrada, nomeadamente duas aras anepígrafas e fragmentos de estátua de guerreiro, que sugerem uma interpretação de carácter religioso. A descoberta da base do guerreiro *in situ* e os fragmentos anteriormente recolhidos possibilitaram a reconstituição desta imagem tutelar (Fig. 6).

Sobressai como monumento singular, pelo seu aparato e técnica construtiva, um balneário castrejo, situado no sopé do povoado abastecido por uma nascente de água, e onde tinham lugar banhos de vapor e água fria para ritos iniciáticos e de purificação (Fig. 7).

Extramuros, para norte, um penedo com inscrição em latim é um bom documento para o estudo da organização social e da religiosidade, podendo identificar-se no vocábulo *Fidueneae* o etnónimo da comunidade castreja da Citânia e na designação *Cosunea* o reconhecimento de uma divindade guerreira do Noroeste peninsular, correspondente ao deus Ares grego e ao Marte romano (Fig. 8).

A cronologia geral deste povoado, com antecedentes de ocupação por determinar, enquadra-se essencialmente no séc. I a.C. até aos finais do séc. I d.C. com pervivências durante o domínio romano bem documentadas na zona da acrópole, onde na Idade Média se implantou um cemitério cristão associado a uma ermida, de que restam vestígios.

No Museu Arqueológico da Citânia, instalado no centro da freguesia de Sanfins, num edifício de arquitetura barroca integrado num conjunto de interesse histórico local, está exposto o espólio proveniente das escavações, com relevância para o estudo do habitat, economia e ergologia assim como da organização da sociedade castreja.

Citânia of Sanfins is, after half a century of systematic excavations, one of the most significant archaeological sites of Castro culture of the Northwest Iberia and European Iron Age.

Occupying a hill with an extensive central platform, it seems integrated in a half altitude mountainous perimeter (Fig. 1), with granite outcrops from the mountain of Agrela towards the North. From here we can see, in a magnificent circular panorama, all the region of Entre-Douro-e-Minho (between Douro and Minho), which has worked as a strategic factor for determining their establishment and development, conferring a central position in the regional settlement network, in which it could have developed following the military campaign of Decimus Junius Brutus (138-136), the capital functions for the Calaicos people situated on the right bank of Douro river.

A privileged field of investigation since the pioneer times of National Archaeology, systematic excavations started in 1944 by Eugénio Jalhay, with the collaboration of Afonso do Paço since 1946, which continued until 1967. Subsequently, the archaeological excavations were furthered by Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1972-1974) and, since 1977, by Armando Coelho Ferreira da Silva and Rui Manuel Sobral Centeno, professors of Archaeology at the Faculty of Arts of the University of Porto.

The excavated area presents a strong defensive system of several alignments of walls, which encompasses an area greater than 15 hectares (Fig. 2), and a considerable proto-urban organisation of regular structure with orthogonal roads (Fig. 3) and more than a hundred and fifty of circular and squared constructions grouped in about 40 sets of domestic units. The ethno-archaeological reconstitution of one of these units, which corresponds to an “extensive family”, is an element of scientific and educational relevance for the understanding of the base cell of protohistoric communities (Figs. 4 and 5).

From these domestic architectural nuclei, we highlight a complex of large rectangular constructions located in the centre and of big proportions, announcing renovation under the roman dominance, where materials of sacred nature were uncovered, namely two altars with no inscription and fragments of a warrior statue that suggest an interpretation of religious character. The discovery of the base of the warrior *in situ* and the fragments previously collected made the reconstitution of this tutelary image possible (Fig. 6).

A Castro bath structure stands out as a singular monument by its constructive techniques, located at the base of the settlement and provided by a water spring, where vapour and cold water baths took place for initiation and purification rites (Fig. 7).

Outside the walls to the North, an outcrop with Latin inscriptions is a good document for the study of social and religious organisation, where it could be identified the word *Fidueneae*, the ethnonym of the Castro community of the Citânia, and the name *Cosunea*, recognising a warrior divinity of the Northwest Iberia, corresponding to the Greek god Ares and the roman Mars (Fig. 8).

The general chronology of this settlement, with an occupational background still to determine, fits essentially in the 1st century BC until the end of the 1st century AD with survival history well documented during the roman domain in the acropolis area, where in the Middle Ages a Christian cemetery was implemented associated with a chapel, of which there are still some vestiges.

In the archaeological museum of the Citânia, built in the centre of the parish of Sanfins, in a building of baroque architecture integrated in a set of local historical interest, there is an exhibition of materials from these excavations relevant to the study of the habitat, the economic and ergology, as well as the organisation of the Castro society.

MAIN BIBLIOGRAPHIC REFERENCES:

- SILVA, A.C.F.S. 1999. *Citânia de Sanfins. Museu arqueológico da Citânia de Sanfins – Catálogo*. Paços de Ferreira.
- SILVA, A.C.F.S. 2007. *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira, (1ª edição, 1986).



FIG. 1 – Localização da Citânia de Sanfins na Carta Militar de Portugal, na esc. 1:25 000.

FIG. 1 – Location of Citânia de Sanfins in Militar Chart of Portugal, scale 1:25 000.



FIG. 2 – Vista aérea da Citânia de Sanfins onde se pode verificar a grande área por onde se expande.

FIG. 2 – Aerial view of Citânia de Sanfins where it is visible the large area to where it expands.



FIG. 3 – Vista aérea da Citânia de Sanfins onde se pode observar a sua organização proto-urbana.

FIG. 3 – Aerial view of Citânia de Sanfins where its proto-urban organisation can be observed.



FIG. 4 – Unidade familiar etno-arqueologicamente reconstituída.

FIG. 4 – A family unit ethnographically and archaeologically restored.



FIG. 5 – Aspecto de uma casa da unidade familiar, restaurada.

FIG. 5 – View of a restored house of a unit family.



FIG. 7 – Balneário no sopé do castro.

FIG. 7 – Baths at the foot of the castro.



FIG. 6 – Estátua de guerreiro.

FIG. 6 – Warrior statue.



FIG. 8 – Penedo com inscrição em latim, fora da área do povoado, de importância religiosa e social.

FIG. 8 – Rock with Latin inscription, outside of the settlement area, of social and religious importance.

Por ocasião do XV Congresso da UISPP, pretende-se, com esta edição, divulgar a investigação mais recente, oferecendo um conjunto de quadros interpretativos sobre a Pré-História e a Proto-História do território Português. A coleção assume que a Pré-História é uma construção que, unida pela convergência metodológica, se faz com diversos sentidos interpretativos. Assim, os diversos volumes são obras de autores, com perspectivas teóricas distintas, o que ilustra a pluralidade do pensamento arqueológico em Portugal.

Os textos focam as principais temáticas, do Paleolítico à Idade do Ferro, destacando sítios visitáveis e/ou essenciais para a compreensão das ocupações. Acompanhando os textos de síntese sobre cada região, os volumes incluem diversas “fichas de sítio” (exclusivamente de sítios visitáveis, salvo raras exceções incontornáveis pela sua relevância).

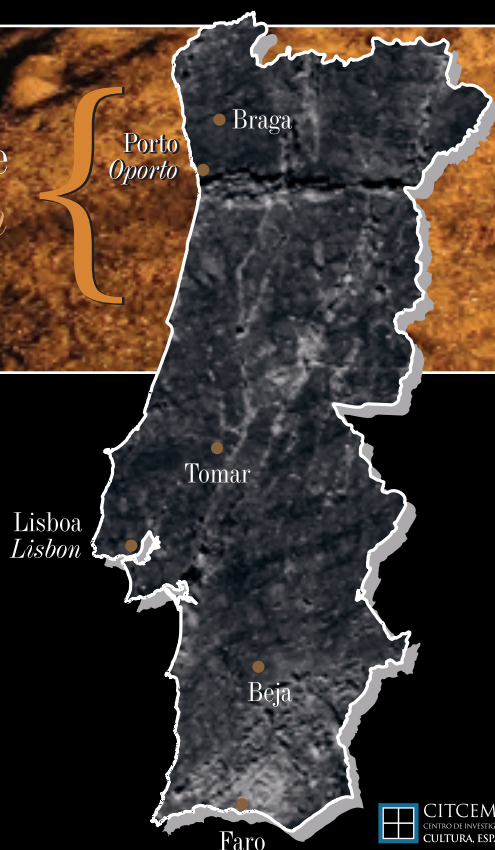
A coleção inclui nove volumes: Introdução geral aos territórios e problemáticas, Norte, Centro Interior, Beira Litoral, Alto Ribatejo e Vale do Tejo, Lisboa e Estremadura, Setúbal e Alentejo Litoral, Alentejo interior, Algarve.

In the occasion of the XV IUPPS Congress, one aims, with this publication to make the most recent research available, offering a set of interpreting frameworks on the Prehistory and Protohistory of the Portuguese territory. The collection builds from the opinion that Prehistory is a construct which, united through methodological convergence, is built with different interpretation orientations. Hence, the various volumes are the work of authors, with different theoretical perspectives, this contributing to illustrate the plurality of archaeological thought in Portugal.

The texts focus on the main thematic, from Palaeolithic to the Iron age, with particular attention to visitable or key sites for the interpretation of the human occupations. The abundant illustrations, photos, drawings and maps, help the reader in the access to this ensemble of reading perspectives. Along with the synthesis on each region, the volumes include “site files” (visitable sites alone, except for rare most relevant although inaccessible exceptions).

The collection includes nine volumes: General introduction to the territories and problems, North, Central inland, Beira litoral, Northern Ribatejo and Tagus valley, Lisbon and Estremadura, Setúbal and coastal Alentejo, Alentejo, Algarve.

Noroeste
North-Western



edição apoiada por:

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA ESPAÇO E MEMÓRIA

FCT
Instituição para a Ciência e a Tecnologia
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

Universidade de Lisboa
Instituto de Ciências Sociais



COMPETE
Programa Operacional Factores de Competitividade



Education and Culture

2009
Lisboa
UISPP
XV Congresso



Comissão Europeia

36 ARKEOS